



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
INSTITUTO DE LETRAS

Leda Maria da Costa

**A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões  
da seleção brasileira em Copas do Mundo**

Rio de Janeiro  
2008

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Leda Maria da Costa

**A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões  
da seleção brasileira em Copas do Mundo**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Comparada.

Orientador: Prof. Dr. Guillermo Francisco Giucci Schmidt

Rio de Janeiro  
2008

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CEHB

C837 Costa, Leda Maria da .  
A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da Seleção Brasileira em Copas do Mundo / Leda Maria da Costa. – 2008.  
159 f.

Orientador: Guillermo Francisco Giucci Schmidt.  
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Copas do mundo (Futebol) – Crônicas – Teses. 2. Fracasso (Psicologia) – Teses. 3. Futebol – Brasil – Crônicas – Teses. 4. Futebol – Aspectos psicológicos – Teses. 5. Jogadores de futebol – Brasil – Teses. I. Schmidt, Guillermo Francisco Giucci. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 869.0(81)-4:796.332

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese.

---

Assinatura

---

Data

Leda Maria da Costa

**A trajetória da queda: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo**

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Literatura Comparada.

Aprovado em 28 de março de 2008

Banca examinadora:

---

Guillermo Francisco Giucci Schmidt (Orientador)  
Instituto de Letras da UERJ

---

Flávio Carneiro  
Instituto de Letras da UERJ

---

Victor Andrade de Melo  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ

---

Hugo Rodolfo Lovisolo  
Faculdade de Comunicação Social da UERJ

---

Roberto Marchon Lemos de Moura  
Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF

Rio de Janeiro

2008

Para Carol.

Para meu pai, Francisco.

Para o Vasco da Gama, meu grande amigo e eterno  
companheiro.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por tudo.

Imensamente, a meu orientador Guillermo Giucci, pelo incentivo e pela confiança.

Ao meu querido amigo Marcos, pela lealdade e apoio.

Ao meu amigo Fernando Reis, cujo retorno foi um grande presente em minha vida.

Aos meus amigos Justas, pelos risos, pelos bate-papos descompromissados e até mesmo pelas brigas.

A Alvaro do Cabo, pela ótima contribuição de suas pesquisas e de seu conhecimento sobre a Copa de 1950.

À FAPERJ, pela concessão da Bolsa Nota Dez, imprescindível para a realização desta pesquisa.

Na arquibancada, o torcedor se sente só ou pelo menos desamparado na hora ruim. Não pode entrar em campo. Vem então aquela mudez e aquela imobilidade de 16 de julho (...) Quando joga o time da gente a derrota é quase crime ou é totalmente, irremediavelmente, um crime. Um crime do qual não participamos a não ser no sofrimento.

*Mário Filho*

## RESUMO

COSTA, Leda Maria da Costa. *A trajetória da queda*: as narrativas da derrota e os principais vilões da seleção brasileira em Copas do Mundo. 159f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

Os vilões do futebol são filhos da derrota. Desde 1950 e a “tragédia do Maracanã”, passamos a sistematicamente tentar encontrar as razões de algum fracasso do selecionado brasileiro, procurando responder à pergunta: “Por que perdemos?” A partir desse questionamento, a derrota é situada no tempo e no espaço, seus mais relevantes acontecimentos são expostos e encadeados numa seqüência. A derrota é então narrada. E nas narrativas da derrota o protagonista é sempre o vilão, ou seja, aquele jogador cujas ações serão compreendidas como a causa fundamental do malogro dentro das quatro linhas. Ao focar a figura do vilão do futebol, este trabalho visa abordar o modo pelo qual as principais derrotas do selecionado brasileiro de futebol foram narradas em contos, crônicas, jornais, em produções cinematográficas etc. Através desse percurso, tentar-se-á investigar alguns significados que a derrota assume no Brasil, assim como todo um imaginário do fracasso que se revela por intermédio das narrativas da derrota e seus principais personagens: os vilões.

Palavras-chave: Futebol. Narrativa. Derrota.

## RESUMEN

Los villanos del fútbol son hijos de la derrota. Desde 1950 e la “tragedia de Maracana”, de modo sistemático buscamos hallar las razones de alguno fracaso de la selección brasileña, intentando responder a pregunta: “¿Porque perdimos?” Partindo de este problema, la derrota és situada en el tiempo e espacio, sus más importantes acontecimientos son mostrados e encadenados en una secuencia. La derrota és portanto narrada. E en las narrativas de las derrotas, lo personaje principal és lo villano, ou sea, lo jugador cuyas acciones serán consideradas la razón fundamental del malogro en las cuatro líneas. Ao enfocar la figura del villano del fútbol, este trabajo visa pesquisar la menera por la cual las principales derrotas de la selección brasileña fueran narradas en cuentos, crônicas, diarios, películas etc. Por este trayeto, se intentará una búsqueda por algunos de los significados que la derrota tiene en Brasil, como también todo un imaginario del fracaso revelado por las narrativas de la derrota y de sus principales personajes: los villones.

Palabras clave: Fútbol. Narrativa. Derrota.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

|    |                   |
|----|-------------------|
| JB | Jornal do Brasil  |
| CM | Correio da Manhã  |
| JS | Jornal dos Sports |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>INTRODUÇÃO</b>  | <b>12</b>  |
| <b>1. NARRANDO A DERROTA</b>   | <b>17</b>  |
| 1.1 No tempo de Leônidas   | 17         |
| 1.2 Copa de 1950: a mãe das narrativas da derrota e dos vilões do futebol brasileiro | 28         |
| 1.3 Hermenêutica da derrota  | 36         |
| 1.4 O futebol e a derrota  | 46         |
| 1.5 Narrativas melodramáticas  | 56         |
| <b>2. ASSIM NASCEM OS VILÕES</b>   | <b>66</b>  |
| 2.1 Toda derrota tem um culpado  | 66         |
| 2.2 Barbosa, o vilão paradigmático   | 81         |
| 2.3 Ninguém é vilão por acaso  | 102        |
| <b>3. UMA LEGIÃO DE VILÕES</b>   | <b>116</b> |
| 3.1 Covardes, mascarados, mercenários e “estrangeiros”                               | 116        |
| 3.2 Os <i>quase</i> vilões   | 128        |
| 3.3 Os vilões redimidos  | 145        |
| <b>CONCLUSÃO</b>   | <b>151</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>   | <b>155</b> |

## INTRODUÇÃO

Apesar de terem sido os responsáveis por levarem a seleção brasileira para uma inédita final de campeonato mundial, projetando o futebol nacional para quase todo planeta, os jogadores que compunham o selecionado brasileiro na Copa de 1950 deixaram sua condição de heróis que eles ostentavam antes do jogo Brasil X Uruguai, ao não conquistarem a Taça desejada e sobre a qual se havia depositado tanta expectativa. O vice-campeonato os transformara em simples mortais. A perda do título mundial deixava claro que apenas a vitória poderia ter conduzido algum jogador ou o selecionado como um todo ao trono do futebol nacional. Da derrota nasceu uma outra tipologia de jogador: o vilão. A terrível perda do IV campeonato mundial modificou grandemente a sensibilidade do brasileiro em relação às derrotas da seleção em Copas do Mundo e essa alteração consolidou em nosso imaginário essa figura vilanesca cuja composição entra em clara oposição à imagem idealizada do herói.

Se a vitória tem nos heróis seus protagonistas para os quais se destina o trono do futebol brasileiro, a derrota, por sua vez, também possui seu personagem principal e ele é aquilo que, aqui, denomino de vilão, ou seja, aquele jogador sobre o qual será depositada a culpa pelo insucesso em campo. Todos os seus atos dentro – e às vezes fora – das quatro linhas serão interpretados sob a luz de uma enorme intolerância com a perda da partida e, por isso, seus mínimos deslizes correrão o risco de se transformarem em erros fatais e, até mesmo, irremissíveis, pois serão compreendidos como a causa do fracasso. No futebol, os limites que separam os heróis dos vilões são tênues e claramente dependentes do resultado final de uma partida. Tanto a derrota quanto a vitória podem filtrar nossa opinião acerca de um determinada jogada e de um determinado jogador. E os vilões nascem em meio ao turbilhão provocado por uma derrota.

Enquanto o herói percorre uma trajetória ascendente, em que um *status* de superioridade lhe é conferido (Campbell, 1995), o vilão é lançado numa queda que o conduz a um território sombrio de culpabilizações, das quais, muitas vezes, não consegue livrar-se. O vilão, ao contrário do herói, passa por um processo que o coloca numa condição de inferioridade em relação aos outros jogadores. Em 1950, o lateral Bigode, logo ao final do jogo, já desenhava o provável destino que lhe estava sendo reservado: “Já sei que estão me culpando – você não viu aquele torcedor gritar por mim, ameaçando-me com palavrões?” (*O Globo* 17/07/1950). O Maracanazo consolidou no futebol um tipo de fama às avessas, uma notoriedade indesejada, pois que conseguida através de uma traumatizante derrota. E essa notoriedade cabe aos vilões.

Em 1950, alguns jogadores foram alvos de intensas críticas e contra eles foi lançada a acusação de terem sido os principais responsáveis pela derrota da seleção brasileira. Seus perfis foram radicalmente transformados a partir da derrota. Suas qualidades técnicas foram relativizadas e suas inabilidades ampliadas, transformando-os em modelos negativos de jogadores. É verdade que, em algumas vezes, o selecionado todo foi posto em questão: “Jogaram os nossos com um completo desinteresse pelo resultado final da luta contra os uruguaios” (*Diário do Rio*, 18/07/1950). Mas os jogadores Bigode e Barbosa se destacaram nessa verdadeira caça às bruxas que foi iniciada logo após o apito final de Mr. Reader: “Bigode, um jogador sempre eficiente, disputou uma partida sem qualificativo, fazendo asneiras a grande e deixando-se bater pelo admirável Ghiggia” (*Diário do Povo*, 18/07/1950), “nos dois lances decisivos se movimentou [Barbosa] sempre com atraso fatal” (*JS*, 18/07/1950).

Essas culpabilizações surgiam da necessidade de explicar uma derrota cuja repercussão ganhou dimensões nunca antes imaginadas. Afinal, jamais chegáramos tão perto de um título mundial. Pela primeira vez, ganhar uma Copa deixava de ser um sonho remoto e se transformava numa certeza construída através de uma campanha incontestavelmente superior a dos uruguaios. Foram seis jogos, quatro vitórias, um empate e uma única derrota. Mas uma derrota que veio justamente quando não podíamos perder, o que tornou praticamente insignificante e inútil a campanha da seleção brasileira ao longo da competição. De nada valerem as duas goleadas contra a Suécia e contra a Espanha. E se é verdade que a vitória sobre a fúria espanhola, ao som de mais de 100 mil vozes entoando a marchinha “Touradas de Madri”, se transformou numa antológica página da história do futebol brasileiro, a perda do jogo para o Uruguai reina absoluta em nossa memória.

Mas não foi apenas o desempenho em campo, o fator responsável por tamanha expectativa e decepção. Havia um aparato discurso que colocava em circulação uma série de representações e significados que iam sendo anexados à seleção e aquela Copa. Os jornais da época foram decisivos para fazer com que a partida entre Brasil X Uruguai deixasse de ser “apenas um jogo”. O destino da própria nação parecia estar depositado nos pés dos onze jogadores. Tratava-se de uma grande oportunidade de mostrar mundialmente que o país era capaz de grandes realizações e conquistas. Já havíamos construído o maior estádio do mundo, o Maracanã, que conseguia abrigar cerca de 10% da população carioca da época. Reatava-nos obter a Taça nesse cenário perfeito e com 200 mil espectadores assistindo a esse momento máximo. As boas atuações do selecionado serviram de material para que grande parte da imprensa esportiva fomentasse um forte clima de excitação que, às vezes, beirava à

prepotência. Havia um enorme investimento simbólico naquele jogo contra Uruguai e isso certamente contribuiu, decisivamente, para que a derrota ganhasse um enorme poder destrutivo.

Devido a tamanha expectativa tornou-se inevitável o espanto diante da perda do título. A derrota nos soava surpreendente demais, tornando-se necessário explicá-la. A pergunta “por que o Brasil perdeu?” pôde ser vista na edição de vários jornais que foram para as bancas nos dias seguintes ao fracasso. E até hoje esse questionamento continua a ser incessantemente repetido a cada derrota da seleção em Copas do Mundo, principalmente as que resultam em eliminação desse evento. Esse questionamento indica a revolta sentida por conta do resultado negativo, mas aponta, principalmente, para o fato de que, no Brasil, a derrota é, freqüentemente, compreendida como um desvio do caminho natural e certo da vitória. Como Mário Filho afirmou, certa vez: “a vitória para o torcedor brasileiro, é o único fim, o único bem” (*apud* Antunes, 2004, 165). Após as conquistas da seleção em 1958 e 1962 – e a confirmação da superioridade brasileira nos gramados –, a pergunta “por que o Brasil perdeu?” se transforma em mote para uma busca incessante dos culpados da derrota. “Por que o Brasil perdeu?” é o fio condutor das narrativas da derrota produzidas, principalmente, pela imprensa. Narrar uma derrota significa situá-la no tempo e no espaço, selecionar seus principais acontecimentos e personagens, conferindo-lhe assim um sentido. E o modo pelo qual costumamos narrar as derrotas da seleção em Copas do Mundo foi consolidado com a derrota de 1950. É desse mesmo evento que nasceu nosso modelo de vilão ainda pertinente nos dias de hoje.

A vilania da derrota quase sempre possui um revestimento moral. Em 1950, por exemplo, Bigode e Barbosa foram acusados de terem cometido erros decisivos no jogo. O primeiro teria falhado na marcação de Ghiggia e o segundo teria levado um “frango” desse mesmo jogador uruguaio. Entretanto, as falhas atribuídas a esses jogadores não foram tidas como resultado de problemas de ordem tática ou técnica, mas sim à possibilidade de ambos terem se acovardado diante dos uruguaios. Nas Copas posteriores a 1950 veremos que haverá vilões chamados de covardes, mascarados e mercenários qualificativos moralmente condenáveis no âmbito futebolístico. Mas assim são os vilões, sempre condenados, rejeitados e vistos como portadores de uma série de defeitos tanto de ordem moral quanto esportiva. Seus perfis estão sempre em oposição ao que se acredita ser o “verdadeiro” futebol nacional. Nesse sentido, os vilões são sempre erguidos em antítese a algum modelo ideal de conduta e postura. Esse aspecto é bastante evidente no caso Dunga. Na Copa de 1990, esse jogador foi um dos responsabilizados pela eliminação da seleção brasileira. Para muitos, Dunga

encarnava a decadência do futebol brasileiro, europeizado e que substituíra o futebol-arte pelo futebol-força. Quando da derrota para a Argentina e a conseqüente saída da Copa, não havia dúvidas: Dunga era um dos responsáveis pelo vexame. Um alvo fácil e que antes mesmo da eliminação já costumávamos ser criticado.

Pois como será abordado, ninguém é vilão por acaso. Técnicos, zagueiros, goleiros, jogadores de “marcação” são sempre sérios candidatos a vilões. Tais tipologias, ao contrário dos craques, costumam ser pouco privilegiadas no imaginário nacional e, portanto, quando a derrota chega, não há barreiras que nos impeçam de lançar sobre elas a indignação pelo fracasso. Pois a escolha dos vilões nunca é aleatória, mas mediada por uma série de representações, o que também se evidencia no exemplo dos *quase* vilões. Esse “quase” significa que algum jogador ou outro profissional do futebol passou muito perto da vilania, mas que, por algum motivo, foi salvo da mesma. É o caso de Zico que perdeu um pênalti no jogo Brasil X França de 1986, mas que nem por isso chegou a ser explicitamente responsabilizado pela mesma. A dificuldade e até mesmo o constrangimento em elegê-lo vilão foi evidente, o que se explica pelo fato de Zico ser, na época, um ídolo nacional, um craque da camisa 10 respeitado e admirado por milhares de brasileiros. Apesar de ter ganhado a fama de pé-frio, Zico não amargou a vilania daquela dramática derrota. Pois ser vilão é conviver com acusações e com o imenso peso da culpabilização por uma derrota. Vilão, por excelência foi Barbosa, inesquecível e indelevelmente anexado ao fatídico 16 de julho de 1950.

As narrativas da derrota e os perfis de vilão surgidos e divulgados pela imprensa são um interessante veículo que pode nos dar acesso ao que significa ser derrotado no Brasil, já que as interpretações lançadas sobre o mau desempenho da seleção são permeadas de um imaginário da derrota que ultrapassa o terreno futebolístico. Questões relativas à identidade nacional também surgem a partir das reações que temos toda vez que o selecionado nacional não conquista a taça do mundo. Os vilões e as narrativas da derrota também são uma boa oportunidade para pensarmos o papel que os meios de comunicação desempenham na relação que estabelecemos com os esportes e, especificamente, com o mais popular do país. Afinal, tanto a vitória quanto a derrota podem ter seu efeito mais que redobrado dependendo do tipo de significados com os quais revestimos um jogo. E é extremamente relevante o papel da imprensa esportiva nesse processo de atribuição, produção e circulação de sentidos que gravitam no universo futebolístico. E essa mediação desde 1950 só tem aumentado. A visão que temos de uma partida é amplamente perpassada pela interferência dos meios de comunicação. Uma relação que, entretanto, não pode ser compreendida como uma estrada de

mão única, pois como espectadores participamos ativamente da produção de sentidos que compõe o universo do futebol.

E em relação às derrotas, esses sentidos foram modificados no contexto da derrota de 1950. Neste trabalho, tentar-se-á traçar o percurso pelo qual se deu uma mudança de sensibilidade em relação às derrotas da seleção em Copas do Mundo. Afinal nem sempre a derrota da seleção nos incomodou tanto. Os principais motivos dessa transformação estão relacionados a uma série de mudanças tanto em nível organizacional quanto simbólico pelo qual o futebol brasileiro passou. E sem dúvida estão relacionados ao contexto da derrota para o Uruguai. Essa alteração de sensibilidade configura o terreno ideal para a consolidação do vilão da seleção brasileira, um personagem que aparecerá sempre que a seleção não conseguir o título em Copas do Mundo. Os principais vilões da seleção, seus perfis e os sentidos a ele atribuídos também serão abordados por intermédio da análise da recepção das derrotas da seleção em Copas do Mundo. Esse material foi coletado das edições dos principais jornais do Rio de Janeiro e São Paulo que foram para as bancas no dia seguinte a algum fracasso importe do selecionado nacional.

Enfocar os vilões é adentrar na face sombria e inglória da fama. É entrar em contato com um mundo que beira o trágico, pois muitas vezes se trata de um caminho sem volta. Um instante, um simples instante servirá de síntese de toda uma trajetória. Para a configuração do vilão tudo que ocorre antes da derrota, pouco importa. Para Barbosa, por exemplo, de nada valeram suas defesas naquele Brasil X Uruguai, algumas importantes e que se tivéssemos conquistado a taça certamente seriam compreendidas como decisivas para a glória do selecionado. De nada valeu seu passado e suas recentes conquistas pela seleção. O que ficou mesmo foi o gol de Ghiggia que fez com que a trajetória de Barbosa se tornasse descendente.

O vilão dá mostras de que o futebol pode ser extremamente ingrato, solitário e doloroso. Mas assim como na tragédia talvez seja possível enxergar a beleza em meio à dor. E talvez esse seja um dos exercícios que os vilões e as derrotas nos ensinam.

## 1. NARRANDO A DERROTA

### 1.1 No tempo de Leônidas

Derrotas da seleção em Copas do Mundo costumam provocar discussões acaloradas. Revolta, indignação e tristeza dão a tônica das reportagens que vão para as bancas no dia seguinte a um fracasso importante do selecionado nacional. A imprensa esportiva faz da derrota – assim como faz da vitória – uma fonte de “falação” (Eco, 1984, 120) constante e duradoura. A história do jogo narrada por jornalistas e cronistas é, em grande medida, resultado de uma interpretação mediada pelo resultado final. E quando esse resultado é a derrota, tudo parece estar torto e desarrumado. Roberto DaMatta afirmou que tanto o carnaval quanto a derrota têm o poder de colocar as coisas de cabeça para baixo (2006, 98), pois seu poder destruidor, “amesquinha, achata, esquizofreniza (id, ibid). Mas, no que diz respeito à seleção brasileira, as derrotas só adquirem essa força devastadora a partir de 1950, ano em que a perda do título coloca grande parte do Brasil em polvorosa. Antes dessa data não costumávamos nos comportar desse modo diante das derrotas do selecionado nacional em Copas do Mundo. Desde o campeonato mundial de 1930 até o de 1938 nós tínhamos “uma longa e terna convivência com a derrota” como disse certa vez Nelson Rodrigues (1994, 113). O fato de não sermos campeões parecia não nos incomodar tanto, por isso, nossa relação com o fracasso fluía sem excessiva exasperação. Os jogadores de 38, por exemplo, foram recebidos festivamente no Rio de Janeiro “como autênticos campeões mundiais” (*JS*, 10/07/1938) por milhares de pessoas que comemoravam o terceiro lugar conquistado naquela Copa. Mal sabíamos que doze anos mais tarde, em 1950, viraríamos a cara para os 11 jogadores que conseguiriam subir um degrau, conquistando um inédito 2º lugar.

Como se explica uma mudança tão grande de comportamento?

Decerto a seleção de 38 foi responsável por lançar no brasileiro a esperança de ganhar, pela primeira vez, um campeonato mundial, entretanto, a derrota ainda não era capaz de provocar ressentimentos contra nossos atletas e tampouco nos fazer remoer com insistência, conjecturas a respeito dos possíveis motivos que nos tiraram do caminho da vitória. “Devemos nos dar por satisfeitos” é o sugestivo título de um dos capítulos do livro de Tomás Mazzoni *O Brasil na Taça do Mundo*, obra que reúne artigos que ele escreveu enquanto correspondente do Brasil durante a Copa de 1938. Mazzoni, um dos mais

importantes jornalistas esportivos da época, enfatizou em seus textos a necessidade de valorizarmos a campanha da seleção cujos jogadores “merecem nossos calorosos aplausos e a nossa gratidão” (1938, 126). Como defensor de um jornalismo sério, isento e que não fizesse uso de conteúdos apelativos, esse pedido demonstrava, principalmente, uma certa preocupação com o tipo de recepção que a derrota para a Itália poderia ter nos principais jornais do país. Entretanto, tal inquietação, também, se justificava, pois Mazzoni havia viajado para a França na condição de membro oficial da delegação (Franzini, 2003, 74), por isso, defender a seleção, em parte, era defender a si mesmo. Por outro lado, o jornalista temia que uma parcela da imprensa transformasse o resultado negativo diante da Itália em mote de críticas a dirigentes, jogadores, treinador etc., o que poderia desestabilizar o processo de consolidação institucional e técnica pelo qual o futebol brasileiro vinha passando e cuja validade era colocada à prova durante a Copa de 38.<sup>1</sup>

O temor de Mazzoni fazia sentido, mas justamente por conta de uma estruturação ainda embrionária — no que diz respeito não apenas aos níveis administrativo e técnico, mas também à própria imagem da seleção como portadora dos símbolos da nação — é que o terceiro lugar pôde ser concebido como uma grande façanha. De fato, algumas especulações surgiam aqui e ali, algumas dando conta de problemas de relacionamento entre os jogadores e o técnico Ademar Pimenta, entretanto logo desapareceram. Mais do que lamentar, grande parte da imprensa preferiu enaltecer o terceiro lugar da seleção. E o grande público também fez a mesma opção. Leônidas da Silva, o artilheiro da Copa, e seus companheiros retornaram consagrados e ansiosamente esperados por uma multidão que se aglomerava pelas ruas do Rio de Janeiro. Em 1934 ficáramos em 14<sup>a</sup> colocação! Um terceiro lugar estava de ótimo tamanho e não éramos tão prepotentes quanto somos hoje a ponto de não reconhecermos esse fato.

Naquele final de década, estávamos em um período no qual ainda nutríamos uma considerável humildade e vislumbrávamos um futuro aberto para muitas conquistas da seleção. A crença em glórias futuras era fortalecida pela ótima participação do selecionado brasileiro na Copa de 38. Esse evento foi uma espécie de catalisador de mudanças tanto em nível organizacional quanto simbólico que há tempos vinham sendo gestadas no futebol brasileiro. É a partir da Copa de 1938 que ganha maior consistência uma estrutura mais ordenada e centralizada de gestão esportiva, assim como são renovados e reforçados os

---

<sup>1</sup> Tomás Mazzoni não cansou de levantar voz a favor de uma maior centralização na administração esportiva do país, que pudesse dar fim ao que ele costumava chamar de clubismo, ou seja, o privilégio de interesses locais e particulares. O jornalista foi um ardoroso defensor dos ideais propagados pelo Estado Novo, no que diz respeito à sua tentativa de implantar uma política de centralização do controle administrativo dos esportes no Brasil e que teve seu auge com a criação do CND (Conselho Nacional de Desportos) em 1940.

valores atribuídos ao futebol e à seleção brasileira, conferindo-lhes uma aura vitoriosa e diferenciada. A “pátria em chuteiras” começava a ganhar contornos mais nítidos, em grande parte, porque ao aliar-se ao futebol, o Estado Novo levou para esse esporte sua plataforma nacionalista que se fazia notar no slogan de um selo criado pela, então, CBD que dizia: “Auxiliar o *scratch* é dever de todo brasileiro” (*apud* Franzini, 2003, 70).

Se em 1930 e 1934, a participação da seleção no campeonato mundial era tratada com certo desprezo pelo Estado, o mesmo não podemos dizer em relação à III Copa do Mundo. A atenção dada ao evento por Getúlio Vargas podia ser percebida em pequenos detalhes como, por exemplo, na escolha de sua filha, Alzira Vargas, para madrinha da equipe nacional. Em termos financeiros, o Governo concedera a quantia de 200:000\$000 como subvenção à Seleção Brasileira, dinheiro destinado às despesas advindas da viagem e estadia brasileira em terra francesa. Foi na Copa de 38, época em que o Governo Vargas se encontrava mais estabelecido, que a CBD se transformou numa “agência de poder” como comenta o historiador Joel Rufino dos Santos (1981, 53), o que significa dizer que essa entidade conseguiu tomar para si a tarefa de centralizar a administração do futebol nacional<sup>2</sup>, minimizando assim possíveis conflitos em prol de uma ideal de nação que englobava a todos e que devia estar acima de qualquer diferença ou interesse particular. Obviamente que a apropriação do futebol por parte do Governo Vargas objetivava fazer dessa prática esportiva um veículo de propaganda do seu governo e não por acaso a CBD tinha como presidente, Luiz Aranha, irmão do Ministro da Fazenda Oswaldo Aranha, ambos haviam participado da Revolução de 30 e mantinham estreitas relações com Getúlio. Entretanto, é inegável que foi durante o Estado Novo que se criou condições políticas para que o futebol em pouco tempo se transformasse em uma das mais importantes manifestações culturais do país.

Mas além de aspectos políticos e administrativos, o futebol brasileiro também passava por um processo de renovação no que diz respeito aos aspectos simbólicos. A hipótese de que o futebol nacional era dono de um estilo próprio de jogar ganha fôlego nunca antes conseguido. Se não era inédita a conjectura de que o futebol brasileiro possuía

---

<sup>2</sup> A CBD (Confederação Brasileira de Desportos) foi criada em 1916, mas levou tempo para que esse órgão fosse reconhecido como a entidade que representava o esporte nacional. A intervenção do Estado, na figura de Luís Aranha, foi fundamental para a transformação da CBD em uma instituição cujo objetivo principal seria o de centralizar a administração esportiva do país. Como afirmou Carlos Eduardo Sarmiento, a presença de Luís Aranha “viabilizaria as ações governativas que iriam redesenhar a gestão do desporto nacional” (2006, 62). Em relação ao futebol, a CBD, em 1937, firmou acordo com a FBF (Federação Brasileira de Futebol) que na época havia sido reformulada para abrigar os times profissionais do país. A CBD, que desde sua criação era totalmente contrária ao regime profissional, reconheceu a necessidade de instaurá-lo no país e, assim, deu um grande passo rumo ao fim dos conflitos que marcavam o futebol nacional. Desse modo, Luis Aranha pôde colocar em prática seu planejamento, que incluía o “reconhecimento legal do profissionalismo no futebol, pacificação através da submissão de todos a uma entidade central e especialização do gerenciamento de certas modalidades como meio de obter melhorias operacionais (id, 64).

originalidade, é somente com a Copa de 38 e o terceiro lugar obtido, que essa desconfiança se transformou na certeza de que havíamos imprimido sobre uma herança inglesa, um jeito menos geométrico, pouco disciplinado e mais habilidoso de jogar.<sup>3</sup> Essa transformação foi, por muitos, creditada à presença do negro em campo, possibilitada pelo fim do regime amador. De fato, desde o início da década de 1930, os jogadores negros começavam a ganhar destaque e prestígio, tanto dentro quanto fora do país. Fausto, o “Maravilha Negra”, Leônidas, o “Diamante Negro” e Domingos da Guia, o “Divino Mestre” iam se transformando em ídolos nacionais e qualquer resíduo de preconceito perdia força diante de suas atuações em campo.<sup>4</sup> Mesmo que o preconceito ainda se insinuasse, os negros agora possuíam defensores e admiradores, entre os quais, destacava-se Mário Filho. O jornalista não cansava de enaltecer a figura de Leônidas, atribuindo-lhe a mestria na prática de uma nova maneira de jogar, que se diferenciava da européia pela ênfase na habilidade individual.

Quase sempre envolvido em confusão, Leônidas chegou a correr o risco de ser cortado da seleção, em 1932, um pouco antes da disputa pela Copa Rio Branco contra os uruguaios.<sup>5</sup> Tratava-se de um risco inadmissível para Mário Filho já que em sua opinião, a seleção dificilmente conseguiria a vitória sem Leônidas. Levantar voz a favor do jogador, de acordo com o jornalista, era o mesmo que defender a própria seleção: “Não defendemos o jogador do Bonsucesso, mas, sim, e apenas, a eficiência do quadro nacional” (*apud* Pereira, 2000, 323). E a vitória do selecionado sobre os orientais, com direito a dois gols do Diamante Negro, mostrou que Mário Filho estava com a razão. Em pouco tempo, o jogador se transformava no símbolo de um futebol cujo estilo de jogar se mostrava próximo às características que costumavam ser associadas ao negro. “Homem elástico”, assim costumavam chamá-lo, fazendo referência à sua agilidade, elasticidade e aos seus movimentos corporais próximos do jogo da capoeira (id, 332). No final da Copa de 38, Leônidas atingia

---

<sup>3</sup> A euforia provocada pela conquista do Sul-americano de 1919 inspirou alguns jornalistas a interpretarem aquela vitória como um indício de que o futebol brasileiro já apresentava um estilo próprio de jogo. O jornalista Américo R. Netto, que também se destacava como entusiasta do mundo automotivo, chegou mesmo a propor o despontar de uma “escola brasileira de futebol” (cf., Franzini, 2003, 16).

<sup>4</sup> É importante lembrar que por essa época a exigência de bons resultados em campo tornou-se maior à medida que o futebol se transformou em fonte geradora de renda. A necessidade de vitória se tornou imperativa e isso ajudou a fazer com que o preconceito contra negros e pobres fosse enfraquecendo.

<sup>5</sup> Leônidas acumulava situações conflituosas em seu currículo. Em 1931, o jogador recusara-se a se transferir para o clube carioca, América, alegando que receava sofrer discriminação racial. Sua negativa provocou revolta na torcida do clube da Rua Campos Salles que por conta disso, o vaiou insistentemente durante uma partida entre América e Bonsucesso. Irritado com as vaias, Leônidas mostrou suas genitais para a torcida que tentou invadir o campo para surrá-lo. Um ano depois, o jogador mais uma vez se viu envolvido em incidentes. Dessa vez foi acusado de roubo de jóias, acusação da qual foi inocentado, mas que provocou a ira de Renato Pacheco, então presidente da CBD, que exigiu que Leônidas não fosse convocado para a Copa Rio Branco daquele ano. Entretanto Renato Pacheco teve que ceder frente aos apelos da imprensa e de alguns membros da delegação. O Diamante Negro venceu a queda de braço, foi convocado para disputar a Copa Rio Branco, enquanto Renato Pacheco pediu demissão do cargo.

“os píncaros da popularidade” e conseguia finalmente substituir a altura, Arthur Friedenreich, considerado o primeiro ídolo de futebol do país (Mazzoni, 1938, 126).

O jogador é figura de destaque no clássico livro de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*. Nessa obra, Mário traça a difícil trajetória do negro dentro do futebol nacional e sua luta pela superação das barreiras impostas à sua plena atuação nos gramados brasileiros. Coube a Gilberto Freyre a redação do prefácio. Nesse texto, o sociólogo brevemente relaciona os principais motivos que fizeram do futebol uma “verdadeira instituição nacional” (Filho, 1964, X). Segundo Freyre, esse fenômeno só se tornara possível, pois, diferentemente de outras modalidades esportivas o futebol havia incorporado “um pouco de samba, um pouco de molecagem baiana e até um pouco de capoeiragem pernambucana ou malandragem carioca” (id, XI), tornando-se tão híbrido quanto a própria sociedade brasileira. Ao absorver esses elementos é que o futebol “afastou-se do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e variações dionisíacas que é” (id, *ibid*). O prefácio data de 1947, quando o livro foi pela primeira vez editado, mas as idéias acerca do futebol ali contidas foram manifestadas de maneira sistematizada em texto publicado no *Diário de Pernambuco*, intitulado “Football mulato”, alguns anos antes, especificamente, durante a Copa de 1938.<sup>6</sup>

A interpretação de Freyre teve como estímulo o jogo Brasil X Tchecoslováquia em que a seleção nacional conseguiu a façanha de vencer os respeitadas vice-campeões mundiais de 1934. Tratava-se do segundo embate Europa X Brasil – já havíamos enfrentado e derrotado a Polônia nas oitavas-de-final – em que saíamos vencedores mais uma vez, despertando admiração e respeito tanto na crônica esportiva nacional quanto na internacional. Freyre tomou essa vitória como sinal de que a cultura apolínea – a européia – se curvava frente à cultura dionisíaca, representada pelo futebol brasileiro, que fazia uso da habilidade individual e da capacidade de improvisação como armas para superar o estilo geométrico e ordenado do futebol europeu. Interpretação próxima de Freyre foi proposta pelo jornalista Tomás Mazzoni ao concluir que a participação brasileira na Copa da França servira para mostrar o quanto a escola européia de futebol estava atrasada por insistir na ênfase apenas dos aspectos táticos do jogo: “Enquanto futebolistas europeus viverem escravizados por teorias táticas, serão sempre medíocres praticantes do verdadeiro futebol, que deve ser jogo elegante, acrobático, improvisado e astuto, e não pontapé na bola a esmo (...)” (1938, 88).

---

<sup>6</sup> Em *Sobrados e Mucambos*, de 1936, Freyre já havia feito referência ao futebol como uma prática exercida pelos descendentes de negros e mulatos que, no final do século XVII, costumavam usar a capoeira como forma de extravasar suas energias e, também, como atividade criminosa. O futebol surge, segundo o sociólogo, como esporte através do qual “os descendentes dos bailarinos da navalha e da faca se vêm sublimando nos bailarinos da bola” (1977, 522).

Obviamente que havia uma forte objeção à hipótese de Mazzoni, afinal a Itália havia se sagrado campeã naquele torneio. Mas o jornalista faz dessa possível objeção uma prova a favor de suas argumentações: “O futebol italiano não progrediu lendo os seus jogadores tratados científicos (...) esse grande progresso na qualidade do jogo começou desde que na Itália apareceram os azes da América do Sul que foram uma centena ou mais, de 1930 a 1934” (id, *ibid*).<sup>7</sup> Mas enquanto Mazzoni vislumbra a superioridade do futebol sul-americano como um todo, Freyre, ao contrário, buscou a especificidade do estilo brasileiro, atitude bem mais próxima da que temos hoje. Gilberto credita a vitória da seleção nacional sobre os Tchecos ao fato de pela primeira vez a seleção ter sido composta, em sua maioria, por jogadores afro-brasileiros<sup>8</sup>, conseguindo assim pôr em prática um diferente modo de jogar em que os elementos da cultura dionisiaca imprimiram variedade e beleza em nossas jogadas. Como sociólogo, Freyre conseguiu traduzir em termos culturalistas a dicotomia futebol europeu X futebol brasileiro, que já era mencionada em parte da imprensa esportiva nacional. Fazendo uso da classificação de Ruth Benedict, Freyre conclui que: “psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo – para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Benedict – e dionisiaco a seu jeito – o grande jeito mulato” (1957, 432)<sup>9</sup>.

O que Freyre e Mazzoni possuem em comum é a possibilidade de ancorar suas hipóteses na ótima campanha da seleção em 1938, principalmente no jogo mais representativo da participação brasileira naquela copa: Brasil X Tchecoslováquia. Naquela tarde do dia 14 de junho, o país grudou no rádio para ouvir o sobreexaltado locutor Glagliano Neto narrar uma verdadeira batalha. Um combate que durou dois jogos, sendo que o primeiro deles foi uma “carnificina” como observou o jornalista inglês Brian Glanville (1973, 42). Não faltaram ingredientes dramáticos à partida: jogadores expulsos, brigas em campo, perna quebrada, clavícula quebrada e, ao final, um empate, em 1 X 1, que gerava a necessidade de mais um jogo para definir quem continuaria disputando a Copa do Mundo. Ainda não havia decisão por pênaltis naquela época e por isso, embora, extenuados os brasileiros, quarenta e oito horas

---

<sup>7</sup> De fato, nessa época é intenso o processo de transferência de jogadores brasileiros para a Europa. Segundo Waldenyr Caldas, a maioria dos jogadores buscava a profissionalização no exterior. Para a Itália foram jogadores como Del Dèbbio, Rato, Filó, Pepe e Amílcar que atuavam em clubes paulistas. A ânsia por melhores condições de trabalho fez com que alguns jogadores aproveitassem alguma excursão de seus clubes para “fugirem”. Assim foi o caso de Fausto, o “Maravilha Negra” e de Jaguaré que seduzidos por um contrato milionário do Barcelona abandonaram a delegação do Vasco da Gama, durante uma excursão do clube carioca à Europa em 1929.

<sup>8</sup> Freyre faz referência às seleções anteriores cuja maioria dos jogadores não era de negros. Mas é preciso levar em conta que algumas ausências de negros e mulatos se justificam por problemas político-administrativos que marcavam o futebol nacional. O mulato Friedenreich, em 1930, por exemplo, não foi à Copa por causa de uma briga entre a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) e a CBD (Confederação Brasileira de Desportos).

<sup>9</sup> Apolíneo e dionisiaco, utilizados por Ruth Benedict para fazer uma contraposição entre dois padrões de cultura, são categorias que o filósofo Friedrich Nietzsche lançou mão para compreender a composição da tragédia grega.

depois, foram para o segundo embate. Mesmo machucado, Leônidas destacou-se marcando um dos gols que deu a vitória ao selecionado brasileiro que terminou a partida com apenas nove jogadores. Dado esse tom épico, o jogo Tchecoslováquia X Brasil se tornou emblemático e seu resultado foi comemorado como se tivéssemos ganhado o título mundial. O jornal carioca *Correio da Manhã* estampava em letras garrafais a frase: “Vencido o vice-campeão mundial de *football*. Uma tarde de grandes, de formidáveis emoções, vividas pelo brasileiro” (*CM*, 15/06/1938). A imprensa francesa apelidou Leônidas de “Homem de borracha” (Soter, 2002, 61) e Freyre, por sua vez, denominou de dança dionisíaca o estilo de futebol praticado pela seleção: “Dança que permitia o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica” (1957, 433). Aquela façanha brasileira da Copa de 1938 ganhava repercussões e alimentava muitas interpretações.

Por conta disso, quando o Brasil sucumbiu diante da Itália, a derrota se tornou compreensível e palatável, ainda mais porque não contávamos com a presença de Leônidas, que saíra machucado do jogo anterior. Também teve o caso do pênalti cometido por Domingos da Guia no jogador italiano Piola e assinalado pelo juiz contra a seleção brasileira. Um lance controverso e por conta dele a própria CBD tentou anular o jogo junto a FIFA como informou o *Correio da Manhã* (17/06/1938), protesto que, entretanto, não surtiu efeito. O contexto daquela derrota dava margem a justificativas plausíveis: cansaço, ausência de Leônidas e erro do juiz. Era possível até mesmo imaginar uma conspiração contra o Brasil cuja mentora seria a própria FIFA, interessada em impedir que um time sul-americano suplantasse o futebol europeu. Por isso, o *JS* lançou como manchete: “Queira ou não a FIFA, somos os campeões do mundo” (20/06/1938). Nessa mesma edição também podemos ler o desabafo: “Parabéns a FIFA que conseguiu seu objetivo. A ‘Copa do Mundo’ não saiu da Europa, embora a preço de um claro, caracterizadíssimo roubo” (20/06/1938). A tristeza por termos perdido para a Itália foi enorme, tão grande que Getúlio Vargas fez menção, em seu diário, ao clima de comoção que tomava conta do país por conta do resultado negativo da seleção brasileira.<sup>10</sup>

Porém, não era tão difícil encontrarmos consolo. Três dias depois ganhávamos da Suécia e, além disso, ainda guardávamos na lembrança o emocionante jogo contra a Tchecoslováquia que valera por si só uma final de campeonato. A verdade é que aquela campanha já tinha sido uma excelente e bem aproveitada oportunidade de exposição e inserção do Brasil na geografia mundial do futebol, como bem intuiu a poeta Gilka Machado

---

<sup>10</sup> Assim comentou Getúlio Vargas: “O jogo monopolizou as atenções. A perda do *team* brasileiro para o italiano causou uma grande decepção e tristeza no espírito público, como se se tratasse de uma desgraça nacional” (*apud*, Pereira, 2000, 13).

cujo poema “Aos heróis do futebol brasileiro”, feito em homenagem aos jogadores, em um de seus versos diz: “que obra de arte ou de ciência/ que obra de sentimento ou imaginação teve a penetração dos gols de Leônidas que, transpondo balizas – e antipatias – souberam se insinuar/ no coração/ do mundo”(Pedrosa, 1967, 117). Éramos o país do futuro no que diz respeito a esse esporte e esse horizonte de possibilidades surgiu ante nós como um alento que nos ajudava a minimizar a decepção de não termos ido à final.

Apesar da derrota e da não conquista do título, tínhamos heróis sobre os quais falar. O principal deles era Leônidas que protagonizara as vitórias do selecionado, chegando mesmo a fazer um gol sem chuteira (Ribeiro, 1998, 89). Trata-se de um episódio lendário, daqueles que apenas os grandes personagens de futebol são capazes de possuir, e que, antes de tudo, emblematicava a crença geral de que, com Leônidas em campo, tudo podia acontecer. Um gol sem chuteiras era algo perfeitamente imaginável, não apenas por sua habilidade com a bola, mas porque Leônidas desde pequeno estava acostumado a jogar em peladas com bolas improvisadas e pés descalços. Negro e pobre, ele simbolizava um novo tipo de ídolo que vinha lá de baixo, lá das fábricas operárias para brilhar nos gramados europeus. Era esse ídolo que muitos brasileiros podiam olhar e enxergar nele muito de si mesmo, muito de sua própria história. (completar) Nesse sentido, a Copa de 1938 é uma máquina fabuladora de histórias e narrativas da vitória que consagram esse novo perfil de craque-herói, cujo modelo se mantém até hoje forte em nosso imaginário. Por conta disso, mesmo que o título não tivesse vindo, a Copa havia criado uma atmosfera de entusiasmo, euforia e muita expectativa em torno dos campeonatos mundiais que ainda estavam por vir. A Copa cumprira um papel nem um pouco desprezível, afinal saíramos dela com a convicção de que o futebol brasileiro estava em plena ascensão. O técnico da seleção, Ademar Pimenta, não tinha dúvidas “o *football* brasileiro é superior ao posto em prática na Europa” (CM, 12/07/1938).

O discurso em torno da seleção brasileira começava a tomar outros rumos, rumos mais grandiloquentes. Podíamos conceber nosso jogo como um futebol que encantava e que pelo frescor da idade ainda não era capaz de sofrer abalos significativos e duradouros, caso não conseguisse resultados positivos. Por enquanto, embora sem título mundial, era possível admirar nossos azes em campo, pois enxergávamos uma espécie de “princípio esperança” nos pés dos jogadores nacionais. Até mesmo alguns intelectuais se rendiam a esse estado de ânimo provocado pela campanha de 38. Mário de Andrade, autor de *Macunaíma*, romance no

qual o futebol aparece como uma das pragas que assolava o Brasil<sup>11</sup>, traduziu em artigo a suspeita de que o futebol brasileiro carregava em si algo de artístico cuja beleza não se apagava, mesmo depois de uma derrota. Em 1939, ao presenciar o jogo Brasil X Argentina, em que a seleção sai derrotada, Mário comenta: “Havia umas rasteiras sutis uns jeitos sambísticos de enganar, tantas esperanças davam aqueles volteios rapidíssimos, uma coisa radiosa, pânica, cheia das mais sublimes promessas!” (1967, 184).<sup>12</sup> Ecos de Gilberto Freyre podem ser notados nesse trecho, entretanto, mais do que afinidade intelectual, a crônica de Mário demonstra como nessa época o imaginário futebolístico se encontrava permeado pelo entusiasmo sentido diante do surgimento desse novo jeito brasileiro de jogar futebol, que demonstrava mais plasticidade e manemolência.

Mas nem tudo eram flores. Apesar do entusiasmo do escritor modernista, aquela derrota para a Argentina era mais uma entre muitas que o Brasil acumulava no seu currículo. O terceiro colocado no mundial, ainda não conseguia vencer seus vizinhos mais próximos e durante muito tempo amargou terríveis fracassos. Naquele 1939, por exemplo, cerca de quarenta mil pessoas presentes no Estádio de São Januário tiveram o dissabor de assistir a uma goleada Argentina por 5 X 1 pela Copa Roca. E a maioria dos torcedores, ao contrário de Mário de Andrade, não se contentava em admirar somente os aspectos estéticos do jogo. A vaia foi grande para a seleção, pois todos queriam a vitória. Os próprios jornais da época mostravam certo inconformismo diante dos resultados negativos da seleção, eterna freguesa da Argentina e do Uruguai. Mais do que resultados negativos, a seleção costumava sofrer goleadas vexatórias, como as que ocorreram em 1940 quando perdera por 6 a 1 e,

---

<sup>11</sup> “E então os três manos foram continuar a construção do papiri. Maanape e Jiguê ficaram dum lado e Macunaíma do outro pegava os tijolos que os manos atiravam. Maanape e Jiguê estavam tiriricas e desejando se vingar do mano. O herói não maliciava nada. Vai, Jiguê pegou num tijolo, porém pra não machucar muito virou-o numa bola de couro duríssima. Passou a bola pra Maanape que estava mais na frente e Maanape com um pontapé mandou ela bater em Macunaíma. Esborrachou todo o nariz do herói.

- Ui! Que o herói fez.

Os manos bem sonsos gritaram:

- Uai! está doendo, mano! Pois quando bola bate na gente nem não dói!

Macunaíma teve raiva e atirando a bola com o pé bem pra longe falou:

- Sai, peste!

Veio onde estavam os manos:

- Não faço mais papiri, pronto!

E virou tijolos pedras telhas ferragens numa nuvem de içãs que tomou São Paulo por três dias.

O bichinho caiu em Campinas. A tatorana caiu por aí. A bola caiu no campo. E foi assim que Maanape inventou o bicho-do-café, Jiguê a lagarta-rosada e Macunaíma o futebol, três pragas” (1994, 36-37).

<sup>12</sup> Mário de Andrade claramente estava interessado na dimensão estética do futebol praticado pela seleção, por isso o resultado parecia não influenciar tanto no juízo que o poeta fazia do jogo. O potencial estético do futebol foi uma descoberta importante que possibilitou a aproximação dos artistas da geração Modernista desse esporte. Sobre a relação futebol e Modernismo ver o livro de Bernardo Borges Buarque de Holanda. *O descobrimento do futebol*. Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

posteriormente, por 5 a 1, ambos para nossos rivais argentinos.<sup>13</sup> Apesar da técnica apurada, parece que faltava algo ao futebol nacional e essa lacuna era explorada por parte do jornalismo esportivo da época na tentativa de entender os motivos de resultados tão ruins. As derrotas eram encaradas com maior impaciência tanto por parte do público como por parte da imprensa esportiva.

A boa campanha da 1938 despertou expectativas e a seleção nacional inevitavelmente foi alvo de maiores cobranças e muitas críticas: “É preciso ser cego, apaixonadíssimo ou nada entender do assunto para não ver que, presentemente, não estamos em condições de vencer, em pugnas de futebol, não só os argentinos, mas qualquer outro de nossos vizinhos da América do Sul” (*apud*, Sander, 41, 2004). A metáfora da casa já se mostrava muito importante no futebol, por isso, se tornava urgente a necessidade de nos impormos dentro de nosso próprio continente. Finalmente, na metade da década de 1940, a seleção começou a encontrar o caminho da vitória em terras sul-americanas. Em 1945, conquistávamos a Copa Roca contra os Uruguaios, em 1948 veio o título sul-americano e dois anos depois vencíamos uma Copa Rio Branco, também, diante do Uruguai. O otimismo estava de volta, agora reforçado pelo fato de que a IV Copa do Mundo seria realizada em terras brasileiras, notícia que já era do nosso conhecimento desde 1946 quando, durante o congresso da FIFA realizado em Luxemburgo, o Brasil havia sido oficializado como sede do evento<sup>14</sup> (Unzelte, 2002, 125). Uma oportunidade como essa era tudo que precisávamos para finalmente, conquistarmos o mundo e a taça Jules Rimet que, alguns anos antes, por pouco tinha escapulado de nossas mãos.

Tornou-se inevitável que muito da expectativa provocada pela campanha de 38 e pelo bom desempenho em competições continentais, no final da década de 1940, fosse toda lançada em cima da Copa de 1950. Durante aqueles doze anos tínhamos evoluído muito, principalmente em termos táticos, acrescentando ao individualismo um pouco de disciplina tática, imposta principalmente pelo treinador Flávio Costa. Homem de pulso firme, o consagrado treinador, com vitoriosas passagens pelo Flamengo e pelo Vasco da Gama, passava confiança e credibilidade para comandar o selecionado. Além disso, outros craques surgiam e despontavam como ídolos pelo Brasil afora. Zizinho, Ademir de Menezes e Jair da

---

<sup>13</sup> Devido as constantes surras aplicadas pelos argentinos, muitos clubes brasileiros acreditavam que para serem grandes e competitivos lhes seria imprescindível ter em seus quadros um jogador argentino. Mário Filho denominou esse complexo de platinismo.

<sup>14</sup> No congresso da FIFA realizado em 1938, em Paris, o Brasil se candidatara como sede da Copa de 1942, mas teria que concorrer com a forte Alemanha. Com a Segunda Guerra Mundial, a Copa de 1942 foi adiada e a Alemanha desistiu da candidatura. No Congresso de 1946, em Luxemburgo, o Brasil se apresentou como único a querer sediar a Copa, inicialmente marcada para 1949 e, depois, adiada para 1950.

Rosa Pinto possuíam uma técnica refinada e brilhavam em seus respectivos clubes. Eram nomes certos da seleção que se formava para disputar a Copa de 50 e com eles em campo tínhamos motivos para sonhar alto. E sonhávamos sonhos tão grandiosos quanto o estádio do Maracanã. Acreditávamos que naquele ano seria dado fim à nossa carência de título mundial. E se a derrota ainda era uma possibilidade que não tinha desaparecido por completo do nosso horizonte de expectativas, diferentemente de épocas anteriores iniciávamos uma Copa acreditando firmemente na vitória do selecionado. Não se tratava de um devaneio qualquer de torcedor, pois o terceiro lugar, obtido na França, nos havia comprovado que estávamos próximos de uma gloriosa conquista.

Nesses anos que separam uma Copa da outra, o futebol firmava sua vocação para protagonista da cultura nacional, se inserindo no cotidiano do brasileiro, expandindo-se para além das quatro linhas e para além das arquibancadas dos estádios. Ele se fazia presente no bate papo da esquina, nas rodas de amigo, era transformado em poesia, em crônicas, tendo sido até mesmo mencionado, como foi visto, no diário de um presidente da República, espantado com a repercussão que um jogo podia ter entre os brasileiros. O futebol, também, entrava em milhares de lares por intermédio do rádio. A Copa de 1938, por exemplo, foi a primeira a ser transmitida ao vivo, o que representou uma grande novidade para os brasileiros que em Copas anteriores tinham que esperar na porta dos jornais, a chegada de telegramas com notícias dos jogos da seleção. Alto-falantes foram instalados no Largo do Paissandu, em São Paulo e em frente a Galeria Cruzeiro, no Rio de Janeiro. Milhares de pessoas se aglomeraram para acompanhar as transmissões dos jogos da seleção e onde tivesse um rádio um círculo humano se formava (Soares, 1994, 33). O impacto do jogo, sem dúvida, se amplificava. E o do resultado final também.

O imaginário futebolístico inflava-se e um amplo aparato discursivo colocava em movimento um vasto conjunto de signos relacionados ao futebol fazendo dele um objeto sobre o qual nos debruçávamos para interpretá-lo e enchê-lo de significados. A imprensa escrita, por sua vez, havia se modificado significativamente, principalmente sob influência de Mário Filho, passando a dar mais ênfase tanto à figura dos ídolos quanto aos aspectos emotivos e conflituosos do futebol (Silva, 2006, 122).<sup>15</sup> As afetividades despertadas por esse esporte encontravam na mídia esportiva um ótimo veículo de propagação e a dimensão agonística do jogo ia sendo, cada vez mais, explorada pela imprensa. E nesse mecanismo foi – e ainda é – expressivo o papel desempenhado pela imprensa, que gradualmente se consolidou como um

---

<sup>15</sup> Sobre o papel de Mário Filho na modernização da imprensa esportiva, ver o livro de Marcelino Rodrigues da Silva. *Mil e uma noites de futebol*. O Brasil moderno de Mário Filho. BH: Editora UFMG, 2006.

importante veículo mediador entre o futebol e o grande público, participando não apenas da circulação, mas também da produção de significados que iam aos poucos se tornando basilares para as interpretações dos fatos esportivos relacionados ao futebol.

Em 1950, a cobertura da imprensa – principalmente a do *Jornal dos Sports*, no Rio de Janeiro, não poupou esforços em criar uma atmosfera de euforia e expectativas, por conta da participação da seleção na Copa. Embora a atenção dada ao evento fosse incomparável ao que temos hoje em dia<sup>16</sup>, em relação aos anos anteriores, é perceptível que o futebol e a seleção nacional passaram a ocupar cada vez mais espaço nas páginas de jornal. E a seleção de 50 se fazia merecedora de tamanha atenção. A ótima campanha e o vistoso futebol apresentado, de fato, nos davam motivos para acreditar na conquista inédita. Mas veio a derrota. Um fracasso por si só marcante e impactante e cujo contexto nos dava margens a espanto, tristeza e indignação. Como veremos, parte da imprensa até que tentou minimizar o impacto da derrota, mas não deixou de fazer dela objeto de especulações, críticas e culpabilizações.

No tempo de Leônidas, se consolida uma esperança no futuro futebolístico do Brasil. Havia ele, o Diamante Negro. Um ídolo que encantara a França e que mesmo sem ter nos trazido a taça de campeões nos dera provas concretas do potencial do brasileiro nos gramados. O terceiro lugar nos soou glorioso. E a dolorosa derrota para a Itália podia ser consolada com a certeza de que havíamos sido roubados pelo juiz. A imprensa esportiva da época e os torcedores puderam se apegar à figura de Leônidas e de uma seleção injustiçada, ou melhor, lesada em território francês.

Mas em 1950, não haverá heróis, somente vilões. E uma derrota que nos parecerá vergonhosa e injustificável. Depois de tanta celebração com as vitórias da seleção e com a iminente possibilidade de conquista da taça, a imprensa e os torcedores tiveram que lidar com a derrota. E desta vez não havia juiz para culpar.

## **1.2 Copa de 1950: a mãe das narrativas da derrota e dos vilões do futebol brasileiro**

Poucos sabem, poucos se lembram, até mesmo porque a imprensa na época não deu muita atenção ao fato. Mas no dia 24 de junho de 1950, Leônidas da Silva, acompanhado de

---

<sup>16</sup> Sérgio Monteiro Souto comenta que, no dia da final, as primeiras páginas de alguns dos principais jornais do país não foram dedicadas ao jogo Brasil X Uruguai. O *Correio da Manhã* “não dedicou uma linha sequer de sua primeira página ao jogo” (2000, 65). Já o *Jornal do Brasil* teve como manchete principal uma notícia referente à participação dos Estados Unidos na Guerra da Coreia.

Arthur Friedenreich, deu uma volta olímpica no Estádio do Maracanã. A Copa de 1950 ali se iniciava com o jogo Brasil X México sob a bênção de dois dos maiores nomes do futebol nacional da época.<sup>17</sup> Mas Leônidas da Silva não nutria muito otimismo. Em conversa com os jornalistas Geraldo Romualdo e Luis Mendes, o Diamante Negro sentenciou que o Brasil jamais seria campeão tendo Flávio Costa no comando (Ribeiro, 1999, 231).<sup>18</sup> Entretanto, aquela Copa estava cercada de expectativas positivas. E um dos motivos que alimentava nosso otimismo estava naquele estádio no qual Leônidas dera a volta olímpica, acenando para o público de 81.649 pessoas que o aplaudiram de pé. O Diamante Negro estava pisando no maior estádio do mundo, um motivo de orgulho e uma fonte de esperança no potencial brasileiro para grandes conquistas.<sup>19</sup>

A Copa de 1950 foi marcada por alguns episódios que entraram para a história do futebol mundial. Pela primeira vez, a Inglaterra enviava seu selecionado para disputar a competição que a FIFA promovia desde 1930. Entretanto, a estréia da seleção inglesa em Copas do Mundo, não poderia ser mais surpreendente e desastrosa. A derrota para os Estados Unidos deixou o mundo boquiaberto. Muitos ingleses ao leram as manchetes do dia seguinte achavam que se tratava de um erro de impressão dos jornais e que na verdade o placar seria de 10 X 1 (Nawrat, 1995, 77). Uma goleada inglesa seria o resultado mais lógico e natural, afinal a Inglaterra era o berço do futebol moderno, enquanto que os Estados Unidos não possuía tradição alguma nesse esporte. Mas o pior ainda estava por vir. Alguns dias depois, o malogro da seleção inglesa se tornou completo com a derrota para a Espanha e a precoce eliminação da Copa. Mas esse não foi o único episódio surpreendente dessa Copa.

O principal cenário desse evento, o grandioso estádio do Maracanã, também, causava espanto tanto dentro quanto fora do país. Espanto que aumentava toda vez que o Brasil ali atuava e atraía em média 100 mil espectadores que cantavam, gritavam e agitavam seus lenços brancos a cada gol da seleção. O número de torcedores, principalmente na final do campeonato, era surpreendente e sem dúvida foi extremamente importante para consolidar a imagem e a auto-imagem do Brasil como país do futebol. Uma multidão se espremia entre andaimes e ferros ainda à mostra de todos, pois, como afirmou o jornalista britânico Brian Glanville, o Maracanã e seus arredores pareciam um “imenso canteiro de obras” (1973, 52). Embora inacabada, aquela monumental estrutura esférica causava impacto, admiração e

---

<sup>17</sup> O jornalista Luis Mendes ainda se espanta com o fato de que nos jornais cariocas da época, pouca atenção tenha sido dada a essa homenagem que alguns dirigentes da CBD tentaram prestar a esses ídolos nacionais (Ribeiro, 1999, 231).

<sup>18</sup> Vários anos depois, Nilton Santos, em sua biografia, afirmou que um dos benefícios trazidos pela derrota de 1950 foi a queda de “um mito de uma etapa do futebol brasileiro: Flávio Costa” (1998, 1969). Nilton Santos foi reserva da seleção em 1950.

<sup>19</sup> Sobre esse tema, é indispensável o livro *O Rio corre para o Maracanã*, de Gisella de Araújo Moura, FGV, 1998.

medo, como o que foi sentido por Chico Buarque que, ainda menino, levou ao pé da letra a frase dita pelo locutor da rádio Bandeirantes, Edson Leite, logo após o gol do Brasil: “Quase que vai abaixo o Maracanã!!.”<sup>20</sup>

Entretanto, nenhum acontecimento foi capaz de suplantar a surpresa e a profunda desolação causada pela derrota da seleção brasileira para o Uruguai, derrota que lhe tirou a possibilidade de uma tarde gloriosa em que pela primeira vez conquistaria a taça Jules Rimet de campeã mundial. Para o brasileiro, o dia 16 de julho de 1950 entrou para a história pelas portas dos fundos, sem glórias ou heróis nacionais que pudessem ser lembrados e imortalizados. Os heróis de 1950 pertenciam a outras nações. Os Estados Unidos, por exemplo, tiveram o haitiano Joe Gaetjens, o autor do gol da vitória norte-americana contra a Inglaterra.<sup>21</sup> E os Uruguaios tinham a Celeste inteira para admirar e torná-la mítica com o passar do tempo.

Restava-nos um “ídolo às avessas” como bem denominou Mário Filho (1964, 335). Tratava-se do mulato Obdulio Varela capitão da Celeste e cuja capacidade de liderança foi para muitos, compreendida como o principal fator daquela vitória uruguaia. Obdulio gritava, gesticulava e o tempo inteiro segurava sua camisa, bradando “es la Celeste!”. Nada o intimidava ou pelo menos assim ele nos fazia crer. Mostrava-se impassível diante do coro de milhares de pessoas e nem mesmo o gol sofrido pelo Uruguai no início do segundo tempo foi suficiente para esfriar seu ânimo impetuoso. Sem se fazer de rogado Obdulio buscou no fundo das redes a bola chutada por Friaça, partindo na direção do bandeirinha Mr. Ellis para com o dedo em riste insultá-lo por não ter assinalado o impedimento do ataque brasileiro. Essa cena foi interpretada, mais tarde, como o mais claro exemplo da eficiente tática intimidatória empregada por Obdulio<sup>22</sup> e que à época foi elogiada e enaltecida, pois representava tudo aquilo que, segundo muitos, havia faltado aos jogadores brasileiros: empáfia e coragem. A

<sup>20</sup> Brasil X Uruguai é o jogo inesquecível de Chico Buarque e mais do que o próprio resultado da partida, foi o estádio do Maracanã que marcou sua memória. Seu gigantismo arquitetônico, seus sons e, principalmente, o silêncio que se fez após o gol de Giggia impressionaram o músico. Chico tem uma interpretação bastante curiosa e diferente a respeito do malogro brasileiro. Chico creditou a culpa da derrota ao Estádio do Maracanã que se calou quando a seleção mais precisava de seus “óoooo, úuuuu, hhhhhhhhhh” que ecoavam pelas arquibancadas e podiam ser ouvidos nas transmissões de rádio (2005, 45).

<sup>21</sup> Não há certeza sobre o fato, mas é provável que o herói da partida tenha sido assassinado na capital de sua terra natal, Porto Príncipe, em 1964. Seu nome, desde 1976, faz parte do Hall da Fama do Futebol nos Estados Unidos e sua proeza foi contada na produção cinematográfica americana intitulada “The Game of Their Lives” (traduzido para o português como “Duelo de Campeões”) de 2005. O filme foi transformado em peça de teatro.

<sup>22</sup> O próprio Obdulio confessou que o bate-boca mantido com o bandeirinha, após o gol do Brasil, foi muito útil para esfriar os ânimos dos jogadores brasileiros. No livro *Obdulio desde el alma* de Juan Pippo, o jogador declara: “¿La verdad? Yo había visto al juez de línea levantando la bandera. Claro, el hombre la bajó enseguida, no fuera que lo mataran... me insultaba el estadio entero. Obviamente por la demora del juego. Pero no tuve temor (...) ¡Si me banqué aquellas luchas en canchas sin alambrado, de matar o morir, me iba asustar allí, que tenía todas las garantías! Sabía lo que estaba haciendo (...) Ahí me di cuenta que si no enfriábamos el juego, si no lo aquietábamos, esa máquina de jugar al fútbol nos iba a demoler. Lo que hice fue demorar la reanudación del juego, nada más. Esos tigres nos comían si les servíamos el bocado muy rápido” (Pippo, 1993, 107).

imagem da altivez de Obdulio superdimensionava a figura de uma seleção brasileira de cabeça baixa, fraca e covarde que não soube valer-se da superioridade técnica e que conseguira o que parecia impossível: perder a Copa do Mundo em sua própria casa. Quase todo brasileiro queria que Obdulio tivesse nascido em terras nacionais para assim atuar em nossa equipe, acreditando que com sua presença em campo não teríamos perdido o campeonato.

Mas se não nos sobraram heróis sobre os quais falar, calar-se, por outro lado, não era possível. Já bastava o triste silêncio, após o apito final de Mr. Reader, “que se fez no estádio – o silêncio de duzentas mil pessoas – chegava a assustar” como desabafou Mário Filho (*JS*, 18/07/1950). Havia uma inquietante pergunta a ser respondida: “Por que o Brasil perdeu?”. Em nenhuma outra Copa, essa pergunta se fez tão urgente e insistente. Nas páginas do *Jornal dos Sports*, ao longo de vários dias, os jornalistas mais importantes do país buscavam explicações para o fracasso. Tomás Mazzoni, o *Olimpicus*, redigiu a coluna “Como perdemos o título...” (*JS*, 19/07/1950) e Geraldo Romualdo da Silva perguntava-se “Por que o Brasil perdeu a última batalha?” (*JS*, 22/07/1950). Mário Filho, mesmo sem fazer essa pergunta de maneira explícita, não cansou de tentar encontrar os motivos para a perda do título, uma tentativa bastante evidente na crônica “A hora da compreensão de uma derrota” (*JS*, 23/07/1950). Os torcedores também demonstraram inquietação. Cartas chegavam e eram publicadas por esse mesmo periódico, muitas indagando “Por que perdemos?” (*JS*, 29/07/1950).

Essa ânsia por explicações era compreensível, afinal pela 1ª vez a conquista do mais importante campeonato de futebol deixava de ser um sonho distante e se tornava algo não apenas possível, mas até mesmo quase certo. Em 1950, todos os ventos sopravam a nosso favor. Jogávamos em casa e com o apoio da torcida, uma “torcida monstro” como foi denominada por um anúncio da rádio Continental, estampada em alguns jornais. Além disso, a equipe brasileira estava bem preparada e ao longo dos dois anos anteriores conquistara alguns campeonatos importantes. A derrota sofrida contra o time uruguaio era inesperada, não apenas porque precisávamos de um simples empate, mas, também, porque a Celeste Olímpica fazia uma campanha modesta vencendo de modo apertado adversários que o Brasil tinha goleado.<sup>23</sup> Havia fortes motivos para acreditar que a taça do mundo seria nossa e, por isso, quando a derrota veio, tornou-se inevitável perguntarmos por suas causas.

---

<sup>23</sup> Não foi nada fácil organizar a Copa de 1950. Para começar, não foi possível contar com a participação da Argentina e da Alemanha, duas seleções importantíssimas na época. A Alemanha estava se recuperando da Segunda Guerra Mundial e, além disso, havia sido suspensa pela FIFA de torneios internacionais. A Argentina teve problemas internos sérios. Jogadores talentosos como Di Stefano foram contratados por times espanhóis e colombianos, os jogadores que ficaram em seu país

Por conta de um contexto ímpar que provocou essa vontade de desvendar os motivos do fracasso brasileiro em campo, é possível afirmar que a tragédia do Maracanã não é apenas a “mãe de todas as derrotas”, como se costuma dizer, mas, é também mãe de todas as narrativas da derrota, o que significa dizer que ela consolidou uma forma muito peculiar de se interpretar e narrar nossas desventuras em Copas do Mundo, adotado em grande escala, principalmente, pela imprensa esportiva nacional. Narrar uma derrota significa, antes de tudo, situá-la no tempo e no espaço, expondo e encadeando numa seqüência seus mais relevantes acontecimentos, seus mais importantes personagens, para desse modo tentar resgatar o sentido perdido devido ao caos instalado por ela mesma. E certamente, a derrota na Copa de 1950 pôs o futebol brasileiro de ponta cabeça, questionando muitas certezas e desarticulando o que antes era coeso. Que o digam os jogadores. Até os 33min30s do segundo tempo da partida final contra o Uruguai, os atletas da seleção gozavam de um grande prestígio junto à torcida brasileira, mas ao final da partida, transformaram-se na própria encarnação da covardia e da vergonha, passando a ser conhecidos como uma geração de perdedores.

Apesar do início titubeante, a seleção fez atuações memoráveis e faltando somente um único jogo para o fim do torneio ficara a apenas 1 ponto da conquista triunfal. Bastava-nos um empate, mas restando 11 minutos para terminar a partida, veio o gol de Ghiggia e a perda do título para os uruguaios. Tudo isso contribuiu para conferir à derrota da seleção um enorme poder destrutivo capaz de modificar o modo pelo qual costumávamos interpretá-la e narrá-la. A mudança de sentidos atribuídos à derrota da seleção em Copas do Mundo já podia ser percebida em um texto escrito por Tomás Mazzoni alguns dias após aquele fatídico domingo. Esse mesmo jornalista que em 38 saíra em defesa da seleção após a derrota para a Itália, não resistiu ao insucesso de 1950 e destilando amargura e desgosto desabafa:

Enfim este calvário do futebol brasileiro é duro. Numa final de campeonato olímpico ou mundial, nunca aconteceu o que sucedeu com o nosso quadro. O futebol dá de tudo – dirão – tudo que sucede por obra da sorte e da fatalidade (...) Mas desta vez, a ninguém pode dar paz ao coração o fato de perdemos a Taça do Mundo em nossa casa, quando já tínhamos chegado

---

reivindicaram muito dinheiro para jogarem a Copa e entraram em greve (Prado, 1998, 73), tornando impossível a montagem de um time. Mas outras seleções tradicionais também não vieram disputar o torneio. Hungria, Tchecoslováquia e Polônia, ainda sob efeito da Segunda Guerra, não aceitaram o convite da FIFA. Já a Itália, que na época era a bicampeã mundial, enviou seu selecionado extremamente desfalcado por causa da tragédia ocorrida com o avião que transportava a equipe do Torino, base da seleção italiana. Além disso, houve casos de desistência mesmo após as eliminatórias. A França, quase em cima da hora, desistiu de participar da competição. A Índia também, pois se negou a obedecer a proibição de se jogar descalço, imposta pela FIFA (Murray, 2000, 123). Restaram somente treze equipes divididas em quatro grupos: 1. Brasil, Iugoslávia, Suíça e México; 2. Inglaterra, Espanha, Chile e EUA; 3. Itália, Suécia e Paraguai; 4. Uruguai e Bolívia. Como se pode perceber, os grupos foram divididos de modo desproporcional e isso se explica, pois se manteve a divisão dos grupos, feita antes das desistências. Quatro equipes iriam para a segunda fase e se enfrentariam, ganhando a Taça quem obtivesse o maior número de pontos. Ao final da Copa, havia entre Brasil e Uruguai a diferença de apenas um ponto, o que dava o direito de o Brasil empatar o jogo. A campanha da seleção, nessa segunda fase, foi bastante superior à uruguia. Havíamos vencido a Espanha por 6 X 1 e a Suécia por 7 X 1, enquanto o Uruguai jogando com essas mesmas equipes, empatou em 2X2 com a primeira e venceu a segunda por 3X2. Apesar da campanha modesta, o Uruguai ainda era um país com forte tradição no futebol, afinal tinha em seu currículo a conquista do bicampeonato olímpico (1924-1928), assim como a da primeira Copa realizada pela FIFA, em 1930.

são e salvos e embalados para a suprema conquista. Pobre torcida, que perversidade a sorte lhe reservou (*JS*, 20/07/1950).

Nem mesmo a sorte foi capaz de dar consolo e alívio suficiente para amenizar toda decepção e tristeza sentida pela perda do campeonato. Se até então os resultados negativos em Copas do Mundo eram bem tolerados, o mesmo não ocorreria daquele desastroso 16 de julho em diante. Se em 1938, o 3º lugar foi comemorado, agora o vice-campeonato mundial se afigurava pior que o último lugar. Embora parte da imprensa tivesse tentado amenizar o impacto da derrota, enfatizando que, mesmo perdendo, o futebol brasileiro nos dava motivos para admirá-lo, as críticas, as buscas por explicações e as culpabilizações deram a tônica das interpretações desse fracasso. Mais à frente será mostrado que Barbosa e Bigode foram explicitamente culpabilizados pelo revés brasileiro. De 1950 em diante, nossa convivência com a derrota não será mais a mesma (MUDAR)

É claro que podíamos nos acostumar novamente com os fracassos caso eles continuassem. Entretanto, os dois campeonatos mundiais consecutivos de 1958 e 1962 transformaram em certeza aquilo que era apenas uma forte expectativa. E consolidou nossa aversão à derrota. Em 1958, por exemplo, no jornal *O Globo* publicou uma propaganda do Guaraná Antártica cujo slogan mais parecia um desabafo: “Vice agora são os outros!” (17/06/1958). Em 1962 nosso ego foi às alturas. Como afirmou Mário Filho em seu livro *Copa do Mundo, 62*, totalmente dedicado a essa conquista: “como era bom ser brasileiro” (1962, 335). Ficamos mal acostumados e vencer em Copas do Mundo tornou-se obrigatório para a seleção e nossos títulos posteriores só reforçaram essa necessidade:

uma vez consumada a demonstração de habilidade e força dada em Estocolmo e Santiago, aquela amarga e doentia auto-insuficiência foi substituída por uma espécie de estado de superexcitação, uma confiança quase irresponsável. Éramos os melhores do mundo e haveríamos de ser os melhores. Até o fim do mundo” (Silva,, 1968, 69).

O trauma de 50 somado a uma vitoriosa seqüência alterou significativamente nossa sensibilidade em relação às derrotas da seleção, nos tornando avessos a esse tipo de fracasso e intolerantes ao erro de nossos jogadores dentro das quatro linhas de campo (TROCAR) Até 1938 era possível recorrer a elementos externos que justificassem nossas derrotas. De 1930 a 1934 a falta de estabilidade e organização administrativa e o parco incentivo financeiro destinado às delegações, justificavam as pírias campanhas dessas duas Copas.<sup>24</sup> Em 1938, como vimos, a ausência de Leônidas e uma possível manipulação de resultado tornavam possível que nos enxergássemos como vítimas de um agente externo contra o qual não havia

<sup>24</sup> As Copas de 1930 e 1934 foram marcadas pela instabilidade administrativa do futebol nacional. No primeiro caso, um desentendimento entre a recém-criada CBD e a APEA (Associação Paulista de Esportes Atléticos) impediu que seleção pudesse contar com os principais jogadores de São Paulo, entre eles os ídolos Friedenreich e Feitiço. Em 1934, mais uma rixa entre São Paulo e a CBD também fez com que a Seleção seguisse desfalcada de jogadores importantes (Heizer, 2001, 38-47).

sido possível lutar. Até essa Copa, as derrotas da seleção pertenciam a um contexto que as tornava passíveis de serem interpretadas como algo que ultrapassava a responsabilidade dos jogadores. Mas de 50 em diante, como ficará claro, a impressão é de que a seleção perde sempre para si mesma, para seus próprios erros, para suas próprias fraquezas, sejam físicas ou emocionais.

Esse tipo de interpretação encontra o terreno ideal para ser geminada a partir da derrota para os uruguaios que tinha toda a aparência de algo injustificável. Os melhores jogadores estavam em campo; a arbitragem correu sem maiores problemas; nossa campanha havia sido muito superior à uruguaia; a FIFA nos apoiava, tanto que seu Presidente, Jules Rimet, comparecera ao jogo; e, além disso, 200 mil pessoas se amontoavam no Maracanã para prestigiar a seleção. Não havia desculpas. A derrota se tornara intolerável. Essa intolerância surge, pois a conjuntura do Maracanazo<sup>25</sup> lança uma desconfiança que no final da década de 50 seria “confirmada”: o mal estava entre nós mesmos. Afinal, se contávamos com o apoio do Estado, da imprensa, assim como da torcida e se nosso desempenho em campo se mostrava superior ao do adversário não havia motivos para perdemos para um Uruguai que quase chegou à última partida sem chance alguma de lutar pelo título.<sup>26</sup> Havíamos perdido para nós mesmos e as conquistas futuras, apenas reforçarão essa hipótese ao nos dar a certeza acerca de nossa excelência dentro do futebol. Lançar a responsabilidade sobre nossos próprios jogadores se transformará em uma das principais chaves de leitura dos fracassos da seleção. Trata-se portanto de um terreno fértil para a consolidação da figura do vilão da derrota.

Pois 1950, por si só não bastaria para alterar completamente nossa forma de convivência com a derrota. Sendo assim, a tragédia do Maracanã traçou o esboço e as glórias acimentaram a estrutura das narrativas da derrota que até hoje podem ser percebidas desde uma conversa informal, mas, principalmente, na mídia esportiva do país. Essa estrutura tem como mote principal uma simples pergunta: “porque o Brasil perdeu?”<sup>27</sup> É possível ver esse questionamento repetir-se nos jornais que vão para as bancas nos dias seguintes à derrota. Em relação à seleção, esse questionamento não tinha nada de novo. Ele já era perceptível, por

---

<sup>25</sup> É essa denominação que costuma ser usada pelos uruguaios para se referir à vitória de sua seleção sobre o Brasil.

<sup>26</sup> Brasil X Uruguai não deve ser considerado exatamente como a final da Copa do Mundo de 1950. Pela primeira e única vez, foi adotado um tipo de disputa em que quatro seleções seriam classificadas para a parte final da competição. Os quatro jogariam todos um contra o outro e se sagraria campeão aquele que obtivesse o maior número de pontos. Por incrível que possa parecer aquele Brasil X Uruguai calhou de ser a última partida dessa fase decisiva. Os jornais da época chegaram a especular que a ordem dos jogos da seleção seria “Brasil X Suécia; Brasil X Uruguai; Brasil X Espanha” (Perdigão, 1986, 58). Mas quis o destino que enfrentássemos os orientais. Os uruguaios, por sua vez, graças a uma vitória arrancada nos últimos minutos contra a Suécia (3X2) é que puderam enfrentar o Brasil com apenas um ponto de desvantagem. Caso o Uruguai tivesse empatado com a Suécia, jogaria com o Brasil sem chance de obter o título.

<sup>27</sup> É interessante perceber que há uma variação para essa pergunta: “por que o Brasil perdeu a Copa do Mundo?” que se faz até mesmo quando o Brasil é eliminado nas fases iniciais dessa competição.

exemplo, em 1938. Entretanto, é a derrota de 1950 que não apenas torna essa pergunta sistemática e insistente, mas que principalmente reformula as respostas dadas à mesma, graças a um contexto que fomentará novas formas de se conceber e interpretar as derrotas da seleção em Copas do Mundo. É na quarta edição desse evento que a possibilidade ou mesmo a certeza da vitória fazem com que a derrota ganhe contornos de um evento excepcional e seja capaz de estremecer um país que, por sua vez, já tinha no futebol um dos elementos basilares de sua construção identitária.

Em outras palavras, nós perdemos a paciência com as derrotas. O insucesso da seleção passou a ser compreendido como sinônimo de vergonha, sendo constantemente associado a alguma fraqueza ou falha cuja responsabilidade é sempre nossa. A partir de 1950, as derrotas serão investidas de um imenso poder desagregador e narrá-las quase sempre implicará em trazer à tona uma série de aspectos conflituosos como, por exemplo, brigas internas, desordem administrativa, incompetência técnica ou tática etc. Mário Filho, por exemplo, não deixou de notar essa mudança. Segundo Fátima Antunes, o jornalista carioca acreditava que em 1938, embora tivesse apresentado um belo futebol, o Brasil ainda “não se considerava o melhor do mundo; reconhecia que o caminho rumo à maturidade esportiva ainda era longo. Ao passo que em 1950, o Brasil já conquistara maior destaque internacional, sediava a Copa do Mundo e fazia excelentes exhibições (Antunes, 2004, 172). Os efeitos da derrota, portanto, passaram a ser mais intensos, o que será reforçado principalmente quando tivermos motivos concretos para nos sentirmos os melhores do mundo.

Essa mudança é perceptível se, por exemplo, analisarmos a recepção da derrota de 1966, quando já havíamos conquistado o bi-campeonato mundial. Nelson Rodrigues chegou a afirmar que a derrota para Portugal, que eliminara o Brasil da competição, teria sido pior que a de 1950, “pior e mais amarga e mais tudo, porque perdemos o tricampeonato. Era um título inédito” (*JS*, 21/07/1966). Notícias acerca da revolta da torcida eram alardeadas pelos principais periódicos do país. O *Diário de Minas*, por exemplo, estampou a manchete: “Jogadores Brasileiros descem do galeão com proteção do SNI” (28/07/1966). João Saldanha, por sua vez, em crônica publicada no jornal *Última Hora*, demonstrou muita indignação e fez questão de chamar a comissão técnica de “cega, estúpida e irresponsável” (2006, 62).

Em 1970 veio o tricampeonato e a consagração definitiva do futebol brasileiro no cenário mundial. Os ecos dessa conquista no imaginário futebolístico consolidaram nosso repúdio ao fracasso: seleção tricampeã, praticante do futebol-arte, um celeiro de craques e que deu ao mundo o Rei Pelé etc. Tratava-se de um perfil vitorioso e incompatível com o fracasso. Por isso, as derrotas futuras continuarão a ser recebidas com a intrigante pergunta “por que o

Brasil perdeu?”. Em 1966, o importante jornalista Geraldo Romualdo da Silva fez uma extensa análise da eliminação do Brasil em uma crônica intitulada “Por que o Brasil perdeu a Copa do Mundo?”, na qual enumerava uma série de erros cometidos por jogadores, comissão e pela própria CBD (*JS*, 27/07/1966). Em 1978, o *Jornal da Tarde* lançava a questão “Por que perdermos a Copa”, que ocupava página inteira, tendo o técnico argentino Luis Menotti para respondê-la (24/06/1978). Em 1986, o *Jornal dos Sports* reuniu alguns jornalistas, técnicos e ex-jogadores numa espécie de mesa-redonda intitulada “Por que o Brasil perdeu a Copa?”, cujo conteúdo foi publicado de 27/06/1986 a 29/06/1986. Em 1998, na edição do dia seguinte à derrota para a França, a primeira página do diário *Lance* dizia: “Por que?”.

É o mundo de ponta cabeça no qual aquilo que parecia certo se mostra errado e em que o herói pode se transformar naquele que será o principal personagem desse novo modo de narrar a derrota: o vilão. Afinal, “porque o Brasil perdeu?” é o questionamento que motivará uma série de especulações e, principalmente, uma verdadeira caça aos culpados pela derrota.

### 1.3 Hermenêutica da derrota

Paulo Perdigão autor do livro *Anatomia de uma derrota*, totalmente dedicado ao jogo Brasil X Uruguai, afirmou que “a derrota transformou um fato normal em uma narrativa excepcional” (1986, 36). Sem dúvida, Perdigão está correto. Entretanto, penso que a derrota por si só tem um poder de repercussão um tanto quanto limitado, pois embora ela, de fato, seja um momento de difícil aceitação e assimilação, é preciso reconhecer a importância da ação de certos mecanismos amplificadores dos sentidos atribuídos aos jogos que podem intensificar o impacto do fracasso. Há partidas que são de tal forma revestidas de significados que se torna difícil repetir aquela conhecida frase: “é apenas um jogo”. Em 1950, por exemplo, tínhamos em campo mais do que um simples time de futebol. Tínhamos uma seleção cujo estilo de jogo era enaltecido, e que já na época caminhava para se configurar como a metonímia da própria nação. O palco da partida era o Maracanã, o “colosso do Derby”, construído em menos de dois anos e capaz de abrigar 10% da população carioca da época. Havia um amplo investimento simbólico em torno do selecionado nacional e especificamente em torno daquele jogo e, por isso, a derrota para o Uruguai teve seu peso mais do que dobrado. Esse investimento não cessa nas Copas posteriores, mas, ao contrário, com a conquista dos campeonatos de 58, 62 e 70, o torneio realizado pela FIFA se consolida como um importante momento ritualístico de construção da identidade nacional. Por sua vez,

a seleção brasileira se firma como metonímia do país, passando a ser compreendida como uma entidade capaz de comportar uma série de valores e atributos considerados como próprios do brasileiro. Essa mesma seleção, como foi visto, passa a comportar uma aura vitoriosa e diferenciada e sua superioridade é algo do qual aprendemos a ter certeza. Tanta sobrecarga de significados, em parte, explica os motivos pelos quais, tanto uma vitória quanto uma derrota podem ganhar tamanha força de repercussão. Quanto maiores são as expectativas, maiores podem ser as decepções.

Pois, se é certo que perder é a parte menos agradável do jogo, também é correto afirmar que a derrota pode adquirir um sabor insuportavelmente amargo e até mesmo se converter numa tragédia como a de 50, dependendo dos significados com os quais recobrimos o jogo e os jogadores. Afinal, nem todas as partidas de futebol são iguais, mas podem diferenciar-se tanto na prática quanto na fruição, dependendo das circunstâncias nas quais elas são desenvolvidas. Uma pelada de final de semana, certamente, provoca gritarias, nervosismo e ansiedade no público que a assiste, mas a repercussão desses sentimentos é pequena e geralmente se restringe ao tempo do jogo. Uma derrota causará chateação, incitará pequenas rixas e alimentará muita jocosidade entre os peladeiros, mas nada que não se cure com um churrasco de confraternização após a partida. Contudo em jogos como os que ocorrem em competições espetacularizadas, como as Copas do Mundo, a repercussão tanto de uma derrota quanto de uma vitória pode ultrapassar os limites temporal e físico em que a partida é realizada. A estrutura concreta e simbólica desse tipo de jogo é bem mais complexa e envolve a interação de diferentes elementos através dos quais é possível produzir e pôr em circulação uma gama de significados e emoções. Uma estrutura da qual participam jogadores profissionais, torcedores aficionados, clubes com estrutura administrativa estável e profissionais especializados como comentaristas, locutores e jornalistas (Damo, 2006, 45). A interação desses papéis com atuação reconhecida e legitimada viabiliza a geração e amplificação dos sentidos que gravitam pelo universo futebolístico e fazem com que uma partida de futebol possa ser supercarregada de significados. Esse mecanismo de atribuição de sentidos evidencia a potencialidade que os jogos possuem para comportar aquela “função significante” que Huizinga ressaltou em seu *Homo Ludens* (1980, 25). Essa função nos permite compreender o jogo como um objeto cultural capaz de incorporar uma gama de representações derivadas dos diferentes contextos nos quais ele é praticado. E no caso do futebol brasileiro, um vasto imaginário está na base das interpretações que lançamos na direção das partidas, que por sua vez resultarão nos relatos futebolísticos.

Há uma dupla articulação no universo futebolístico e esse aspecto fica evidenciado nos relatos derivados das derrotas. Os gols sofridos, um mau desempenho de jogadores ou um esquema tático insuficiente são dados concretos que podem provocar a derrota de um time, mas as avaliações lançadas sobre esses dados são em grande parte alicerçadas em um terreno simbólico permeado de representações. Se assim não o fosse, as narrativas da derrota se restringiriam a meramente descrever de maneira objetiva as causas de um insucesso em campo. Entretanto, o que se vê é o contrário. As derrotas são narradas em relatos que distinguem e ordenam os eventos, articulando materiais simbólicos de natureza diversa. Por conta disso, a objetividade se vê comprometida já que os acontecimentos não são apenas expostos, mas avaliados e julgados segundo critérios judicativos que ultrapassam a esfera técnica do jogo. Um gol perdido, a falha de algum jogador, a má escalação da equipe e tantos outros problemas não bastam por si só para explicarem uma derrota. A impressão que as narrativas da derrota nos dá é a de que por trás dos lances de uma partida existe sempre um conjunto de razões de outra ordem que estão escondidos e precisam ser revelados.

É possível falar que existe um esforço hermenêutico lançado na direção dos jogos e é desse esforço que as narrativas futebolísticas – principalmente as da derrota<sup>28</sup> – são derivadas. Uma hermenêutica, entretanto, bastante devedora do resultado das partidas. Afinal, imaginemos, por exemplo, que Barbosa tivesse sofrido aquele gol de Ghiggia, mas que faltando poucos minutos, Ademir, o nosso artilheiro Queixada, conseguisse empatar o jogo e, com isso, nos sagrássemos campeões mundiais. Que tipo de interpretação faríamos da atuação da seleção brasileira e conseqüentemente que tipo de história derivaríamos da leitura dessa partida? Provavelmente, a história de onze corajosos e talentosos jogadores responsáveis por terem levado o nome do Brasil às alturas. Certamente teríamos esquecido o lance de Barbosa e não tomaríamos esse goleiro como a mais acabada encarnação do fracasso. Entretanto, nosso destino foi outro. E a derrota naquelas circunstâncias converteu-se em uma poderosa lente que filtra as interpretações do jogo. Uma lente que é cega para os acertos e que amplia e engendra erros de dentro e de fora de campo. A Copa de 1950, com toda expectativa e sobrecarga de significados, foi extremamente importante por ter sido nela que um repertório de representações se consolida como basilares para aquilo que poderíamos chamar de

---

<sup>28</sup> A vitória é, antes de tudo, celebrada, o que muitas vezes tornam desnecessárias suas explicações e justificativas. Há pouca coisa a ser revelada quando o resultado final nos é favorável, já que as vitórias são quase sempre tomadas como auto-evidentes, pois apenas comprovam uma superioridade da qual já tínhamos conhecimento. Não é à toa que o cartaz com os dizeres “eu já sabia” é constantemente utilizado em estádios por torcedores que os ostentam sobre seus ombros, em caso de vitória de seus times.

“hermenêutica da derrota”. Por esse termo compreendo a busca pela interpretação dos sentidos ocultos de uma derrota, empreendida, principalmente, pela mídia esportiva.

No caso específico das derrotas da seleção em Copas do Mundo é perceptível como a sensibilidade que manifestamos em relação às mesmas foi modificada ao longo do tempo. Em outras palavras, no que diz respeito à participação do Brasil em Copas do Mundo, as derrotas somente conseguem ganhar aquela força apontada por Paulo Perdigão por conta de um contexto que permitirá que a enxerguemos com impaciência e intolerância. Nesse contexto, é preciso ressaltar a ação de um forte e eficiente aparato discursivo capaz de fazer com que uma partida de futebol deixe de ser “apenas um jogo”. Desse modo, uma derrota pode ter seu tamanho amplificado e, no caso brasileiro, esse superdimensionamento transformou o fracasso dentro das quatro linhas em um poderoso filtro das interpretações lançadas sobre o desempenho da seleção. Ao ser supervalorizada e tomada como evento extraordinário, as derrotas passam a ser objeto de investigação, interpretação e de uma intensa especulação dos fatores responsáveis pelas mesmas.

Na Copa de 50, a imprensa esportiva teve um papel importantíssimo na amplificação dos sentidos atribuídos aquele Brasil X Uruguai. Antes da derrota, os jornais desfilavam as fotos dos jogadores da seleção e não economizavam em elogios aos onze que estavam honrando a nação brasileira. Incentivo ao torcedor também não faltava, por isso, pedia-se que os mesmos não deixassem de torcer a favor do selecionado como prova de patriotismo. A Rádio Continental, por exemplo, no dia do jogo contra os uruguaios instruiu o público a se comportar no estádio de modo a “participar da enorme torcida cívica” (*apud* Moura, 1998, 114), cantando o Hino Nacional e dando apoio irrestrito ao selecionado. “Viva o Brasil – campeão do mundo” dizia uma propaganda dessa mesma rádio estampada em uma página inteira do *Jornal dos Sports* que circulou no dia da decisão. A partida do dia 16 se afigurava como o momento inigualável da história de um país que por intermédio do futebol poderia se mostrar vencedor e capaz de grandes realizações. Mais que isso, nas páginas da imprensa esportiva criou-se um clima de grande otimismo e até mesmo de certeza da vitória diante dos orientais. Ler todo esse discurso e não se ver envolvido por tamanho clima de excitação era praticamente impossível. Até mesmo porque em campo vínhamos fazendo uma bela Copa do Mundo.

Os próprios uruguaios se viram afetados pela atmosfera de entusiasmo que tomava conta do Rio de Janeiro. Ao ler a manchete de véspera “Estes são os campeões do mundo” estampada no jornal *O Mundo* (*apud* Perdigão, 1986, 68), Obdulio Varela, sentindo-se ofendido e menosprezado, comprou alguns exemplares desse jornal, espalhou-os pelo

vestiário, pediu aos seus companheiros que urinassem em cima daquela manchete e jurassem que fariam de tudo para vencer o Brasil. Ninguém sabe ao certo se esse episódio ocorreu. É provável que se trate de mais uma lenda que cerca o jogo entre Brasil X Uruguai. Mas uma lenda que emblematisa o tipo de tratamento dado pela imprensa a esse jogo e as expectativas criadas em torno da vitória do selecionado. A manchete de fato foi publicada e é totalmente possível que “el negro jefe”<sup>29</sup> não tenha gostado nada de lê-la e a tenha usado como arma contra nós mesmos.

E hoje em dia é muito comum vermos a utilização da tática de Obdulio. Recorrer a tudo que se fala antes de uma partida se transformou em um indispensável ingrediente motivacional a ser somado ao desempenho atlético. E muitos jogadores não resistem e desabafam, após a partida, o quanto críticas ou provocação serviram de estímulo para uma boa atuação em campo. A conquista da Copa América, em 2007, foi comemorada por muitos jogadores que fizeram uso da vitória sobre a Argentina para “calar” todos que teriam subestimado a seleção. O meia Júlio Baptista chegou a declarar: “As pessoas ficaram menosprezando o Brasil, dizendo que tínhamos um time inferior, e isso deu força para a gente” (*Folha de São Paulo*, 16/07/2007). O técnico Dunga, por sua vez, foi um pouco mais sarcástico e dedicou a Copa América às crianças, pois elas possuem “alma pura. As crianças da África, de Angola, do Afeganistão, de Israel. Elas têm alma pura, são felizes, não têm inveja” (*Folha de São Paulo*, 16/07/2007).<sup>30</sup>

Pois não é apenas do corpo que vive o futebol, mas também de palavras. Atualmente, não só palavras, mas sons e muitas imagens. Se em 1950, mesmo com poucos recursos tecnológicos e sem uma maciça cobertura da imprensa<sup>31</sup>, já eram grandes os efeitos provocados pelas expectativas fomentadas em jornais e rádios, o que dizer de hoje em dia. Mais do que nunca, a intervenção da imprensa esportiva é imprescindível para pôr fogo nas emoções compartilhadas. A rivalidade, as provocações, as entrevistas com os principais craques dos times, tornaram-se ingredientes indispensáveis para que muitos jogos sejam recobertos por uma aura quase que encantada e até mesmo sagrada para muitos torcedores e

<sup>29</sup> Assim seus companheiros de time costumavam chamá-lo.

<sup>30</sup> É inevitável lembrarmos da famosa frase “vocês vão ter que me engolir” dita por Zagallo após a seleção ter conquistado a Copa América em 1997. O, então, técnico da seleção, deixava claro sua extrema irritação com os comentários que circulavam na imprensa e que colocavam em questão seu trabalho na seleção.

<sup>31</sup> A atenção dada pela imprensa à Copa de 1950 foi incomparavelmente menor daquela que se pode observar contemporaneamente. Para se ter uma idéia, no dia do jogo Brasil X Uruguai, a primeira página de um dos principais jornais do país, *O Correio da Manhã*, não fez menção a essa partida. A primeira página do *Jornal do Brasil* também não dedicou atenção ao jogo final da Copa de 1950 (Souto, 2000, 65). Isso seria inimaginável nos tempos atuais. Para compreender esse fenômeno é necessário lembrar que na época, a seleção ainda não comportava a simbologia que o tempo e as conquistas de campeonatos mundiais vão lhe conferir. Por sua vez, as Copas do Mundo estavam um pouco longe de ter a repercussão que possuem na atualidade, tanto no Brasil quanto no exterior. A FIFA, por exemplo, contava com apenas 72 países afiliados – hoje são 208! – dos quais apenas 32 se inscreveram para as eliminatórias.

jogadores, aumentando o envolvimento dos mesmos com determinados jogos. Uma simples partida pode se converter em um espetáculo. Pena que, muitas vezes, são os nossos adversários que brilham no palco.

Foi o que se viu em 50 e em toda Copa corremos esse risco. É verdade que quando tudo dá certo o sabor da vitória pode se tornar delicioso, mas quando se perde... Nesse caso, a pergunta “Por que o Brasil perdeu?” ecoará a cada esquina e as palavras culpa e responsabilidade será repetida massivamente nos principais meios de comunicação: “Garrincha acusa comissão técnica pelo fracasso nos jogos da Copa (*Diário de Minas*, 26/07/1966); “Galera culpa Sócrates e Zico pelo fracasso” (*JS*, 23/06/1986); “Gérson: Telê é o culpado” (*JS*, 27/06/1986); Alemão culpa o azar; Müller e Casagrande acusam Telê” (*Folha de São Paulo*, 22/06/1986); “Lazaroni culpa Müller e Careca” (*JS*, 26/06/1990); “Lazaroni é o grande culpado pela derrota do Brasil” (*JS*, 25/06/1990). “Zagallo recua e assume responsabilidade” (*Folha de São Paulo*, 16/07/1998). Os vilões eleitos, por sua vez, terão que justificar seus erros, assim como suportar ver seus nomes na boca do povo, sendo xingados e escorraçados.

Por conta disso, é possível dizer que as narrativas da derrota seguem o modelo das narrativas da redundância no sentido usado por Umberto Eco (1998) para se referir a grande parte das produções feitas para o entretenimento do grande público na cultura contemporânea. As narrativas da derrota produzidas por grande parte da mídia esportiva costumam ser marcadas pela previsibilidade e repetição de um determinado esquema que a partir da pergunta “por que o Brasil perdeu?” traz à cena sempre os mesmos personagens, as mesmas situações e explicações. Claro que cabem algumas atualizações, mas a estrutura básica se mantém há mais de 50 anos, desde o Maracanazo: a derrota tomada como sinal de que nos faltou algo; investigação dos motivos que estão por trás do fracasso em campo; revelação dos problemas internos como brigas, excesso de confiança ou algo parecido; procura pelos culpados da derrota que geralmente são técnicos, zagueiros ou goleiros; esquadramento dos problemas externos ao campo relativos à organização do futebol nacional em sua totalidade; atribuição de sentido moral às possíveis falhas dos jogadores e à atuação da seleção em conjunto; atribuição de sentido pedagógico à derrota, ao compreendê-la como uma lição que deve ser aprendida.

Freqüentemente as derrotas são interpretadas como uma lição. Seja contra a arrogância, contra a desorganização ou mesmo incompetência de treinadores e jogadores, o fracasso sempre nos ensina algo. Em 1950, Mário Filho, por exemplo, escreveu uma crônica intitulada “A lição da derrota no melhor momento do futebol brasileiro”, na qual dizia que a

lição daquela derrota era a de que “Num único *match* qualquer time pode derrotar qualquer time” (23/07/1950). Em 1974, após a eliminação da Copa, o técnico Zagallo declarou que “o importante é aprender esta lição” (*O Globo*, 6/07/1974).<sup>32</sup> Pelé, em 2006, sentenciou: “Que a derrota sirva de exemplo” (*O Globo*, 03/07/2006). E segundo grande parte da imprensa esportiva, é contra a prepotência e o favoritismo que as derrotas costumam nos dar algum ensinamento. E aí mais uma vez surge a sombra da mãe das narrativas da derrota. A perda do título mundial de 1950 foi atribuída, por parte da imprensa, ao excesso de favoritismo que cercava os jogadores da seleção.

O clima de “já ganhou” se converterá em um temido adversário a ser combatido. A participação da seleção na Copa da Alemanha, por exemplo, foi cercada de preocupações quanto ao clima de excessivo otimismo que rodeava os jogadores. Em entrevista, Pelé invocou o episódio de 1950 e afirmou: “Fico preocupado, porque todas as vezes em que um time chega muito favorito para ganhar o Mundial, ele acaba perdendo. Foi o que aconteceu com o Brasil na Copa de 1950”<sup>33</sup>. Em 1998, nosso segundo vice-campeonato, José Trajano comentou: “nós comemoramos antes, igual a Copa de 50” (*Lance*, 13/07/2006). E assim como no Maracanazo, com a perda do campeonato, não foram poupadas críticas à prepotência da seleção. Pena que a imprensa quase sempre se esqueça de mencionar que muito desse clima de favoritismo é criado e fomentado por ela mesma.

Entretanto, muitos de nós, leitores e torcedores, adoramos ser seduzidos por toda essa euforia, por isso corremos para banca mais próxima em busca de um periódico esportivo ou colamos o ouvido no radinho, mesmo quando estamos no estádio assistindo o jogo. Entre os espectadores-torcedores e uma partida há, quase sempre, uma voz que se ouve no rádio, uma palavra que se lê no jornal e uma imagem que se vê na TV. Nossa interação com o futebol é bastante mediada pela imprensa. Mas a imprensa e o espetáculo futebolístico por sua vez, também, são muito perpassados e constituídos por uma gama de discursos que os rodeiam. Nesse sentido, “mídia, público, ídolos, fãs, indivíduos anônimos e celebridades, artista e audiência (...) coexistem dentro de um universo integrado onde uma parte não faz sentido sem a outra” (Helal, 2001, 151). Por conta disso, os recursos ativados pela imprensa esportiva na construção de algumas matérias formam um interessante material de análise, pois são construídos em diálogo com um repertório de representações presentes no imaginário nacional. As apropriações que são feitas tanto da vitória quanto da derrota incorporam uma

---

<sup>32</sup> O técnico Zagallo aliás tem um livro sugestivamente intitulado *As lições da Copa*, no qual narra sua experiência como técnico da seleção de 1970.

<sup>33</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/folha/esporte/ult92u95211.shtml>

série de temas que não dizem respeito apenas ao futebol, mas que se manifestam por intermédio dele.

Muitas vezes, essa incorporação se dá de modo bastante explícito, principalmente quando se tenta enxergar na atuação da seleção um índice das qualidades ou das fraquezas do brasileiro. A homologia entre nação e seleção marcou a hermenêutica das derrotas de 1950 e 1954. No primeiro caso, a perda do jogo contra os uruguaios foi alvo de muitas interpretações que buscavam compreender esse resultado como diagnóstico de um mal que assolava o Brasil e sua população. A derrota de 50 acendeu uma discussão acerca da natural inferioridade da raça brasileira, já que nela estariam os motivos que nos faziam titubear em momentos decisivos. É conhecida a hipótese de Simoni Lahud Guedes acerca das conseqüências da vitória dos Uruguaios sobre a interpretação que o país fazia de si mesmo. Segundo a antropóloga esse acontecimento teria reacendido questões relativas à deficiência da raça brasileira (cf Guedes, 1977). De fato uma desconfiança quanto ao destino do Brasil se instalou em alguns jornalistas e cronistas da época. José Lins do Rego foi enfático em seu desabafo: “E de repente, chegou-me a decepção maior, a idéia fixa que se grudou na minha cabeça, a idéia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinha do destino” (*JS*, 18/07/1950).

Em 1954, a má campanha da seleção na Copa, também, foi recebida como um sinal de que o Brasil ainda era uma nação cujo perfil se desenhava sombrio e marcado pelo fracasso. Mais uma vez, se fez menção a uma possível deficiência própria do brasileiro e que novamente estaria relacionada a alguma fraqueza de ordem racial e moral. Foi essa a interpretação exposta no jornal *O Estado de São Paulo* do dia 6/07/1954, em uma matéria que fazia referência à derrota do Brasil para a seleção Húngara:

Mas a mesma franqueza que nos leva a reconhecer o empenho de cada um dos nossos jogadores naquele embate, convence-nos de que alguma coisa faltou, alguma coisa que, em forma de desequilíbrio dos nervos, não lhes permitia aliar ao seu desejo de vitória uma atuação firme, eficiente e produtiva.

Confessamos não poder fixar aqui, para não avançarmos em terreno estranho e perigoso, as causas talvez raciais, talvez morais, talvez sentimentais que possam ter influído para tal estado de coisas (*apud*, Muylaert, 1994, 90).

O aspecto emocional foi, do mesmo modo, destacado por João Lyra Filho em seu livro *A taça do mundo de 1954*. Segundo o autor a falta de domínio emocional teria sido o fator determinante para a derrota do selecionado brasileiro, defeito que não estaria circunscrito ao âmbito do futebol, pois “o sistema nervoso que trabalhou aqueles momentos inaugurais do jogo, denunciado no estado de ânimo dos nossos rapazes, não é privativo dos jogadores brasileiros de futebol; é comum à maior parte do povo brasileiro” (1954, 55). As considerações, em relação às duas campanhas negativas, levantam suspeitas quanto a

problemas que ultrapassam de longe o terreno esportivo. Tanto em 1950 quanto em 1954 opera-se a passagem da análise de uma derrota no terreno futebolístico para a análise do povo brasileiro como um todo (Guedes, 1998, 21).

Porém, as vitórias de 58 e 62 enfraquecem bastante esse tipo de transposição. As derrotas continuarão a ser compreendidas como sinal de uma falha de ordem física e, principalmente, moral, mas tais faltas deixam de ser compreendidas como consequência de uma característica negativa restrita ao povo brasileiro. Um bom exemplo pode ser encontrado nas atuais e constantes avaliações das derrotas da seleção que, freqüentemente, partem da suposição de que haveria, por trás do fracasso em campo, a ambição desmedida de alguns jogadores capazes de trocar o amor à camisa canarinho por dinheiro. As derrotas de 1998 e 2006 foram alvo de inúmeras críticas direcionadas aos jogadores “mercenários”, que teriam se deixado seduzir pela cobiça. Entretanto, essa conduta, moralmente condenável, não foi interpretada como algo que pudesse ser fruto de algum problema específico do brasileiro. Aquela passagem de um domínio para o outro, a qual a antropóloga Simoni Guedes faz referência continua muito recorrente, mas, sobretudo, quando se ganha. Nesse caso, todas as virtudes demonstradas em campo são amplamente compreendidas como reflexo direto das qualidades da nação. E é interessante perceber a freqüência com que as vitórias costumam ser retratadas como feitos marcados pela alegria e pela ginga que só os brasileiros saberiam imprimir no jogo. Os elementos de brasilidade são quase sempre vistos como o ingrediente diferencial de uma conquista. A derrota, ao contrário, tornou-se responsabilidade de jogadores que não seguem esse perfil consagrado. Esse é o princípio básico da composição dos vilões, afinal, veremos que esses personagens serão constantemente representados como aqueles que, por algum motivo, não nos representam devidamente.

Há um interessante e, às vezes surpreendente, imaginário da derrota que se descortina por intermédio das narrativas e interpretações que dela são feitas. São muitos valores e idealizações que podem ser criados, ressignificados e postos em circulação através das narrativas da derrota. Também é muito interessante observar que nossas reações diante da derrota fazem emergir uma surpreendente face do país. A derrota arquiteta um Brasil intolerante e punitivo, que não esquece os erros de seus jogadores, constantemente transformados em alvo de reprovação e condenação. Um país dono de um espantoso moralismo que entende a derrota como consequência de alguma falha moral de seus jogadores. Deles a torcida exige lealdade, coragem, dedicação e um caráter incorruptível que os torne capazes de estar sempre prontos para colocar-se a serviço da seleção e dela fazer seu

bem maior<sup>34</sup>. Um grau de exigência e uma consciência de responsabilidade que, por exemplo, não demonstramos possuir em relação aos nossos governantes. A derrota também alimenta a memória do brasileiro, quase sempre acusado de não possuir essa faculdade, e o faz remoer insucessos por longuíssimos períodos. O fracasso em campo torna os brasileiros ressentidos, no sentido nietzschiano, pois não se mostram capazes de nutrir o esquecimento, ao contrário, alimentam lembranças dolorosas por longo período. Como já disse o próprio Nelson Rodrigues “o que ele [o brasileiro] não esquece, nem a tiro, é o chamado frango de Barbosa” (1994, 69). A manutenção dessa memória da dor está, freqüentemente, relacionada a um discurso extremamente pedagógico que tenta fazer do fracasso uma lição a ser aprendida para que no futuro, os mesmos erros não sejam repetidos. Finalmente, os valores acionados na construção das narrativas da derrota configuram uma nação com uma enorme aversão aos perdedores.

É a imagem de um país um tanto duro, sem o jeitinho, o molejo e a descontração que tanto o caracterizam. É antes de tudo, o reflexo de um país extremamente envergonhado por não ter conseguido a vitória. E esse sentimento se torna compreensível se lembrarmos que as Copas do Mundo se transformaram em uma importante – e rara – oportunidade através da qual o Brasil consegue ganhar visibilidade no cenário internacional. A esse respeito João Lyra Filho já afirmou que “O futebol brasileiro provou ao mundo que o Brasil tem o direito de escrever seu nome com letras maiúsculas (...) O povo brasileiro, graças ao futebol, veio a ser sentido e compreendido por todos os outros povos” (1971, 13). É a imagem do país que está em jogo. Por isso, em grande parte, os sentidos atribuídos à derrota transformaram-na em sinônimo de vergonha, lançando-lhe uma aura maldita, por isso, muitas vezes, ela será tomada como uma espécie de morte, sendo cercada por vários signos fúnebre. Em 1950, por exemplo, a tristeza dos torcedores em sua marcha lenta pelas ruas é constantemente comparada a um cortejo mortuário. E não é sem motivos que a partida realizada uma semana após o jogo entre Brasil e Uruguai foi batizada como “a missa de sétimo dia do futebol brasileiro”. Essa denominação é carregada de ironia, mas demonstra o quanto na época aquele fracasso foi visto como uma morte para o futebol nacional.

E continuamos a pensar desse modo. É extremamente comum que a torcida carregue nos braços a reprodução de caixões, com direito a coroa e tudo, na chegada das delegações brasileiras após a eliminação de uma Copa. Certamente, trata-se de uma morte social, como já

---

<sup>34</sup> O pedido de dispensa da seleção brasileira feita pelo jogador Kaká, que não desejava disputar a Copa América 2007, foi bastante criticado por parte da imprensa esportiva nacional que via na atitude do jogador um sinal de desrespeito à camisa canarinho.

apontou Arno Vogel (1982, 90), pois é compreendida como uma humilhação, um verdadeiro rebaixamento do prestígio da nação Brasileira dentro do cenário mundial. Mas uma morte que também é, constantemente, interpretada como fim ou esgotamento das forças do futebol nacional. A relação entre derrota e fim derradeiro é muito recorrente e em várias narrativas demonstra-se uma clara preocupação que ele não seja definitivo. Pois, se há morte, surge a necessidade do renascimento, daí as narrativas insistirem em fazer com que enxerguemos no fracasso um caminho para o recomeço, mesmo que seja a partir dos restos e destroços deixados pela derrota.

#### **1.4 O futebol e a derrota**

A dimensão estética é parte importante de algumas interpretações feitas em relação ao futebol brasileiro. Pasolini em texto escrito logo após a Copa de 1970 compara nosso futebol à poesia por ele não se limitar a seguir esquemas táticos, mas pautar-se na aptidão individual e na capacidade de driblar os adversários, afinal “Quem são os melhores dribladores do mundo e os melhores fazedores de gols? Os brasileiros (...) Se o drible e o gol são o momento individualista-poético do futebol, o futebol brasileiro é, portanto, um futebol de poesia”.<sup>35</sup> Em 1938, a percepção dos aspectos estéticos do futebol jogado pela seleção foi vital para a diferenciação que Gilberto Freyre fez entre o futebol nacional e o europeu e não sem motivos Leônidas da Silva, o “homem elástico”, serviu de modelo para a compreensão que o sociólogo teve em relação ao jeito brasileiro de jogar. Como já foi dito anteriormente, tratava-se de um ídolo que muitos acreditavam encarnar qualidades que o aproximavam de um verdadeiro bailarino capaz de parar no ar para realizar sua “bicicleta”, jogada que o imortalizou. “Nós dançamos com a bola” diz Gilberto, o que significa que não nos restringimos a apenas jogá-la de um lado para o outro em direção à meta, mas fazemos dela um veículo de expressividade corporal plena de plasticidade e beleza. A interpretação de Freyre – feita há mais de sessenta e nove anos! – continua pertinente e balizando a imagem e auto-imagem do futebol brasileiro, nos fazendo rechaçar a adoção de qualquer estilo que contrarie essa tônica. Por isso, a “era Dunga”, em 1990, foi compreendida como um retrocesso já que, segundo a crítica especializada e o grande público, ela encarnava um futebol “europeizado”, ou seja, que não primava pela habilidade, mas sim pela força física:

---

<sup>35</sup> “O gol fatal” publicado na *Folha de São Paulo*, Caderno Mais!, 06/03/2005.

“nunca o futebol brasileiro esteve tão longe de suas raízes como esse agora da era Dunga” (*JS*, 25/06/1996).

Nosso estilo de jogo consagrado é aquele que denominamos como “futebol-arte”, ou seja, um futebol que não se pauta unicamente nos aspectos táticos e técnicos, mas na capacidade de encantar e surpreender os espectadores pela beleza das jogadas, dos dribles, enfim pela harmonia de seus movimentos. A palavra arte aponta para a importância do caráter estético na performance do jogador brasileiro, estando na base da concepção que temos de craque, tipologia que ocupa um dos mais altos degraus na hierarquia do imaginário do futebol nacional. O “futebol-arte” – que encontrou seu ponto máximo na Copa de 70 com a seleção que conquistou de modo memorável o tricampeonato mundial – se transformou em importante parâmetro avaliativo, através do qual julgamos o desempenho do futebol nacional. Apesar desse estilo artístico comportar um mínimo de efetividade, o privilégio recai constantemente não na eficácia, mas na plasticidade das jogadas. Porém, a pura exibição de um talento que encante nossos olhos, não basta. Por mais que pensemos o contrário. E as narrativas da derrota estão aí para mostrar isso.

Costumamos cobrar de nossos jogadores o espetáculo e, geralmente, desprezamos os aspectos táticos de um jogo, assim como, vemos com desdém um tipo de futebol preocupado apenas em vencer. Torcemos o nariz para aquilo que chamamos de “futebol de resultados” e sem dúvida, aqui no Brasil, vencer não basta. É necessário maravilhar aqueles que assistem à seleção jogar. Daí o horror a “Era Dunga”, considerada feia e perdedora. Daí um certo olhar torto para a seleção de 1994 que conquistou o título, mas que praticou um futebol um tanto aquém do que esperávamos. Entretanto, dar show e perder, também, pouco adianta. Apesar de todo destaque conferido ao drible e à habilidade individual, a derrota e sua força corrosiva mostra que no final das contas o resultado fala sempre mais alto. Quando a vitória não chega, impressiona ver como as narrativas da derrota desfilam críticas aos excessos de preciosismo, firula e falta de objetividade, qualidades que certamente, em caso de sucesso, seriam mais do que enaltecidas e tomadas como símbolo do talento inato do brasileiro. Pois se por um lado exigimos que seleção não pratique um “futebol de resultados”, por outro, não aceitamos quando o “futebol-arte” deixa escapar a vitória.

Esse aspecto marcou a Copa de 1982 cuja seleção nacional foi tomada como a praticante de um estilo de jogo próximo ao apresentado em 1970. Partidas inesquecíveis foram realizadas por Zico, Falcão e companhia. Um futebol vistoso e empolgante desfilava pelos gramados espanhóis, nos fazendo acreditar que o tetracampeonato estava próximo e seria conquistado por intermédio do excepcional talento de nossos jogadores. A revista *Veja*

na matéria “A grande arrancada” comenta: “A seleção montada pelo técnico Telê Santana é a primeira a classificar-se para a segunda fase do mundial da Espanha, e desde já parece ser uma legítima descendente, em linha direta da antológica orquestra futebolística que seduziu o mundo há onze anos atrás” (23/06/1982). Uma campanha inicial arrasadora com direito a exhibições de gala ampliava nossas expectativas em relação aquele campeonato. Entretanto, Paolo Rossi<sup>36</sup>, um dos jogadores menos renomados da Itália e que ficara dois anos afastado do futebol, fez três gols no Brasil mandando-nos de volta pra casa.

Estávamos fora do mundial e essa derrota trouxe à cena intensas discussões em torno da validade ou não do futebol praticado por aquela seleção. Afinal, do que adiantava termos encantado o mundo, se a Taça ficara em outras mãos? João Saldanha não poupou críticas ao que ele denominou de “seleção oba-oba” excessivamente deslumbrada com o assédio da imprensa e composta por “bons moços, bem educados e tão comportados que só tivemos um pálido cartão amarelo” (2002, 191). Saldanha critica nesse comentário, a falta de preparo físico e, principalmente, a ausência de combatividade por parte dos jogadores que não se preocuparam em acompanhar e marcar devidamente o adversário. Porém, caso aquela seleção se sagrasse campeã, é muito provável que Saldanha usasse essas mesmas características para corroborar uma opinião esboçada por ele mesmo, dias antes da derrota, quando afirmou que “o futebol brasileiro é o maior espetáculo da terra” (*Veja*, 14/07/1982).

Essas reações dão mostras de que nossa – a brasileira, pelo menos – relação com o futebol é quase sempre mediada pelo resultado, por mais que queiramos pensar o contrário. Embora o Brasil se reconheça como um país que pratica um futebol diferenciado, por levar para campo não apenas onze jogadores, mas onze bailarinos da bola, é importante levar em consideração que essa dimensão estética de fato nos é muito cara, mas que ela necessita da vitória para se legitimar. Afinal, será que continuaríamos a louvar a habilidade de nossos jogadores, caso à mesma não fosse conjugado um currículo vitorioso, no qual constasse a conquista de tantos campeonatos mundiais? E certamente, nesse aspecto o Brasil é um país raro, pois poucas são as seleções que conseguiram aliar um futebol vistoso com títulos. A seleção Holandesa de 1974, por exemplo, deixou o mundo espantado e boquiaberto com seu “futebol-total”. Entretanto, foi a Alemanha que ficou com a taça, provocando o seguinte comentário em um dos jornais cariocas da época “Caiu a máscara da Holanda” (*JS*, 08/07/1974). É possível perceber pontas de despeito nessa frase e até mesmo um certo prazer em ver que o brilho da seleção de 1970 não havia sido ofuscado por alguma outra mais

---

<sup>36</sup> Paolo Rossi fora punido por suposto envolvimento com o escândalo do “Totonero”, sendo acusado de se envolver com a manipulação de resultados do campeonato italiano.

talentosa. Por outro lado, essa manchete também evidencia que o resultado adquire papel relevante na relação que mantemos com o futebol e, principalmente, com a seleção.

É certo que mesmo sem sagrar-se campeã a Holanda entrou para a história do futebol mundial, porém sobra sempre uma pontinha de amargura e lamento quando nos referimos à sua espetacular campanha que, entretanto, não se converteu em título. “O futebol total seguiria frustadoramente [sic] incompleto”, assim termina o capítulo intitulado “Seleções inesquecíveis” do DVD comemorativo da FIFA. Trata-se de uma frase irônica que faz uma clara referência à perda do título mundial para a Alemanha compreendida como uma lacuna para aquele futebol que pretendia a totalidade. Talvez os holandeses não pensem desse modo, mas os brasileiros, em sua maioria, pensariam, até mesmo porque costumamos ter horror a vice-campeões. Pavor certamente surgido em 1950 quando a certeza de que o futebol nacional era superior ao uruguaio, só serviu para aumentar a revolta pela perda do título. A manchete do *Jornal dos Sports* “Uruguai campeão de fato, mas Brasil melhor Team do mundo” (18/07/1950)<sup>37</sup> dá claras mostras da vã tentativa de se consolar o torcedor, mostrando-lhe que apesar da perda do mundial, o futebol brasileiro havia dado provas de plena superioridade. Conferir valor ao segundo lugar obtido pela seleção, se mostrará um típico discurso de perdedor, absolutamente inútil e a prova disso é o fato de que o dia 16 de julho se converteu na “tragédia do Maracanã”.

Desde 1950, no que diz respeito à participação do Brasil em Copas do Mundo a derrota se consolida como um fator extremamente importante para as interpretações que fazemos dos jogos da seleção. O fracasso em campo passa a ser capaz de abalar muitas certezas. Seguramente todo torcedor brasileiro exige de sua seleção um futebol de belas jogadas e sonha com o surgimento de um selecionado tão espetacular quanto o de 1970. Mas sem dúvida, a maioria desses mesmos torcedores não quer apenas apreciar uma performance artística de seus jogadores, eles desejam vencer. É preciso aliar o espetáculo à vitória. E as narrativas da derrota deixam claro esse aspecto, caso contrário tanto 1950 quanto 1982 não se converteriam em tragédias nacionais. No primeiro caso nos contentaríamos com as goleadas aplicadas sobre Espanha e Suécia reflexo de uma campanha superior à uruguaia e no segundo ficaríamos satisfeitos com todos os elogios lançados sobre o futebol apresentado na Copa da

---

<sup>37</sup> A manchete completa era: “Escreve Willy Meisl, conhecida autoridade da crônica européia, especialmente para o *Jornal dos Sports*: Uruguai campeão de fato; mas Brasil melhor *team* do mundo”. Willy Meils, jornalista austríaco correspondente do periódico inglês *World Sports*, foi um dos jornalistas estrangeiros cuja opinião foi trazida a público pelo *JS*. O recurso à opinião de jornalistas europeus faz parte da tentativa, notável no *JS*, de exaltar o futebol brasileiro, apesar da derrota. As críticas e culpabilizações foram frequentes, mas sempre contrabalançadas com elogios seja à torcida, seja ao fato de a seleção ter apresentado um futebol bonito e envolvente. Na edição do dia 22/07/1950, por exemplo, uma palavra de incentivo do jornalista sueco Torsten Tegner, foi publicada na 1ª página o seguinte recado: “Palavras de T.T: Levantem a cabeça e sintam o calor da admiração nórdica. Expressiva mensagem do grande jornalista sueco ap público esportivo de nosso país”.

Espanha. Entretanto, esses dois momentos não saem da cabeça de muitos brasileiros que caso pudessem voltariam no tempo para impedir ambas as derrotas. As narrativas da derrota demonstram que estamos longe de sentir indiferença quando a seleção perde algum jogo decisivo em Copas do Mundo, pois uma de suas motivações principais é o inconformismo diante de um resultado adverso. “Por que o Brasil perdeu?” é uma pergunta típica de um país que entende que a derrota se configura como o desvio de um percurso natural e desejado que é a vitória.

Por conta disso, o estigma de perdedor é um dos mais difíceis de serem superados. Os “desastres” de 50 e 82 são emblemáticos nesse sentido. Zizinho, um dos principais jogadores da seleção que perdeu para o Uruguai, inicia sua biografia comentando que desejou deixar para seus filhos e netos um depoimento que mostrasse o real valor de sua trajetória profissional, pois “tenho alguns títulos e sou lembrado como os demais jogadores daquela campanha como um perdedor” (1985, 13). O mesmo ocorreu com a seleção de 1982, o espetáculo proporcionado por aqueles jogadores não foi suficiente para nos consolar da dor da derrota, ao contrário, o fato de termos apresentado um excelente futebol amplificou o efeito destrutivo daquele terrível fracasso, transformando aquela Copa em mais um trauma. Telê Santana, por exemplo, teve que conviver com a fama de “pé-frio” que o acompanhou por um longo período de sua carreira. Jogar bem e perder é uma combinação que confere à derrota uma aura dramática e a torna mais incompreensível ainda. Por isso em narrativas cuja derrota possua esse ingrediente é comum recorrer às forças do destino para dar conta de algo que aparentemente não encontramos outro meio para ser explicado. 1950 e 1982 também se irmanam nesse aspecto, ambas ganham um colorido trágico por conta de um contexto muito parecido, e uma dessas semelhanças está no fato de que ambas as seleções eram tecnicamente superiores a seus adversários.

Se somente os céus são capazes de justificar esse tipo de derrota, isso significa que a vitória é concebida como índice quase que indiscutível de excelência. Confunde nossa cabeça e, muitas vezes, é compreendida como uma grande injustiça toda derrota que ocorre quando se apresenta um futebol de melhor qualidade. Mas muitos esquecem que se trata de um impasse típico de um esporte como o futebol em que nem sempre os melhores vencem. No Brasil costuma-se dizer que “futebol é uma caixinha de surpresas”, pena que às vezes essa surpresa se volta contra nós mesmos. Nesse caso essa máxima serve apenas para aliviar a decepção dos torcedores. Mas não é nada fácil consolar o torcedor da seleção brasileira, tão exigente de um futebol bonito, mas absolutamente louco por vitórias.

Entretanto, é bastante compreensível que para a grande massa torcedora o resultado de uma partida seja fator decisivo para os relatos derivados das mesmas. O escritor e torcedor fanático do clube inglês Arsenal, Nick Hornby, não esconde o despeito que lhe invadia ao assistir a apresentação de um dos maiores jogadores da história da Inglaterra, George Best:

Em 1969, vi George Best jogar, e marcar pelo Manchester United em Highbury. Tal experiência deveria ter sido profunda, como ver Nijinsky dançar ou Maria Callas cantar, e embora às vezes eu realmente fale sobre isso dessa maneira, para torcedores mais jovens ou para aqueles que não viram Best jogar por outras razões, meu relato afetuoso é, em sua essência, falso: detestei aquela tarde. Toda vez que ele pegava a bola eu me assustava, e desejava na hora, como suponho que deseje hoje em dia, que ele estivesse contundido (...) Da minha parte sou torcedor do Arsenal primeiro e torcedor do futebol segundo (2000, 134).

Embora o potencial estético de uma partida seja uma dimensão relevante na relação que estabelecemos com o futebol, é necessário compreender que por se tratar de um esporte em que os níveis de competitividade só têm aumentado ao longo da história, tanto a vitória quanto a derrota tornaram-se importantes mediadores entre o espectador e esse esporte. Para Arlei Sander Damo, a tensão e a expectativa gerada pelo resultado do jogo são fatores decisivos na relação entre espectador e espetáculo esportivo:

Em nossa cultura o espetáculo esportivo está assentado sobre uma dinâmica de forças oponentes, na qual o êxito de uma das partes implica o fracasso da outra. Não há síntese possível entre o bandido e o mocinho e, portanto, o confronto entre eles não gera um evento único, um filme tal ou qual. Para os torcedores é a vitória/derrota do seu time que lhes importa sobremaneira e boa parte dos juízos estéticos - que definirão se um jogo foi bom ou ruim, mais do que se foi bonito ou feio - repousa sobre esta variante. Isso não significa que eles se importem apenas com isso, mas o resultado do jogo influencia de tal modo a sensibilidade que acaba se tornando determinante.<sup>38</sup>

Esse aspecto fica ressaltado na esfera torcedora principalmente aquela movida pelo pertencimento clubístico, como fica evidente na confissão de Hornby. É muito difícil encontrarmos um torcedor que esteja interessado em assistir a uma partida de futebol, simplesmente para admirar belas jogadas, principalmente se as mesmas pertencerem ao adversário. Quantos torcedores já não se regozijaram justamente por seus clubes terem ganhado um título, diante de um rival tecnicamente melhor. Assim reagimos diante da vitória da seleção brasileira sobre a Argentina na final da Copa América deste ano, daí a manchete “Seleção arrasa a favorita Argentina: 3 a 0. Com raça, Brasil conquista a Copa América e ironiza os rivais com samba que fala de respeito e competência” (*O Globo*, 16/07/2007)<sup>39</sup>. Regozijo que, também, pode surgir quando a vitória nasce de algum impedimento ou outros tipos de erros do juiz, afinal é comum ouvirmos entre torcedores que “roubado é mais gostoso”. A questão da superioridade técnica pouco conta, o importante é ganhar. É isso que a

<sup>38</sup> Futebol e estética. *São Paulo e Perspectiva*. vol.15 no.3 São Paulo. Julho/Setembro. 2001.

<sup>39</sup> O valor raça parece fazer parte do perfil do vencedor, no Brasil. Em 1950, a falta de raça foi invocada como uma das qualidades que teriam faltado ao Brasil. Cabe investigar a relação que esse perfil possui com a imagem que tínhamos da seleção uruguaia, principalmente a de Obdulio Varela. Em 2006, após a eliminação da Copa, veremos que a figura do “raçudo” Dunga será invocada como solução para os problemas da seleção.

grande torcida deseja. Mesmo quando se trata da seleção, os torcedores – embora costumem ser mais exigentes no que diz respeito à qualidade do futebol – também são ávidos por gritar “é campeão!”.

Entretanto, parece que grande parte da mídia especializada não escapa a essa regra, o que logo de cara demonstra o quanto essa instância muitas vezes incorpora um discurso mais próximo da esfera torcedora. Nas análises feitas dos jogos da seleção esse entrelaçamento torna-se mais nítido e muitos jornalistas não se preocupam em disfarçá-lo, ao contrário, como já apontou Luis Henrique de Toledo, é durante os jogos da seleção que “notadamente muitos especialistas assumem postura francamente emotiva e torcedora” (2002, 205). A exaltação de uma vitória ou o inconformismo com uma derrota baliza os comentários que surgem após os jogos do Brasil, deixando claro o quanto muitas análises empreendidas são dependentes de um simples resultado.

Ainda que seja importante reconhecer que o resultado final de uma partida se configure como um fator de muita relevância na avaliação que fazemos da mesma, é preciso reconhecer que o excesso de dependência que grande parte do jornalismo esportivo demonstra possuir em relação ao resultado, pode tornar seu discurso repetitivo, óbvio e às vezes incoerente. Certamente que se tenta disfarçar essa dependência, mas ela se evidencia, basta pegarmos o discurso em torno da seleção que antecede a derrota e o compararmos com o que se fala após o fracasso. Os comentários referentes à seleção podem mudar da água para o vinho dependendo do resultado, pois este é o fio condutor das narrativas de futebol divulgadas por grande parte da mídia esportiva do país. Em 1998, por exemplo, o diário *Lance* estampava a manchete “A próxima vítima. O Brasil vai ter de estragar a festa dos donos da casa para chegar ao Penta” (09/07/1998). Zagallo que após a derrota será culpabilizado pela mesma foi assim descrito “Viva o mestre Zagallo. Zagallo mostrou seu carisma e botou a seleção na final” (*Lance*, 08/07/1998). No dia da final, a euforia era grande: “Brasil! Hoje é dia de Penta!” (*Lance*, 12/07/1998). Mas quando a derrota veio... tudo que era certo transformou-se em erro: “os sete erros capitais da seleção” (*Lance*, 13/07/1998). Nessa mesma Copa, o jornal *O Dia*, antes da final, anunciava “A hora do Penta. Festa do Penta será na praia de Copacabana” (12/07/2007). Já no dia seguinte: “Saída pelos fundos” (*O Dia*, 13/07/1998).<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> Essa fenômeno, também, pode ser observado no sentido oposto, ou seja, da crítica para a euforia. A Copa de 1994 é um ótimo exemplo desse fenômeno. Tanto nas eliminatórias quanto no início da Copa a seleção era desacreditada e muito questionada. No jogo contra a Suécia, ainda pela primeira fase, o empate foi do seguinte modo retratado pelo jornal *O Dia* “Brasil cai na real. Raí comanda o vexame dos peladeiros de Parreira. Seleção vaiada no 1 a 1” (29/06/1994). Mas quando a seleção avançou na competição e se classificou para a final esse mesmo jornal dizia: “Domingo tem macarronada ao Tetra” (14/07/1994).

Basta que a vitória não venha para tudo que antes víamos com indiferença ou mesmo exaltávamos se transforme em peças definitivas de um quebra-cabeça que montado visa mostrar o passo-a-passo de um derrota. Tomás Mazzoni, em 1938, como já foi dito, mostrava-se preocupado com os efeitos que uma derrota poderia provocar na crônica esportiva que, segundo o jornalista, provavelmente usaria o resultado negativo como motivo para desmerecer todo trabalho empreendido naquela Copa:

Em campo, porém todos os nossos jogadores “deram de tudo” para vencer, foram bravos e si a sorte numa só tarde não os ajudou, não é motivo para esquecer o que fizeram nas outras quatro jornadas. Justamente, em nossas crônicas, não nos deixamos envenenar pela decepção de um infeliz revés para descobrir em pequenas causas grandes defeitos, para transformar detalhes de pouca importância em medonhos escândalos (...)

Para muitos o campeonato mundial não passou de pretexto para notícias espalhafatosas e excitantes, série de escândalos, acusações descabidas, etc. Triste e lastimável, a atestar uma mentalidade bem infeliz para o esporte. Esse gênero de jornalismo esportivo já deveria estar desprezado, abolido entre nós, mas deploravelmente ainda faz sucesso (1938, 7-8).

Um sucesso que com o tempo será redobrado. O próprio Mazzoni, em 50, teve suas convicções abaladas por conta do malogro diante dos uruguaios. Uma luta contra a derrota marcou grande parte das interpretações lançadas sobre a perda do campeonato. Mário Filho, por exemplo, tentou não deixar seus comentários serem totalmente influenciados pela perda do mundial, para tanto buscou exaltar o bom futebol praticado pelo Brasil que embora não obtivesse a vitória, teria, segundo o jornalista, se mostrado superior ao praticado pela maioria das seleções. Sair em defesa da seleção brasileira também tinha como objetivo incentivar seus leitores a não perderem todo aquele interesse e entusiasmo pelo futebol que nos últimos anos só vinham aumentando. Preocupação natural por parte daquele que na época era dono de um dos principais jornais esportivos do país. Porém, mais importante que esse detalhe é o fato de que algumas colunas de Mário Filho encenam uma luta contra a derrota, ao buscar não permitir que a decepção provocada por ela fosse fator determinante para suas interpretações, por isso era possível lermos crônicas com sugestivos títulos como “O Brasil ganhou mais do que perdeu com a derrota” (*JS*, 20/07/1950).<sup>41</sup>

---

<sup>41</sup> Talvez seja possível afirmar que Mário Filho foi o maior intérprete da derrota de 1950. Nos anos que se seguem ao Maracanazo, Mário transformou esse episódio em tema central de suas análises não apenas relativas ao desempenho da seleção nos campeonatos internacionais, mas de suas interpretações acerca do próprio povo brasileiro como bem notou a socióloga Fátima Antunes, que analisou as crônicas do jornalista publicadas na revista *Manchete esportiva* entre o período de 1955 e 1958 (2004, 161). Entretanto, esse esforço já era claramente demonstrado em 1950. Nessa época, Mário em suas crônicas mesclava críticas à seleção com uma postura mais conciliadora e otimista em relação ao futuro do futebol nacional. Na crônica citada, o jornalista comenta: “o Brasil ganhou a admiração do mundo pelo Brasil: tornou-se respeitado esportivamente como uma Inglaterra. A consagração do futebol brasileiro como o melhor do mundo era definitiva: não dependia mais da conquista do título” (*JS*, 20/07/1950). No período que antecede a Copa de 1954 impressiona o número de vezes que a derrota de 1950 é mencionada. Sobre o fato desse evento ser realizado fora do Brasil, o jornalista enxergou na distância geográfica uma certa vantagem: “estamos agora dentro da realidade da Copa do Mundo. Vemos mais claro do que em 1950. É o milagre da distância” (*JS*, 28/05/1954). Ao comentar a derrota para a Hungria, que eliminou a seleção dessa Copa, Mário recordou a lição deixada por 1950: “O que importa não é a derrota. Os húngaros podiam ser melhores e teríamos que reconhecer a superioridade deles (...) já perdemos um campeonato do mundo sendo os melhores (...). Num *match* qualquer time pode derrotar qualquer time. Foi a lição que 16 de julho que repetiu” (29/06/1954).

Trata-se de uma luta perceptível ainda nos dias de hoje quando em muitos comentários é possível notar um esforço para não se deixar guiar pelo resultado de uma partida. Mas esse esforço é notável em uma pequena parcela da imprensa esportiva. Pois, a descrição que Tomás Mazzoni fazia daquilo que ainda se afigurava como a prática de uma pequena parcela da imprensa, transforma-se com o tempo em uma das principais tônicas das narrativas da derrota, ou seja, deixar-se envenenar “pela decepção de um infeliz revés” (1938, 8). Assim como na configuração do vilão, reduz-se o todo a um só jogo. Todos os eventos anteriores são ressignificados e vistos com outros olhos passando a ser compreendidos como indícios da derrota. Por isso, é preciso tomar cuidado no território futebolístico, pois nele a fronteira entre o céu e o inferno é tênue, podendo se transitar entre um e outro em apenas noventa minutos. E quem demarca essa fronteira é o resultado do jogo.

Entretanto, a complexidade de uma partida pode ser bastante reduzida quando a mesma é vista somente pelo ângulo da vitória ou da derrota. E parte da crítica esportiva está atenta a esse perigo e, por isso, se esforça para tentar lançar um olhar que vá um pouco além dessa superfície, um olhar cuja visão de mundo não se baseie em uma simples oposição entre vencedores e perdedores. E para isso, às vezes, é necessário exercitar os olhos para fazê-los enxergar a beleza naquilo que é triste. Fernando Calazans resume bem o que significa essa tentativa:

(...) os vinte e cinco anos da derrota da seleção brasileira de Telê, Zico e Falcão, na Copa da Espanha. É triste, mas é bonita também. É linda. Ou vocês acham que um fato ou uma obra triste não pode ser bonito também? A seleção brasileira de 82, apesar da derrota, também foi linda. Foi lindo o futebol que ela apresentou para o mundo (...) (*O Globo*, 8/07/2007).

Mas esse embate – que fica claro com o *apesar da derrota* utilizado por Calazans – demonstra por si só, o quão forte é a influência que tanto uma derrota quanto uma vitória podem ter sobre as interpretações que temos de uma determinada partida.

Entretanto, faz parte do jogo conviver com o impacto de ambas. Roger Callois já demonstrou que o jogo pode ensinar o domínio de si mesmo, pois convida o jogador a não se deixar deslumbrar pela vitória assim como aponta para a necessidade de “aceptar de antemano el posible fracaso, la mala suerte, o la fatalidad, consentir en la derrota sin cólera ni desasperación. Quien se enoja o se queja se desacredita” (1986, 18). Compreender uma derrota pode demonstrar amadurecimento assim como civilidade. Em 1950, há um claro esforço em fazer ver que a nação brasileira dava provas de civilidade ao não se comportar de modo violento, mesmo diante da vitória uruguaia. Apenas silenciámos e isso comprovava que não éramos bárbaros, mas sabíamos aceitar o malogro da seleção sem exasperação e sem recorrer à força física. Entretanto, a violência física não é o único modo de demonstrar

insatisfação com derrota. O silêncio de duzentas mil pessoas não deixava dúvidas de que levaria muito tempo para que nos conformássemos com aquele malogro.

A imprensa esportiva da época de fato tentou aceitar a perda do título, mas não conseguiu escapar das culpabilizações e dos inúmeros lamentos por não termos sido campeões mundiais. Nas Copas posteriores, a preocupação em demonstrar o domínio de si mesmo, do qual fala Callois, será um exercício deixado para segundo plano pela imprensa esportiva. Analisando as narrativas da derrota veiculadas nos principais jornais do país é possível perceber que em relação à participação da Seleção Brasileira em Copas do mundo, até mesmo a crítica especializada sucumbe à frustração de um fracasso em campo e destila críticas e lamúrias por conta de um resultado ruim. Nas vozes que tentam fugir a esse discurso, também, é possível perceber a sombra da derrota contra a qual se tenta lutar, como o fez Mário Filho.

As narrativas da derrota fornecem uma material interessante para pensarmos até que ponto podemos apreciar uma partida de futebol sem que nossa visão do jogo seja mediada pelo prazer de uma vitória ou o desgosto de um fracasso. Sentimentos que podem ser amplificados quando estamos diante de partidas que por causa de um grande investimento simbólico e discursivo deixam de ser “apenas um jogo”. Mas, as narrativas da derrota também possibilitam que pensemos nos limites da ânsia em fazer do resultado um critério único na avaliação de uma partida. Afinal, chama a atenção o fato de que três equipes nacionais, que não conseguiram uma Copa do Mundo, tenham sido eleitas entre as dez melhores seleções de todos os tempos, pela revista inglesa *World Soccer* são elas: Hungria (54), Holanda (74) e Brasil (82)<sup>42</sup>. É possível que na história desses selecionados a falta de uma Copa representa uma lacuna, mas não um fator que impeça que as mesmas sejam reconhecidas e lembradas pelos aspectos táticos e técnicos por elas apresentados. Talvez o fato de essas Seleções terem sobrevivido à derrota demonstre que o fracasso em campo, ao contrário do que se pensa, não impede o acesso à imortalidade. Veremos que essa concepção é plenamente defendida por Nelson Rodrigues em sua bela crônica sobre o goleiro Barbosa.

E se poucas seleções sobreviveram ao fracasso, podemos dizer o mesmo em relação ao futebol. Que outro esporte – em nosso país, principalmente – é capaz de resistir a tantas “tragédias” e decepções. Que o digam certos torcedores daqui e de fora. Nick Hornby, por exemplo, coleciona relatos de fracassos do Arsenal em seu *Febre de Bola*, fracasso que não diminuiu sua obsessão pelo clube inglês. *Coadjuvantes*, do brasileiro Gustavo Piqueira, é uma

---

<sup>42</sup> A eleição envolveu a participação de comentaristas e jornalistas esportivos do mundo todo. A Seleção da Hungria de 1954 ficou em 2º lugar, a Holandesa em 3º e a Seleção brasileira de 1982 em 7º.

espécie de diário de um perdedor, pois tem como matéria os 17 anos em que o Palmeiras permaneceu sem ganhar título algum. E o que dizer do arqui-rival Corinthians que amargurou mais de 20 anos sem conquistas e nem por isso teve sua torcida aniquilada, mas que, ao contrário, fez da fidelidade uma qualidade a partir da qual costuma se definir. Em todos os casos, a derrota não conseguiu minar de modo definitivo o pertencimento clubístico de seus torcedores. É claro que a esperança da vitória alimentava esses sofrendores do futebol e certamente se a mesma não viesse, é provável que a torcida minguisse junto com o time. E não faltam exemplos desse tipo na história do futebol brasileiro.

A relação do futebol com a derrota nos mostra que esse esporte parece estar além dos modismos. E o Maracanã com boa presença de público uma semana após a derrota para o Uruguai, em 1950, já anunciava a força desse esporte em nosso país.

### **1.5 Narrativas melodramáticas**

Uma partida de futebol por si só pode ser bastante emocionante. Um gol levado nos últimos minutos, por exemplo, tem força suficiente para deixar o torcedor prostrado de tristeza ou ensandecido de alegria. Torcer, como afirmou Roberto DaMatta, convoca não apenas o sentido da visão, mas o corpo como um todo, as mãos, as pernas, a boca que “pula, abraça, soca e grita na dor da derrotam no espasmo impotente do empate ou na explosão gloriosa e feliz da vitória” (2006, 113). Esse caráter afetivo é plenamente aproveitado pelo jornalismo esportivo. As narrativas dos jogos em sua ampla maioria apelam freqüentemente aos sentidos e às emoções visando, antes de tudo, atingir o leitor-torcedor. Quando o assunto é futebol, a imprensa costuma ficar longe da imparcialidade e objetividade, ideais pelos quais afirma se pautar.

O caráter híbrido do discurso da imprensa esportiva, que muitas vezes se vê mesclado à lógica torcedora, em parte se mostra necessário, pois seu principal público é formado justamente por apaixonados torcedores. Eles não são apenas receptores da mensagem, mas são também personagens importantes das narrativas de futebol produzidas pela imprensa. Luis Henrique de Toledo já demonstrou que a reportagem esportiva no Brasil possui uma característica que a diferencia de outros países e que diz respeito “a intensa cobertura dada à performance torcedora” (2002, 204). Esse aspecto ficou bem evidente em 2007, por exemplo, ano em que as médias de público do campeonato brasileiro foram altas. Estádios cheios e entoando criativas canções de apoio ao time do coração. Canções que

receberam atenção especial nas transmissões ao vivo, sendo, muitas vezes, legendadas para facilitar a compreensão e memorização do público espectador. A alegria e a dor dos torcedores constantemente estampam a capa dos periódicos esportivos. Nesse mesmo ano, 2007, as edições dos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*, do dia seguinte ao rebaixamento do Corinthians, mostraram, na primeira página, a bela foto de um torcedor sozinho na arquibancada, enxugando as lágrimas com a bandeira do Timão.<sup>43</sup>

A emoção, no caso brasileiro, é um ingrediente vital para as histórias derivadas dos jogos. As narrativas de futebol possuem um quê de melodrama, e muitas vezes não ficam nada a dever aos dramalhões mexicanos. A ênfase no caráter dramático dos lances de uma partida, em cenas lacrimosas, em depoimentos eivados de emoção, é a tônica de muitas reportagens esportivas. Por conta disso, Heródoto Barbeiro acredita que na imprensa esportiva, entretenimento e informação estão muito próximos, como em nenhuma outra área do jornalismo. Sendo assim, seria necessário tomar cuidados redobrados para se manter o limite entre a emoção e a notícia. Heródoto, portanto, propõe que “a emoção deve estar na dose certa e sempre ser recheada de isenção (...) mesmo que a seleção brasileira de futebol vença a Argentina numa final de Copa do Mundo. Isso pode comprometer todo o seu trabalho jornalístico” (2006, 46).

É um tanto quimérica essa proposta. Uma vitória sobre nosso principal rival, em uma final de Copa do Mundo, certamente seria festejada por semanas a fio. E nos faria passar como tratores pela recomendação de Heródoto Barbeiro. Uma simples eliminação da Argentina na Copa de 2006, por exemplo, foi recebida com deboche por um dos maiores jornais do país. Uma charge de Maradona deitado na cama e dizendo “que pesadelo”<sup>44</sup> foi exibida na primeira página do caderno de esportes de *O Globo*. Nessa mesma Copa, os Argentinos, por sua vez, não deixaram de nos alfinetar quando da eliminação da seleção brasileira pela França. O periódico *Olé*, por exemplo, estampou a sugestiva e agressiva manchete “Merdeamarela” em sua capa. A vitória da seleção brasileira sobre os “hermanos” na final da Copa América de 2007, também, é um bom exemplo de como a imparcialidade mora longe. No caderno de esportes de *O Globo*, foi mostrada a imagem de três jogadores argentinos abaixados em sinal de desolação e acima vinha a inscrição “Fregueses” (16/07/2007).

---

<sup>43</sup> A foto é de Marcelo Ferrelli da Gazeta Press. Nela aparece um torcedor sobre um fundo negro, enxugando as lágrimas com a bandeira do Corinthians.

<sup>44</sup> Esta charge parodiava um comercial estrelado por Maradona. Nele o ex-jogador aparecia vestindo a camisa da seleção brasileira e cantando o hino nacional. Logo depois era mostrado Maradona acordando de seu sono, assustado e dizendo “que pesadelo...”.

Quando o rival é a Argentina, os ânimos ficam mais exaltados, sem dúvida. Mas de um modo geral as reportagens que envolvem a seleção – principalmente nas Copas do Mundo – são quase sempre cercadas por uma atmosfera de euforia e nacionalismo, que às vezes beira o ufanismo barato e pouco produtivo. É nas coberturas das participações da seleção em Copas, que a imprensa esportiva torna ainda mais explícita sua proximidade com o discurso mais próprio de um torcedor. A visão do jogo é quase sempre parcial e comprometida, além de variar de acordo com o resultado final da partida. As Copas do Mundo, também, são um ótimo exemplo de como, muitas vezes, o discurso jornalístico pode lançar mão de estratégias do melodrama. O melodrama, segundo Jean-Marie Thomasseau, é um gênero teatral que convoca a emoção e objetiva deixar a platéia com “os nervos à flor da pele” (2005, 139). Ivete Huppés, por sua vez, apontou a contigüidade existente entre os noticiários da imprensa e o gênero melodramático. Ambos investem no apelo aos sentidos e às emoções do público receptor, ao darem total preferência aos acontecimentos de impacto, ricamente descritos e teatralizados (2000,151).

No caso específico das narrativas da derrota, impressiona ver como é constante o recurso ao melodrama. A própria insistência na pergunta “Por que o Brasil perdeu?” tem um estilo claramente apelativo, já que visa, antes de tudo, provocar polêmicas, criar suspense, assim como discussões infinitas em torno de um mesmo tema. A escolha e o encadeamento dos fatos formam uma seqüência narrativa na qual há um total privilégio dos aspectos conflituosos como brigas internas, problemas no desempenho dos jogadores etc. O suspense e a atenção do espectador são mantidos, e, freqüentemente, tais narrativas possuem um caráter inconclusivo. Sempre há a possibilidade de se trazer a público novos fatos, novos depoimentos que reacendem ou criam outras polêmicas, mas que dificilmente dão fim às mesmas. Esse aspecto é bastante evidente nas narrativas da derrota de 1998, por exemplo. O mistério que cercava o jogo final da seleção foi intensamente explorado pela imprensa na época. Hipóteses e teorias mirabolantes que tentavam explicar a convulsão de Ronaldo pululavam nos jornais, sendo constantemente alimentadas pela introdução de novas testemunhas ou informações de última hora que prometiam trazer revelações estrondosas sobre o acontecimento. Promessas, muitas vezes, não cumpridas, mas que eram o suficiente para despertar a curiosidade dos leitores, funcionando como uma espécie de cena dos próximos capítulos.

As narrativas da derrota de 1998, também capricharam no aspecto dramático, principalmente no que diz respeito a pouco explicada convulsão de Ronaldo, o Fenômeno. Nas tentativas de reconstituição da cena, havia uma clara ênfase nos aspectos mórbidos da

situação. Gritos, choros, desespero deram a tônica das reportagens sobre a crise do jogador da seleção. O diário *Lance!*, em sua capa, mostrou a seguinte manchete: “Terror no castelo: Ronaldo babava, Leonardo chorava e César Sampaio rezava pelo craque” (13/07/1998). A *Folha de São Paulo* pintou um quadro chocante: “Roberto Carlos chamou outros jogadores, dando gritos pela janela (...) Lídio Toledo teve um acesso de choro ao ver o atacante prostrado no seu quarto, *contido à força* por companheiros depois do ataque de nervos” (Grifos meus, 16/07/1998). Falou-se em língua enrolada, corpo se contorcendo, gritos de desespero, baba e, certamente, se a cena tivesse sido filmada, inúmeras seriam as vezes, em que ela seria repetida, com direito a close, câmera lenta e outros recursos.<sup>45</sup>

Mas não é necessário que casos tão graves quanto o de Ronaldo ocorram para que estratégias que visam convocar a emoção e a sensação sejam ativadas pelo discurso da imprensa esportiva. A derrota da seleção por si só já é um motivo forte o bastante para se provocar dramas sem fim, que podem ser potencializados quando o próprio contexto do jogo dá margens a narrativas eivadas de emoção. A derrota de 1982, por exemplo, se transformou na “tragédia de Sarriá”, e essa denominação não pode ser compreendida como uma simples exageração da imprensa. A partida que fez a seleção se despedir da Copa de 82 possuiu ingredientes suficientes para marcar nossa memória. Mas, obviamente, essa emoção foi reduplicada por grande parte da imprensa. O sentimento de frustração dos torcedores foi estampado nas principais páginas dos jornais. É famosa a primeira página do *Jornal da Tarde* que se limitou a exibir a foto de um menino flagrado no estádio Sarriá, vestido com a camisa da seleção, segurando o choro diante da derrota. Choros de criança são sempre enternecedores. E essa foto, sem dúvida, era bela e comovente e seu autor, Reginaldo Manente, ganhou o Prêmio Esso de fotografia daquele ano.

Menos poéticas foram as várias imagens de torcedores aos prantos mostradas por outros jornais do país. A edição de 06/07/1982 do periódico *O Dia* dizia na primeira página que o “Povão Chorou”, manchete cercada de fotos de torcedores, aos prantos, se abraçando e outros sentados no chão desalentados. Acima dessa inscrição podemos ler a chamativa frase, “Mortos e feridos no jogo da emoção”. Segundo o jornal, dezenas de pessoas teriam sido internadas com princípio de enfarte e outras tantas foram feridas em pequenas brigas, tudo

---

<sup>45</sup> Foi isso que ocorreu quando o mesmo Ronaldo sofreu uma ruptura total do tendão patelar do joelho esquerdo durante o jogo entre Internazionale e Lazio, em 2000. A chocante cena em que é possível ver a rótula do jogador saindo do lugar, acompanhado dos intensos gritos de dor de Ronaldo, foi constante e impiedosamente mostrada pela TV. Só de observar aquela cena, era possível sentirmos a dor do impacto da lesão. Em fevereiro de 2008, mais cenas chocantes envolvendo as lesões de Ronaldo. Dessa vez, o rompimento total do ligamento do joelho direito foi freqüentemente mostrado pelas tvs. Nos jornais impressos, recorreu-se a infografos para detalhar a lesão (*O Globo*, 14/02/2008).

isso provocado pela derrota da seleção. Essa primeira página configura um cenário trágico, cercado de dor, desespero e morte. Atmosferas funestas, aliás, são muito comuns nos noticiários referentes às derrotas da seleção.

Em 1950, o jornal *O Globo*, também, noticiou a morte de torcedores que não suportaram a perda da Copa do Mundo. A foto do sargento reformado da Marinha, João Soares da Silva vinha abaixo da notícia “Morreu de emoção”. O periódico explicou que “a derrota da seleção foi um verdadeiro choque para os torcedores (...) registrou-se um caso doloroso: às 17:46 horas, no derradeiro minuto da peleja falecia emocionado (...) João Soares da Silva, na sua residência” (17/07/1950). Paulo Perdigão sustentou em seu livro que as possíveis mortes provocadas pela derrota brasileira não passaram de boatos que se espalharam como areia no deserto (1986, 43). E de fato, a notícia acima relatada mais parece ter saído da imaginação fértil de um jornalista. O passamento do marinheiro João ocorreu, mas nada garante que tenha sido por causa da derrota da seleção. É possível notar a ação interpretativa dos fatos e uma narrativa que visava criar uma relação direta entre a derrota e o falecimento de João. Nesse sentido, chama atenção a coincidência do horário em que o jogo terminara e que a vida do marinheiro chegava ao fim. Não seria exagero levantar a hipótese de que se tratava de uma matéria cujo narrador buscou deliberadamente criar a analogia entre aquelas duas mortes, a da seleção e a de João. E buscou, antes de tudo, chamar a atenção do público leitor, trazendo ao seu conhecimento um fato que impressionava e amplificava os efeitos da derrota.

Ocorre que nas narrativas da derrota, a verdade não é a protagonista. Entre o fato e a lenda, opta-se quase sempre pela segunda. O discurso jornalístico busca uma performance um tanto teatralizada, na qual sejam abolidas as ambigüidades, pois nada confunde nas narrativas da derrota. É sempre tudo muito claro e evidente. Perdemos porque fulano de tal errou e fulano de tal errou, porque é um mercenário, um covarde ou um perna-de-pau. Cronistas e jornalistas não cansam de elencar erros e suas respectivas soluções. E o fazem com tanta certeza, que eles deveriam ser imediatamente contratados para compor a comissão brasileira, nas próximas Copas. Afinal para muitos desses profissionais, as derrotas são sempre evitáveis. Facilmente evitáveis.

Nas narrativas da derrota, os fatos são simplificados e encadeados em uma seqüência com princípios de causa e conseqüência, na qual se pode depreender a formulação de um sentido claro e coeso. Mesmo quando se pretende complexificar uma partida, contenta-se em elencar culpados e em buscar as motivações de suas falhas. E esse tipo de procedimento demonstra a adoção de uma perspectiva simplificadora do jogo de futebol. Nas narrativas da

derrota, a parte compreende o todo e o fracasso se resume em erros pontuais superdimensionados, algumas vezes transformados em crimes nacionais. Tudo pode dobrar de tamanho por intermédio da imprensa esportiva. E desde de que o futebol começou a ocupar espaço nas páginas de jornais, o que se pode perceber é que gradativamente lança-se mão de recursos para a representação desse esporte, que enfatizam seus aspectos emotivos. Em relação à seleção brasileira, o entusiasmo quase sempre se fez presente. A conquista do sul-americano de 1919, por exemplo, teve tratamento laudatório e inspirou inflados discursos nacionalistas que viam nessa vitória, uma comprovação das virtudes da pátria (Pereira, 2000, 151).

Quanto à derrota, já vimos, que durante certo tempo evitou-se fazer da mesma motivo de escândalo e, principalmente de críticas aos jogadores ou a comissão. 1950 marca um importante momento de transição de postura em relação aos fracassos da seleção. Entretanto, embora a derrota tenha sido recebida com intolerância, forte descontentamento e que tenha provocado discussões em torno da pergunta “por que o Brasil perdeu?”, há uma clara tentativa de amenizar o impacto daquele fracasso. As manchetes dos jornais que tratavam da perda do título para o Uruguai causam espanto para nós contemporâneos, acostumados a conhecer aquela derrota pela denominação “tragédia do Maracanã”. O *Jornal dos Sports*, por exemplo, escreveu em sua primeira página a frase: “Uruguai campeão de fato, mas o Brasil, melhor *team* do mundo” (18/07/1950). Já *O Globo* foi um pouco mais direto: “Campeão o Uruguai” (17/07/1950).<sup>46</sup> Outro importante periódico esportivo *Esporte Ilustrado* escreveu “Atuando com grande entusiasmo e espírito de luta, a representação uruguaia vence o IV campeonato mundial de futebol” (27/07/1950). Manchetes inacreditavelmente concisas e leves para os dias de hoje. Se uma derrota desse porte acontecesse nos tempos atuais teríamos manchetes tipo: “Pode chorar meu povão, Brasil é vice” ou “Uma tarde de luto no Maracanã”.

Os conteúdos irônicos, que dialogam com o humor, também, eram bem menores. Comparando a recepção da derrota de 1950 com a de 1998, Simoni Guedes observa a frequência com que a última foi recebida com “manifestações de auto-ironia configuradas em

---

<sup>46</sup> A pesar dessa discreta manchete de primeira página, é possível encontrar conteúdos mais fortes no interior do jornal. Foi dada uma grande atenção ao choro dos jogadores da seleção brasileira, por exemplo: “Lágrimas, lágrimas, lágrimas. O último a deixar o campo foi Danilo. E também foi o último a ganhar o vestiário. Chegou tarde, foi chegando aos poucos, *arrastando-se pelo corredor escuro*” (Grifos meus, *O Globo*, 17/07/1950). Em outro trecho em também em destaque aparecia a frase: “Foi uma desgraça. Bigode chorava mais que todos”. A foto mostrando o contraste entre alegria dos vencedores e tristeza dos perdedores também já se mostrava presente. Augusto, o capitão da seleção brasileira, aparecia de cabeça baixa sendo consolado por Máspoli. Abaixo dela havia a seguinte legenda: “Contraste: O vitorioso Máspoli abraçando Augusto... O capitão da equipe brasileira, um dos valores no *match* de ontem, não esconde a sua tristeza...” (*O Globo*, 17/07/1950). O recurso ao contraste entre alegria dos vencedores e tristeza dos perdedores é extremamente comum na imprensa escrita. Em 1990, por exemplo, o jornal *O Globo* estampou na primeira página duas imagens uma ao lado da outra. Uma mostrava a comemoração do argentino Caniggia pelo gol feito na seleção brasileira. A outra mostrava o close no rosto de um torcedor brasileiro chorando.

inúmeras charges e textos, o que seria absolutamente impensável em 1950” (2000, 137). Impensável, entretanto, é uma palavra muito forte. De fato, não é possível encontrar referências dessa natureza estampadas nas capas dos principais periódicos do país. Entretanto, chama a atenção a presença de algumas manifestações irônicas e até mesmo debochadas. No jornal *O Globo*, por exemplo, em uma coluna dedicada às notícias do turfe pode-se ler: “O consolo de sermos vice-campeões do mundo é bom. Sermos bem educados e bancarmos os moços de bem, também serve. O azar é nosso porque não há uma taça Jules Rimet para o mais educado e o mais distinto” (18/07/1950). Trata-se de uma clara zombaria a insistência dos jornais em valorizar o vice-campeonato e em fazer dos elogios da imprensa internacional, dados ao bom comportamento da torcida brasileira, um motivo de consolo e orgulho. Nessa mesma coluna, uma charge mostra o seguinte diálogo entre três burros: “Luzeiro só perdeu porque o Obdulio Varela não foi o seu jóquei. Como? Obdulio não é Jóquei. – Não vá nessa conversa velhinho. Também não jogava nada e ganhou a partida.” (18/07/1950)<sup>47</sup>.

Mas de fato esse tipo de postura foi uma exceção. Nem manchetes excessivamente dramáticas, nem muitas piadas com a derrota. Sem dúvida, em 1998, nosso segundo vice-campeonato foi descrito de modo bem diverso. Havia mais humor e mordacidade. No jornal *O Dia*, podia-se ler “Brasil Zi danou”, já *O Globo* publicou em sua primeira página uma charge que mostrava o galo Footix, o mascote da Copa, engolindo Zagallo, o técnico da seleção. Já em seu caderno de esporte o técnico Zagallo foi alfinetado mais uma vez: “Faltou uma” (13/07/1998)<sup>48</sup>. Houve, também, mais lágrimas e espanto. O diário *Lance!*, tendo a imagem de Cafu deitado com as mãos levadas à cabeça e chorando, perguntou “Por que?”, classificando aquela perda como “A maior derrota do Brasil em Copas?” (13/07/2006). Essa diferença demonstra como a idéia de “tragédia do Maracanã” foi gestada com as releituras da derrota de 1950. E demonstra como as narrativas da derrota, com o passar dos anos, vão tendo seu caráter dramático e apelativo cada vez mais enfatizados e intensificados. As críticas lançadas na direção do selecionado perderão definitivamente seu tom conciliador e a derrota se firma como um acontecimento passível de um tratamento mais duro. Os fracassos da seleção geram vergonha, desapontamento e descontentamento. Sentimentos não mais minimizados, mas, ao contrário, amplificados. A “tragédia do Maracanã” em parte é resultado de uma visão em

---

<sup>47</sup> Luzeiro é o nome do cavalo favorito ao páreo do grande prêmio realizado naquele 16 de julho de 1950. Nessa coluna dedicada ao turfe, o conteúdo debochado tinha também o objetivo de criticar o excesso de atenção dado ao futebol.

<sup>48</sup> A cada vitória da seleção na fase decisiva da Copa de 1998, Zagallo dizia quantas etapas ainda faltavam para a seleção chegar a final. Quando a seleção passou pelas semifinais contra a Holanda, garantindo vaga na final, Zagallo falou: “Falta uma”. E de fato faltou uma vitória sobre a França.

retrospectiva, pertence a um tempo em que as derrotas da seleção passam a ser interpretadas como se fossem o fim do mundo.

Nesse contexto, os conteúdos apelativos ganham mais espaço. São freqüentes as cenas de choro e desolação não apenas dos torcedores, mas de jogadores também. Em 1974, Zagallo apareceu em close com as mãos na cabeça, em sinal de desespero, por conta da derrota da seleção para a Holanda (*O Estado de São Paulo*, 04/07/1974). Em 1998, Ronaldo, o Fenômeno, também com as mãos na cabeça<sup>49</sup>, aparece chorando, sendo consolado pelo goleiro Dida. Com o mesmo gesto de aflição aparecia Ronaldinho Gaúcho na edição da *Folha de São Paulo*, do dia seguinte à eliminação da Copa de 2006. Nesse mesmo ano, a primeira página de *O Globo* mostrava o jogador Zé Roberto deitado no chão – com as mãos na cabeça! –, aos prantos. Imagens fortes e palavras também. Frases de impacto irrompem dando conta da imensa dor que a torcida nacional sente e, além disso, a seleção é criticada sem dó, nem piedade pela imprensa após a derrota: “Consternação em todo o país com a derrota do selecionado” (*O Globo*, 20/07/1966); “E tudo se acabou. Foi uma 4ª feira de cinzas” (*Ultima hora*, 04/07/1974); “Brasil perdeu 3 pênaltis. Acabou a festa” (*JS*, 22/06/1986); “Derrota dramática” (*O Dia*, 22/06/1986); “França elimina Brasil em um jogo dramático” (*Estado de São Paulo*, 22/06/1986); “Brasil desorientado perde para Portugal” (*JS*, 20/07/1966); “Sonho do penta acaba em lágrimas. Fiasco na final” (*O Dia*, 13/07/1998); “França liquida Brasil. Com atuação medíocre, seleção é eliminada da Copa” (*O Globo*, 02/07/2006).

Cenas e palavras que representam o pólo oposto do modo como a imprensa costuma representar as vitórias da seleção. Em 1990, por exemplo, a vitória sobre a Suécia foi noticiada como “Lambada brasileira” (*JS*, 11/06/1990) e nesse mesmo periódico é dado destaque à comemoração da torcida nas ruas do Rio de Janeiro: “Zona Sul se enfeita toda, grita e comemora” (*JS*, 11/06/1990). Clima festivo e eufórico, também, em 1986 na estreia do Brasil na Copa do Mundo: “Delírio da galera em todo o País. Brasil na cabeça” (*O Dia*, 02/08/1986) e “Polônia caiu de quatro. Foi um passeio. Agora, Itália ou França” (*JS*, 19/06/1986); “Deus é brasileiro. Com muita fé em Cristo e no Penta o torcedor mostra orgulho verde e amarelo” (*O Dia*, 11/06/1998); “Brasil festeja e delira com os seus tetracampeões” (*JB*, 20/07/1994). Isso demonstra um certo esquematismo nas coberturas da imprensa, no que diz respeito à participação da seleção em Copas. Vitória representada como festa e derrota como fim de festa. De um lado risos e do outro, dor. É sempre assim.

---

<sup>49</sup> Quase toda derrota da seleção é retrata com a foto de algum jogador ou técnico com as mãos na cabeça.

Martín-Barbero comenta que dor e riso estão entre os sentimentos básicos do melodrama (2006, 168). Ambos também são vitais para as narrativas de futebol, principalmente as que tratam da seleção. Sentimentos cuja ênfase aponta para uma visão de mundo polarizada entre alegria e tristeza, vitória e derrota, heróis e vilões. Esses últimos como sabemos são os protagonistas das narrativas da derrota, e não poderia ser diferente, pois as figuras vilânicas têm um ótimo rendimento dramático. Vilões são personagens com os quais costumamos ter familiaridade e que podem ser facilmente identificados pelo público receptor. Como já foi dito, eles dão nome e rosto às derrotas e viabilizam a condensação, em sua figura, de todo sentimento negativo despertado pelo fracasso. Além disso, possibilidade de puni-los, mesmo que seja, de modo simbólico é capaz de congrega um público ávido por justiça e castigo. Não é à toa que os cenários de julgamento são constantemente criados nas narrativas da derrota.

Também não é de causar espanto que dois dos principais nomes da história do futebol brasileiros sejam Nelson Rodrigues e seu irmão Mário Filho. Nelson, por exemplo, era teatrólogo e, certa vez, afirmou que a realidade era estúpida e chata e, por isso, necessitava de um pouco de fantasia. Sendo assim, era necessário ao cronista apegar-se menos à objetividade, buscando “retocar o fato, transfigurá-lo, dramatizá-lo” (1994, 11). Mário Filho, por sua vez, era jornalista e teve uma participação importante na transformação da imprensa esportiva em um veículo preocupado não apenas com a descrição fidedigna dos fatos, mas com a fomentação das afetividades que circulam em torno desse esporte. Nelson Rodrigues e seu irmão Mário Filho faziam dos fatos um substrato sobre o qual depositavam seu notável talento com as palavras e uma incrível habilidade imaginativa. Muitas informações fornecidas por ambos em suas crônicas, podem ser facilmente refutadas. Como observa o jornalista Paulo Vinicius Coelho (2006, 18), é equivocada a descrição que Nelson fez do terceiro gol do Brasil contra a Tchecoslováquia pelo Mundial do Chile, pois o gol de Vavá não foi feito de cabeça, mas de pé direito.<sup>50</sup> E o que dizer do tapa de Obdulio Varela dado no lateral Bigode da seleção brasileira, eternizado por Mário Filho.

É possível contestar seus relatos e até chamá-los de mentirosos, mas é inegável sua eficácia narrativa. Seria possível usar as palavras que Eric Auerbach lançou mão para se referir aos poemas homéricos:

enquanto ouvimos ou lemos a sua história, é-nos absolutamente indiferente saber que tudo não passa de lenda (...) ele [Homero] não tem necessidade de fazer alarde da verdade histórica do seu relato, a sua realidade é bastante forte; emaranha-nos, apanha-nos em sua rede, e isso lhe basta (1998, 10).

---

<sup>50</sup> “O terceiro gol veio de uma bola alta de Djalma Santos. Vavá, furioso como um cossaco do Don, meteu a cabeça” (1993, 94).

Tanto Mário quanto Nelson talvez não se pautassem pela verdade dos fatos. Mas suas narrativas nos enredaram e ajudaram a consolidar o futebol como o esporte mais popular do país. Pois muitas vezes, mais interessante que o futebol, é tudo aquilo que se fala sobre futebol. Seus excessos, suas meias verdades, os boatos alimentados e mantidos durante anos a fio, são ingredientes vitais ao espetáculo da bola. E de fato, torcedores e leitores vão em busca dessa realidade retocada, enfeitada e superdimensionada. Poucos procuram descrições perfeitas e contidas dos jogos. A maioria deseja avistar de longe manchetes garrafais e que fazem nosso time parecer o melhor e mais importante do planeta. Gostamos de aumentativos ao estilo, Vascão, Fluzão, Coringão, Verdão, etc, etc... Temos um enorme apreço por pôsteres do nosso time com jogadores dispostos como se fossem guerreiros imortais. Nas Copas, a atmosfera de grandes confrontos entre nações, a sensação de que o Brasil está no centro do mundo geram deliciosas expectativas. Tudo isso, são ilusões desejadas. Assim como o são, as ilusões que as novelas proporcionam aos brasileiros.

Brasileiros costumam gostar de um melodrama. Nelson e Mário claramente investiam em conteúdos melodramáticos que, por sua vez, se mostraram imprescindíveis para que o futebol pudesse – e possa – fincar raiz em nossa memória e em nosso cotidiano. Portanto, enfeitar a realidade não é um problema em si e, de modo algum, este texto pretende defender a necessidade de uma abordagem puramente objetiva dos fatos esportivos. O recurso ao melodrama é muito pertinente às abordagens da seleção brasileira e do futebol de um modo geral. Afinal, como já foi exposto esse esporte por si só carrega uma dimensão afetiva importante. A crítica que se deseja fazer às coberturas da imprensa e a postura de grande parte dos repórteres e cronistas refere-se a seu excessivo esquematismo e a seu impressionante caráter repetitivo.

O discurso performativo e teatralizado, freqüentemente, se mostra um tanto desmedido. A imprensa esportiva costuma deixar quase que totalmente de lado uma crítica mais acurada dos jogos da seleção. Esquece-se, sobretudo, de analisar o jogo a partir de uma perspectiva que leve em conta os aspectos táticos e técnicos das partidas. Muitas reportagens desejam somente chamar a atenção do público e o fazem quase sempre do mesmo modo. São melodramas baratos, pouco criativos e pretensiosos. Os relatos dos jogos costumam ser óbvios e esquemáticos, muitas vezes se resumindo a festejar as vitórias ou criar uma atmosfera funesta para as derrotas.

## 2. ASSIM NASCEM OS VILÕES

### 2.1 Toda derrota tem um culpado

Se o futebol – assim como os esportes de um modo geral – se transformou em um dos mais importantes produtores de figuras heróicas nas sociedades modernas, certamente, não poderia deixar de produzir figuras vilânicas. O mundo da bola, também, costuma ser dividido entre o bem e o mal, sendo que cabe aos vilões o papel de partidário das forças maléficas. Concepções de virtude e vício são forjadas em diálogo com uma série de valores e representações que permeiam o território futebolístico e é em diálogo com as mesmas que as tipologias vilânicas são configuradas. Vilões são sempre configurados em contraposição a normas ou expectativas mantidas e criadas por determinados grupos, que podem ser de torcedores, público em geral, jornalistas, dirigentes etc. Por isso, eles são sempre alvo de críticas, reprovações e punições sejam concretas ou simbólicas. Uma das tipologias mais conhecidas de vilania é aquela relacionada à antidesportividade, e costuma ser conformados em oposição aos padrões de *fair play* e disciplina requeridos para os profissionais da bola. Esse tipo de vilão nos traz à mente as imagens do jogador Edmundo distribuindo socos em Juninho Paulista, em 1994, no jogo São Paulo e Palmeiras, ou as do holandês Frank Rijkaard cuspiendo em Rudi Voller, na partida entre Alemanha e Holanda, pela Copa de 1990. Ou de Zinedine Zidane que na final da Copa de 2006 agrediu o zagueiro italiano Marco Materazzi com uma forte cabeçada no peito.

Há um vasto repertório desse tipo de vilania. Mas não é dela que pretendo tratar. Os vilões aqui em questão são aqueles assim denominados por terem sido culpabilizados por alguma derrota. Não de uma derrota qualquer, mas daquelas ocorridas em jogos decisivos, pois esse é o palco perfeito para o surgimento desse vilão. Pois, 90 minutos é tempo suficiente para marcar a trajetória de um jogador de futebol, o que demonstra que Jair, um dos integrantes da seleção de 50, não deixava de ter razão em pensar que o “futebol é ingrato” (Neto, 2000, 135). Afinal, no dia 16 de julho de 1950, ele pisara no gramado do Maracanã como um dos heróis da seleção brasileira, mas, assim como seus colegas, saiu do mesmo com o estigma de perdedor. De nada valeram as triunfantes goleadas sobre Espanha e Suíça, pois a carreira daqueles atletas foi anexada àqueles noventa minutos, jogados e perdidos para os uruguaios. Pois, muitas vezes, basta esse curto espaço de tempo para que nasçam nossos heróis e nossos vilões. Os primeiros serão os personagens principais das vitórias e os

segundos terão o inglório papel de protagonistas da derrota. Enquanto o herói percorre uma trajetória ascendente, em que um *status* de superioridade lhe é conferido, o vilão é lançado numa queda que o conduz a um território sombrio de culpabilizações das quais, muitas vezes, não consegue se livrar.

Se em muitos romances e novelas tudo que acontece de ruim parece-nos ser obra de um vilão, o mesmo ocorre no futebol. Quando tudo dá errado e descamba em derrota, o torcedor tem a impressão de que há por trás desse fracasso, a ação decisiva e maligna de um jogador, de um técnico ou mesmo dirigente. Temos a tendência de pensar que toda derrota tem um culpado. E esses culpados são os vilões. São eles que emblematizam uma derrota, dão-lhe rosto e nome, tornando-a menos abstrata. Sem os vilões as histórias do futebol seriam incompletas, pois esses personagens têm um ótimo rendimento na memória e no imaginário do torcedor. Sobre ele depositamos uma série de valores relacionados não apenas ao futebol, mas a outras esferas da sociedade. Valores negativos certamente, pois a identidade vilânica é composta, sobretudo, de lacunas, falhas, enfim de tudo que tenha o peso da negatividade. Podemos concebê-lo como lento, sem habilidade, sem garra, mascarado ou mercenário, o que vale mesmo é que o vilão da derrota é aquele que sempre decepciona e fica a dever.

Trata-se, porém, de uma percepção filtrada pela derrota. Pois o resultado do jogo funciona como uma lente que nos faz enxergar figuras agigantadas ou amesquinhas. Por intermédio da vitória, certos profissionais do futebol podem ser transfigurados em heróis ou vilões. A transfiguração, no sentido proposto por Hans Ulrich Gumbrecht, é um conceito bastante útil para pensarmos os processos de construção do perfil de alguns personagens importantes do âmbito futebolístico. Transposto para o domínio esportivo, a transfiguração pode ser compreendida como o processo pelo qual a percepção que temos de um determinado atleta se transforma e o mesmo passa a ser concebido a partir de uma perspectiva que o diferencia dos demais. Uma diferenciação que pode ser gloriosa ou fracassada, já que essa transfiguração atlética se dá em um contexto competitivo no qual existe a possibilidade de ganhar e o risco de perder:

De acuerdo con *el Nuevo Testamento*, la transfiguración es una transformación que bien puede ocurrirles a los seres humanos. En el Monte Tabor, Jesús, Moisés y Elías se aparecen transfigurados ante los discípulos. Sus cuerpos brillan. De modo similar, la victoria – y la derrota – hacen brillar en la luz del triunfo o la tragedia los cuerpos e sus movimientos (...) pienso que la victoria o la derrota les dan distintas variedades de lo que la tradición cristiana acostumbraba llamar un “halo”, y que los intelectuales hoy han venido a llamar una “aura”. (2005, 79).

A luz da derrota confere aos vilões uma aura obscura.<sup>51</sup> E o eleito passará, por algum motivo, a não ser reconhecido como membro legítimo de uma determinada comunidade, causando, portanto, estranhamento e principalmente rejeição. Por isso, é muito comum afirmar que tal atleta “não pode vestir a camisa” de tal time, afinal a derrota amplifica defeitos e, muitas vezes, os inventa. Sendo assim, a nossa relação com um determinado jogador pode modificar-se bastante após o fracasso em uma partida importante. É em meio à angústia e a revolta pela perda de um título ou eliminação de um time da fase final de alguma competição que costumamos eleger nossos vilões. Contra eles, a torcida se une tendo como fundamento a raiva, mostrando, desse modo, que Nelson Rodrigues não estava exagerando quando afirmou, certa vez, que o ódio formava a “base sentimental da torcida (...) Repito, sem ódio não há torcida possível” (1994, 14).<sup>52</sup> Em um espetáculo no qual as afetividades são constantemente acionadas, não podíamos imaginar que apenas o amor pudesse servir de alimento para o universo futebolístico. Há muito espaço para o seu reverso. A socióloga Janet Lever não deixou de reconhecer que o futebol é um poderoso produtor de símbolos compartilhados e, por isso, os “pontos focais de hostilidade também unem as pessoas” (1983, 157).

E de fato, muitos torcedores se irmanam na raiva para ofender, ameaçar e fazer uma série de outras manifestações de repúdio contra alguém que lhes pareça ser o responsável pelo revés de seus times. Ao contrário dos vilões da indisciplina, os do fracasso dificilmente conseguem ser alvo de identificação, mas quase sempre de rejeição. A construção dessa identidade negativa é mediada pela derrota. Pois se o resultado final de uma partida é um elemento importante para a compreensão que teremos da mesma, conseqüentemente, também é o fator decisivo para os significados que atribuiremos a certos atores do jogo e o lugar que os mesmos ocuparão em nossa memória. Por isso, muitas vezes, a distância que separa os heróis dos vilões do futebol, pode ser menor do que imaginamos, afinal essa diferença se constrói após o resultado de um jogo. Em 1997, por exemplo, podíamos ouvir no estádio Caio Martins, no Rio de Janeiro, a torcida do Botafogo gritar o nome de um de seus jogadores na época: “Ei, ei, Bentinho é nosso rei”. Coro que, entretanto, não resistiu à derrota da estrela solitária, por isso quando o Botafogo já perdia pelo placar de 3 X 1, o grito de apoio foi esquecido e rapidamente substituído por ameaças: “Bentinho, agora é sério, se não correr, vai parar no cemitério” (*apud* Souto, 2000, 96).

---

<sup>51</sup> Algumas palavras de Mário Filho podem ser úteis para esclarecer esse processo de transfiguração, principalmente a operada pela vitória: “A vitória é como uma varinha de condão que transforma um jogador num ente superior. A multidão fá-lo ídolo” (*Manchete esportiva*, 24/05/1958).

<sup>52</sup> Aqui é interessante uma referência a Freud e aos instintos de agressão que juntamente com Eros, segundo o psicanalista, “divide o domínio do mundo” (1969, 144 ). Pelo visto divide o mundo futebolístico também.

Pela Copa Libertadores de 2006, os corintianos despejaram sua insatisfação contra os atletas Coelho e Ricardinho, que segundo a maioria dos torcedores, eram os principais culpados pela derrota diante do River Plate, que eliminou o time do Parque São Jorge daquele cobiçado torneio. O primeiro foi o autor de um gol contra que empatou a partida e deu início à reação dos argentinos, já o segundo não teria conseguido converter em gol algumas “claras” oportunidades surgidas ao longo da partida.<sup>53</sup> Por falharem em sua função, segundo a concepção dos torcedores, ambos foram muito hostilizados, tendo seus nomes citados em canções com letras intimidatórias, em que se exigia a imediata saída dos dois jogadores do Timão. O lateral Coelho confessou que precisou tomar remédios para dormir na noite após essa derrota, tamanha a pressão exercida pelas cobranças da torcida (*Folha de São Paulo*, 05/05/2006). Cobranças que aumentaram, afinal, poucos dias depois, o Corinthians foi novamente derrotado, desta vez, pelo São Paulo. Outro fracasso e os mesmos vilões. Lá estavam eles, Ricardinho e Coelho, para, novamente, carregarem a cruz da vilania. Tudo isso contribuiu para que, de fato, ambos mudassem de clube, já que a rejeição dos corintianos era bem grande.

Mas, como comenta a socióloga Janet Lever “a máquina do futebol não poderia operar sem homens dispostos a participarem sobre essas condições adversas” (1983, 161). Até mesmo porque figuras como os vilões são capazes de fornecer ao torcedor uma via rápida para se expurgar toda excitação provocada pela derrota. Grande parte da agressividade que se manifesta por intermédio do futebol é depositada sobre as figuras vilânicas, afinal como já foi dito, os vilões dão rosto e nome ao fracasso. Não nos seria possível gritar: “Ei, derrota, vai tomar ...” ou, por exemplo, “Derrota, presta atenção, muito respeito com a camisa do Verdão”.<sup>54</sup> Mas é possível fazermos isso com os vilões. Eles são ofendidos em coro e se transformam numa espécie de saco de pancadas em que se bate na tentativa de aliviar a revolta provocada pela derrota. Os vilões quase sempre apanham de modo simbólico, são xingados, ganham fama de covardes, mascarados, pernas-de-pau e uma série de outras ofensas bastante pejorativas no território futebolístico. Crucificá-los pode nos dar a sensação, muitas vezes falsa, de que temos pleno domínio sobre uma situação tão desconcertante como a derrota. E quanto mais doloroso for um fracasso, maior será a ânsia por respostas rápidas e

---

<sup>53</sup> Essa noção de chances “claras” de gol é típica de quem não está em campo jogando e que, por isso, muitas vezes constrói uma imagem um tanto simplificada do jogo. Afinal, será que se estivéssemos em campo, sob os olhares e a pressão de milhares de torcedores, tudo seria tão fácil e claro, como às vezes pensamos que seja?

<sup>54</sup> Verdão é a forma carinhosa dos palmeirenses fazerem referência ao seu time. Quanto aos gritos, eles são extremamente comuns de serem ouvidos nas arquibancadas. O jogador Ricardinho, na partida do Corinthians contra o River Plate, mencionada mais acima, foi alvo desse tipo de coro da torcida: “Ó Ricardinho, presta atenção, muito respeito com a camisa do Timão”.

pouco complexas, e por depositar a responsabilidade sobre alguns indivíduos, deixando claro nosso repúdio à sua presença.

Além disso, não é nada fácil admitir que nosso time jogou e perdeu de forma merecida e, muito menos fácil é reconhecer a superioridade alheia. Por isso, os vilões se mostram personagens extremamente úteis, pois eles prescindem da necessidade de uma análise mais acurada da derrota e que leve em conta a possibilidade de nosso time ter sido, em algum aspecto, inferior ao adversário. Afinal, esse tipo de reconhecimento significa pôr em perigo as identidades individuais e coletivas forjadas no âmbito futebolístico. É preferível encontrar mecanismos de interpretação da derrota que não coloquem em xeque a superioridade de uma equipe – e de nós torcedores – perante o adversário. Culpabilizar indivíduos isolados em detrimento do grupo pode diminuir os estragos de uma derrota no ego do torcedor.

Talvez por isso os vilões sejam tão importantes nas explicações dos fracassos da seleção brasileira em Copas do Mundo. Afinal, nosso ego futebolístico inflou-se consideravelmente desde que começamos a colecionar importantes glórias internacionais. Como já foi visto, o país que já comemorou um terceiro lugar em Copa do Mundo, como se fosse a conquista do título, com o tempo passou a nutrir uma forte certeza da excelência de seu selecionado. Essa certeza torna mais aguda aquela dificuldade no que diz respeito ao reconhecimento da primazia do adversário, afinal esse gesto requer humildade, um sentimento que o torcedor canarinho desaprendeu a cultivar. Sendo assim, os vilões se transformaram em personagens imprescindíveis às explicações dos nossos fracassos, principalmente os ocorridos em Copas do Mundo. A pergunta “Por que o Brasil perdeu?”, que serve de mote principal às narrativas da derrota, é quase sempre respondida através das figuras vilânicas, afinal são seus erros e sua “desastrada” presença em campo que justificam o insucesso da seleção.

E foi o Maracanazo que traçou a estrutura básica desse modelo de vilania, nas participações da seleção em Copas do Mundo. 1950 representou uma etapa extremamente importante no processo de consolidação dos vilões como personagens que, quase sempre, serão buscados dentro do próprio escrete e cujas possíveis falhas em campo serão, freqüentemente, compreendidas como resultado de algo que ultrapassa o âmbito das quatro linhas. Embora fosse possível buscar argumentos de ordem tática para explicar a derrota da seleção, nossos jogadores foram vistos como covardes que teriam tremido diante de duzentas mil pessoas e diante da responsabilidade de conquistarem a Copa do Mundo. Até os dias de hoje, ainda é bastante comum classificarmos nossos vilões de covardes, mascarados, mercenários enfim uma série de qualificativos que mais os fazem parecer típicos vilões de

telenovelas. Diabolizamos os vilões e, muitas vezes, o enxergamos como um sujeito de intenções suspeitas, como uma espécie de gênio mal da família que se corrompe por algum interesse escuso. Essa interpretação, em parte, está relacionada ao fato de imputarmos aos jogadores da seleção um papel que ultrapassa o de simples atletas. Eles são defensores e representantes da nação, o que já em 1950 se encontra bastante enfatizado e que com o tempo será fortalecido. Entretanto, esse padrão de vilania não pode ser compreendido como uma simples continuidade do Maracanazo. Há certas especificidades na vilania dessa Copa que precisam ser levadas em conta, pois 1950, por si só, não basta para explicarmos a pertinência desse modelo de vilão.

A principal especificidade diz respeito aos parâmetros avaliativos utilizados para o julgamento da atuação do selecionado nacional. Mirávamos os uruguaios quando concebemos os jogadores da seleção como covardes e sem fibra. Mirávamos, principalmente, o capitão, Obdulio Varela que foi, constantemente, exaltado pelos próprios brasileiros, como um capitão à moda antiga, ou seja, aquele que é a “alma e arma de uma equipe”, como afirmou Geraldo Romualdo da Silva (*JS*, 03/08/1950). Mário Filho chegou a ir mais longe ao propor que Obdulio, assim como Friendenreich, era mais um mulato a ocupar o posto de ídolo nacional, um “ídolo às avessas”, já que pertencia ao Uruguai, mas que, nem por isso, deixava de despertar admiração no brasileiro, que acreditava que se ele “tivesse jogado pelo Brasil, o Brasil teria sido campeão do mundo” (1964, 336). Tratava-se de uma superioridade, antes de tudo, moral. Pois se havíamos conseguido perder, mesmo sendo donos de uma campanha até então irretocável, era porque nos faltaram certas virtudes que sobraram aos uruguaios. Faltaramos coragem e fibra como deixa claro um trecho do *Anuário Esportivo Brasileiro* em que se pode ler: “os uruguaios venceram porque tiveram fibra, jogaram com o coração e souberam honrar as suas tradições de campeões do mundo. Venceram porque não se mascaram” (*apud* Vogel, 1982, 95).

Por trás dessa interpretação resplandece a figura da garra uruguaia, principalmente a altivez de Obdulio Varela. A avaliação negativa lançada sobre o desempenho da seleção nacional foi, em grande parte, construída em oposição à imagem que tínhamos de “el grán capitán”. Imagem que se constrói após o jogo, pois foi a vitória uruguaia que operou a transfiguração de Obdulio em nosso “ídolo às avessas”, que nos fez ressignificar seus gestos, suas atitudes em campo, fazendo-lhe agigantar-se ante nossos olhos e, principalmente, agigantar-se em nossa imaginação. Afinal, antes do término da partida, quem era Obdulio? Onde está Obdulio? Nos dias que antecedem ao jogo decisivo, nas edições dos jornais, havia raras menções ao time uruguaio e a seu capitão que podia ser um ídolo para os uruguaios, mas

não nosso. A cobertura da imprensa nacional, nos dias que precedem o confronto, possui um tom celebratório que visa, antes de tudo, enaltecer o grande feito dos nossos jogadores. Raramente é lembrado que enfrentaríamos um adversário e que o mesmo já havia sido campeão mundial. “Tudo preparado para a vitória!”, assim dizia a manchete do *Jornal dos Sports* do dia 15/07/1950, deixando claro que o Uruguai era apenas um detalhe, um simples coadjuvante em nossa festa.

No que diz respeito especificamente a Obdulio, é interessante analisarmos três momentos do jogo através da narração de Jorge Curi. O primeiro refere-se ao lance que se segue após o gol de Friaça, em que o capitão uruguaio trava um pequeno bate-boca com o bandeirinha da partida. Esse lance será posteriormente interpretado como prova da superioridade emocional de Obdulio, entretanto Jorge Curi o narrou do seguinte modo: “Estão reclamando os uruguaios, impedimento de Friaça (...) *Importunado o bandeirinha Mr. Ellis por Obdulio Varela*, que quer impedimento a todo custo” (Grifos meus).<sup>55</sup> O segundo lance ocorre após um desarme de Jair pelo capitão uruguaio, aos 14 minutos do segundo tempo: “Agora Obdulio reclama de Julio Perez. *Como reclama o capitão uruguaio*. O público já tomou conta de Obdulio, *porque ele reclama de tudo* – do juiz, do adversário e agora dos companheiros” (Grifos meus). Dois minutos após, uma falta violenta é cometida por Matías Gonzáles em Ademir. Jorge Curi, então, recorre a César de Alencar, que estava posicionado atrás do gol, para que este comente essa falta: “Alô, César de Alencar, você que está bem colocado pode dizer alguma coisa sobre o lance?”. César, então, responde:

O lance foi, embora legal, de uma violência a toda prova. Aliás, diga-se de passagem que a defesa uruguaia, assim que os jogadores brasileiros penetram na área, são de uma dureza a toda prova. Temos observado lances aqui do nosso posto de observação que absolutamente *não fazem parte do futebol*. Obdulio Varela, o center-half do escrete uruguaio, usa de todos os recursos contra Ademir. (Grifos meus)

Tomando como base essa narração temos um Obdulio classificado de *importuno, reclamão e violento*. Um jogador que interrompe o jogo sempre que pode e cuja vaia a ele direcionada – a qual Jorge Curi faz referência – pode ser, claramente, ouvida no áudio do jogo. Seria difícil imaginar que esse mesmo jogador se converteria em símbolo de postura em campo. A vitória da Celeste e a derrota da seleção transfiguram Obdulio e fazem seus gestos e seu corpo reluzir sob a luz da glória, fazem com que o olhemos por outros prismas e que o interpretemos como índice de força e soberania. Nesse sentido, a vilania de alguns jogadores brasileiros e o heroísmo dos uruguaios, principalmente Obdulio, são, em grande parte, resultado de interpretações mediadas pelo resultado do jogo. E nesse aspecto heróis e vilões se

<sup>55</sup> Brasil X Uruguai, final da Copa de 1950, transmissão Rádio Nacional do Rio de Janeiro, narração Jorge Curi, Antônio Cordeiro e César de Alencar (atrás do gol). Arquivo pessoal.

igualam, pois ambos são formados em consonância com um repertório de representações e projeções. Sendo que sobre os heróis depositamos nossos sonhos e sobre os vilões, nossos pesadelos.

Entretanto, Obdulio não era apenas uma imagem. Sem dúvida, não lhe faltava impetuosidade e capacidade de comando. Seus colegas da seleção uruguaia reconheciam seu poder de liderança e, também, lhe creditaram papel fundamental à conquista uruguaia. De fato, Obdulio, naquele 16 de julho, gesticulou, bradou com o juiz, com os jogadores brasileiros e com os próprios uruguaios, pois como afirmou o nosso capitão Danilo, “Obdulio jogava bola com a boca, não era com os pés” (Neto, 2002, 89). Capacidade que o próprio *negro jefe* orgulhava-se de possuir: “le tomé gusto a jugar hablando siempre, gritando fuerte a veces, ordenando, haciéndome sentir (...) Sicológicamente, al rival no hay otra que tocarle la oreja, a ver hasta dónde va (...) Siempre “parlé” mucho en la cancha” (Pippo, 1993, 48). Embora tal comportamento, de fato, fosse apresentado por Obdulio, é importante reconhecer que o tipo de interpretação positiva que construímos do mesmo correspondia à necessidade que tínhamos de dar uma resposta à derrota.

Caso tivéssemos levantado a taça do mundo é bem provável que olhássemos Obdulio de outro modo, como nada mais que um falastrão, que de tudo reclama e a todos importuna. Nos jornais do dia seguinte diríamos que não se ganha jogo no grito, mas com a bola no pé. Talvez achássemos o capitão uruguaio, um jogador limitado, que se via obrigado a recorrer à violência, pois esse era o único modo de deter o ímpeto dos nossos jogadores. Pintaríamos Obdulio como uma espécie de bobo da corte. Usaríamos sua falastrice para exaltarmos nosso controle emocional e sua combatividade para exaltarmos nossa técnica refinada. Mas, ocorre que perdemos e com isso os gestos de Obdulio foram ressignificados, consolidando assim um mito para os uruguaios<sup>56</sup> e fazendo nascer outro para os brasileiros. Um exemplo de honradez e fibra e que servirá de parâmetro avaliativo do desempenho da seleção naquele decisivo jogo do dia 16 de julho de 1950. Obdulio foi a sombra dos nossos jogadores, uma espécie de paradigma positivo a partir do qual foram julgados principalmente nossos vilões Barbosa e Bigode. Uma sombra imensa que apequenava ainda mais nossos jogadores. Como disse Friaça “Nós, os jogadores, sofremos em todos os cantos, porque, para onde a gente ia, ouvia só duas palavras: Obdulio, Uruguai” (Neto, 2000, 107).

---

<sup>56</sup> Sobre a importância de Obdulio e da vitória da seleção uruguaia, em 1950, Richard Giulianotti escreveu: “The match had a stronger symbolic impact upon Uruguayan identity. Not only had the football team triumphed over giant odds, but Varela’s valorous performance had personified a profound sense of national belief and self-determination. The argument with the referee became an almost mythical moment, a metonym for the new Uruguay, and a pivotal image in the formulation of a collective memory within this modernizing nation” (2006, 140).

Mas não foi apenas a derrota que conseguiu transformar o capitão uruguaio em nosso “ídolo às avessas” e fez dele, assim como a Celeste, o padrão que serviu de contraponto à vilania de 50. Esse fenômeno, também, tornou-se possível, pois em 1950, nossa identidade futebolística ainda estava em formação, carecendo de certezas e, principalmente de resultados palpáveis dentro de campo. A Copa realizada no Brasil, sem dúvida, alimentou uma série de discursos ufanistas que viam no evento uma forma de levar o nome do Brasil para além das fronteiras sul-americanas. Do mesmo modo, tentou-se estabelecer uma relação direta entre a seleção e a nação, fazendo da primeira uma representante do nosso povo (Moura, 1998, 114). Mas a imagem que tínhamos do futebol nacional ainda era um pouco diferente da que possuímos hoje em dia. Assim como, a relação que mantínhamos com a seleção e com as Copas do Mundo estava um pouco distante daquela que aprendemos a cultivar. Zizinho, um dos principais nomes da seleção de 1950, em entrevista, comenta que disputou a Copa, sem ter “noção do que fosse realmente uma Copa do Mundo” (Neto, 2000, 111). Pode nos parecer espantosa tal declaração, mas é preciso lembrar que havia 12 anos que esse evento não se realizava, devido a segunda grande guerra. Além disso, o trânsito de informações era precário, pois a imprensa ainda engatinhava em termos tecnológicos. Zizinho, por exemplo, disse que “nunca tinha visto a Iugoslávia ou a Suíça jogarem – dois dos nossos principais adversários” (id, *ibid*).

Não sabíamos exatamente quem eram nossos adversários, mas, tampouco tínhamos uma idéia exata de quem éramos em termos futebolísticos. Ainda não havíamos formado uma imagem mais nítida do futebol brasileiro e nem consolidado a chamada “escola brasileira de futebol”. Embora sua natureza seja simbólica, pois designa os “modos de conceber e vivenciar o futebol” em um determinado contexto (Toledo, 2002, 38), essa escola também é fundada em resultados palpáveis dentro de campo, o que só ocorreu nas conquistas de 58 e 62. Após essas glórias é que são dados os passos definitivos, rumo à consolidação daquilo que chamamos de estilo brasileiro de futebol que terá sua consagração definitiva no tricampeonato de 1970. Em 1950, ao contrário, nosso currículo era modestíssimo e cheio de altos e baixos.

Pois, todo vilão é antítese de algum conjunto de valores. Em 1950 os vilões foram erguidos em contraponto à imagem de Obdulio e da garra uruguaia, em parte porque ainda não possuíamos como referência uma “escola brasileira” de futebol consolidada. Por isso, Obdulio continuou nos servindo de parâmetro enquanto não tínhamos nós mesmos como modelos de vencedores. Em 1954, lá estava ele e a Celeste, ainda resplandecendo como exemplos de virtudes e conquistas. O vilão dessa Copa foi Mr. Ellis, mas os uruguaiois ainda faziam morada em nosso imaginário. Chegamos mesmo a torcer para os orientais rogando-

lhes vingança pela derrota imposta a nós pelos Húngaros. Mário Filho, por exemplo, demonstrava certeza de que tanto Mr. Ellis quanto a FIFA jamais ousariam ludibriar aos Uruguaios, pois estes “reagirão a bofetada” (*JS*, 30/06/1954). O jornalista fazia referência a uma possível arbitragem desonesta, no jogo Brasil e Hungria, válido pelas quartas-de-final da Copa de 1954 em que fomos eliminados dessa competição. O árbitro em questão é Mr. Ellis, que em 1950 havia sido o bandeirinha do jogo do dia 16 de julho e que na Copa seguinte apitou a decisiva partida dos brasileiros contra a poderosa e temida Hungria. Um jogo confuso e violento que contribuiu para fazer de Mr. Ellis o grande vilão da Copa de 1954.

Nossa raiva contra o árbitro teve início no momento em que ele assinalou um pênalti do zagueiro Pinheiro, que teria desviado a bola com a mão dentro da área. Penalidade contestada por grande parte dos jornalistas, o árbitro também foi acusado de não ter marcado impedimento no quarto gol húngaro feito pelo jogador Kosics. Isso sem contar as expulsões, consideradas injustas, de Nilton Santos e Humberto que deixaram o Brasil com apenas nove jogadores em campo. A impressão de que a arbitragem tinha sido totalmente desfavorável ao Brasil foi grande. A CBD enviou um ofício à FIFA acusando Mr. Ellis de ter entrado em campo “a serviço do comunismo internacional, contra a civilização ocidental e cristã” (*apud* Unzelte, 2000, 138). O jornalista Geraldo Romualdo afirmou que o referido árbitro “agiu como um juiz de pior categoria” (*JS*, 04/07/1954). Já, o também árbitro, Mário Viana esbravejou para quem quisesse ouvir “Ladrão. Comunista. Rateiro” (*apud* Heizer, 2001, 111). De acordo com Flavio Prado, Mário Vianna teria feito acusações muito mais duras: “Brasileiros, o comitê de arbitragem da FIFA é um covil de ladrões. O juiz Mr. Ellis quis ajudar a Hungria porque além de ladrão é comunista”. (Prado, 1998, 98). Por sua vez, o jornal *Última Hora* foi taxativo e denominou Ellis de “lacaio da FIFA” (26/06/1954).

O juiz britânico foi julgado e culpabilizado por muitos que sequer estiveram presentes ao jogo na suíça e que acompanharam apenas pelo rádio sua transmissão. A fama de ladrão de Mr. Ellis foi grande e segundo Roberto Muylaert aquele nome durante muitos anos soou como um verdadeiro palavrão (1994, 151). Muylaert assistiu à partida no estádio e tinha uma interpretação muito diferente da atuação de Mr. Ellis. Para o jornalista, a arbitragem foi limpa e não havia motivos para se pensar o contrário. Ao retornar ao Brasil, após a Copa, Muylaert até que tentou expor esse ponto de vista em conversas informais, mas a recepção dessa idéia foi péssima. Acusaram-no de antipatriota entre outras coisas. A vilania de Mr. Ellis já estava sacramentada e nada seria capaz de fazer os brasileiros mudarem de perspectiva.

Colocar a culpa no juiz britânico, de certo modo, nos dava um alento necessário, pois aquela derrota de 1950, ainda não tinha sido totalmente assimilada e com isso o fracasso de 1954 precisava ser amortecido. E não foi nada difícil enxergar em Mr. Ellis aquilo que nele procurávamos, até mesmo porque, o jogo da seleção, de fato, nos ofereceu alguns subsídios necessários à sua culpabilização: pênaltis marcados, expulsões e muita briga durante e após o jogo, isso tudo somado à nossa necessidade de conviver com mais um sonho perdido. Mr. Ellis foi a saída plausível e perfeita para suportarmos a decepção que Berna nos trouxe. E sua vilania foi reinante, conseguindo deixar em segundo plano a desconfiança despertada em 1950 de que a raça brasileira estava fadada ao infortúnio. Desconfiança que surgiu novamente como mote explicativo da derrota, como foi visto, mas que não serviu de perspectiva para a construção da vilania de 1954. Mr. Ellis, em parte, protegeu nossa identidade tão posta em questão em 1950, desta vez não éramos os culpados, mas sim havíamos sido vítimas de um agente externo e mal intencionado. Nosso vilão estava a serviço da Europa e de seus interesses em manter a hegemonia do futebol mundial, sua alteridade, portanto, já estava assegurada pelo simples fato de ser um estrangeiro, um indivíduo naturalmente desvinculado do Brasil.

Esse vilão personificou um embate entre Brasil e Europa. Para a imprensa de um modo geral, Mr. Ellis representava as artimanhas da FIFA para manter a hegemonia das seleções européias em Copas do Mundo. E essa possibilidade, sem dúvida, triplicou o rancor sentido pelo árbitro inglês, que passou a ser configurado como uma espécie de inimigo das nações sul-americanas, como alguém que nos desrespeitara, ao nos “roubar” a possibilidade de seguir diante na competição. Como afirmou Ricardo Serran, no jornal *O Globo*, “Nunca tivemos dúvidas, aliás, sobre o perigo que representaria as arbitragens dos juizes europeus em jogos em que estivessem em foco interesses de sul-americanos e europeus” (28/06/1954). A vilania de Mr. Ellis salvou os jogadores da seleção, temerosos que estavam da reação que a torcida brasileira poderia ter por conta de mais um fracasso em Copas do Mundo. Por ele ter atuado como “um juiz da pior categoria”, como afirmou Geraldo Romualdo da Silva, os nossos jogadores corriam menos risco de serem acusados de “desfibrados. Ou coisa parecida. Perdemos de pé. O que já é muita coisa” (*JS*, 29/06/1954).

A noção de “desfibrado” é uma clara alusão a 1950, afinal, continuávamos a admirar e vislumbrar nos Uruguaios, um exemplo perfeito de virtude em campo. Apesar das referências a 1950, a sombra de Obdulio pesou-nos muito menos sobre os ombros da seleção nacional. Mas seu peso desaparecerá por completo após 1958 e 1962, pois com essas conquistas retomaremos, com toda força, a postura adotada em 1950 com pequenas

alterações. Buscaremos na própria seleção os culpados por uma derrota, e seguindo as palavras de Mário Filho, passaremos a “acuar o jogador brasileiro ou o dirigente” (*JS*, 29/06/1954). Acuaremos técnicos também, assim como perscrutaremos os motivos que fizeram com que alguns desses elementos tenham falhado em sua função. E para tanto, não nos será mais necessário recorrer a Obdulios Varelas para servir de sombra poderosa aos nossos vilões.<sup>57</sup> Com nomes como Pelé e Garrincha, tornam-se desnecessários “ídolos às avessas”, pois teremos nossos próprios modelos, quando o assunto for seleção brasileira. Já em 1966, após a eliminação do selecionado por Portugal, Mário Filho, por exemplo, podia afirmar: “O caminho a seguir não é mudar o futebol brasileiro (...) É voltar a 58 e 62” (*JS*, 26/07/1966). Dessa vez era para nós mesmos que olhávamos e será para a nossa própria história que olharemos quando quisermos configurar nossos vilões.

Esses personagens serão avaliados sob a luz dos heróis de conquistas passadas que, por sua vez, serão considerados os autênticos representantes do futebol nacional. Futebol com F maiúsculo, do qual nos orgulhamos e exaltamos. Isso só se torna possível, pois as glórias da seleção nos darão a certeza de que o futebol nacional em nada fica a dever a outras escolas, ou melhor, que o mesmo havia alcançado *status* de superioridade inquestionável. Nossas expectativas daí para frente serão de vitória e somente vitória, sendo que a derrota se torna um desvio desse caminho certo. Os vilões, por sua vez, são consolidados como personagens que, de algum modo, não cumprem devidamente tudo aquilo que se espera de um jogador da seleção. Uma seleção a qual já agregamos um conjunto de valores basilares para a avaliação que teremos sobre seu desempenho em Copas do Mundo. Valores, a partir dos quais ergueremos nossos heróis e nossos vilões. Em outras palavras, usaremos nós mesmos como modelo de vitória.

Pois, como já foi dito, todo vilão é antítese de algum conjunto de valores. A partir de 1962, a vilania se consolidará como uma identidade desviante, mas em relação aos padrões consagrados do futebol nacional. Nesse processo de atribuição de responsabilidades, os vilões quase sempre pertencerão aos nossos próprios domínios, por isso raramente serão juizes e quase nunca pertencerão ao adversário. O inimigo está sempre entre nós, afinal, como já assinalou a antropóloga Simoni Guedes “são os nossos erros que nos derrotam, já que somos os maiores do mundo do futebol” (2000, 137). Ou melhor, são os erros dos nossos vilões, pois

---

<sup>57</sup> A esse respeito Mário Filho disse: “Vocês, aí na Suécia, só exibiram e só exaltaram nossas virtudes. Mostraram até onde o brasileiro pode ir, pela dedicação, pelo entusiasmo, pelo amor a pátria, pelo vigor atlético, pela disciplina e pela técnica. Por isso somos gratos a vocês. *Não temos mais nada a invejar de ninguém. Vocês não foram os uruguaios que queríamos que os jogadores de 50 tivessem sido em 16 de julho. Vocês foram brasileiros e, como brasileiros, sem tomar nada emprestado de ninguém, venceram o campeonato do mundo (...)*” (Grifos meus, *JS*, 30/06/1958).

a culpa da derrota recairá sobre alguns indivíduos e não ao todo. Se os heróis do futebol “representam nossa comunidade” (Helal, 2001, 154), os vilões, ao contrário, a envergonham. Os problemas que resultaram na derrota não são estendidos à seleção em sua totalidade, mas ficam restritos a uma pequena parcela da mesma. Enquanto a vitória é, freqüentemente, louvada como reflexo direto das qualidades do futebol brasileiro, a derrota passa a ser compreendida como resultado da ação daqueles que não cumprem devidamente tudo aquilo que se espera daquele que defende a camisa do selecionado. Sendo assim, a imagem da seleção e os valores positivos a ela anexados podem ser conservados, já que a responsabilidade do insucesso recairá sobre um pequeno número vilões. Indivíduos interpretados, muitas vezes, como traidores da pátria.

A configuração da seleção enquanto metonímia da nação, que estava alinhavada já em 1950, se vê reforçada com o passar dos anos. E em parte isso explica a ênfase na dimensão moral – também muito evidente em 1950 –, tão importante na moldura dos vilões. Pois mesmo que sejam reconhecidas deficiências no seu desempenho atlético, recai sobre eles uma avaliação que transcende o puro aspecto profissional. Eles não são apenas perdedores, são quase criminosos. Por isso, o lateral Cafu, ao retornar para o Brasil, após a desastrosa campanha da Copa de 2006, desabafou: “Eu gostaria que o povo na rua não me olhasse com aquele olhar de que eu fosse um marginal. Eu não sou”.<sup>58</sup> Como um verdadeiro réu, também, comportou-se Barbosa ao dar a sua famosa declaração que faz alusão aos seus longos anos de vilania: “Aqui neste país a pena máxima de um criminoso é de trinta anos. Eles estão me cobrando a 47” (*apud* Souto, 2000, 69).

Os vilões da seleção costumam ser concebidos como aqueles que não estão à altura da camisa canarinho, que mancham sua história, que a desrespeitam e, principalmente, a envergonham. Há uma relação hierárquica bem clara que se delineia nessas assertivas. Tornar-se vilão é uma forma de rebaixamento do *status* de algum profissional culpabilizado pela derrota. É comum que se projete sobre eles uma série de qualificativos que o transformam em um Outro, dissonante dos demais e inferiorizado. A vilania de 1990 é bastante ilustrativa desse aspecto. Os vilões Dunga e Lazaroni foram vistos como representante de um estilo de jogo que segundo muitos significava um retrocesso para o futebol nacional, ambos seriam partidários do “futebol-força”, um futebol europeizado e que, portanto, descaracterizaria a escola brasileira. Foi a chamada “era Dunga”, ou seja, a geração de “matar a jogada com força física, de todo mundo atrás e ninguém na frente (...) Jamais o

---

<sup>58</sup> Globo Esporte, Rede Globo de Televisão, 12/06/2006. Arquivo pessoal.

Brasil viu um futebol tão melancólico como o de agora. *Esse nunca foi o nosso futebol*” (Grifos meus, *JS*, 25/06/1990).

Dunga, por sua vez, era visto como um jogador truculento, sem habilidade e que, portanto, não possuía o perfil adequado para a seleção brasileira. Ele foi considerado “o mais europeu dos jogadores”, por Nelson Rodrigues Filho e mesmo tendo sido o melhor em campo, no jogo contra a Argentina que eliminou a seleção da Copa em questão, não foi poupado, pois “Esse é que o problema: quando Dunga é o melhor, o time está mal” (*JS*, 26/06/1990). A boa atuação na partida decisiva conseguiu apenas minimizar o peso da vilania de Dunga e fez a maior parte da responsabilidade caber mesmo ao técnico Lazaroni. Ele foi visto como uma espécie de mentor maligno de uma seleção que fugia completamente aos padrões consagrados do futebol brasileiro. Afinal, quem havia escalado Dunga? Quem havia montado a seleção, tentando adotar um esquema tático que fazia sucesso na Europa? O fracasso daquela Copa tinha nome e sobrenome: Sebastião Lazaroni.

O técnico que já vinha sendo criticado ao longo da preparação da seleção para a Copa, teve sua vilania garantida após a derrota para o nosso maior rival, a Argentina. Por isso, o *Diário popular* de São Paulo, na edição do dia seguinte a esse jogo, estampou em sua primeira página, a manchete: “Eles tinham Maradona e nós Lazaroni”. Essa manchete é muito significativa, pois nela é encenado o embate entre a força e a habilidade, entre a burrice e o talento. Pois foi como burro que Lazaroni passou a ser representado. A *Folha de São Paulo*, por exemplo, colocou em sua primeira página, uma caricatura de Lazaroni com orelhas de burro. Torcedores receberam a seleção no aeroporto segurando faixas que diziam frases debochadas e irônicas como: “Lazaroni é técnico, eu sou o Papa”. (*JS*, 28/06/1990). Apesar de ter servido de contraponto, o jogador adversário, Maradona, de forma alguma foi nosso “ídolo às avessas”, pois as principais referências usadas para pintar o técnico da seleção brasileira de forma tão negativa, foram buscadas em nossa concepção ideal de futebol nacional, pois como disse uma manchete do *Jornal dos Sports*: “O futebol de Lazaroni não é o futebol brasileiro” (25/06/1990).

As estatísticas de sua passagem pela seleção, entretanto, poderiam desmentir essa imagem tão ruim. Lazaroni foi campeão da Copa América, interrompendo um jejum de 40 anos da seleção nesse torneio. Durante seu comando, o selecionado disputou 34 jogos, com 21 vitórias, sete empates e seis derrotas. Um dessas derrotas, entretanto, foi fatal e suficiente para deixar esses dados concretos inúteis para livrar o técnico da vilania. Assim como foi inútil a boa atuação da seleção no jogo decisivo contra os argentinos, pois aquela, sem dúvida, havia sido a melhor partida do selecionado brasileiro na Copa de 1990. A melhor e a que decretou o

fim da trajetória de Lazaroni no comando da mesma. É assim que a vilania nasce. Bastam noventa minutos que terminem em derrota, para que se cruze a ponte em direção à fama às avessas. Esse foi o destino de Lazaroni que até hoje costuma ser lembrado como um técnico retranqueiro, europeizado e incompetente.

Afinal, os vilões do fracasso podem ter seu nome gravado na história e permanecerem na memória coletiva por um longo período, o problema é que, ao contrário do herói, não é um grande feito que pode conduzi-lo a esse patamar. Eles são lançados sem dó nem piedade no panteão negativo da fama e lá permanecem até obterem uma redenção. As participações da seleção em copas do mundo são potenciais fábricas de vilões e a imprensa esportiva faz deles o protagonista das narrativas da derrota. Narrativas com atmosfera investigativa em que muitas vezes tenta-se criar uma espécie de tribunal para julgar os possíveis responsáveis pelo revés brasileiro. Em 1966, por exemplo, a revista *Fatos e Fotos* convidava seu público a analisar a culpabilidade do treinador da seleção Vicente Feola, dizendo: “Você julga Feola” (18/07/1966). Em 1986, a atmosfera de julgamento persistia, “Galera culpa Sócrates e Zico pelo fracasso” (*JS*, 23/06/1986). Em 1990, a pergunta lançada foi: “Sebastião Lazaroni é o grande culpado da derrota do Brasil?” (25/06/1990).

Certamente estamos diante de um recurso retórico utilizado pela imprensa. Pergunta-se, muitas vezes, já sabendo que a resposta está na ponta da língua dos torcedores, leitores e principalmente dos comentaristas esportivos. Pergunta-se para estimular mais críticas, discussões e especulações em torno dos motivos do fracasso da seleção, pois na imprensa esportiva do Brasil nada se perde, tudo pode ser aproveitado. Até mesmo a derrota. E esse aproveitamento, sem dúvida, é um fator importante para que os vilões se mantenham por tanto tempo em nossa lembrança. E quanto mais dramática for uma derrota, mais inesquecíveis serão seus vilões. Barbosa que o diga, pois como veremos, o ex-goleiro da seleção, como nenhum outro vilão, foi excessivamente lembrado. Mas porque gostamos tanto de lembrar e de fabricar novos vilões?

O sucesso da vilania, também, está relacionado a um fenômeno comum no futebol – e também fora – e que diz respeito à afirmação e conservação de identidades. Identidades positivas podem ser fortalecidas, através da construção de alteridades negativas. No caso da seleção brasileira, a trajetória da consolidação da vilania, como mecanismo imprescindível para a compreensão da derrota, demonstra que desde 1950 os vilões gradativamente passam a comportar características não reconhecidas como nossas, ou seja, como brasileiras. Eles passam a ser compreendidos como um grupo à parte do todo, como um grupo que não nos representa devidamente, daí a necessidade de demarcá-los em um território reservado, e traçar

uma fronteira entre “eles” e “nós”. Eles, os vilões, é que são perdedores, covardes, mascarados, mercenários ou pernas-de-pau. O “autêntico” futebol brasileiro, ao contrário, é vitorioso, brioso, composto por profissionais que defendem a seleção por amor e não por dinheiro, é o futebol-arte de tantos craques e conquistas etc, etc. Dunga em 1990 foi o “mais europeu dos jogadores” e em 1986, por exemplo, dizia-se que “Telê Santana não podia ser técnico da seleção”, pois como afirmou o ex-jogador Gérson, Telê “sempre foi um perdedor. Nunca ganhou nada” (*JS*, 27/06/1986).

Entretanto, a chamada “escola brasileira de futebol” não pode ser compreendida como uma essência e sim uma concepção historicamente formada. Do mesmo modo, não há essências na vilania, por isso é possível adaptar para os vilões, a famosa frase que Simone de Beauvoir cunhou para fazer referência à identidade feminina: não se nasce vilão, mas, torna-se. Embora possam existir dados concretos para a atribuição de responsabilidades de uma derrota, há também uma dimensão simbólica que precisa ser levada em conta na eleição dos vilões. Veremos por exemplo, que a noção de “erro” ou “falha”, tão importante para a configuração do vilão, é, muitas vezes, resultado de uma percepção mediada pela derrota e nem sempre ancorada em dados concretos. Além disso, os “erros” têm pesos diferentes, pois quando um jogador muito popular “falha”, costuma-se argumentar que ele estava em seu dia de azar. Já quando técnicos, goleiros, zagueiros e outros cometem algum deslize, é porque são mal intencionados, burros, frangueiro e pernas-de-pau. Afinal, como será abordado, ninguém é vilão por acaso. Há certas categorias que já de antemão têm uma enorme possibilidade de se tornarem vilões, categorias obviamente pouco privilegiadas no futebol brasileiro.

Finalmente, é importante lembrarmos que a vilania – tanto clubísticas quanto a da seleção – não é uma condição permanente, pois há sempre a possibilidade de redenção futura. Nada impede que os vilões de hoje se convertam nos heróis de amanhã. Veremos isso, no caso Dunga, que será explorado mais à frente.

## **2.2 Barbosa, o vilão paradigmático**

Após o cruzamento, a bola já estava agarrada junto ao seu peito. Mas, de repente, ele sentira um vazio em seu corpo. Faltava-lhe a bola. Numa fração de segundos a redonda havia escapulado de suas mãos, indo parar dentro da sua meta. Uma meta que ele defendera tantas vezes, de modo arrojado e incansável, mas que por intermédio de suas próprias mãos era invadida. Não havia como negar. Tratava-se de um frango histórico, tomado quando faltavam

poucos minutos para terminar a partida e a torcida já gritava “é campeão!”. Até aquele momento, sua atuação ao longo do jogo vinha garantindo o resultado que daria o título do campeonato ao seu clube. Porém, ele mesmo sabia que isso de nada valeria, porque após aquele lance estranho, ganharia fama de frangeiro. Em questão de segundos ele atravessara a ponte que separa o herói do vilão no futebol. E pouco valeriam suas ótimas atuações anteriores, assim como as difíceis defesas praticadas naquele mesmo jogo. A face ingrata do futebol lhe era revelada de modo bastante cruel: “se aquela última bola não entrasse, eles diriam que eu era o melhor goleiro do Brasil, mas a bola entrou e eles dirão que sou um frangeiro” (Sant’Anna, 2005, 145).

Face que se revela sempre aos perdedores, pois o problema não estava tanto no lance em si, afinal se a bola tivesse entrado, mas seu time, mesmo assim, conseguisse o título aquele gol ficaria em segundo plano. Entretanto, por causa da derrota todas as atenções estavam voltadas para o lance que era repetido insistentemente nas principais emissoras de TV. Seu frango fora transformado em espetáculo. Todos sabiam seu nome, seu rosto, mas poucos tinham conhecimento do que se passara em sua cabeça durante e após o gol fatídico. Todos se fixariam na falha e, provavelmente, achariam que ele não havia feito nada para impedi-la. Entretanto o goleiro tentara, sim, pois ele pressentira o perigo daquela jogada, porém “eles nunca saberão que eu tentei” (id, 147).

Nós leitores sabemos. Só não nos foi dado o nome desse goleiro, já que o conto no qual ele é o protagonista não nos mostra esse detalhe. Também não é possível saber o nome de seu time ou do adversário e muito menos o tipo de campeonato pelo qual aquele jogo valia. Fica claro apenas que o estádio em que a partida se realiza está cheio e que se trata de um jogo decisivo, no qual um dos times se sagraria campeão. Porém, para o conto “No último minuto” de Sérgio Sant’Anna, essas informações são suficientes para que possamos ter um pouco da dimensão da angústia sentida por um goleiro que, nos últimos minutos de um jogo, comete uma falha e leva sua equipe à derrota.

O conto é construído a partir da constante descrição desse lance feita pelo goleiro, enquanto observa a insistente reprodução do gol em várias emissoras de TV. Certamente, anonimato é o que ele mais gostaria de possuir em um momento tão difícil, afinal seu fracasso era exposto publicamente, aumentando-lhe a sensação de estar vivendo um grande pesadelo. Provavelmente por isso, o conto tenha lhe oferecido o anonimato desejado e ao mesmo tempo nos permitido compartilhar o duro aprendizado desse goleiro: “a vida se decide às vezes num centímetro de espaço ou numa fração de segundos” (id, 145).

Valdir Appel sabe bem o que isso poderia significar. Da ficção, passaremos, então, para um jogo real ocorrido no Maracanã, no dia 16 de março de 1969. Nele, Valdir Appel, então goleiro do Vasco da Gama, assim como o protagonista do conto de Sérgio Sant’Anna, levou um gol de modo bastante inusitado que foi descrito da seguinte maneira por ele mesmo:

Ergui-me do gramado, com a bola nas mãos (...) O braço fez a alavanca e a bola saiu forte de minhas mãos. Perdi o equilíbrio: as pontas dos meus dedos tocaram de leve a bola, que mudou sua trajetória, indo chocar-se com força no meio do poste esquerdo do meu arco, morrendo no fundo das redes. Apoiado em um dos joelhos me senti impotente, com vontade de sair correndo para buscar a bola, fazer voltar o lance, apagá-lo da minha mente! (Appel, 2006, 19).

Lá de cima, das tribunas do maior estádio do mundo, Barbosa, o ex-goleiro da seleção brasileira, assistia ao jogo. Por intermédio de um repórter, entrou em contato com Appel e, pelo microfone de uma rádio, buscou consolá-lo, dando-lhe o seguinte conselho: “o importante no frango é sobreviver a ele” (id, 21). Essa frase calou fundo em Appel, não apenas por terem sido ditas por seu ídolo de infância<sup>59</sup>, mas porque ele sabia que não seria nada fácil sobreviver àquele gol. À noite, ao participar de um programa esportivo, Valdir assistiu, por várias vezes, o replay do lance e, também, por várias vezes, foi perguntado como havia sido possível levar um gol daquela forma. Sua falha também era repetidamente mostrada aos olhos de uma multidão de telespectadores e no dia seguinte, certamente, se transformaria na principal manchete dos jornais.

De fato não seria uma tarefa fácil, mas não havia nada a ser feito senão seguir o conselho de Barbosa. E Appel contava com alguns pontos ao seu favor. Sua falha ocorrera em um jogo que não valia campeonato. Além disso, já na partida seguinte, o goleiro cruzmaltino defendeu um pênalti cobrado pelo jogador Canhoteiro do América (RJ), redimindo-se um pouco do erro anteriormente cometido. Uma redenção que se tornou mais consolidada em 1970, quando se sagrou campeão carioca pelo mesmo Vasco, arrefecendo alguma raiva que ainda restasse no torcedor cruzmaltino. Sem dúvida, o episódio de 1969 marcou a trajetória futebolística de Appel, porém seu “acidente de trabalho”, como ele próprio denominou, perdeu muito do tom dramático e ganhou tintas mais folclóricas, entrando para o rol dos fatos curiosos que cercam o futebol.

Mais complicada foi a missão daquele que, das tribunas do Maracanã, tentara lhe consolar. Barbosa não teve a mesma sorte. A derrota para o Uruguai em pleno Maracanã foi uma das maiores decepções esportivas vividas pelo Brasil e Barbosa saiu do gramado como

---

<sup>59</sup> Valdir Appel, em sua biografia, conta que o Vasco da Gama chegou a visitar sua cidade natal Brusque quando ele tinha 14 anos de idade. O time cruzmaltino realizaria dois amistosos em Santa Catarina e os dirigentes do Clube Desportivo Paysandu, da cidade de Brusque, resolveram convidar o Vasco para realizar uma visita a suas dependências. Meses depois, no mesmo Paysandu, Barbosa fez um treino de exibição que parou a cidade. Appel, por sua vez, após o coletivo ficou próximo a Barbosa imitando-o, na esperança de ouvir de seu ídolo “Você leva jeito, goleirinho” (2006, 36).

um dos vilões desse episódio. O gol levado aos 33min30s<sup>60</sup> do segundo tempo marcou sua trajetória de atleta e contra a lembrança desse instante ele teve que conviver pelo resto de seus dias. Uma lembrança que o tempo não apagou, mas que ao contrário lhe conferiu força e vitalidade. Certa vez, Barbosa contou que, alguns anos após aquela partida entre Brasil X Uruguai, uma mulher ao vê-lo comentou com os filhos: “Esse é o homem que fez o Brasil chorar”. Até sua morte, o goleiro da Seleção Brasileira, Moacyr Barbosa, carregou nos ombros o imenso peso da responsabilidade pelo momento que ficou conhecido como a “tragédia do Maracanã”.

E ainda dizem que o Brasil é um país sem memória. Entretanto, mais de cinquenta anos se passaram e poucos esqueceram daquele gol de Ghiggia que tirou do Brasil a chance de erguer pela primeira vez a taça Jules Rimet em pleno Maracanã. Nesse estádio, construído especialmente para abrigar os jogos da IV Copa do Mundo, havia um público estimado de duzentas mil pessoas. O Brasil contava com uma população de 52 milhões de habitantes, mas o número de brasileiros que carregaram na memória a história daquele 16 de julho de 1950 foi multiplicado. Memórias vividas e imaginadas misturam-se, mas a grande maioria delas se concentra num personagem principal: o goleiro Barbosa. Aquele que na época era considerado o melhor arqueiro do país ficou marcado como o maior responsável pela derrota da seleção. Os dias de herói que Barbosa já havia experimentado<sup>61</sup> foram, aos poucos, sendo deixados pra trás, abafados por um único momento que ao ser insistentemente recordado e interpretado transformou-lhe não apenas no vilão daquele fracasso em campo, mas no mais completo exemplo de vilão da história do futebol brasileiro. O estigma de Barbosa só fez ganhar força com o passar dos anos e sua carreira pareceu-nos ficar reduzida àquele momento, sem antes e sem depois.

Eternamente marcado como o grande culpado pela derrota brasileira, sua carreira continuou por mais doze anos, mas a sombra da tragédia de 50 lhe acompanhou pelo resto dos seus dias. Barbosa chegou a ser convertido em um símbolo de azar, a ponto de em 1993 ter sido proibido de entrar na concentração da Seleção Brasileira de Futebol com a justificativa de que sua presença significava “mau agouro”.<sup>62</sup> Magoado com mais uma, entre várias outras recepções negativas, e com dificuldades em manter sua casa no Rio de Janeiro, Barbosa foi

---

<sup>60</sup> Faço uso da contagem de Paulo Perdigão que contraria a idéia de que o gol teria acontecido aos 36 minutos “na verdade, aos 33min30s” (1986, 41).

<sup>61</sup> Barbosa foi figura fundamental na conquista do Sul-americano de 1948 do time do Vasco da Gama. Na final contra o River Plate, em Buenos Aires, Barbosa defendeu um pênalti cobrado pelo jogador Angel Labruna, na época artilheiro do River. Essa defesa garantiu o 0 X 0 que deu o título ao Vasco da Gama.

<sup>62</sup> O então técnico Carlos Alberto Parreira disse que na verdade Barbosa teria sido proibido de entrar no treino, pois não desejava “encontros com Barbosa ou qualquer outro jogador do passado” (*O Globo*, 17/09/1993).

embora da cidade que vivera por mais de 40 anos. Numa espécie de auto-exílio mudou-se para Ocian uma pequena cidade localizada no litoral paulista. É muito provável que Barbosa também tenha partido em busca de um pouco de anonimato, já que a pena que lhe fora aplicada naquele 16 de julho parecia dura demais. Como o próprio goleiro costumava repetir: “Aqui neste país a pena máxima de um criminoso é de trinta anos. Eles estão me cobrando a 47” (*apud* Souto, 2000, 69).

Se, geralmente, concebemos a figura de Barbosa como a de um jogador que havia sido esquecido pelos brasileiros, é importante ressaltar que ocorreu exatamente o contrário, pois ele costumava ser lembrado em demasia. Mesmo tantos anos, após o Maracanazo, olhar para Barbosa era olhar para a derrota da Seleção. Uma punição muito severa fora lançada sobre o arqueiro da seleção: a de nunca ser esquecido. Severa, principalmente, porque a memória da qual Barbosa passou a fazer parte relacionava-se à dor, esse sentimento que Nietzsche tinha toda razão em considerá-lo como um dos mais eficientes instrumentos mnemônicos (1998, 51). É por meio da dor de uma derrota que vilões como Barbosa são lançados no panteão negativo da fama e lá permanecem até obterem a oportunidade de redimir os erros que lhes são imputados. Entretanto, Barbosa não teve essa chance e esse é um dos motivos que faz dele o exemplo mais paradigmático de vilão. A imagem do goleiro jamais conseguiu desvincular-se da derrota de 1950. E a derrota de 1950 jamais conseguiu ser contada sem que no centro de sua narrativa estivesse Barbosa.

Após aquele fatídico jogo contra os uruguaiois, Barbosa nunca participou de um único momento de conquista de títulos pela seleção, perdendo assim a oportunidade de reaver parte do prestígio perdido. Chegou a jogar pela seleção no Sul-americano de 1953 e foi convocado para a Copa de 54 na Suíça, entretanto, teve sua participação vetada por causa de uma grave lesão. Durante um jogo válido pelo campeonato carioca de 1953, Barbosa recebera uma entrada violenta do atacante Zezinho do Botafogo e fraturou a perna direita. Ali acabou o sonho de jogar novamente pela seleção em um campeonato mundial e juntamente se foi a esperança de dar a volta por cima e consertar os estragos feitos pela derrota de 1950.

Barbosa também ficou de fora do primeiro título internacional conquistado pela seleção, após 1950. Em 1952, jogando contra o Chile, em Santiago, no estádio Nacional, o Brasil obteve o campeonato Pan-americano de modo invicto. Na tentativa de renovar o selecionado, o técnico Zezé Moreira convocara apenas quatro jogadores que tinham participado da campanha de 1950, Bauer, Bigode, Ademir e Friaça. Nomes como Augusto, Danilo, Zizinho e Barbosa ficaram de fora. Provavelmente, esse foi mais um motivo para que o técnico não gozasse da simpatia dos brasileiros que o transformaram em boneco de Judas

para ser queimado no sábado de Aleluia (Soter, 2002, 89). O clima de animosidade, entretanto, foi bastante minimizado pela vitória do selecionado e, após o título, o Rio de Janeiro preparou uma festiva recepção para a seleção de Zezé Moreira. Do aeroporto do Galeão, os jogadores foram direto para o Palácio do Catete, onde Getúlio Vargas os aguardava para cumprimentá-los pelo feito.

Nesse mesmo torneio a seleção brasileira enfrentou o Uruguai pela primeira vez, em um torneio internacional, após 1950. Com Obdulio Varela e Ghiggia em campo, a Celeste perdeu para o Brasil pelo placar de 4 x 2. E Barbosa não participou dessa partida que para alguns jogadores foi encarada como uma espécie de revanche de 1950. Bigode não jogou, mas, ao final do jogo, partiu para cima de alguns atletas uruguaios. Certamente, o lateral queria ir à forra e se vingar dos boatos de que teria levado alguns tapas de Obdulio Varela. Até mesmo quem não fez parte do grupo de 1950 se viu envolvido pelo clima de vingança que tomava conta daquela partida. Os brasileiros queriam, de qualquer modo, mostrarem-se valentes e apagar um pouco a fama de covardes deixada pelo Maracanazo. Por isso, quando Eli foi agredido por Miguez, não pensou duas vezes e revidou, sendo expulso juntamente com o jogador uruguaio.

A vitória sobre os orientais teve um gosto especial. Mas esse gostinho Barbosa até que sentiu, só que atuando por seu clube, o Vasco da Gama. Em 1951, o time cruzmaltino, que era a base da Seleção de 50, enfrentou, no Estádio Centenário, o Peñarol que, por sua vez, formava a base da Celeste uruguaia. Ao lembrar desse jogo Barbosa comentou que os uruguaios tomavam aquela partida como uma “confirmação daquilo que eles conquistaram no Maracanã” (Neto, 2000, 46). Mas assim como a seleção brasileira, o favorito Peñarol perdeu em casa e a vitória do Vasco provocou uma grande decepção nos uruguaios que davam como certa a derrota do time brasileiro. Daí a satisfação demonstrada por Barbosa: “Mas o que aconteceu? Fui lá e ganhei (...) se houve vingança, essa foi a primeira e única” (id, *ibid*).

É provável que ambos os jogos – o da seleção e o do Vasco – tenham tido um sabor de revanche. Mas um sabor muito leve. Mário Filho tinha uma certa razão quando afirmou que “um *match* só vale em relação a si mesmo” (JS, 29/06/1954). Talvez não passasse de uma grande ilusão imaginar que algum outro Brasil X Uruguai, resgataria a derrota de 50. Essa partida havia sido única. E de fato, mesmo com os campeonatos mundiais conquistados, a lembrança de 1950 não se apagou. Aquela derrota representava um vazio, uma ausência que

difícilmente seria suprida e que, particularmente para Barbosa, tinha um significado especial, já que o título de Campeão Mundial era o único que faltava em sua carreira vitoriosa.<sup>63</sup>

Entretanto, se por um lado é verdade que jamais preencheríamos a lacuna deixada pela Copa 1950, por outro, as culpabilizações lançadas sobre Barbosa perderiam muito de sua força, caso o goleiro continuasse a atuar pela seleção e conseguisse sagra-se campeão novamente. E apenas o futuro podia lhe oferecer essa possibilidade de redenção, já que seu passado, mesmo que glorioso, pouco lhe socorria. Antes da Copa de 50, Barbosa fora campeão pelo Brasil, naquele mesmo ano, da Copa Rio Branco e campeão Sul-americano em 1949. Porém, depois de 1950, nada ganhou pelo escrete nacional. Participou do Sul-americano de 1953, contudo o Brasil fez uma campanha irregular, sendo eliminado do torneio após duas derrotas para o Paraguai. Nesse mesmo ano, como já foi dito, aconteceu a fratura e o corte da Copa de 1954. Sua figura parecia, inevitavelmente, anexar-se aos 33min30s do segundo tempo daquele Brasil X Uruguai.

Mas afinal de contas o que Barbosa havia feito nesse jogo que o tornou tão inolvidável? Alguns acreditam e outros tantos desconfiam, mesmo aqueles que sequer estiveram presentes à partida, que ele tenha levado um frango do uruguaio Ghiggia. Segundo o *Dicionário de futebol* de Haroldo Maranhão, frango é a “bola defensável que o goleiro deixa passar para o interior da meta” (1998, 123). Isso significa, então, que a bola chutada por Ghiggia, por algum motivo, foi interpretada como passível de ser defendida por Barbosa. Sendo assim, ele teria, portanto, falhado. Um erro que, entretanto, teria acarretado a derrota do Brasil para o Uruguai.

De fato, desconfiar que Barbosa levara um frango não deixava de ter fundamento. O chute do jogador uruguaio foi dado quando a bola já estava bem próxima à linha de fundo, o que diminuía o ângulo pelo qual a pelota poderia ser chutada em direção ao gol. O espaço entre Barbosa e a trave era pequeno, e à primeira vista o arqueiro não precisaria de muito malabarismo para evitar o gol. Entretanto, mesmo com circunstâncias adversas, a bola de Ghiggia parou no fundo das redes e o que parecia pouco provável foi o estopim de uma tragédia nacional. E o estopim de um enigma. O enigma do frango.

A impressão de que teria havido uma terrível falha foi grande. As poucas imagens que sobraram não serviram de auxílio a Barbosa, ao contrário, sua escassez reforçou a hipótese de erro do arqueiro brasileiro que nunca teve a oportunidade de provar o contrário. Não havia os recursos tecnológicos de hoje com seus tira-teimas ou as dezenas de câmaras

---

<sup>63</sup> Barbosa tinha um currículo vencedor. Pelo Vasco da Gama, foi campeão carioca de 1947, 1949, 1950 e 1952; campeão sul-americano de 1948. Pela seleção, foi campeão sul-americano de 1949 e da Copa Rio Branco de 1950.

espalhadas pelo gramado que pudessem captar ângulos e perspectivas diferentes capazes de inocentar Barbosa, ou pelo menos tornar menos peremptória sua culpabilização. Mas é provável que mesmo que existissem, tais recursos não fossem tão úteis assim. A impressão de ter havido uma falha, dificilmente se apaga mesmo que seja empreendido um esforço para se comprovar o contrário. A necessidade de atribuir responsabilidades pela derrota é imperativa, pois como bem percebeu Nelson Rodrigues, “nas derrotas muito amargas, a tendência natural da torcida é caçar, por toda parte os culpados” (2006, 256).

Essa caça começou logo depois do apito final de Mr. Reader. Mário Filho, o jornalista esportivo mais importantes da época afirmou que o arqueiro “nos dois lances decisivos se movimentou sempre com atraso fatal” (*JS*, 18/07/1950). Mário minimizou o peso do erro, ao compreender que se tratava de uma falha derivada do excesso de responsabilidade depositado sobre os jogadores. Porém, essa tentativa não escondia a desconfiança de que o goleiro da seleção não tivera controle emocional suficiente para suportar um jogo daquele porte. Em 1964, na segunda edição de sua obra mais importante, *O negro no futebol brasileiro*, Mário Filho reiterou suas insinuações quanto à falta de controle emocional de Barbosa. Ao comentar a estréia do goleiro na seleção brasileira, em 1945, durante a Copa Roca, o jornalista lembra que Barbosa após levar um gol, “se apavora, engole outro. Teve que mudar de calção. Enquanto mudava de calção o velho Oberdan entrava no lugar dele” (1964, 271).

Barbosa não escondia as mágoas que sentia de Mário Filho, por conta desse comentário que o goleiro classificara como “de baixo nível” (Neto, 2000, 50). Porém, o maior ressentimento de Barbosa, em relação ao jornalista carioca, devia-se à história do tapa de Obdulio em Bigode que, segundo o arqueiro, teria sido maldosamente inventada por Mário. Entretanto, verdade ou não, o fato é que o tapa foi interpretado como um dos exemplos máximos da covardia dos jogadores brasileiros que teriam tremido diante do capitão uruguaio. Na época, esse boato ajudou a transformar a vida de Bigode em um inferno. Um inferno também fundado em sua má atuação contra os uruguaiois. Não é sem motivos que o lateral tenha desabafado após o jogo: “Já sei que me estão culpando – você não ouviu aquele torcedor gritar por mim, com palavrões?” (*O Globo*, 17/07/1950). Depois do jogo contra o Uruguai, seus dias não foram nada fáceis, pois a fama de culpado corria chão.

Pode parecer-nos estranha essas informações, pois hoje em dia não titubeamos em relacionar Barbosa à derrota de 1950, tomando-o como aquele que desde sempre foi o maior culpabilizado pelo Maracanazo. Entretanto, as matérias jornalísticas que foram publicadas logo após a perda do mundial, demonstram que, ao contrário do que se pensa, Barbosa,

inicialmente, dividiu o fardo da vilania com Bigode. O periódico *Esporte Ilustrado*, por exemplo, conclui que tanto Barbosa quanto Bigode haviam sido os “principais causadores do revés” (20/07/1950). Porém, as acusações mais pesadas foram lançadas sobre o lateral. Além do tapa vergonhoso, ele teria falhado ao não conseguir interceptar Ghiggia que percorreu mais de 20 metros pela lateral do campo e chegou na grande área, livre de marcação. E as manifestações de descontentamento com sua atuação vieram rapidamente.

Bigode contou em depoimento ao jornal *O Globo* que quando o jogo terminou, ele podia ouvir a torcida já das arquibancadas xingá-lo de todos os nomes possíveis (18/07/1950). E fora do Maracanã as críticas persistiram. Segundo o lateral, poucos dias após a partida contra os uruguaios, uma mulher sentada numa mesa ao lado da sua, em um restaurante no Rio de Janeiro, ao comentar a perda do título, teria chegado a seguinte conclusão: “É, o tal do Bigode, pôs tudo a perder” (*apud* Perdigão, 1986, 148). Talvez, tamanha pressão tenha sido um dos motivos que levou Bigode a se afastar totalmente do futebol, após o encerramento de sua carreira, em 1955. Ele se tornou técnico de TV.

Mas a pressão sobre Barbosa, também, não foi pouca. Pois se, na época, o goleiro não foi considerado o único culpado, em compensação a certeza de que ele havia falhado, era quase unânime. Na análise do desempenho individual dos jogadores da seleção, o jornal *Correio da Manhã* concluiu que Barbosa “não esteve numa tarde feliz (...) Falhou por ocasião do segundo gol uruguaio” (18/07/1950). O *Estado de São Paulo*, por sua vez, declarou que “se Barbosa permanecesse parado, onde se encontrava, a bola teria batido nele e voltado. Fez, porém, o inacreditável: atirou-se no chão quando ela vinha de meia altura” (*apud* Perdigão, 147). Já no jornal *O Diário do Povo*, podemos ler que “Barbosa esteve num dia negro, engolindo um frango no gol que deu a vitória aos orientais” (18/10/1950).

No *Jornal dos Sports*, a foto do gol de Ghiggia veio acompanhada do seguinte comentário: “Barbosa falhou na cobertura da meta. O couro tomou o caminho certo do fundo das redes” (18/07/1950). Esse mesmo periódico esportivo publicou algumas opiniões de leitores em relação à derrota do selecionado. Houve quem pedisse apoio à seleção, mas muitas pessoas demonstraram grande insatisfação com a atuação de alguns jogadores. Em uma das cartas publicadas na seção “Desabafa o torcedor”, o leitor Gilvan Guedes fez uma análise do desempenho individual da seleção e não titubeou ao apontar Barbosa como “o responsável direto pela nossa derrota” (19/07/1950). Opinião bem próxima a do colunista desse mesmo jornal, Ricardo Serran, que afirmou que Barbosa havia deixado “passar os dois gols uruguaios, especialmente o segundo” (27/07/1950).

Barbosa tinha consciência de que quase todo brasileiro culpava os jogadores da seleção pela perda do título mundial, principalmente ele e Bigode. Mesmo assim, naquela mesma semana de julho, o goleiro resolveu ir às ruas, tentando mostrar a si mesmo que a vida continuava como sempre fora. Pegou, então, seu carro De Soto Luxo e com sua esposa foi até o centro da cidade fazer algumas compras, especialmente um faqueiro com o qual queria presenteá-la. Chegando lá, estacionou no Largo da Carioca e seguiu caminhando até a Praça Tiradentes. Uma caminhada tranqüila, sem atropelos, fazendo Barbosa acreditar que tudo havia voltado ao normal e que os abalos daquela derrota não teriam sido tão estrondosos como ele imaginara. Por isso, resolveu alongar o passeio, assistindo a um filme no cinema. Entretanto, o panorama favorável desfez-se. No cinema, Barbosa começou a ser incomodado por pessoas que ao vê-lo cochichavam, apontavam-lhe o dedo ou mesmo xingavam-no em alto e bom som (Muylaert, 1994, 71). O dia que começara tranqüilo terminara melancólico. Seu retorno para casa foi triste, pois ele percebera que não ia ser fácil sobreviver àquela derrota. Porém, não foi impossível como nós nos acostumamos a conceber.

Diz o ditado popular, que o diabo não é tão feio quanto se pinta. E o caso de Barbosa é bastante ilustrativo. Diferentemente de Bigode, o arqueiro seguiu carreira por mais 12 anos e essa continuidade da carreira de Barbosa é bastante significativa. Acima de tudo, ela derruba a impressão comum de que o jogo do dia 16 de julho foi o último e que sua carreira teria ali terminado. É preciso não superdimensionar as conseqüências de uma derrota na trajetória de um atleta de futebol, pois nenhum jogador tem sua carreira destruída após ter sido culpabilizado por algum insucesso. O que ocorre é que a narrativa da derrota de 1950 e a narrativa da vida de Barbosa, com o passar do tempo, se entrecruzaram cada vez mais. Era difícil falar do Maracanazo sem fazer referência ao goleiro e impossível falar de Barbosa sem recordar a perda do título mundial da seleção de 50.

É preciso, então, lançar um esforço para captar as principais etapas desse processo. Para isso, seria interessante começarmos pelo fim ou, mais precisamente, pelos últimos anos de vida do goleiro. Aos 76 de idade, Barbosa perdeu a esposa Clotilde, com quem fora casado por mais de 30 anos. Solitário e cercado de problemas financeiros, seu fim de vida deu margens para que o interpretássemos como conseqüência direta de um ostracismo provocado pela derrota de 1950. Tanto a vida de Barbosa quanto o jogo contra os uruguaios, pareciam possuir um traço de parentesco trágico e fracassado. Tivemos conhecimento das dificuldades que o goleiro enfrentava, por intermédio dele mesmo. Sem poder arcar com as despesas pessoais, pois ganhava uma pequena aposentadoria de apenas R\$ 86,00 líquidos, o ex-goleiro resolveu vir a público pedir ajuda.

O pedido de Barbosa foi manchete em diversos jornais cariocas e, de modo geral, seu gesto de desespero fora compreendido como o apelo de um sujeito abandonado, esquecido e para quem a sorte não havia sorrido. Sua vida foi narrada tendo como fio condutor o jogo do dia 16 de julho de 1950, o que ficava claro na matéria publicada pelo jornal *O Dia* em que se afirmava: “desde que sofreu o fatídico gol marcado pelo uruguaio Ghiggia na final da Copa de 50, a sorte não tem sido amiga do ex-goleiro Moacir Barbosa” (11/06/1997). Mas talvez essa derrota não tivesse lhe trazido tanto infortúnio assim, como expõe essa matéria, afinal graças a ela foi possível dar ênfase à figura de um Barbosa vitimizado e injustiçado. Imagem essa que provocou indignação e, principalmente, fez com que muitas pessoas manifestassem apoio e solidariedade. A aposentadoria de Barbosa, por exemplo, foi corrigida e o Clube de Regatas Vasco da Gama passou a depositar uma quantia mensal em sua conta (Souto, 2000, 70).

Barbosa continuou a ser notícia. O pedido de auxílio repercutiu e seu nome quase sempre era citado nas matérias jornalísticas que abordavam a questão do ostracismo enfrentado por atletas que já haviam sido famosos algum dia. Com o falecimento do goleiro em 2000, a imagem de injustiçado foi fortalecida e manchetes como a do jornal *Globo* do dia 08/04/00 dizia: “Morre Barbosa, goleiro que o Brasil crucificou na Copa de 1950”. Parece que definitivamente Barbosa tinha sua vida totalmente anexada ao Maracanazo. Entretanto, se, certamente, não é possível negar que, de fato, esse foi o momento mais importante de sua carreira, é preciso ressaltar que o mesmo, jamais lhe representou um obstáculo definitivo e intransponível. Crucificar, portanto, é uma palavra forte demais.

É válido lembrar que nas décadas de 1950, Barbosa foi um atleta de grande popularidade e prestígio que não minguaram totalmente após a derrota da seleção. A já mencionada fratura na perna direita foi motivo de comoção e preocupação sentida por um grande número de brasileiros. Até mesmo o presidente Getúlio Vargas enviara um secretário para visitá-lo enquanto o goleiro estava internado recuperando-se da lesão, demonstrando que mesmo após 1950, Barbosa continuava a ser “o preferido de Getúlio”. O fato de o goleiro não ter participado novamente de uma Copa do Mundo, por uma situação a que todo atleta está vulnerável, também, contradiz a imagem de um jogador cuja carreira teria sido totalmente destruída pelo gol de Ghiggia. Como já foi dito, o goleiro parou de jogar profissionalmente quando tinha 41 anos de idade, uma longevidade esportiva rara e admirável. Terminou sua carreira no Campo Grande (RJ), mas jogou quase toda ela pelo Vasco da Gama. Essa permanência, em um grande clube brasileiro, demonstra que sua capacidade de passar confiança e respeito aos torcedores mantinha-se viva.

Jogando futebol, Barbosa conseguiu o suficiente para manter uma vida confortável com a esposa no subúrbio carioca de Ramos. Ao findar a carreira atlética seguiu trabalhando no cargo de agente administrativo da Suderj. Chegou a administrar o Parque Aquático Júlio Delamare e foi secretário da Fundação de Garantia ao Atleta Profissional, no Rio de Janeiro. Mas as dificuldades começaram a surgir quando sua esposa Clotilde ficou gravemente doente e Barbosa se viu forçado a gastar todas as suas economias no tratamento dela. Pois se hoje em dia um único contrato pode garantir ao jogador de futebol, dinheiro suficiente para uma excelente aposentadoria, na época de Barbosa, as coisas eram bem diferentes. Nada de contratos milionários e jogadores desfilando carros caros pela cidade. Embora os salários de alguns atletas estivessem acima da média, não eram suficientes para lhes conferir uma vida farta e luxuosa.

E essa regra era válida para todos. Jogadores que haviam sido campeões por seus clubes, ou mesmo pela seleção, também enfrentaram muitos problemas financeiros ao deixarem os gramados. Fausto, o Maravilha Negra, morreu doente, esquecido em um sanatório para tuberculosos e na miséria. Fausto foi um ídolo da década de 1940 e um incurável boêmio que se deixou seduzir totalmente por mulheres e festas. Gastou tudo que havia ganhado em noitadas, mas tudo que havia ganhado estava longe de ser uma fortuna incalculável. Jair, um dos bicampeões mundiais de 1962, teve grande dificuldade em manter-se após encerrar a carreira, chegando a pedir auxílio ao Fugap (Fundação Garantia do Atleta Profissional) até conseguir um emprego na cidade de Niterói (Proença, 1981, 167). A vida de jogador era pouco segura e ele tinha, às vezes, que contar com a sorte e, principalmente, com a sua capacidade de administrar bem o que ganhava. A insegurança era tanta que dias antes de viajar para o Brasil, uma preocupação não parava de incomodar Obdulio Varela, aquele que seria o grande herói da conquista uruguaia. O capitão celeste sabia que continuaria atuando por pouco tempo e era necessário dar segurança ao futuro de sua família. Por isso, horas antes de viajar para o Brasil, Obdulio reuniu-se com o dirigente Uruguaio, César Battle, e pediu-lhe um emprego. Mais do que um pedido, o jogador fez uma ameaça: “si no hay empleo no juego. Lo reconozco, fue una presión” (Pippo, 1993, 103). E Battle cedeu, garantindo-lhe um trabalho no Cassino Municipal de Montevideú.

Até mesmo os campeões corriam um sério risco de terminarem seus dias a deus-dará. Isso demonstra que é preciso não superdimensionar as conseqüências de uma derrota na trajetória de um atleta de futebol, pois, como foi dito, nenhum jogador tem sua carreira destruída por ter sido culpabilizado por algum insucesso. A derrota de 1950, portanto, está longe de ser o fator decisivo para que Barbosa tivesse enfrentado tantas dificuldades no final

da vida. Se não é essa a percepção que temos hoje em dia é porque a vida de Barbosa foi, constantemente, narrada tendo como base o dia 16 de julho de 1950 e essa ênfase encobriu uma perspectiva mais ampla da carreira e da vida do goleiro. Em grande medida, tratava-se de uma ênfase um tanto inevitável e que contribuiu para fazer do arqueiro brasileiro uma figura trágica que certamente tornou-se mais imperativa do que qualquer tentativa mais insistente de investigar, com um pouco menos de superficialidade, sua longa trajetória profissional. Por nunca ter conquistado um título pela seleção, após aquele fracasso na Copa, a derrota de 1950 continuaria a ser o episódio mais marcante de sua biografia de jogador. O mesmo ocorreu com seus colegas de seleção Zizinho, Friaça e Ademir, todos estigmatizados como perdedores da Copa do Mundo. Entretanto, por Barbosa ter sido culpabilizado, aquele traço diferencial de sua carreira foi superdimensionado. E essa culpabilização ganhou novos rumos com o tempo.

Se, inicialmente, como já foi mencionado, Barbosa dividiu a vilania com Bigode, hoje em dia, poucos se lembram que após o jogo Brasil X Uruguai, o lateral foi alvo constante – mais que Barbosa – de críticas e acusações. Então como se deu o processo de transformação de Barbosa no vilão solitário do Maracanazo? Por que ele se transformou no herdeiro único da vilania desse jogo? O processo que anexou, indelevelmente, o goleiro ao fatídico jogo de 16 de julho não é tão simples de ser decifrado, entretanto é possível traçar seus principais momentos. A etapa derradeira já foi mencionada, é preciso, então, voltar um pouco mais no tempo. Mais especificamente no ano de 1962, época em que Barbosa deixou de atuar nos gramados brasileiros.

No dia 08 de julho de 1962, na rua Conselheiro Galvão, onde se localiza o estádio do Madureira, Barbosa encerrou oficialmente sua carreira que já durava mais de 20 anos. O cenário da despedida era um tanto melancólico, pois menos de 600 pessoas assistiam ao jogo Campo Grande X Madureira. O público irrisório pode ser compreendido como reflexo de um jogo entre duas equipes pequenas e que não valia nada em termos de campeonato. Além disso, não se tratava de uma despedida anunciada, pois nem mesmo Barbosa sabia que aquele seria o último jogo de sua carreira profissional. Com 41 anos, ele defendia o Campo Grande, clube para o qual se transferira ao sair do Vasco da Gama. Naturalmente sua capacidade física já não era a mesma de quando jovem e a qualquer momento seria inevitável reconhecer a impossibilidade de continuar jogando. O próprio corpo lhe comunicaria a chegada desse momento. E foi isso que ocorreu. Após fazer uma defesa arrojada, Barbosa caíra no chão e dali só sairia carregado para fora do campo. Sua experiência lhe mostrava que a dor que sentia ultrapassava o limite de uma contusão banal, mais que isso, aquela dor lhe dizia que sua carreira não podia mais prosseguir (Muylaert, 2000, 176).

Semanas depois dessa despedida um tanto forçada, Barbosa ocupava novamente as manchetes dos jornais da época. Um retrospecto da carreira foi o principal mote das matérias jornalísticas que enfocaram o final da carreira do goleiro. E em seu currículo, apesar dos vários títulos, destacava-se um acontecimento único e marcante: a derrota de 1950. Marcante não apenas sob a ótica dos jornalistas ou do público em geral, mas, também, do ponto de vista do próprio Barbosa, pois, embora, ele tivesse vivenciado momentos de conquista, principalmente, pelo time cruzmaltino, a perda do campeonato tinha um significado especial para ele. Aquela derrota ecoava, até mesmo, em sua visão de mundo: “Minha vida mudou depois de 1950. Eu me julgava um sujeito prepotente. Depois cheguei à realidade, vi que nós somos o que somos – nada mais!” (Neto, 2000, 50). Em termos esportivos a perda do título mundial também era algo pelo qual, o arqueiro não escondia sentir uma grande tristeza: “Aquela derrota foi uma dessas coisas imprevisíveis. No dia, todos viam a seleção brasileira como um rei que iria ser coroado. Pena que a coroa fosse acabar na cabeça do Uruguai” (*JB*, 12/07/1962). Ao se narrar a carreira de Barbosa, lá estava a derrota de 1950 ocupando o papel principal dessa narrativa. Sete anos depois, 1950 voltaria à tona e lá estava Barbosa como principal personagem dessa derrota.

Em 1970, a narrativa da terrível derrota de 1950 voltava com força e esse período foi bastante relevante no processo de transformação da vilania de Barbosa. Foi a Copa de 1970 que despertou um boom de referências ao Maracanazo, afinal, nela a seleção, pela primeira vez, voltaria a enfrentar o Uruguai em uma partida válida pela Copa do Mundo. Desse modo, 1950 ressurgiu como um fantasma. E Barbosa estava no centro dessa lembrança. O resgate do Maracanazo se alicerçava mais em dúvidas do que certezas. Afinal de contas, os anos haviam passado e nem mesmos os jogadores mantinham intactas as recordações daquele jogo. As histórias contadas sobre 1950 ganharam uma aura lendária, não somente pelas condições específicas do jogo, mas porque surgiu a consciência de que os recursos tecnológicos da época não eram suficientes para dar conta de uma versão um pouco mais fidedigna do jogo. Havia poucas câmeras, a TV ainda não tinha sido inaugurada, enfim, 1950 parecia pertencer a uma espécie de período pré-histórico dos meios de comunicação, no Brasil. Sendo assim, era difícil confiar nas versões desse jogo, já que grande parte dos relatos de 1950 foi baseada nos olhos de testemunhas que poderiam, muito bem, terem sido traídas por seus próprios sentidos. A narrativa dessa derrota passou a caracterizar-se, fortemente, pelo “dizem que...”. Dizem que Bigode levou um tapa; dizem que o silêncio das duzentas mil pessoas foi assustador; dizem que Obdulio Varela, irado por ter lido manchetes que já davam o Brasil como campeão, urinou em cima desses jornais ainda no vestiário. E... dizem que Barbosa levou um frango.

A distância do tempo ajudava a transformar essa derrota em um evento cheio de mistérios a ainda serem decifrados e o maior deles relacionava-se ao gol de Ghiggia, o lance fatal do jogo. Se em 1950, como já foi dito, não sobravam dúvidas quanto à falha de Barbosa, com o passar dos anos essa certeza foi minguando. Esse fenômeno, entretanto, ao invés de enfraquecer o elo entre Barbosa e o Maracanazo, fortaleceu-o mais ainda. O goleiro voltava ao cerne da discussão em torno da pergunta que mais uma vez se repetia “por que o Brasil perdeu?”. Essa foi a tônica das referências que foram feitas ao jogo do dia 16 de julho. Obdulio Varela, Ghiggia, Bigode e Juvenal foram os nomes mais consultados para decifrar aquele que se transformara no maior dos enigmas de 1950: Barbosa teria levado um frango?

Tratava-se de uma acusação grave que deveria, necessariamente, passar por uma reavaliação, ou melhor, por um novo julgamento. Por isso, uma espécie de tribunal formou o cenário desse resgate da Copa de 1950, e, através dele, se visava realizar uma avaliação mais justa da atuação do selecionado. Afinal uma certa desconfiança recaiu sobre algumas versões daquela derrota e era preciso, antes de tudo, fazer com que a verdade emergisse em meio a tantas histórias que mais pareciam terem saído das páginas de um romance. No centro desse julgamento estava Barbosa e o seu possível frango. Entretanto, a justiça não importava tanto assim, pois na verdade alimentar essa dúvida, significava explorar uma versão plena de polêmica e também de dramaticidade. E a imprensa da época soube como nunca tirar proveito desses aspectos, pois a possibilidade de um erro fatal, cometido aos 34min do segundo tempo em um jogo que valia Copa do Mundo, causava – e ainda provoca – bastante impacto. Tudo isso, somado a incerteza de que essa falha teria ocorrido, foi responsável por uma enxurrada de comentários e depoimentos.

Se em 1950 Bigode – mais do que Barbosa – também havia sido responsabilizado, em 1970 esse panorama era modificado definitivamente. Mesmo que o lateral ainda fosse mencionado em algumas reportagens, o principal enfoque não recaía mais sobre o mesmo. Aqueles vinte anos que separavam uma Copa da outra haviam provocado algumas mudanças. 1950 transformara-se em uma recordação distante e difusa. Bigode, por sua vez, já caíra no esquecimento quase total, pois não havia mesmo muitos motivos para continuarmos a lembrar dele. Bigode foi um jogador mediano, conhecido mais pela truculência do que por algum tipo de habilidade especial. Como afirmou Nilton Santos – que era reserva na Copa de 50! –, o lateral “gostava muito de dar carrinho” (1998, 66). E como já foi dito, ao deixar o futebol, Bigode se afastou totalmente desse universo.

Barbosa, ao contrário, continuou atuando em um grande clube brasileiro e, portanto, sua exposição pública foi bem mais prolongada, o que certamente contribuiu para que não o

esquecêssemos. Além disso, ele era conhecido pela elegância e elasticidade, sendo capaz de realizar saltos no ar como se fosse um gato. Armando Nogueira, costumava contemplá-lo “como uma espécie de anjo da guarda”, pois cuidava da meta com “mãos curiosas que decifravam as bolas mais difíceis” (2003, 70). De fato, a carreira vitoriosa e os atributos de goleiro excepcional faziam de Barbosa um ídolo capaz de atrair centenas de pessoas que formavam fila para visitá-lo, enquanto se recuperava da grave fratura que o tirou da Copa de 1954. A sua permanência em nossa memória foi possível não somente por conta da derrota de 1950, mas, também, porque ele foi um goleiro de grande prestígio.

Um grande goleiro que teria levado um enorme frango. Sem dúvida, essa versão tem muito mais poder de repercussão do que uma falha de marcação. Pois, se Ghiggia corra livre pela lateral do campo, ainda restava a possibilidade de Barbosa defender seu chute. Afinal, o goleiro é o último recurso, a última esperança que se tem para que o gol seja evitado. Não que um jogo de futebol funcione exatamente desse modo, mas nosso imaginário assim o concebe. E nas narrativas de futebol, o imaginário repleto de expectativas e representações, muitas vezes, fala mais alto. Por isso, mesmo que Bigode ainda fosse mencionado como um dos responsáveis pela derrota frente ao Uruguai, o enigma do frango ganhou o centro das atenções.

O fato de ser goleiro contribuiu bastante para a consolidação de Barbosa enquanto vilão único de 1950, isso somado à distância temporal que fez da certeza do frango uma dúvida a ser ainda esclarecida. E para tanto, os principais atores do jogo compareceram para dar seu testemunho da tragédia. A tentativa de inocentar Barbosa foi grande e ironicamente, o carrasco Ghiggia foi um dos levantou voz a favor do ex-goleiro da seleção: “não houve falha de Barbosa (...) ele usou a lógica, já que o primeiro gol surgiu de uma jogada semelhante, de um centro meu (*JB*, 17/06/1970). Obdulio Varela, por sua vez, também defendeu Barbosa alegando que se tratava de um “goleiro ágil e com grande golpe de vista” mas cuja sorte lhe faltara no segundo gol uruguaio (*Veja*, 24/06/1970). Mas se os uruguaio o inocentavam, seu colega de seleção, Juvenal, não foi tão solidário. Em entrevista ao *Jornal do Brasil*, o jogador afirmou que Barbosa foi um grande goleiro e não poderia ter tomado um gol “como aquele, a bola passando entre ele e a trave” (*JB*, 17/06/1970).

Entretanto, Barbosa o principal interessado em defender-se raramente adotou essa postura. Ao comentar o lance, ele confirmou a versão de Ghiggia. O goleiro afirmou que, ao ver Ghiggia se aproximando da meta, optou por adiantar-se um pouco para interceptar o cruzamento do jogador uruguaio. Barbosa supôs que Ghiggia repetiria a jogada do primeiro gol celeste:

O gol de Ghiggia nasceu de uma jogada que ele estava fazendo desde o início do jogo: corria para linha de fundo e cruzava para trás. Vinham então dois ou três jogadores para o cruzamento. Miguez, Schiaffino, o próprio Obdulio Varela, Julio Perez vinham para concluir a jogada. Numa dessas eu pensei que ele, Ghiggia, fosse fazer a mesma coisa, mas ele não fez. Tentou outra coisa e deu sorte. Azar meu, sorte de Ghiggia (Neto, 2000, 52).

Essas declarações dão margem para pensarmos que Barbosa de fato poderia estar passos à frente da meta, o que reforçaria a hipótese de que ele teria saltado com atraso fatal como sentenciou Mário Filho. Nesse sentido é preciso reconhecer que a impressão de que o arqueiro teria falhado, não foi tão infundada. Não se trata de uma simples tramóia da imprensa esportiva. A trajetória da bola chutada por Ghiggia formava um ângulo com a linha de fundo de cerca de 20 a 25 graus, segundo informou Paulo Perdigão (1986, 145). Sem dúvida, as condições não eram muito favoráveis a um chute direto, o que fazia parecer impossível que a bola entrasse. Por isso, ao narrar o segundo gol Uruguaio, o locutor Edson Leite, da Rádio Bandeirante, estava certo de que se tratava de uma incrível falha do goleiro brasileiro e, por isso, bradou: “Barbosa errou [sic] sobre a bola, num frango espetacular!”.

Edson Leite – e muitos outros observadores –, entretanto, não considerou que Barbosa teve que fazer uma difícil escolha. Em um curtíssimo espaço de tempo, foi necessário optar entre interceptar o cruzamento ou manter-se onde estava, à espera do que iria acontecer. A opção errada poderia lhe custar caro, sendo assim, Barbosa resolveu pensar de maneira lógica e, por isso, mexeu-se. Muitos torcedores, principalmente os de hoje, desconhecem que após o empate, a seleção se abatera e o time Uruguaio vinha insistentemente realizando perigosas jogadas pelas laterais do campo. E Ghiggia parecia que repetiria mais uma. Parecia, pois já sabemos o final da história. Mas às vezes esquecemos que se Barbosa não se adiantasse e Ghiggia lançasse a bola para um companheiro, sem dúvida o acusaríamos de falta de perspicácia. Por se tratar de um lance idêntico ao primeiro gol uruguaio, acharíamos que caberia a Barbosa antecipar-se na jogada. Um goleiro inteligente faria isso, assim comentaríamos após o jogo. Qualquer que fosse sua opção, o risco de ser condenado seria grande e a impressão de erro perduraria, pois ela foi, em grande parte, alimentada pelo impacto da derrota.

E quanto a isso, Barbosa sempre demonstrou ter consciência, pois essa intolerância à derrota era aquilo que mais o incomodava. Ele jamais aceitou o fato de que os jogadores de 50 tenham passado a ser conhecidos como integrantes de uma geração perdedora: “A única coisa que me magoou foi o sujeito não respeitar o meu título de vice-campeão. É o que me magoa” (Neto, 2000, 50). Nesse sentido, a questão da falha era secundária para Barbosa, daí uma certa falta de afinco em defender-se. Sua visão do jogo Brasil X Uruguai e, principalmente, do lance que resultou na vitória celeste, ancorava-se na perspectiva de um jogador experiente

para quem a questão de erro ou acerto podia ser um pouco mais complexa. Muito daquilo que nós observadores e torcedores pensamos em relação a uma partida de futebol, se fundamenta na perspectiva de quem está fora do jogo e que, muitas vezes, não possui a dimensão mais adequada da sua dinâmica, de suas várias possibilidades e das inúmeras dificuldades. O torcedor não compreende esses aspectos porque deposita sobre o jogo uma série de expectativas e porque, antes de tudo, seu desejo único é a vitória.

Entretanto, não é possível concluir que a perda do mundial de 1950 tenha representado um acontecimento corriqueiro em sua vida. Certa vez, Barbosa negou-se a realizar uma entrevista no mesmo local onde sofrera o gol de Ghiggia. Dizem, também, que nutria tanto ódio por aquelas traves à direita das cabines de rádio, que um certo dia ele as transformou em uma grande fogueira.<sup>64</sup> Mesmo que esses episódios não passem de boatos, o peso da derrota brasileira transparecia em algumas declarações que deixavam claro que não foi nada fácil conviver com a memória de 1950. Entre elas destaca-se o pequeno acréscimo feito à famosa declaração de Ghiggia que certa vez disse: “Somente três pessoas calaram o Maracanã: o papa, Frank Sinatra e eu”. O ex-goleiro da seleção brasileira emendou: “Eu também fiz o Brasil calar, fiz o Brasil chorar: não é só ele que tem esse privilégio” (Neto, 2000, 53). A ironia é clara e evidencia o paradoxo de uma fama às avessas, típica dos vilões do futebol que entram para a história por intermédio de uma derrota traumática.

Barbosa, entretanto, foi um vilão raro. Não somente entrou para a história, como se tornou símbolo máximo da derrota de 1950. Seu abatimento, seu desconsolo ao levantar-se do chão após o gol de Ghiggia transformaram-no na tradução viva daquele desastroso jogo. Lembrar do Maracanazo, hoje em dia, é lembrar daquela seqüência de imagens em preto e branco que nos mostram um homenzinho aproximando-se rapidamente da pequena área, para em seguida levantar poeira do gramado ao chutar a bola na direção da meta brasileira. Essa seqüência foi uma das poucas cenas que sobraram da filmagem daquele jogo. Em 1950, tratava-se de um recurso precário, mas não menos pretensioso. O anúncio do filme “A copa do mundo de 1950”<sup>65</sup> prometia que o mesmo poderia comprovar ou desmentir as hipóteses de que tanto Barbosa quanto Bigode teriam falhado. Segundo a propaganda, o gol uruguaio

---

<sup>64</sup> Esse é um dos boatos que ronda o episódio de 1950. Dizem que Barbosa, quando se transformou em funcionário da Suderj, teria conseguido as traves de 1950 e feito delas uma grande fogueira usada em um churrasco. Roberto Muylaert em seu livro *Barbosa* inicia essa biografia romaneada com a imagem do goleiro fazendo um churrasco com o fogo das traves de 1950. Entretanto, Luiz Fernando Bindi contraria essa lenda: “Ao contrário do que se pensa (...) ela (a trave) foi parar na cidade de Munzambinho (MG) e encontra-se na Casa de Cultura da cidade (...) levada por Pedro Viola, rico comerciante local que fazia entregas com grandes carretas no Rio de Janeiro. Em uma dessas viagens, Viola trouxe além de um pouco de grama do Maracanã, as traves do estádio” (2007, 70).

<sup>65</sup> “Por que o Brasil perdeu a Copa do Mundo” foi um documentário resultante das filmagens do jogo Brasil X Uruguai que ficou a cargo do consórcio Cinédia-Milton Rodrigues, que cobriu com exclusividade a Copa do Mundo de 50. Esse documentário foi lançado no Rio de Janeiro no circuito Plaza (Perdigão, 1986, 41).

poderia ser examinado com calma já que ele aparecia “com mais clareza, permitindo ao público, agora que tudo já serenou, apreciar com mais frieza e calma a cena trágica de que foram os principais personagens, Barbosa, Bigode e Ghiggia” (JS, 08/08/1950).

Pouquíssimas imagens sobraram desse filme. E a principal delas, ao contrário do que fora prometido, não primava pela clareza. Filmada de poucos ângulos, nada se destaca mais nessa curta filmagem do que a figura de Barbosa que desolado, ergue-se lentamente como quem tivesse levado um grande golpe. A demora para pôr-se novamente de pé e os passos lentos com que se encaminha na direção da meta nos passa um pouco da dimensão do estrondoso impacto daquele gol. A imagem de Barbosa parece transparecer a sua consciência de que se tratava de um instante irreversível, de um momento tragicamente sem volta. Impressão que é intensificada para nós que já sabemos que de fato aquele lance decidiu o rumo do jogo. Se algum dia pretendeu-se fazer dessas imagens um instrumento de esclarecimento das dúvidas acerca daquele lance, elas, ao contrário, não foram muito úteis para esse fim. Mas se a cena do gol não foi capaz de elucidar mistérios, conseguiu – e ainda consegue – conferir cores trágicas à derrota de 1950 e a Barbosa.

Ela traduz de maneira comovente o girar da roda da fortuna do goleiro. Ali em meio ao silêncio de duzentas mil pessoas, Barbosa se vê de frente a uma encruzilhada pela qual passa “a estrada para o que poderia ter sido e a estrada para o que será” (Frye, 1973, 210). Não havia como retroceder no tempo. A tristeza de Barbosa contrasta com a alegria de Ghiggia que podemos ver ao fundo, sendo abraçado por seus colegas que pulam e comemoram intensamente. E não é possível desconsiderar a vigorosa força dramática dessa seqüência e que se condensa na figura de Barbosa. Vendo-a não deixamos de nos sentir afetados. Ela nos remete a um momento ímpar na história do futebol nacional, uma derrota em um gigantesco estádio que no dia do jogo comportava nada menos do que 200 mil pessoas, aproximadamente. Uma derrota marcante, não esquecida e até hoje pouco aceita e compreendida.

“Guardo até hoje na memória em agressivo preto e branco a imagem de Barbosa”, essas são as palavras do narrador do curta-metragem “Barbosa”, dirigido por Ana Azevedo e Jorge Furtado, baseado no conto de Paulo Perdigão “O dia em que o Brasil perdeu a Copa”. Nele entramos em contato com a história de um homem obcecado pela derrota do Brasil para o Uruguai e que, ao adquirir uma máquina do tempo, retorna a 1950 com o objetivo de impedir o gol de Ghiggia. Seu plano era entrar no campo do Maracanã, chutar a bola para fora do gramado e desferir um soco no jogador uruguaio. Entretanto, à beira do campo, seu braço foi seguro e com isso restou-lhe gritar “Barbosa!” na tentativa de avisá-lo sobre o que iria

acontecer. Porém, esse grito desviou o olhar do goleiro no exato momento em que Ghiggia se aproximava da área. O gol, então, se repetia.

Não havia sido possível mudar o curso da história e aquela derrota continuaria a representar o momento em que o caráter contingente do mundo fora revelado aquele homem, um mundo que lhe parecia “fiel e submisso”, mas que se apresentava “naquele instante, contingente e absurdo”. Salvar Barbosa do gol de Ghiggia equivalia a salvar-se a si mesmo, daí a desesperada tentativa de consertar a história e brincar de Deus. Entretanto, o mundo continuou a confirmar-se como absurdo e incerto, assim como aquela derrota do Brasil. A inevitabilidade de certos instantes parecia ser algo com qual seria necessário aceitar e conviver, pois como Barbosa mesmo concluiu no início dessa produção: “eu já pensei naquela bola, um milhão de vezes (...)”, mas nada faria “voltar as coisas que já aconteceram. Nós não vamos retornar o passado”.<sup>66</sup>

Por conta dessa impossibilidade, o goleiro tinha certeza de que todo esforço na busca pelos culpados por aquela derrota revelou-se sempre um esforço em vão, pois jamais foi ou seria capaz de trazer o título de campeão ao Brasil. O enigma do frango era insolúvel e, antes de tudo, inútil. A Copa havia sido irremediavelmente perdida, independentemente do fato de algum jogador ter sido o responsável por ela. E no final das contas coube a Barbosa essa culpa, pois se trazer o título era impossível, esquecer sua perda também o foi. E Barbosa não desconhecia o apego do brasileiro a esse trauma, por isso, chegara a seguinte conclusão: “Muita gente não entrou para a história. Eu jamais sairei da história do futebol brasileiro por causa daquele jogo, em 16 de julho de 1950” (id, ibid). Mesmo que por vias tortas, Barbosa se tornara imortal. Sua figura seria, dali em diante, indissociável da história do esporte mais popular do país, porque toda história para ser completa precisa de heróis e, também, de vilões.

E jamais houve um vilão como Barbosa. Um goleiro do qual não esquecemos, pois no fundo muitos de nós desejávamos, assim como o narrador do curta de Jorge Furtado, não somente salvar o Brasil daquela derrota. Gostaríamos de ter salvado Barbosa. Assim pensou Pelé que nos seus seis anos de idade desejou fortemente ser adulto para entrar em campo, ajudar o Brasil a ganhar o título, pois admirava a seleção e, antes de tudo, admirava seu ídolo Barbosa (*Placar*, 20/08/1971).<sup>67</sup>

Barbosa foi o vilão sobre o qual depositamos um misto de sentimentos. Em vários momentos o odiamos, mas em diversos outros nos sentimos tocados por sua imagem. Culpamos-lhe, sim, pela perda do campeonato, mas uma culpabilização nascida, também, das

<sup>66</sup> Esse depoimento dá início ao curta *Barbosa*, de 1988, de Ana Lúcia Azevedo e Jorge Furtado

<sup>67</sup> “Eu era fã do Barbosa. Nessa época eu era goleiro e achava Barbosa espetacular” (*Placar*, 20/08/1971).

inúmeras expectativas e esperanças que sobre ele depositamos. E que não suportamos vê-las frustradas. Aquele gol de Ghiggia foi espantosamente impactante, também, porque se acreditava que Barbosa formava uma muralha quase que intransponível. E quando ele mostrou-se humano, talvez tenhamos nos sentido traídos por um ídolo que imaginávamos possuir forças sobrenaturais. Pois há uma semelhança entre os heróis e os vilões do futebol. Tanto um quanto outro vivem mais na nossa imaginação do que propriamente fora dela, pois são em grande parte fruto dos nossos anseios e expectativas. A diferença é que enquanto os heróis confirmam nossos sonhos, os vilões fazem-nos acordar dos mesmos. E como sonhar é sempre melhor, os vilões acabam sendo plenamente rechaçados.

Barbosa foi grande e sua grandeza não passou despercebida por Nelson Rodrigues, para quem o arqueiro havia atingido a imortalidade. A longevidade esportiva do goleiro chamou a atenção do teatrólogo, que ficou encantado ao vê-lo atuando no auge dos seus 38 anos de idade. Causava-lhe surpresa, principalmente porque se tratava de um jogador sobre o qual, quase todo brasileiro havia descarregado “a responsabilidade maciça, compacta da derrota” (1994, 69). Mas o goleiro sobrevivera a 1950, dando provas de sua força, pois fosse “qualquer um outro estaria morto, enterrado, com o seguinte epitáfio – ‘Aqui jaz fulano, assassinado por um frango’” (id, ibid). Talvez tenha sido em Nelson que Barbosa buscara inspiração para aconselhar Valdir Appel dizendo-lhe que o importante é sobreviver ao frango. Ou, melhor, ao que nós imaginamos ter sido um frango.

O erro de Barbosa continuará despertando dúvidas que tendem a ser mantidas, pois já se passaram 57 anos desde que o Brasil perdeu sua primeira Copa do Mundo e essa distância temporal tornará essa lembrança cada vez mais difusa. Mas o frango somente continuará a ser um enigma, caso continuemos a nos sentir tão incomodados com a derrota, pois o fato de não termos suportado aquele vice-campeonato é que manteve o 16 de julho vivo em nossa memória. Memória de ressentidos e de quem tem uma profunda intolerância à derrota dentro dos gramados, pois se o Brasil tivesse se sagrado campeão a possibilidade de Barbosa ter levado um frango cairia no esquecimento. E todo esse texto perderia seu sentido.

E se goleiro anônimo de Sérgio Sant’Anna aprendeu que a vida pode ser decidida em fração de segundos, é bom que saibamos que os 34 minutos do segundo tempo de Brasil X Uruguai não decidiram a vida de Barbosa, nem a pessoal e nem a esportiva. Decidiu sim o modo pelo qual passamos a narrá-las.

### 2.3 Ninguém é vilão por acaso

Ninguém é vilão por acaso. A eleição de um vilão da seleção brasileira se dá em diálogo com uma série de fatores relacionados não apenas ao desempenho atlético ou à competência profissional. Além desses aspectos, pesa muito em nosso julgamento a função que é exercida em campo. Goleiros, zagueiros, jogadores que atuam em função defensiva, árbitros e técnicos, já de antemão, são fortes candidatos a vilões. Principalmente, no caso da seleção brasileira, costuma-se demonstrar uma grande impaciência com essas figuras e uma predisposição para relativizar suas qualidades, ampliar, ou mesmo, inventar defeitos. Não é por coincidência que se tratam de posições pouco privilegiadas no imaginário futebolístico nacional. Dentro de campo, ninguém os supera em termos de risco de se tornarem culpados por alguma derrota decisiva da seleção brasileira. Os laços de simpatia com essas figuras são frágeis e podem se quebrar com extrema rapidez. Basta pouco, muito pouco para que lhes apontemos nossos dedos e lancemos impiedosas críticas. Nos sentimos bem mais à vontade em fazer isso com essas categorias, com as quais costumamos manter vínculos de afetividade negativa, principalmente quando o assunto é seleção brasileira.

Em nível clubístico, entretanto, inúmeros casos contradizem essa tendência. E é interessante citá-los para demonstrar o quanto é difícil tecer generalizações no que diz respeito ao futebol. Em novembro de 2007, por exemplo, durante o jogo entre Brasil e Uruguai, válido pelas eliminatórias da Copa de 2010, a torcida do São Paulo não cansou de fazer reverência ao zagueiro uruguaio Lugano, que foi o capitão da equipe na conquista do tricampeonato mundial interclubes de 2005. Essa mesma torcida tem como ídolo principal, o goleiro Rogério Ceni que costuma entrar no gramado cercado de inúmeras crianças ávidas por sua atenção. Os gremistas, por sua vez, guardam em seus corações o nome de Valdir Espinosa, o técnico da conquista do mundial interclubes de 1983 e gritam seu nome sempre que o vêem. Do mesmo modo, os palmeirenses não esquecem de Luis Felipe Scolari que comandou o time na conquista da Libertadores da América em 1999. E esquecem menos ainda de “São” Marcos o goleiro herói da campanha vitoriosa dessa mesma competição.<sup>68</sup> Todos se tornaram ídolos, heróis da bola, com os quais torcedores se relacionam como se fossem um amigo íntimo, um membro da família ou, muitas vezes, um santo querido guardado em um altar dentro de casa.

---

<sup>68</sup> Esse apelido surgiu após o goleiro ser peça fundamental para que o Palmeiras não apenas passasse para a semifinal da Libertadores da América de 1999, mas eliminasse o arqui-rival Corinthians dessa mesma competição. Marcos defendeu um pênalti cobrado por Vampeta.

Mas no caso da seleção brasileira, o panorama é bem diverso, o que demonstra que quando se trata dela “estamos diante de um universo relativamente separado do futebol do cotidiano” (Helal, 2001b, 154). Para compreendermos essa diferenciação, é preciso lembramos que a relação da maioria dos brasileiros com a seleção é mediada, principalmente, pela noção de “futebol-arte” que, por sua vez, tem como base o drible. Esse fundamento é compreendido como a própria encarnação da brasilidade que se expressa no futebol, através de uma corporalidade plena de plasticidade e leveza. No Brasil, o craque da seleção é por excelência aquele que, antes de tudo, domina o drible, ao qual foi anexada, tanto a imagem como a auto-imagem do futebol nacional. Assim como o malandro que vive pisando leve e escapando da lei e da ordem, o driblador livra-se do seu opositor fazendo farto uso de um recurso que tem como objetivo principal escapar do cerco alheio sem recorrer ao vigor físico ou à violência. Eles gingham pra lá e pra cá, e com habilidade conduzem a bola de modo pouco geométrico, quase sempre ludibriando e, muitas vezes, humilhando o adversário. São atributos da malandragem, tão típica em outras esferas, e que também se faz notar na concepção ideal que temos do futebol brasileiro.<sup>69</sup>

No caso brasileiro, analisando o repertório de vilões da seleção nacional em Copas do Mundo é possível perceber que dificilmente um jogador que tenha *status* de craque, é culpabilizado por alguma derrota. Essa tipologia ocupa os andares superiores na hierarquia do futebol nacional. Craques podem chegar perto da vilania, mas sempre são salvos no final da história. Zico, como será visto, foi um *quase* vilão, pois alguns aspectos o livraram de carregar a responsabilidade da derrota de 1986. Seu imenso talento como jogador foi um dos fatores que lhe serviu de escudo contra a avalanche de críticas lançadas contra ele, após a perda de pênalti no jogo entre Brasil e França. Vale lembrar que, por muito menos, vários jogadores foram transformados em vilões. Dunga (1990), Roberto Carlos (2006), por exemplo, foram culpabilizados pelas respectivas derrotas da seleção, por conta de falhas muito menos palpáveis e graves que um pênalti perdido.

Mas todos possuíam traços em comum: atuavam na zona defensiva ou costumavam ser caracterizados como jogadores de marcação. Nenhum deles tinha o perfil consagrado de craque e nenhum deles vestia a camisa 10, que é a mais valorizada, em termos simbólicos, do futebol nacional. Essa numeração passou a comportar grossas camadas de significados relacionados a elementos basilares da “pátria em chuteiras” e sua força simbólica tornou-se

---

<sup>69</sup> Sobre a relação entre malandragem e futebol ver *Malandragem, futebol e identidade*. Antônio Jorge Soares. Vitória, Secretaria de Produção e Difusão Cultural/UFES, 2001.

imensa.<sup>70</sup> A camisa 10, às vezes, parece ter vida própria, conseguindo sobreviver e manter seu poderio mesmo quando é vestida por um jogador que dentro de campo demonstre virtudes limitadas. Vida própria que se faz questão de manter. Não foi sem motivos que a AFA imortalizou a camisa 10 da seleção Argentina, em 2001, não permitindo que nenhum jogador, depois de Maradona, voltasse a usá-la. Essa decisão ganhou elogios e apoio por aqui. Em matéria publicada pelo *Jornal do Brasil* argumentou-se que “no Brasil a medida evitaria atentados violentos ao pudor – aposentar a 10 impediria novas agressões à memória ao futebol tetracampeão” (*apud*, Abrahão, 2007, 6).

Evitaria, também, o risco da vilania. Risco que se mostrou extremamente forte em 2006 com outro *quase* vilão, Ronaldinho Gaúcho. Quase, pois não é nada fácil fazer surgir um vilão que seja o 10 da seleção, afinal, em parte, para isso seria necessário que nós a desencantássemos. Enquanto a magia que a ela costumamos atribuir for mantida e alimentada, haverá uma espécie de barreira que dificultará que a mesma seja concebida a partir de qualificativos negativos. Uma barreira antivilania. Por isso, quem a veste dificilmente se converte em vilão, mesmo que até haja motivos para tanto. Pois, não se está protegendo o jogador, mas a camisa enquanto símbolo do futebol-arte, do futebol mágico brasileiro. Magia fortemente relacionada aos usos do corpo representados por intermédio do futebol e, principalmente, da seleção (Guedes, 2000, 130). Corpo representado como lúdico, que incorpora elementos da samba e da capoeira e que, portanto, demonstra uma postura menos geométrica e mais manemolente, fazendo do gingado uma marca que o individualiza. Um futebol próximo da dança. Por isso Robinho classificou seu drible aplicado no jogo Brasil e Equador, pelas eliminatórias da Copa 2010, como um drible “um pra lá, dois pra cá”, uma expressão típica das aulas de dança.

Segundo a concepção da maioria dos brasileiros, zagueiros, jogadores que se destaquem pela força física ou que atuem em função defensiva “marcando” o adversário, necessariamente fogem a essas características consagradas. Em parte há razões para assim pensarmos. Não é nada prudente, por exemplo, que jogadores responsáveis pela marcação façam isso através de firulas e malabarismos com a bola.<sup>71</sup> Esse aspecto em parte torna inviável que depositemos sobre tais categorias, o repertório de representações consagradas no futebol brasileiro, o que contribui para que as mesmas sejam pouco privilegiadas no

---

<sup>70</sup> A importância dessa numeração pode variar de acordo com o contexto. Na Holanda, por exemplo, certamente, o tratamento dado à camisa 10 da seleção é bem diferente. Afinal, Johan Cruyff, o maior jogador da história da seleção holandesa, vestia a camisa de número 14. No caso da seleção brasileira, na seção referente à tipologia dos quase vilões, será mostrado que nem sempre a camisa 10 comportou uma “mística”.

<sup>71</sup> É comum dizer-se que na zona defensiva é lugar onde se “joga sério”.

imaginário futebolístico, principalmente, aquele construído em torno da seleção. Elas são pára-raios de vilania. Existe uma predisposição a enxergarmos jogadores que possuam esses perfis, com olhos impacientes e ávidos para fazer de qualquer deslize um argumento praticamente inquestionável, de sua culpabilidade. Se com os camisa 10 e com os craques, costumamos ser condescendentes, ocorre o oposto com aquele grupo. É comum sermos impiedosos, rabugentos, às vezes, injustos e, freqüentemente, incoerentes. E grande parte dessa intolerância é fundada em concepções estereotipadas que costumamos nutrir contra aquelas tipologias de jogadores. Acreditamos que necessariamente eles não “sabem” jogar, que são limitados tecnicamente e temos uma crença quase que inabalável de que são coadjuvantes de um grande espetáculo cujos protagonistas atuam do meio campo para frente.<sup>72</sup>

É como se as funções e características acima enumeradas fossem vistas como um simples trabalho operário<sup>73</sup>, que requer mais energia física do que inteligência. Um trabalho necessário, mas nem por isso louvável. Até mesmo porque, não está relacionado a um talento espontâneo e inato, características tão caras à concepção de futebol-arte.<sup>74</sup> Afinal, no futebol também é possível encontrar aquilo que Sérgio Buarque classificou como “traço marcante de nossa vida social (...) O prestígio universal do ‘talento’ (...) em contraste com as atividades que requerem algum esforço físico” (2006, 84). Sendo assim, o *status* daquele que é considerado um mero operário da bola, costuma ser baixo. Falar bem de suas atuações é-nos uma tarefa bastante difícil, pois freqüentemente, relacionamos funções defensivas com futebol de má qualidade. O zagueiro Lúcio é um bom exemplo dessa tendência. Como a *Folha de São Paulo* afirmou “Apesar de não gozar de muito prestígio no Brasil, na Europa o zagueiro é considerado um dos grandes nomes da posição” (30/06/2006). Idolatrado na Alemanha, onde atua desde 2000, é alvo de intensa desconfiança por grande parte da imprensa e dos torcedores brasileiros. Sentimento reforçado pelo erro cometido no jogo da seleção contra a Inglaterra, nas quartas de final da Copa de 2002<sup>75</sup>. Se o Brasil tivesse sido eliminado nessa partida, certamente a vilania lhe seria atribuída e seu percurso na seleção seria mais dificultoso ainda. Pois, mesmo ganhando a Copa, o zagueiro seguiu sendo considerado um jogador “atrapalhado” e pouco confiável. Em 2006, conseguiu escapar da vilania por conta de uma

---

<sup>72</sup> Alguns exemplos contrariam essa percepção. No Brasil, Domingos da Guia era um zagueiro conhecido pela refinada técnica e habilidade. Domingos sabia driblar seus adversários, e fazia isso até mesmo dentro da área.

<sup>73</sup> A expressão “time de operário” é muito usada para fazer referência a times compostos por jogadores que não se destacam pela habilidade.

<sup>74</sup> Ronaldo Helal, em estudo sobre as narrativas dos ídolos do futebol no Brasil, notou que “freqüentemente quando tratamos de ídolos do futebol, nos deparamos com uma narrativa que idealiza talentos inatos” (1999, 9).

<sup>75</sup> Lúcio dominou mal a bola que caiu nos pés de Michael Owen que livre fez o primeiro e único gol da Inglaterra.

Copa impecável. Permaneceu 368 minutos sem cometer faltas, quebrando assim o recorde do paraguaio Gamarra, estabelecido na Copa de 1998.

Enquanto isso, Roberto Carlos sem atingir feitos desse patamar, amargou a vilania desse mesmo mundial. Reconhecido por seu ímpeto físico, o lateral esquerdo da seleção transformou-se em um dos responsáveis pela derrota do Brasil no jogo decisivo contra a França. Sua falha consistiu em não acompanhar o francês Thierry Henry, deixando-o livre na pequena área para marcar o único e fatal gol sofrido pela seleção. A cena do jogador abaixado para ajeitar o meião, no momento do gol, se transformou em símbolo dessa derrota. Roberto Carlos foi acusado de mercenário, como veremos, e classificado de velho ou, de modo mais polido, “ultrapassado” como denominou o cronista Renato Maurício Prado (*O Globo*, 02/07/2006). Embora, tenha se levado em conta que em épocas anteriores, o jogador fora importante para a seleção – principalmente, na conquista do pentacampeonato – esse reconhecimento não o livrou das acusações de “pipoqueiro”, “velho” e mercenário. Ainda na Alemanha, um grupo de torcedores que protestavam obrigou-lhe a sair pela porta lateral do hotel em que a seleção estava hospedada. Antes de entrar no táxi, que o levaria para o aeroporto, Roberto Carlos fez sinal com o dedo indicador, pedindo silêncio para os que lhe insultavam com palavrões (*O Globo*, 03/07/2006). Esse gesto foi mostrado pelas principais emissoras do país e tido como uma demonstração de deboche. Isso somado a freqüente repetição da imagem dele abaixado para levantar suas meias<sup>76</sup>, tornou sua vilania inevitável.

Como todo vilão que se presa, sua trajetória na seleção ficou reduzida ao instante da derrota. Nada pôde salvá-lo. Ao contrário, alguns fatores foram importantes para que não perdoássemos suas más atuações naquela Copa e, principalmente, no jogo contra a França: Roberto Carlos era um dos jogadores responsáveis pela marcação do adversário; suas principais virtudes estavam relacionadas, principalmente, ao vigor físico; aquela já era sua terceira Copa; e ele já tinha mais de trinta anos de idade.<sup>77</sup> Os ingredientes perfeitos para um vilão. Entretanto, caso tivéssemos vencido, essas mesmas características ganhariam

<sup>76</sup> Durante a transmissão do jogo, pela TV Globo, esse lance não foi notado de imediato. No replay do lance, faz-se menção ao fato de o francês Henry estar livre de marcação. Mas os meios de Roberto ainda não ocupavam o centro da atenção. Na mídia impressa, havia uma descrição ainda incerta do lance. Alguns jornalistas afirmavam que Roberto Carlos “estava abaixado amarrando um pé da chuteira” (*Estado de São Paulo*, 02/07/2006). Renato Maurício Prado, por exemplo, comentou que “para culminar, no gol da França, Roberto Carlos, ficou parado e deixou o francês marcar tranqüilamente” (02/07/2006). Os próprios torcedores presentes ao estádio, não perceberam o lance que se tornaria emblemático. À saída do gramado, Cafu e Carlos Alberto Parreira foram os principais alvos de vaias e xingamentos. Roberto Carlos, entretanto, havia sido poupado (*Folha de São Paulo*, 03/07/2006). Quando o meião começou a ocupar espaço na descrição da derrota é que a vilania de Roberto Carlos se configura.

<sup>77</sup> Em relação a Roberto Carlos, era possível lermos no *Estado de São Paulo* que “Roberto Carlos tem 33 anos e já não é mais o mesmo” (02/07/2006). Jogadores na faixa dos trinta anos também são candidatos a vilões. Eles podem ser tomados como ultrapassados e como indício de que a seleção precisa ser renovada. Em 1986, Telê Santana foi muito questionado por ter mantido na seleção jogadores como Zico (33 anos), Sócrates (32 anos) e Falcão (32 anos) que, segundo muitos, estariam ultrapassados.

significados positivos. Seu vigor seria índice de bravura e o fato de estar disputando mais uma Copa serviria de argumento para que se fizesse de Roberto Carlos, um exemplo de devoção à pátria. Porém perdemos e não havia barreiras que nos impedisse de transformá-lo em vilão.

Também de velho e ultrapassado foi chamado Cafu. E mesmo antes do jogo contra a França terminar, já era possível prever que o jogador seria um dos que amargaria a vilania da Copa de 2006. Os torcedores brasileiros presentes ao estádio, FIFA World Cup Stadium, em Frankfurt, no início da partida, endereçavam vaias ao francês, Zinedine Zidane. Mas quando Cafu foi substituído, faltando pouco tempo para o apito final, as vaias foram lançadas maciçamente para o lateral. A imprensa, também, dava um tratamento diferente a Cafu, antes do jogo contra a França. Seus 36 anos e sua longa experiência na seleção faziam-no ser tomado como uma presença importante no grupo de jogadores, pois dele vinham exemplos e conselhos para os mais novos. Em matéria publicada pela *Folha de São Paulo* na véspera do jogo contra a França, o lateral esquerdo foi chamado de “o paizão”, ou seja, aquele que tinha assumido “o papel de protetor e conselheiro dos jogadores brasileiros (30/06/2006). Seu passado vitorioso e sua longevidade profissional são destacados e lhe servem de chancela pois, como a mesma matéria concluiu, “Em 1999, quando o gaúcho [Ronaldinho] estreou, Cafu já tinha na bagagem um título mundial e um vice-campeonato. Recordista de jogos pelo time nacional, com 149 partidas, viu todos os colegas debutarem com a camisa amarela” (*Folha de São Paulo*, 30/06/2006). Até, então, os 36 anos de Cafu e a sua quarta Copa mundial eram índice de maturidade.

Entretanto, de maduro, Cafu – ao lado de Roberto Carlos – passou a ser um dos integrantes de uma geração cuja hora de dizer adeus havia chegado (*Folha de São Paulo*, 02/07/2006). Parecia inacreditável que na Copa anterior, em 2002, logo após ter levantado a taça do mundo, a imprensa tivesse dado destaque à possibilidade de Cafu, na época, com 32 anos, disputar mais uma Copa e ser o “único capitão a erguer a taça de campeão mundial por duas vezes” (*Folha de São Paulo*, 01/07/2002). Entretanto, a eliminação da seleção, em 2006, transformou-lhe em um dos culpados da derrota e provocou um clamor a favor do encerramento de sua história na seleção. O retorno de Cafu ao Brasil foi bastante tumultuado e marcado por protestos de torcedores que no aeroporto de Cumbica, em São Paulo, gritavam “se aposenta!” (*Estado de São Paulo*, 04/01/2006). Em entrevista coletiva, Cafu retrucou às críticas afirmando que “Se eu for convocado, eu vou estar à disposição, quer queiram muitos de vocês ou não”.<sup>78</sup> Embora demonstrasse convicção, o jogador não escondeu o incomodo

---

<sup>78</sup> Globo Esporte, Rede Globo de Televisão, 12/06/2006. Arquivo pessoal.

sentido pelo tipo de tratamento recebido no Brasil: “Senti que as pessoas na rua me olhavam meio torto, meio desconfiado e eu não sou essa pessoa, eu sou o Cafu. Uma pessoa normal que infelizmente acabou perdendo um jogo na Copa do Mundo”.<sup>79</sup>

Ocorre que perder um jogo decisivo em Copas do Mundo dificilmente é compreendido como um evento corriqueiro. As derrotas têm culpados e caçá-los faz parte do ritual de expurgação da decepção sentida, por aqueles que esperavam vencer. Por isso, Cafu e Roberto Carlos não foram tratados como “pessoas normais”, mas sim como responsáveis pela perda do jogo contra a França. E a mesma recepção teve o técnico Carlos Alberto Parreira que segundo Fernando Calazans havia sido *o principal* responsável pela eliminação do Brasil: “Culpa dos jogadores? Não. Culpa de quem os preparou mal, esquematizou mal” (*O Globo*, 2/07/2006). Parreira, por sua vez, mostrava-se resignado diante de um destino que lhe parecia inevitável: “Sei que a culpa recai sobre o técnico (...) sempre será assim” (*Estado de São Paulo*, 02/07/2006). E ele não estava equivocado, afinal, os técnicos são a categoria que mais vezes tiveram vilões eleitos.

Na seleção brasileira, técnicos são pára-raio de vilania.<sup>80</sup> Feola (1966), Zagallo (1974), a dupla coroa de Telê Santana (1982-1986), Sebastião Lazaroni (1990) e Carlos Alberto Parreira (2006) todos sofreram perseguições por conta das derrotas. Perseguições que, às vezes, podem deixá-los assustados, afinal Janet Lever estava certa quando afirmou que os “técnicos são freqüentemente vítimas de algo mais que manifestações simbólicas” (1983, 162). Em 1966, o governador de São Paulo, Laudo Natel, deu ordens para que a casa de Vicente Feola, treinador da seleção, fosse vigiada pela polícia, já que havia ameaças de apedrejamento. Seguindo o conselho de João Havelange, o então presidente da CBD, esse mesmo treinador esticou sua estada na Europa, adiando o retorno ao Brasil (*JS*, 22/07/1966). Em 1990, a atmosfera de ameaças em torno de Lazaroni, ganhou dimensões maiores e teria envolvido até mesmo a facção criminosa Comando Vermelho. Segundo o jornal *O Dia*, pessoas dizendo-se ligadas ao Comando ligaram para a casa do treinador, ameaçando seqüestrar membros de sua família (26/06/1990).

Porém, a violência simbólica é a mais comum. Eles são o alvo certo da imprensa que costuma desqualificá-los de modo impiedoso. Em 1974, a revista *Veja* se perguntava: “Que time é esse? Que Copa é essa? Que técnico é esse?” (19/06/1974). O técnico era Zagallo. Em 1982, Telê foi taxado de teimoso. João Saldanha, na crônica “O limite da estupidez” comenta

<sup>79</sup> Globo Esporte, Rede Globo de Televisão, 12/06/2006. Arquivo pessoal.

<sup>80</sup> Em nível clubístico a alta rotatividade dos técnicos demonstra que a responsabilidade das derrotas, também, é, freqüentemente, neles depositada.

que “os jogadores não têm culpa da teimosia” (Saldanha, 2002, 155), numa alusão à persistência do técnico em um esquema tático que, segundo Saldanha, se basearia no abandono de “preciosos espaços do campo” (id, 154). A referência à opção de Telê por uma equipe sem a presença de pontas fixos é clara. Também como teimoso Telê será visto em 1986, sendo que desta vez, a crítica incidirá na insistência do técnico em manter jogadores como Sócrates e Zico, considerados já ultrapassados para a seleção. Gérson, um dos tricampeões de 1970, ao ser perguntado, de quem era culpa da eliminação do Brasil, respondeu de pronto: “culpa do Telê, ou você sabe das coisas ou vai se informar” (JS, 22/06/1986).

Incompetência, burrice e falta de comando são os qualificativos mais comumente atribuídos aos técnicos perdedores. Vicente Feola, que não conseguiu trazer o desejado tricampeonato, foi classificado de “homem de idéias vazias, vazio de imaginação, pois não consegue fugir do lugar comum (...) porque o fracasso da seleção se resumiu ao comando, à orientação técnica” (JS, 21/07/1966). Sebastião Lazaroni além de ser chamado de burro, como já foi visto, também foi acusado de não ter dado conta das brigas internas na seleção. Em 2006, Carlos Alberto Parreira teve a incompetência ressaltada na reportagem “Sem desculpa” publicada na *Folha de São Paulo*, afinal, o técnico havia sido “incapaz de armar um bom time a partir de uma das mais brilhantes safras do país os melhores jogadores do mundo compunham a seleção (02/07/2006). O jornal *O Globo*, por sua vez, exibiu uma foto de Parreira, com rosto melancólico, acompanhada da manchete “Imagem da apatia” (02/07/2006). Já o comentarista e ex-jogador Neto, em crônica intitulada, “Enfim termina a era Parreira”, conclui que “o título de 94 iludiu bastante a torcida brasileira (...) graças a Deus terminou a ‘era’ Parreira” (*Estado de São Paulo*, 04/01/2006).

Quando Neto escreveu essas palavras, Parreira ainda não havia saído da Seleção, o que apenas ocorreu 13 dias depois da derrota para a França. Mas não seria necessária uma bola de cristal para que o ex-jogador fizesse tal afirmativa, afinal todos os técnicos que perderam Copa, ou foram eliminados da mesma, não seguiram no comando da seleção. Embora saiam quase escorraçados, muitos deles retornam, sendo necessária, entretanto, uma passagem de tempo, às vezes longa, para a aquietação dos ânimos. Zagallo saiu em 1974 e voltou somente, vinte anos depois, em 1994. Telê, em 1982, foi imediatamente substituído por Carlos Alberto Parreira que, por sua vez, perdeu o cargo, logo após o fracasso da Copa América de 1983 (Soter, 2002, 169). O retorno de Telê se deu em 1985, depois de uma passagem frustrada de Evaristo de Macedo pelas eliminatórias da Copa de 86. Nesse mesmo ano Telê abandonou definitivamente o comando da seleção, em parte por desejo próprio, já

que ao final do jogo, em que o Brasil fora eliminado, dera uma declaração de que abandonaria o futebol.<sup>81</sup> E em 1990, Sebastião Lazaroni foi mandado embora para nunca mais voltar.<sup>82</sup>

Demitir técnicos, sem dúvida, é uma medida que pode passar a impressão de que algo de concreto foi feito para reparar os danos de uma derrota. Pois em todo fracasso, clama-se por renovações, sendo que mandá-los embora, pode passar a sensação de que realmente se está dando novos rumos à seleção. E esse é um dos fatores que faz do técnico um vilão em potencial, já que será possível não apenas xingá-los, mas sim vê-los expulsos da seleção, mesmo que depois voltem. Esse prazer, muitas vezes, sádico pode gerar conforto, suficiente para tornar menos aguda a decepção do fracasso. Entretanto, não é somente uma questão de sadismo, afinal, muitas críticas lançadas aos vilões não podem ser tomadas como simples injustiça ou como uma mera perseguição gratuita.

A combinação do concreto e do simbólico forma a base da vilania. Pois não basta que tenhamos a predisposição para culpabilizar determinadas categorias de jogadores ou outros profissionais do futebol. É necessário, também, que haja motivos palpáveis para que a vilania seja configurada. Aqui é importante pensarmos na questão das “falhas”, dos “erros” imputados a quem é eleito vilão, pois, é necessário que se leve em consideração que a vilania não é totalmente infundada, no que diz respeito ao desempenho profissional. Quase todos os vilões da seleção, de fato, tiveram uma atuação dentro ou fora de campo, passível de ser analisada sob uma perspectiva negativa. Passes errados, pênalti perdido, escalções pouco adequadas, problemas na marcação do adversário, atuações apáticas etc, não são fruto apenas da imaginação de torcedores ou jornalistas esportivos. Em 2006, Roberto Carlos, por exemplo, pode ser claramente visto abaixado, puxando seu meio para cima. Nessa mesma Copa, Cafu, de fato, mostrou-se com vigor físico bem abaixo do esperado. Em 1982, o vilão, Toninho Cerezo, também, cometeu um visível deslize. Ao tentar atravessar a bola de um lado para o outro, na zona de defesa do Brasil, realizou um passe impreciso que foi interceptado pelo italiano Paolo Rossi que livre, marcou o primeiro gol italiano. Em 1986, o quase vilão Zico perdeu um pênalti contra a França. Em 1990, Alemão sofreu um drible desconcertante de Maradona, que livre deu um passe para Caniggia matar a partida a favor da Argentina. Em 1998, outro quase vilão, Ronaldinho, o Fenômeno, fez uma partida apática contra a França. E

---

<sup>81</sup> Após perder mais uma chance de conquistar uma Copa do Mundo, Telê desabafou “não quero mais ser treinador. Basta” (*O Dia*, 22/06/1986). Entretanto, Telê voltou a ser técnico e vitorioso. Comandou o time do São Paulo no bi-campeonato da Libertadores da América e do mundial interclubes (1992-1993). O carinho da torcida tricolor é imenso, e o grito “Olê, olê. Olê, Telê, Telê (...)” é sempre entoado.

<sup>82</sup> Em relação à demissão de técnicos Emerson Leão, em 2001, protagonizou um episódio curioso. Após uma fracassada campanha na Copa das Confederações, ainda no aeroporto, foi comunicado pelo, então, coordenador da seleção, Antonio Lopes, de que estava dispensado da seleção.

o paradigmático vilão, Barbosa, em 1950, levou um gol de um ângulo pouco provável, levantando fortíssimas suspeitas de que se tratava de um frango.

O que chama a atenção, entretanto, é o fato de que as ações mal sucedidas apenas se convertem em “falhas” decisivas quando se perde um jogo importante. E, apenas, passam a ser compreendidas como a causa de uma derrota, dependendo de quem as comete. Pois, vilão não é somente aquele que erra, mas aquele cuja falha será compreendida como o motivo direto de um fracasso. O deslocamento semântico é grande. De um simples desempenho deficitário passa-se para a idéia de culpa. Esse deslocamento no caso da seleção não é neutro, pois ninguém é vilão por acaso. Em relação à seleção é notável uma predisposição para responsabilizar determinadas categorias, como é o caso dos técnicos, ou jogadores cujo perfil atlético ou sua função exercida em campo fujam dos padrões consagrados no futebol brasileiro.

Por isso, Mário Filho tinha razão quando afirmou que Barbosa havia sido escolhido “a dedo” (Filho, 1964, XIX) para ser culpabilizado pela derrota de 1950. Certamente não havia imparcialidade na escolha dos principais responsáveis por esse fracasso, porém o caráter pouco neutro dessa eleição relacionava-se menos ao fato de Barbosa ser negro – como propôs Mário Filho<sup>83</sup> – do que ao tipo de função desempenhada pelo jogador em campo. Havia outros negros na Seleção como Bauer e Zizinho, sendo que ambos não foram alvo de perseguições. A presença de negros, também, não impediu que elogios fossem lançados para a seleção Celeste, que contava com o negro Rodriguez Andrade e com o mulato Obdulio Varela cuja atuação em campo foi tida por muitos como decisiva para a vitória uruguaia. O fator que pesou bastante para sua responsabilização refere-se ao fato de ele atuar debaixo das três traves como arqueiro. E esse detalhe não passou despercebido por Nelson Rodrigues que em crônica comentou que “só o arqueiro tem que ser infalível” (1994, 69), por isso, quando o brasileiro lembra de 1950, diz o teatrólogo que “ninguém pensa no colapso geral, numa pane coletiva. Não. O sujeito pensa em Barbosa, o sujeito descarrega em Barbosa a responsabilidade maciça, compacta da derrota” (id, ibid).

Não é sem motivos que dias após o fatídico jogo, uma matéria publicada no *Jornal dos Sports* fez a avaliação de todos os goleiros que já defendera a seleção em Copas do Mundo e outras competições internacionais. Essa avaliação tinha como objetivo mostrar o

---

<sup>83</sup> Na segunda edição de seu clássico livro *O negro no futebol brasileiro*, Mário Filho relacionou a culpabilização de Barbosa ao fato de ele ser negro. A derrota de 1950 foi incorporada na edição de 1964, já que a primeira datava de 1947. Segundo Mário, “Uns acusavam Flávio Costa. Mas quase todos se viravam era contra os pretos do escrete. – O culpado foi Bigode! – O culpado foi Barbosa! (...) E vinham as acusações de brasileiros contra brasileiros (...) A verdade é que somos uma sub-raça. Uma raça de mestiços. Uma raça inferior” (1964, 335).

quanto era frágil o preparo emocional dos arqueiros nacionais, fragilidade que os fazia falhar em momentos decisivos, como comentou Ricardo Serran:

Estranho que pareça, todos os grandes arqueiros do país, com exceções não muito seguras, falham em partidas contra *teams* estrangeiros. Várias causas são apontadas e de acordo com os entendidos, entre elas figura em plano destacado a questão do controle dos nervos (...) Naturalmente pela própria posição no *team* – o chamado último reduto – os arqueiros pagam pelas suas faltas e pelos erros dos companheiros (...) as conseqüências são bem amargas e não adiante lembrar como nasceram os *goals*, pois o torcedor pensa apenas no derradeiro obstáculo transposto (*JS*, 27/07/1950).

O jornalista relaciona as falhas dos goleiros da seleção<sup>84</sup> ao descontrole “dos nervos” que, por sua vez, foi o argumento comumente usado para explicar a derrota da seleção brasileira em 1950. Porém no caso dos goleiros qualquer deslize poderia transformar-se em algo inadmissível aos olhos dos torcedores. E foi o que ocorreu com Barbosa. Afinal, poucas críticas foram feitas ao péssimo desempenho do ataque da seleção que, até então, contabilizava a excelente marca de 21 gols pró – 7 deles feitos em apenas um jogo – mas que marcou apenas 1, justamente na partida mais decisiva. Ademir de Menezes, por exemplo, era o artilheiro da competição com 9 gols, entretanto, Queixada passou em branco no jogo contra os Uruguaios. E esses importantes detalhes foram esquecidos por grande parte da imprensa da época.<sup>85</sup> Os próprios torcedores, também, enfrentaram com maior condescendência a pouca produtividade do ataque nacional. Segundo um dos leitores do *Jornal dos Sports* Ademir foi “um caso isolado (...) salvou-se da lista negra, porque sempre foi um ardoroso entusiasta, procurando sempre encontrar o caminho para a consagração final” (19/07/1950). Procurou, mas não achou, o que poderia muito bem ser considerada como uma falha. Segundo Paulo Perdigão, o Brasil teve ao total 30 lances a gol durante toda a partida (1986, 158). Entretanto a culpa pela derrota recaiu sobre Barbosa, o que significa dizer que entre todos, seus deslizes foram os que tiveram mais peso. Sua culpabilidade estava intimamente relacionada à sua função de goleiro, afinal como diz a música “Goleiro (eu vou lhe avisar)” de Jorge Ben Jor, “goleiro eu vou lhe avisar/goleiro não pode falhar”.

E dizer que quando as regras do futebol moderno foram unificadas em 1863, não havia menção à figura de um jogador cuja função única seria a de impedir o gol. Pois, foi somente em 1871 que surgiu o *goalkeeper*. Antes dessa data, havia apenas a possibilidade de os times deixarem um jogador próximo à meta para impedir que a bola entrasse. Entretanto, não lhe era permitido usar as mãos. Somente em 1871 é que a figura do goleiro foi introduzida no futebol moderno, passando a se caracterizar pelo espaço reduzido de atuação e

<sup>84</sup> A listagem incluía Batatais (1938-1939); Oberdan (1945); Ari (1946); Borracha (1948) e Barbosa (1950). A avaliação não considerou apenas as atuações em Copas do Mundo.

<sup>85</sup> Zizinho, por exemplo, chegou a desabafar: “Meus Deus como é que não se faz um gol? Um gol que fosse, numa partida dessa? (*apud*, Perdigão, 1986, 166).

por poder recorrer ao uso de outras partes do corpo que não somente os pés. Segundo o jornalista Paulo Guilherme, o goleiro é o “filho bastardo do Rugby” (2006, 26), pois herdou dessa modalidade a possibilidade de utilizar as mãos. Uma herança, um tanto maldita. Afinal essa possibilidade, em um jogo caracterizado pelo uso dos pés, confere ao goleiro uma diferenciação, reforçando a impressão que, às vezes, temos que ele é uma figura deslocada do todo.

Nesse sentido é importante considerarmos que existem motivos estruturais que, em parte, alimentam um conjunto de imagens pouco positivas que cercam os goleiros e os tornam potenciais vilões. Além do uso das mãos, eles atuam em uma área reduzida e enquanto os outros correm o campo todo, eles ficam à espera da bola. Quando ele é o destaque do jogo, isso pode ser tomado como um índice negativo. Pode significar que o adversário se mostrou superior ao longo da partida, obrigando o goleiro a salvar nosso time. Ou indicar que tal jogo “não saiu do zero a zero”.<sup>86</sup> E talvez aí esteja o principal motivo que faz do goleiro um jogador que parece estar remando sempre contra a maré. Afinal, seu principal objetivo é impedir o gol, a finalidade máxima de uma partida de futebol, pois como já dizia Paulo Mendes Campos “o gol é necessário”. De fato, poucos de nós torcedores e espectadores vamos a um estádio na expectativa de assistir as defesas dos arqueiros. Os programas esportivos das noites de domingo, por exemplo, não costumam mostrar quadros como “as defesas da rodada”. Daí nossa adoração pelos goleadores e nossa resistência aos goleiros. Por isso, quando os mesmos erram, principalmente se for um “frango”, costumamos ser impiedosos.

Mesmo que não tenhamos certeza, mas apenas uma forte impressão, é o bastante para condenarmos um goleiro. Barbosa é o maior exemplo desse caso. Havia cerca de duzentas mil pessoas no Maracanã, espremidas umas nas outras e pelos andaimes que permaneciam no estádio, ainda em construção. Milhares delas tensas à espera do final da partida, outras milhares já se preparando para a festa da conquista. Enfim, um ambiente nada adequado à plena visibilidade dos lances. A própria imprensa com poucos recursos tecnológicos, não tinha capacidade para captar todos os lances do jogo em seus detalhes. Mas bastou uma impressão de erro para que Barbosa entrasse para a história como o grande vilão de 1950. Uma impressão que, sem dúvida, não é infundada, como será discutido mais adiante, mas que demonstra que nas histórias que derivamos das partidas, há muito daquilo que nela

---

<sup>86</sup> Essa é uma expressão que possui um tom recriminativo, pois significa que foi uma partida sem graça, sem gols.

desejamos ver. Pois, muitas vezes, basta uma suspeita despertada por alguém que já de antemão nutrimos cobranças e expectativas negativas.

Apesar de tudo, não é muito comum casos de vilania para os goleiros da seleção. Talvez porque eles tomem cuidado em dobro. Depois de Barbosa, quem sofreu muito com a alcunha de frangeiro foi Valdir Perez, em 1982. Assim foi denominada a sua falha cometida no jogo da seleção contra a União Soviética, que segundo Paulo Guilherme, tratou-se de “um frango com todas as letras, asa, penas, crista e moela (...) talvez o maior frango que um goleiro brasileiro tenha tomado em uma Copa do Mundo” (2006, 197).<sup>87</sup> Embora, o Brasil tenha vencido a partida em questão e que Waldir Perez tenha realizado boas partidas ao longo desse campeonato, a fama de frangeiro ganhou força, principalmente depois da eliminação da seleção brasileira. Uma eliminação cuja falha de Waldir Perez em nada contribuiu. Entretanto, as críticas foram muitas e o goleiro viu-se obrigado a evitar sair às ruas e a trocar o filho de colégio, já que o menino não suportava mais ser alvo de zombarias dos colegas (id, 198). Embora não representem a maioria, veremos mais adiante, que a vilania paradigmática pertenceu a Barbosa, o arqueiro da seleção de 1950.

A preferência nacional em termos de vilões é pelos mesmo os zagueiros, jogadores de marcação ou que se destaque pelo vigor físico, goleiros e técnicos.<sup>88</sup> Todos correm sempre o sério risco de serem culpabilizados por uma derrota, pois como se costuma dizer no Brasil, a corda sempre arrebenta do lado mais fraco. E todos estão do lado mais fraco da corda, pois são alvo constante de desconfiança e antipatia, costumando ficar à margem quando o assunto é seleção nacional. Daí sua inclinação vilânica e a facilidade com que a culpabilidade de uma derrota pode lhe ser atribuída. É contra tais perfis que se costuma demonstrar impaciência,

---

<sup>87</sup> A primeira vista tratava-se de uma defesa fácil, pois a bola chutada pelo soviético Andreij Bal era de longa distância. Mas... Valdir Perez ao se abaixar para fazer a defesa “a bola passou ao lado de sua perna, resvalando em sua mão direita, e foi parar no fundo das redes” (Guilherme, 2006, 197).

<sup>88</sup> Vida de goleiro não é nada fácil, principalmente se for da seleção nacional. Talvez seja necessária uma dose de masoquismo para suportar tamanha pressão. Masoquismo que segundo Hilário Franco Jr. não falta aos árbitros, afinal é preciso de algo mais do que profissionalismo para expor-se “constantemente a ofensas e a agressões por parte de jogadores, dirigentes e torcedores” (2007, 309). Trata-se de uma categoria, portanto, potencialmente vilânica. Assim como os arqueiros, eles são figuras solitárias, o que possibilita que depositemos de forma compacta toda responsabilidade de uma derrota. Em nível clubístico, a arbitragem é uma produtora de vilões em série. A predisposição para culpá-los é enorme. Segundo Janet Lever há razões estruturais que tornam os árbitros, mais vulneráveis ao nosso descontentamento. O excesso de poder nele depositado e a possibilidade de uma decisão sua alterar o resultado de uma partida, fazem dele um alvo fácil de críticas, desconfiança e culpabilizações (1983, 164).

É comum que árbitros precisem sair de campo com escolta policial para protegê-los de possíveis agressões, não apenas de torcedores, mas de dirigentes e dos próprios jogadores. Proteção que virou motivo de piada. O humorista Ary Toledo afirmou certa vez que “o juiz de futebol é o único ladrão que rouba e sai protegido pela polícia”. Entretanto, no caso da seleção, são raríssimos os casos de vilania de árbitros. Depois de 1950, somente Mr. Ellis, que apitou o jogo entre Brasil X Hungria, em 1954, foi considerado o vilão da Copa. Como já foi abordado, anteriormente, a escassez de árbitros vilões se explica pela tendência de se interpretar a derrota da seleção como consequência de erros de profissionais ligados diretamente a mesma. Além disso, os jogos em que o Brasil perdeu ou foi eliminado da Copa, após 1954, não deram margens para que responsabilizássemos algum juiz pela derrota. Nada de pênaltis marcados, nem expulsões, gols anulados, impedimentos marcados e uma série de outros ingredientes básicos para uma vilania de árbitro.

intolerância e uma forte tendência a se depositar a insatisfação de um fracasso. Pois não é qualquer profissional da seleção cujos “erros” ou “falhas” serão convertidos em fatores decisivos para um fracasso em campo. Nesse sentido, seria interessante pensarmos na existência de uma série de “estereótipos da perseguição” (Girard, 2004, 24)<sup>89</sup> na eleição dos vilões da derrota. Isso significa dizer que no processo de escolha dos vilões, é levada em consideração a pertinência dos jogadores, assim como outros profissionais, “a certas categorias particularmente expostas à perseguição” (id, 25).

No que diz respeito às narrativas da derrota produzidas por grande parte da imprensa esportiva é notável a predileção por certas categorias para serem as protagonistas de um fracasso da seleção. Entretanto, tal tendência também está presente no imaginário nacional futebolístico. Em músicas, poemas, contos, crônicas e filmes, é marcante nosso gosto por jogadores acrobáticos, habilidosos, goleadores e que estejam próximos do futebol-arte, tão caro a imagem e auto-imagem da seleção. Essas tipologias há tempos passaram a representar não apenas o futebol brasileiro, mas o próprio ideal de brasilidade. Voltar-se contra elas não é nada fácil, concebê-las como culpadas de um fracasso menos ainda.

---

<sup>89</sup> Esse conceito é usado por René Girard na análise que faz da figura dos bodes expiatórios. Segundo Girard, os bodes expiatórios são os indivíduos responsabilizados por algum tipo de desordem em uma dada comunidade. Entretanto, essa responsabilização se dá nem sempre baseada em evidências concretas de crimes ou deslizes cometidos, mas porque tais indivíduos pertencem a certas minorias deslocadas e pouco integradas às comunidades em questão.

### 3. UMA LEGIÃO DE VILÕES

#### 3.1 Covardes, mascarados, mercenários e “estrangeiros”

É muito comum que as explicações de uma derrota ultrapassem os limites das quatro linhas. Sendo assim, as falhas imputadas aos vilões da derrota dificilmente são compreendidas como algo que só diz respeito ao desempenho profissional ou atlético. A vilania aciona determinados valores negativos que gravitam no universo futebolístico, que não são fixos, mas que podem variar de acordo com o contexto histórico. Em 1998, nosso segundo vice-campeonato mundial, a derrota foi atribuída à “mercantilização do futebol”, já que havia uma série de rumores de que alguns jogadores teriam entregado o jogo para a França, em troca de dinheiro (Helal, 2001, 152). Essa hipótese, por exemplo, seria inviável em 1950, nosso primeiro e traumático vice, já que o futebol ainda engatinhava em termos mercadológicos. Esse fracasso, então, foi interpretado como consequência da covardia e da máscara que se abateu sobre a seleção e, principalmente, sobre os vilões Barbosa e Bigode. De qualquer modo, o revestimento moral é tônica na vilania e o que pode variar são valores negativos que servirão de base para a configuração do vilão.

Esse fenômeno não diz respeito apenas à seleção, mas também pode ser evidenciado em nível clubístico, pois “uma partida de futebol é bem mais do que uma aferição comparativa de repertórios e criatividade ao nível das técnicas do corpo. É um combate entre personalidades morais” (Vogel, 1982, 96). A dimensão sagrada desse esporte é um terreno fértil para o florescimento de um conjunto de valores exigidos de jogadores e de outros personagens que dele participam. Expressões como “manto sagrado”, “mística da camisa”, “templo do futebol” demonstram o quanto esse esporte não costuma ser compreendido a partir apenas de referenciais relacionados ao desempenho físico. Com base nesse repertório são julgados e condenados todos aqueles que por algum motivo não cumprem o que dele se espera, não apenas em termos atléticos, mas em termos morais. Essa moralidade se funda, em grande parte, na consciência desse caráter sagrado que percorre os clubes e a seleção nacional.<sup>90</sup>

---

<sup>90</sup> Há um qualificativo que, embora, não possua uma relação de ordem moral é bastante comum e precisa ser mencionado nesta nota. Trata-se do xingamento “burro” quase que estritamente lançado na direção dos técnicos da seleção brasileira. Zagallo (1974), Telê (1986), Lazaroni (1990) e Parreira (2006) compõem a galeria dos burros da seleção brasileira.

Covardes, mercenários e mascarados costumam ser os qualificativos comumente associados aos vilões da derrota da seleção. Tratam-se de qualificativos extremamente pejorativos, pois são compreendidos como resultado de uma relação corrompida e descompromissada com a seleção e, por extensão com o Brasil, por ela representado. Covardes tremem diante do adversário e da responsabilidade de vencerem; mascarados são convencidos e arrogantes, e em momentos decisivos apagam-se em campo e fracassam; mercenários põem o dinheiro acima do amor e do respeito à seleção; estrangeiros não conseguem nutrir o sentimento de patriotismo necessário para quem defende a seleção.

Em nenhuma outra Copa, como a de 1950, a acusação de covardia se mostrou tão forte e freqüente. A derrota para o Uruguai foi atribuída à covardia dos jogadores que teriam abaixado a cabeça diante dos orientais, principalmente, do capitão Obdulio Varela. Se tecnicamente os jogadores nacionais eram melhores, somente a falta de fibra poderia explicar aquele fracasso em campo. Tal suspeita é explicitada, por exemplo, na crônica “A lição de uma derrota no melhor momento do Football brasileiro”, em que Ricardo Serran comenta sobre os motivos que faziam o torcedor acusar a seleção de covardia: “Diante da indiscutível superioridade do *scratch* brasileiro, o torcedor não encontra outra explicação para a derrota a não ser a falta de fibra” (22/07/1950). Uma interessante montagem feita pelo leitor Gilvan Guedes foi publicada na sessão de cartas do *Jornal dos Sports*. Uma montagem feita com o nome dos jogadores e que demonstra bem a desconfiança e a revolta do torcedor no que diz respeito à possível covardia do selecionado:

**FLÁVIO**  
**DANILO**  
**JUVENAL**  
**AUGUSTO**  
**ZIZINHO**  
**BAUER**  
**ADEMIR**  
**FRIAÇA**  
**CHICO**  
**BIGODE**  
**JAIR**  
**BARBOSA** (JS, 19/07/1950)

Mário Filho, também, não deixou de apontar para a instabilidade emocional dos jogadores da seleção que os teriam feito titubear diante da responsabilidade de dar o título ao Brasil. Para o jornalista, nossos atletas não suportaram o medo da derrota que se tornara ameaçadora, após o empate uruguaio: “Quando os jogadores foram surpreendidos pela

possibilidade da derrota, não resistiram. *Pouco se mostraram à altura das circunstâncias*” (Grifos meus, *JS*, 18/07/1950). Com o tempo, a hipótese de covardia se transformou em uma espécie de obsessão para Mário Filho, o que podia ser notado na insistente menção que o jornalista fazia ao episódio do possível tapa de Obdulio, no lateral Bigode. O lance teria ocorrido após a bola dominada por Obdulio ter sido jogada por Jair para a lateral do campo e foi narrado do seguinte modo por Jorge Curi: “Bola fora, pela lateral. Obdulio atingiu agora Bigode com um pontapé. E depois, com aquela sua mania de *dar tapinhas* na cabeça do jogador, atingiu também Bigode *com a mão no pescoço*”.<sup>91</sup>

Aparentemente, parecia tratar-se de um momento corriqueiro dentro de uma partida de futebol, e que certamente seria esquecido caso o Brasil tivesse se sagrado campeão. Como é possível perceber, Jorge Curi não demonstra perplexidade ou mesmo revolta diante do lance. É Mário Filho que transformará um simples tapinha no pescoço em uma vergonhosa bofetada no rosto. O deslocamento semântico dos gestos é bem claro. Em lugar de um ato meramente debochado e aparentemente costumeiro de Obdulio, tem-se uma agressão de ordem moral capaz de pôr em xeque a honra de Bigode e a do próprio selecionado brasileiro.

Nenhum jornalista fez tanta questão de relembrar esse acontecimento quanto Mário Filho que não se cansava de citá-lo, sempre tentando manter a sua versão dos fatos. Entretanto, é interessante perceber que o apego de Mário Filho ao tapa de Obdulio, não pertence à época do jogo. Dias após a partida, o jornalista fez somente uma breve referência a uma agressão de Obdulio em Bigode. Uma menção bastante vaga e que podia ser lida na crônica “A hora da compreensão de uma derrota”, na qual o jornalista dizia: “quando Obdulio Varela *agrediu* Bigode Mr. Reader não o expulsou” (Grifos meus. *JS*, 23/07/1950). Porém com o passar dos anos, o enfoque de Mário Filho se modifica sensivelmente, e de uma simples agressão a ênfase recai em um vexaminoso tapa no rosto. De um evento secundário, o tapa passa a ocupar na interpretação de Mário Filho um papel importante capaz de catalisar o sentido daquela terrível derrota.

São inúmeras as referências que o jornalista passa a fazer aos “safanões” de Obdulio no lateral brasileiro, que são repetidas principalmente nos períodos que antecederam as Copas de 1954 e 1958. E mesmo com o passar do tempo, Mário parecia não se esquecer do tapa, ao contrário, em suas descrições do lance, o jornalista não economizou nas tintas dramáticas: “Bigode, valente, brioso, deixou de ser Bigode depois de levar o safanão ou bofetada diante de 200 mil pessoas” (*Manchete esportiva*, 7/6/1958). Até mesmo quando aceitou questionar a

---

<sup>91</sup> Brasil X Uruguai, Copa de 1950, Rádio Nacional do Rio de Janeiro, 16/07/1950. Narração de Antonio Cordeiro, Jorge Curi e César de Alencar (atrás do gol). Arquivo pessoal.

veracidade do tapa, não deixou de enfatizar que alguma forma de humilhação Bigode havia sofrido: “(...) esse bofetão, que *quem sabe nem foi dado, na hora*, isto é, no momento em que Obdulio Varela agarrou Bigode e sacudiu-o” (*Manchete esportiva*, 27/04/1957). É possível notar uma clara teatralização da cena, assim como uma ênfase na passividade de Bigode. Lendo as descrições de Mário Filho, o tapa ganha movimento e facilmente se desenha em nossa mente. É como se a assistíssemos com nossos próprios olhos, se afigurando como um momento dramático e, de fato, vexatório.

Por outro lado, a cena é tão forte e marcante que é difícil imaginarmos que tanto Bigode, como qualquer outro jogador, não tivesse esboçado qualquer tipo de reação. Do mesmo modo, causa espanto que nas edições dos jornais brasileiros que seguem à derrota, não haja referências explícitas ao tapa. E o mesmo pode ser dito em relação à imprensa uruguaia. Segundo Álvaro do Cabo, que pesquisou a recepção da vitória Celeste na imprensa uruguaia, “não foi possível encontrar qualquer registro que fizesse alusão a qualquer tapa do capitão em Bigode” (2007, 13). O que impressiona, afinal um acontecimento dessa magnitude, certamente, mereceria toda atenção da imprensa esportiva da época, tanto a do Brasil quanto a do Uruguai. Aqui, falou-se muito das “falhas” de Bigode que consistiriam em não acompanhar os rápidos contra-ataques liderados por Ghiggia pela lateral do campo, nos dois lances que resultaram em gol uruguaio O jornal *Correio da Manhã*, um dos mais importantes do país, na época, fez a seguinte análise da atuação de Bigode: “Horrível. Irreconhecível. Moroso. Nem defendeu, nem atacou. Incapaz de conter a ala Ghiggia-Julio Perez. De duas falhas suas nasceram os dois gols dos orientais. Foi o pior elemento em campo” (18/07/1950). Trata-se de uma descrição dura, que não economiza no uso de adjetivos negativos, mas que em nenhum momento faz menção ao tapa de Obdulio.

Uma bofetada vista por poucos, contestada por muitos.<sup>92</sup> E ao que parece, Mário Filho foi um dos únicos que a assistiu. “Contemplando os heróis nós encontramos aquilo que procuramos”, assim falou Lucy Hughes-Hallet a respeito dos sentidos atribuídos aos heróis que podem variar de acordo com os narradores de sua história. O mesmo podemos dizer em relação aos vilões do futebol. Nesse sentido, a vilania de Bigode é devedora não apenas de sua má atuação em campo, mas também foi construída por intermédio do narrador Mário Filho que fez do “tapa”, uma espécie de clímax da narrativa que ele elaborou da derrota de 1950. Uma derrota que o jornalista carioca tentou compreender, buscando encontrar nela, como bem

---

<sup>92</sup> Seus colegas de seleção sempre defenderam Bigode, exceto Chico que em recente entrevista afirmou que “um jogador do Brasil levou um tapa de Obdulio Varela. Por que ele diz que não levou, eu não sei. Mas levou, eu vi” (Neto, 2000, 145). Chico negou-se a citar nomes, mas nem seria necessário.

afirmou Fátima Antunes, “os *defeitos* no caráter nacional brasileiro, que segundo ele, vinham dificultando ou impedindo que o Brasil oficializasse seu valor no futebol” (Antunes, 2004, 156). O bofetão de Bigode apontava para uma dificuldade do brasileiro: a de reagir diante de certas situações. Uma espécie de insegurança marcava a índole nacional, o que se refletia na incapacidade dos jogadores de revidarem o tapa.

O bofetão transformou-se em um episódio central, capaz de personificar, grande parte, dos sentidos do fracasso da seleção. Um instante que na narrativa de Mário Filho possuía uma força simbólica imensa, pois representava o abatimento e a covardia que resultaram na derrota, pois “A derrota do Brasil em 50 começou no bofetão de Obdulio Varela em Bigode” (*apud*, Antunes, 2004, 147). Mário Filho bem que tentou poupar Bigode da acusação de covardia, afirmando que o jogador, na verdade, assim agira, pois estaria cumprindo ordens de Flávio Costa.<sup>93</sup> Mas é bastante ambígua essa tentativa de defesa. Afinal as descrições que o jornalista faz da cena do tapa, não deixam muitas opções a nós leitores a não ser conceber Bigode como um grande covarde.

Mas além da covardia, os vilões de 50 também foram acusados de máscara. Segundo o *Dicionário popular de Futebol*, de Leonam Pereira, máscara é uma “designação popular da atitude convencida de um jogador que, por ter sido feliz com um ou dois jogos e elogiado pela torcida ou pela imprensa, quer dar ares de grande craque, mas fracassam depois” (1998, 146). Jogadores mascarados pecam pelo convencimento e pelo excesso de confiança, sentimentos que, muitas vezes, os fazem não se empenharem durante o jogo. É como se os jogadores entrassem em campo tão certos da vitória que não sentissem a necessidade de lutar pela mesma. Máscara implica falta de humildade e representa um sério desvio da conduta moral esperada de um jogador. Ela é fruto da soberba, da pretensão e representa um desrespeito ao caráter ritualístico do futebol.

Como observou Arno Vogel, uma partida de futebol é um ritual no qual se consagram heróis aqueles que conseguem superar as provas que lhes são impostas pelas circunstâncias do jogo. Nesse sentido, a máscara subverte a “ordem do rito, transformando-o em uma formalidade confirmatória (...) A máscara é precisamente isto. Ostentar uma qualidade ou posição à qual não se tem direito” (Vogel, 1982, 98). Um direito que só é conseguido dentro de campo, depois do jogo e nunca antes. Por isso, em 1950, para parte da imprensa, o excesso de otimismo fez com que a seleção se enchesse de soberba, deixando de lado a humildade e o empenho necessários à vitória. As goleadas sobre Suécia e Espanha

---

<sup>93</sup> Temendo alguma expulsão, como ocorrera em 1938, Flávio Costa, treinador da seleção, recomendou que os jogadores não cometessem faltas violentas e nem cáissem nas provocações dos uruguaios.

teriam subido à cabeça dos jogadores, fazendo-os esquecer que ainda era necessário superar o Uruguai para sagrarem-se campeões. Afinal, como afirmou uma matéria do jornal *A Manhã* “Em partidas de futebol, ninguém ganha jogo de véspera. O jogo é jogado em campo, para onde vão onze atletas de cada bando lutar pelo mesmo objetivo: a vitória” (18/07/1950).

Em 2006, a acusação de máscara voltou com força. E havia motivos para se pensar assim, afinal tratava-se de uma seleção composta por jogadores mundialmente reconhecidos por sua habilidade e destreza em fazer gols. Entre eles destacava-se o nome de Ronaldinho Gaúcho, simplesmente, o melhor jogador do mundo eleito pela Fifa. O 10 da seleção era o principal componente do chamado “quadrado mágico”<sup>94</sup>, que prometia arrasar os adversários e encantar o planeta. A conquista da Copa de 2006 parecia certa, pois no papel a seleção brasileira era imbatível. Antes do início dessa competição, as principais casas de apostas da Europa davam o Brasil como o grande favorito para o título.<sup>95</sup> O excessivo assédio de fãs nos treinos da seleção, também, denunciava esse clima de euforia. E lá veio o fantasma de 1950. Em entrevista, o rei do futebol lembrou da derrota de 1950, que teria ocorrido por causa do excesso de otimismo em torno da seleção (*O Globo*, 27/04/2006).

Ao ser derrotada pela seleção da França, inevitavelmente, alguns jogadores foram acusados de mascarados pela torcida e pela imprensa. O jornal *O Globo*, por exemplo, comentou que “ao acreditar que sua superioridade era uma qualidade intrínseca, o Brasil se esqueceu de olhar para seus pontos fracos e para a força dos adversários” (02/07/2006). Clovis Rossi da *Folha de São Paulo* chamou os jogadores de “os sem alma”, pois não passaram de um “amontoado amorfo de jogadores preguiçosos, burocráticos, incapazes de acertar mais do que um mísero chutinho” (02/07/2006). É muito comum que os mascarados sejam acusados de falta de empenho e dedicação, assim como podem ser vistos como enganadores. O vilão Roberto Carlos, por exemplo, segundo Fernando de Barros e Silva “sobrevive há anos do seu dom de iludir: finge que ataca, finge que defende. Marcava o nada, antes mesmo de ajeitar as meias no lance fatal”.<sup>96</sup>

Mas além da máscara recaiu sobre os vilões de 2006, a acusação de mercenarismo. Desde 1998 esse tipo de culpabilização se tornou frequente após as derrotas da seleção. Ela é fruto de um contexto altamente mercantilizado que tem marcado o futebol nos últimos anos. A presença de altas cifras cercando a seleção e seus jogadores fez surgir a desconfiança de que o amor à camisa canarinho não seja mais o fator que move os atletas em campo. Trata-se

<sup>94</sup> Nome dado à formação com quatro jogadores ofensivos Kaká, Ronaldinho, Adriano e Ronaldo, o Fenômeno.

<sup>95</sup> Entretanto assim que a Copa começou e a seleção brasileira não demonstrou aquele futebol esperado, as apostas passaram a ter como favorita a Argentina.

<sup>96</sup> “Nacionalismo de resultados”. *Folha de São Paulo*. 03/07/2006.

do embate entre o profano e o sagrado para o qual Ronaldo Helal já chamou a atenção, no que diz respeito ao futebol nacional. De um lado, os processos de modernização e espetacularização desse esporte entrando em choque com uma dimensão tradicional e sagrada que circunda o futebol. Grande parte da crítica e dos torcedores costuma acreditar que os elementos tradicionais como a paixão e o amor à camisa, estariam em declínio não servindo mais como a motivação principal dos jogadores. Sendo assim, é muito comum que a dimensão mercadológica, no futebol, seja alvo de constantes críticas e desconfiança, já que se relaciona a uma esfera profana, movida a dinheiro e lucro, e não somente a laços de afetividade e pertencimento estabelecidos entre jogador e clube ou entre jogador e seleção nacional.

Embora, jogar futebol aparentemente seja uma profissão que, como qualquer outra, requeira a manutenção de um contrato regido por leis trabalhistas, é comum exigir-se do jogador uma postura que vai além a de um simples profissional. Pouca impessoalidade, discursos apaixonados, declarações de amor ao clube e à torcida, assim como juras de dedicação total. Por isso, vários atletas da bola acabam incorporando esse tipo de discurso, muitas vezes, visando conquistar a confiança ou empatia da torcida. Eles beijam escudos, mandam recados provocativos à torcida adversária e afirmam ser torcedores desde criancinha. Isso é quase imperativo em casos de transferências de jogadores entre clubes com grande rivalidade local. Em 2007, por exemplo, Souza, ex-atacante do Vasco da Gama, ao ser apresentado no arqui-rival Flamengo, tratou de dizer que no clube cruzmaltino costumava sofrer preconceito, pois todos sabiam das suas raízes rubro- negras.

Não é tão fácil assim, ser um profissional da bola. Diferentemente de outros profissionais, suas reivindicações, por mais justas que sejam, são quase sempre interpretadas como indício de mercenarismo. Muitos ficam sem receber salários há meses e quando reclamam costumam ser incompreendidos e se perdem são criticados pela falta de empenho. Os processos de transferência também são envoltos em polêmicas e acusações. Ricardinho, o ex-jogador do Corinthians, que o diga. Em 2002, o então ídolo da Fiel, transferiu-se para o rival São Paulo, atraído por cifras milionárias. No primeiro jogo entre os dois times a torcida do Timão confeccionou milhares de notas de dólares com a foto de Ricardinho estampada, e jogou-as em direção ao campo, assim que avistaram o atleta. É freqüente acenar com dinheiro nas mãos como forma de protesto, sinalizando para um comportamento condenável, ou seja, pôr as finanças à frente da paixão e do respeito ao clube.

Em relação à seleção pede-se sempre a mesma postura. Dedicção e amor incondicional à verde amarela. Por isso, quando Kaká e Ronaldinho Gaúcho pediram dispensa

da disputa da Copa América de 2007, a polêmica foi grande. Muitos cronistas, jornalistas e torcedores acreditavam ser inadmissível que um jogador se negasse a atuar pela seleção. Até mesmo o presidente da CBF Ricardo Teixeira não deixou de alfinetá-los, dizendo que a seleção estaria “aberta para *quem quer e gosta* de jogar nela” (*Folha de São Paulo*, 17/07/2007). Nessa frase está evidente a idéia do jogar pela vontade espontânea, pelo simples gosto de atuar pelo selecionado nacional. Mas se negar a jogar consiste numa espécie de sacrilégio, pior mesmo é jogar visando apenas o lucro. Assim são os mercenários.

Como já foi dito, não é nada difícil ser taxado de mercenário dentro do ambiente futebolístico. Na seleção brasileira, dois grandes jogadores já passaram por essa suspeita. Leônidas da Silva em 1934 recebeu 30 contos para atuar pela Seleção na Copa de 1934.<sup>97</sup> E essa atitude do jogador não foi bem recebida pela imprensa da época. Segundo seu biógrafo, André Ribeiro, Leônidas chegou a agredir um dos irmãos Rodrigues, que costumava criticá-lo insistentemente nas páginas do *Jornal dos Sports*.<sup>98</sup> Já outro grande jogador, Pelé, também foi condenado por não ter jogado a Copa de 1974. Corria o boato de que o Rei do futebol teria exigido altas cifras da CBD para disputar aquela competição. O jornalista Adriano Neiva (de Vaney) chamou Pelé de desertor, pois teria desistido de defender a seleção motivado por interesses financeiros: “A decisão de Pelé em deixar a seleção brasileira foi consequência dos cálculos que ele os fez, entre o pouco que receberia jogando pelo Brasil e o muito que ganharia pelo Santos FC” (1975, 13). Além disso, segundo o jornalista, a necessidade de concentrar-se manter uma rotina disciplina na seleção constituiria um empecilho ao cumprimento dos contratos de patrocínio firmados por Pelé, dos quais “recolhia alentadas somas em dinheiro” (id, *ibid*).

Mas é a partir da derrota de 1998 que a questão do dinheiro e do mercado se tornam os principais articuladores das acusações lançadas sobre os vilões e sobre a seleção. Já foi visto que Ronaldo, o Fenômeno, logo após a derrota para a França foi acusado de mercenário por parte da imprensa esportiva. Uma acusação da qual se salvou por conta da ênfase em sua crise convulsiva. Entretanto, os contratos milionários com multinacionais, os altíssimos salários dos atletas e a constante atuação de jogadores como garotos-propaganda de grandes marcas, foram vistos como elementos que estavam corrompendo o território futebolístico. Como já apontou Ronaldo Helal, um dos vilões daquela derrota foi, sem dúvida, a

---

<sup>97</sup> A CBD viu-se obrigada a fazer uma oferta financeira a Leônidas e a outros importantes jogadores, pois as ligas carioca e paulista de futebol não queriam ceder seus jogadores à seleção. A única saída foi o aliciamento financeiro, ao qual Leônidas cedeu.

<sup>98</sup> André Ribeiro comenta que não foi possível saber qual dos irmãos Rodrigues teria se envolvido em confusão com Leônidas. Caso tenha sido Mário Filho, é interessante lembrar que alguns anos mais tarde, o mesmo Leônidas será freqüentemente reverenciado e defendido pelo jornalista.

mercantilização do futebol (2001, 152). Uma espécie de força maléfica que atuava destruindo ideais e, principalmente, corrompendo jogadores, treinadores e dirigentes. Chegou-se mesmo a desconfiar que a seleção teria entregado o jogo aos franceses, por causa de um vantajoso acordo financeiro firmado entre as duas patrocinadoras dessas seleções.<sup>99</sup>

Mercenários pensam apenas em interesses particulares e não no coletivo. Pensam no próprio bolso. Não se doam durante as partidas e mostram apatia e falta de interesse em vencer. Afinal, o ganho que lhe interessa – dinheiro – já estaria garantido. Por isso, em 2006, depois da partida contra a França que eliminou a seleção, vários torcedores, com notas de dinheiro nas mãos, cercaram o ônibus da seleção e gritaram “mercenários!” (*Folha de São Paulo*, 02/07/2006). Obviamente um deles era considerado mais mercenário que outros. O vilão Roberto Carlos, por exemplo, teria abaixado para ajeitar as meias, porque quem lhe pagava o salário era o Real Madrid e não a seleção. Daí sua indiferença e desleixo. Já Cafu, foi acusado de apenas estar interessado em recordes pessoais que lhe trariam mais dinheiro e fama. Por isso, ao chegar no Brasil, dias depois da derrota, teve de ouvir, no aeroporto de Cumbica (SP), o coro de “mercenário!” (*Estado de São Paulo*, 04/04/07/2006). A CBF, por sua vez, foi acusada de fazer da seleção um mero negócio, vendável e altamente lucrativo. Os treinamentos realizados em Weggis, Suíça, geraram polêmica – após a derrota – afinal sabia-se que os mesmos eram consequência de vantajosos financeiros.

Porém, a CBF não é a única entidade esportiva do mundo a incorporar uma lógica mercadológica na gestão das seleções nacionais. Em 2011, a seleção francesa trocará a patrocinadora Adidas pela Nike. A empresa norte-americana de materiais esportivos pagará, por um contrato de sete anos e meio, a quantia de 320 milhões de euros (mais de R\$ 811 milhões de reais). Transações desse tipo se transformaram na tônica do futebol contemporâneo, principalmente a partir da década de 1990. Em 1997, somente a indústria europeia de futebol rendeu cerca de 10 bilhões de dólares (Giulianotti, 2002, 116). As Copas do Mundo, por sua vez, se converteram em um megaevento envolvendo quantias exorbitantes de dinheiro. Apenas os direitos de transmissão da Copa de 2002 foram negociados por cerca de 800 milhões de dólares. Trata-se, portanto, de um contexto altamente mercantilizado em que o dinheiro é a linguagem comum e imperativa. Entretanto a dimensão afetiva e sagrada do futebol ainda persiste e continua a ser valorizada tanto pela imprensa quanto pela torcida. Por

---

<sup>99</sup> É famosa a teoria mirabolante de que teria havido um acordo entre Nike (a patrocinadora da seleção brasileira) e a Adidas (patrocinadora da francesa) no qual a seleção perderia o jogo, objetivando obter vantagens financeiras.

isso, em caso de derrotas quase sempre a mercantilização passa a ser alvo de duras repreensões.<sup>100</sup>

Mas há outra questão importante e intimamente relacionada a esse contexto mercadológico: o processo de globalização que vem reconfigurando o universo futebolístico. Franklin Foer tem razão ao afirmar que o futebol foi uma das principais vitrines através da qual era possível observar com certa clareza “a globalização em ação” (Foer, 2005, 8). O vai e vem de jogadores e técnicos exportados e importados para grandes e pequenas equipes de todo planeta fez com que, inevitavelmente “fronteiras e identidades nacionais tenham sido varridas para a lata de lixo da história” (id, *ibid*). A seleção brasileira, por exemplo, está cada vez mais integrada por jogadores que não atuam em nossa terra. Desde 1998, ela vem sendo composta em sua ampla maioria por jogadores que defendem clubes de fora do país. Composta pelos chamados “estrangeiros”.

“Estrangeiros” é como a imprensa e o grande público costumam denominar jogadores que saem do país e vão jogar fora. Ao mesmo tempo que são motivo de orgulho nacional, afinal alguns são reverenciados e reconhecidos mundialmente, eles também são “um signo da pobreza de um país que não pode manter em seu solo seus produtos mais valiosos” (Guedes, 2000, 133). Mas, além disso, estrangeiros, por viverem em outro país, serem obrigados a falar uma outra língua, adaptar-se a hábitos diversos podem esquecer-se da mãe pátria, assim como desaprender a amá-la. Não que isso ocorra, mas assim eles costumam ser representados. Por isso, em caso de derrota, estrangeiros são sempre vistos como aqueles que não lutaram pela vitória, pois sua relação com a pátria, Brasil, mostra-se frágil e, às vezes, indiferente. Portanto, denominar um jogador de estrangeiro significa, em grande medida, colocá-lo sob suspeita. Por atuar longe do Brasil, qualquer deslize seu pode ser compreendido como consequência da sua falta de comprometimento com a seleção. Algo moralmente condenável, já que consistiria numa espécie de traição ao povo e à Pátria. Quando a derrota chega, a categoria estrangeiro é, imediatamente, acionada enquanto valor negativo. Acusar de “estrangeiro” é em parte uma tentativa de defesa contra a ameaça de um futebol globalizado no qual a nação vem perdendo seu espaço.<sup>101</sup>

---

<sup>100</sup> Ocorre que muitos talvez não percebam que esse espaço idealizado e sacralizado do futebol já, há tempos, foi incorporado nessa lógica do mercado. A venda de camisas, escudos, echarpes, bandeiras, chaveiros e uma série de outros produtos não sobreviveriam por muito tempo caso não houvesse um investimento na dimensão sagrada e afetiva do futebol.

<sup>101</sup> Assim como em outras esferas da sociedade, o processo de globalização não pode ser compreendido como um fenômeno que simplesmente termina com as fronteiras culturais e homogeniza as diferenças. Ao contrário, são perceptíveis vários movimentos de resistência à globalização que se refletem no fortalecimento de certos agrupamentos sequiosos por manterem uma identidade fortalecida e que não se mistura com outras. As manifestações de racismo nos gramados de todo mundo são o exemplo da intolerância à diferença racial e étnica e do confronto de identidades que tem marcado o futebol. No início de 2008, por exemplo, uma facção denominada “Camisa 88 do Grêmio” começou a chamar a atenção da imprensa. Trata-se de

A presença de jogadores chamados estrangeiros coloca em xeque o princípio da identidade nacional que está na base da concepção que temos de seleção brasileira. E não tem sido nada fácil manter intacta a relação entre seleção e nação em um contexto de extrema mobilidade e rotatividade de jogadores. É muito possível que futuramente a seleção possua atletas que nunca tenham atuado em clubes brasileiros, tornando ainda mais frágil a manutenção da idéia de “seleção brasileira”. Não é sem motivos que parte da imprensa, insistentemente, busque nos jogadores alguns vestígios de brasilidade que demonstrem que suas raízes nacionais continuam intactas. Nas narrativas das vitórias da seleção é marcante a insistência no caráter festivo e malandro dos jogadores. Ronaldinho Gaúcho, por exemplo, costuma ser filmado com pandeiro na mão, entoando algum pagode.<sup>102</sup> Nas reportagens sobre os bastidores da seleção, brincadeiras, gozações entre jogadores e mais pagode e samba, são sempre flagrados e mostrados pelas câmeras como forma de demonstrar que todos mantêm vivo o sentimento de brasilidade. E talvez esse fenômeno se torne cada vez mais necessário, afinal alguns jogadores tem obtido o direito à dupla cidadania nos países em atuam.

Por isso, é preciso afirmar-se como brasileiro. E essa necessidade, denuncia o quanto a identidade nacional anda ameaçada em um contexto mercantilizado e globalizado do futebol. Os jogadores estão cada vez mais associados a grandes marcas, e nem tanto à sua nacionalidade (Gumbrecht, 2006, 154). Mais do que simples estrangeiros, muitos deles são ícones globalizados cuja imagem move-se por todo planeta e é reconhecida por parcelas consideráveis da população mundial. As seleções, por sua vez, repletas de ídolos globalizados, também, estão sendo cada vez mais associadas a grandes marcas, perdendo como referencial a idéia de nação. Camisas de seleções como França, Alemanha, Itália, Camarões etc, podem ser facilmente avistadas trajando gente de toda idade e em qualquer parte do Brasil. O que significa que não tem sido mais necessário nascer nesses países para que, de algum modo, nos identifiquemos com essas seleções.

O contexto mercantilizado e globalizado do futebol é propício para a emergência de vilões taxados de estrangeiros e mercenários. Porém esse mesmo contexto, sem dúvida, tem modificado a relação que mantemos com o futebol e com a seleção nacional. A “pátria em chuteiras” vem passando por algumas transformações e vem perdendo o poder simbólico e totalizante que já possuiu um dia (Helal, 2001b, 160). Não é nada impossível que futuramente

---

um grupo de torcedores que se diz seguidor de Hitler. 88 é uma referência à saudação “Heil Hitler” (o H é a oitava letra do alfabeto). Eles pregam a pureza étnica e exaltam a “raça gaúcha” como superior às demais.

<sup>102</sup> A comemoração da conquista da Copa das Confederações de 2005 foi exemplar nesse sentido. Muitos jogadores subiram ao pódio com algum instrumento musical na mão e entoando conhecidos pagodes. Essa atitude foi celebrada por grande parte da imprensa.

as derrotas e as vitórias da seleção causem menos alvoroço. Por enquanto, quando criticamos os vilões das derrotas, lançamos mão de um repertório ancorado em uma perspectiva sagrada e afetiva. Daí o caráter moralizante das condenações lançadas contra os vilões. Porém, à medida que o futebol se modifica, aquele conjunto de valores pode perder parte de seu sentido. Antigamente, por exemplo, os vilões eram aguardados no aeroporto, prontos para serem xingados e, por isso, muitos temiam esse retorno, como foi visto com o caso Feola e Lazaroni. Mas por atuarem no exterior e manterem moradia lá, hoje em dia, vários deles sequer voltam para dar satisfações. Roberto Carlos, em 2006, por exemplo, após a eliminação do Brasil, seguiu da França direto para a Espanha.

Futuramente, talvez nem faça mais sentido xingar os vilões das derrotas da seleção, ou mesmo eles se tornem figuras menos importantes e até desnecessárias. Mas apesar de válidas, essas hipóteses não passam de conjecturas. E o futebol costuma ser um terreno perigoso para previsões. Graciliano Ramos, em 1921, renunciou que no Brasil, o futebol seria “fogo de palha”, uma novidade que causaria burburinho no Brasil, mas logo desaparecia.<sup>103</sup> O tempo provou o contrário. Portanto, mesmo à distância é totalmente possível que continuemos a criticar nossos vilões e condená-los por alguma derrota. A vida dos vilões pode ser bastante longa. Mas se por enquanto, covardes, mercenários, mascarados e estrangeiros são categorias importante e válidas na composição de um imaginário negativo relacionado ao futebol, amanhã o panorama será diverso. Pois dentre tantas incertezas, apenas é possível afirmar que, com o passar dos anos, e com as mudanças no contexto futebolístico, as categorias negativas acionadas serão modificadas e atualizadas. Só nos resta acompanhar a marcha do tempo.

---

<sup>103</sup> Essa hipótese foi defendida na crônica “Traços a esmo”, publicada, em 1921, na revista *O Índio*, sob pseudônimo J. Calisto.

### 3.2 Os *quase* vilões

Foi visto que os vilões não são eleitos de modo imparcial e neutro. Há um conjunto de fatores mediando a escolha de quem será responsabilizado por uma derrota. Esse aspecto também fica claro no caso dos *quase* vilões. A palavra *quase* indica que determinado jogador, ou outro profissional do futebol, esteve muito perto da vilania, mas, por algum motivo, foi salvo da mesma. Embora, possam ter sido amplamente criticados, eles foram poupados de carregarem a pesada culpa de um fracasso. Pois, enquanto os vilões têm sua trajetória reduzida aos noventa minutos, os *quase* vilões têm seu passado mantido vivo e suas qualidades ressaltadas, servindo-lhe de escudo protetor e abonando-lhe as possíveis falhas. Em outras palavras, os *quase* vilões não têm sua história na seleção definida pela derrota, há sempre outros aspectos que são levados em consideração. Os principais *quase* vilões das participações da seleção em Copas do Mundo foram: Zico (1986), Ronaldo, o fenômeno (1998) e Ronaldinho Gaúcho (2006).

Dois deles vestiram a camisa 10 da seleção. Dois desses jogadores disputaram a Copa como os melhores jogadores do mundo, em eleição feita pela FIFA. Todos eram considerados craques da bola. Portanto, convertê-los em vilões não seria tarefa das mais fáceis e nem das mais desejáveis. A imagem que tínhamos desses atletas estava carregada de expectativas positivas e de representações relacionadas ao ideal que temos do futebol brasileiro. Voltar-se contra eles, em parte, significava voltar-se contra nós mesmos ou contra aquilo que acreditamos ser. Quando atletas desse porte são colocados na berlinda, titubeia-se bastante e, no final, não se consegue escrever e nem se dizer com todas as letras a sentença: culpado. Mesmo que seu erro, ou mau desempenho, seja reconhecido, sempre se encontra um motivo para amenizar sua responsabilidade. Os *quase* vilões são como filhos caçulas, protegidos e poupados de castigos severos. Podemos aplicar-lhe uma grande reprimenda, depois de alguma travessura, mas jamais teremos coragem de trancá-lo no quarto e colocá-lo de castigo por muito tempo.

Ronaldinho Gaúcho, por exemplo, foi parar no banco de reservas durante alguns jogos da seleção em 2006. Eram jogos amistosos, em sua maioria, com pouca importância, mesmo assim a atitude do técnico Dunga — que sofrera tanto com a vilania de 1990 —, foi compreendida como uma espécie de castigo aplicado em Ronaldinho, por conta de seu mau desempenho na Copa da Alemanha. Várias foram as vozes levantadas contra aquilo que parecia ser uma decisão exagerada, que mais prejudicaria a seleção do que o jogador. Juca Kfoury, por exemplo, em sua coluna semanal, escreveu “Só há uma explicação para deixar

alguém como ele [Ronaldinho, Gaúcho] no banco de reservas: avareza, egoísmo. Ou então cegueira” (*Folha de São Paulo*, 17/12/2006). Ao que parecia, mesmo tendo sido extremamente criticado em 2006, Ronaldinho Gaúcho continuava a gozar de prestígio dentro do país.

Isso não significa dizer que ele tenha saído incólume da Copa de 2006. Sua imagem sofreu vários arranhões, principalmente porque antes dessa competição Ronaldinho era o jogador mais badalado pela imprensa e pelos torcedores de dentro e de fora do país. Ele era o principal garoto propaganda de famosas marcas e atuava em comerciais que o retratavam como a própria encarnação do futebol-arte. Uma genialidade que se desenhava desde a infância. Um dos comerciais veiculados pela Nike, por exemplo, mostrava imagens de Ronaldinho ainda com seis anos de idade, já realizando dribles e jogadas de efeito.<sup>104</sup> Outra propaganda, da mesma empresa, focava a imagem do jogador enquanto ele se preparava para bater uma falta. A câmera fixa em seus olhos puxados e o silêncio que o cercava, fazia parecer que o mundo parava para assistir Ronaldinho. E em parte foi isso mesmo que aconteceu, dias antes da Copa. Os treinos da seleção em Weggis, Suíça, foram marcados por invasões de campo de gente que tentava chegar o mais próximo possível daquele que era o principal jogador do momento e para quem os holofotes estavam todos voltados. E não era apenas uma questão de marketing, pois as atuações do jogador pelo seu clube, Barcelona, enchiam os olhos e fomentavam nossa imaginação<sup>105</sup>, assim como, alimentavam expectativas (Messi, expectativa mesmo sendo suplente).

Entretanto, suas atuações na seleção durante a Copa, principalmente se comparadas ao que fora visto no clube catalão, deixaram a desejar. Quando o Brasil saiu dessa competição, eliminado pela França, um dos principais alvos das críticas foi Ronaldinho. A manchete “Sem desculpa”, da primeira página do caderno de esportes da *Folha de São Paulo*, foi ilustrada por uma foto em que ele aparecia com as mãos na cabeça, em sinal de desespero (02/06/2006). Já o *Estado de São Paulo* classificou sua atuação de “horrível, irreconhecível (...) não esteve à altura dos dois troféus, merecidos, que conquistou como melhor do mundo” (02/07/2006). A vilania parecia inevitável. O próprio jogador tentou defender-se dessa ameaça e em entrevista afirmou que não admitia levar a culpa sozinho da derrota. Ronaldinho

<sup>104</sup> Nessa propaganda um vídeo de Ronaldinho, ainda criança, jogando uma partida de futsal é mostrado. O narrador é Eric Cantona que observando as imagens comenta: “Vejam, na infância tudo era mais fácil. O medo de tentar não existia. Era pura diversão”. Entremado com o vídeo, imagens de Ronaldo já adulto são mostradas para demonstrar que o jogador continuava a atuar com o mesmo espírito infantil, jogando para divertir-se. Ao final, Cantona diz “Por isso, tenho um conselho pra vocês meus amigos. Nunca cresçam, nunca cresçam”.

<sup>105</sup> Um comercial estrelado por Ronaldinho mostrava-o acertando o travessão de um gol, várias vezes seguidas. Truque de câmera ou mais uma façanha de Ronaldinho Gaúcho? Embora a primeira hipótese se mostrasse a mais provável, a segunda não foi descartada. Afinal a extrema habilidade de Ronaldinho alimentava a imaginação de muita gente.

foi mais longe e em seu site pessoal, chegou a pedir desculpas públicas por não ter conseguido trazer o título que todos esperavam.<sup>106</sup>

Embora, tivesse sido muito questionado, em raros momentos, se compreendeu o mau desempenho de Ronaldinho em termos de culpa ou responsabilidade pela derrota. As críticas foram pontuadas por um sentimento: decepção. Palavra que comporta a idéia de frustração e desilusão, sentida quando são depositadas expectativas, em alguém ou algo, e as mesmas não se tornam reais. A decepção possui um caráter melancólico, triste e nem sempre conduz à raiva ou a um descontentamento agressivo, sentimentos, tão tipicamente despertados e depositados nos vilões da derrota. E foi de modo decepcionado que grande parte da imprensa pareceu comportar-se diante de Ronaldinho Gaúcho. O *Estado de São Paulo*, por exemplo, classificou o jogador como a “maior decepção da Copa” (03/07/2006). Já segundo a matéria “No auge, Ronaldinho foi um fiasco”, publicada na *Folha de São Paulo*, o desempenho do jogador “deixou a desejar”, pois ele “estava muito longe de ser o jogador *brilhante* do Barcelona” (Grifos meus, 02/06/2006). O talento de Ronaldinho, portanto, não foi negado, apenas buscou-se saber os motivos que fizeram com que o jogador não tivesse demonstrado o mesmo desempenho apresentado no clube catalão. Por isso, o programa esportivo da Rádio Globo, *Enquanto a bola não rola*, se perguntava: “Cadê o melhor jogador do mundo, alguém viu? Por que Ronaldinho não consegue ser na seleção brasileira, o que ele é no Barcelona?”<sup>107</sup>

Esse mesmo programa realizou uma enquete perguntando de quem era a culpa da eliminação do Brasil. As opções eram as seguintes: o técnico Parreira; os jogadores; todos. O escolhido foi Parreira com 43% dos votos. Não apenas os ouvintes do *Enquanto a bola não rola* tinham essa opinião, grande parte da imprensa, também depositou sobre o técnico a responsabilidade da derrota. E parte da responsabilidade por Ronaldinho não ter jogado tão bem quanto se esperava. Seu esquema tático recebeu duras críticas, sendo apontado como um dos principais motivos para o malogro de uma seleção formada por jogadores habilidosos: “Para quem teve três anos e meio para trabalhar com pouca pressão, uma geração de ouro à disposição e muita experiência na profissão, Carlos Alberto Parreira foi um verdadeiro desastre nesta Copa” (*Folha de São Paulo*, 02/07/2006). Especificamente em relação a Ronaldinho, as críticas incidiam sobre o posicionamento do jogador em campo, demasiadamente recuado. Segundo o ex-jogador Tostão “Um dos erros do Ronaldinho e do Kaká na Copa foi serem excessivamente disciplinados, bem comportados e tentarem fazer

<sup>106</sup> “(...) quero desculpar-me por não ter conseguido junto com meus colegas mais esse título para o Brasil” (www.ronaldinhogauch.com). Ronaldo, o Fenômeno, ao contrário, fez questão de dizer, em coletiva realizada no Brasil, que não havia motivos para se pedir desculpas públicas, afinal os jogadores fizeram o possível para conquistarem a Copa.

<sup>107</sup> Enquanto a bola não rola. Rádio Globo. 02/07/2006. Arquivo pessoal

tudo que o Parreira pediu” (*Folha de São Paulo*, 06/09/2006). No jornal *O Globo*, uma das avaliações de Ronaldinho dizia que “o *craque*, o *mágico* do quadrado, teve a chance de ser o destaque da Copa, mas *foi sacrificado* pelo esquema tático do time, jogando fora de sua posição” (Grifos meus, 02/06/2006).

De fato, antes da Copa, Ronaldinho Gaúcho tivera uma temporada excepcional. Conquistara o título espanhol e o da Liga dos Campeões pelo Barcelona, tendo participação fundamental em ambos. Conquistara também o prêmio de melhor jogador do mundo, em eleição da Fifa, e ao que tudo indicava, na Copa de 2006 ele brilharia como nunca. Pela seleção, sagrara-se campeão da Copa de 2002 e, em 2005, havia erguido a taça da Copa das Confederações. Uma competição que embora não seja considerada importante, mereceu destaque na imprensa, afinal fora vencida em jogo contra a Argentina, nosso maior rival. Um placar dilatado de 4 X 1 sobre os “hermanos”, com atuação destacada de Ronaldinho durante e, também, após o jogo. Foi ele quem comandou a quebra de protocolo promovida pela seleção quando do recebimento do troféu. Uma roda de samba em que os próprios jogadores tocavam instrumentos – algo inédito em uma competição da FIFA – ocupou o pódio montado para a entrega das premiações. Ronaldinho, imitando os gestos de um maestro, fingia regê-los. Uma cena que reforçou a relação estabelecida entre o futebol de Ronaldinho e alguns elementos basilares da formação identitária nacional, como o samba, fazendo-o parecer, desse modo, um atleta que embora atuasse em gramados europeus, não perdia suas raízes brasileiras.

Parecia, também, o prenúncio da consolidação de seu reinado no futebol mundial, que se daria na Copa de 2006. Tostão chegou a sonhar em vê-lo fazendo o gol do título mundial, nos últimos minutos da partida, em lance parecido com a que jogador havia feito no jogo entre Barcelona e Chelsea<sup>108</sup>. Um gol que deixaria o planeta de boca aberta e que tornaria necessários “três dias de filas para beijar os pés da estátua do Ronaldinho” (19/03/2006). Entretanto, seu futebol modesto e a eliminação da seleção frustraram quase todas expectativas depositadas no craque que encantava os brasileiros e o mundo com seu belo futebol e seu sorriso largo. Ronaldinho e a seleção de 2006 foram um sonho do qual despertamos de maneira abrupta. Mas um sonho do qual não abdicamos por completo, pois no caso de Ronaldinho Gaúcho, não apenas sua trajetória profissional vitoriosa foi relembrada, como seu futuro invocado como fonte de esperança. Afinal, como disse o próprio Tostão, Ronaldinho ainda poderia brilhar em futuras Copas, pois ele não havia deixado de ser um excelente

---

<sup>108</sup> Esse gol foi marcado em partida válida pela Copa dos Campeões de 2006, especificamente no duelo entre Barcelona e Chelsea na segunda fase dessa competição. Um lance fantástico, difícil de ser descrito, tamanha plasticidade e beleza.

jogador por causa da derrota de 2006.<sup>109</sup> Mesmo que seja inegável que esse fracasso afetou a imagem intocável que tínhamos dele<sup>110</sup>, muitas expectativas não morreram por completo. Elas eram tantas e tão grandiosas que nem mesmo um fracasso daquele tamanho conseguiu reduzi-las a pó. A real possibilidade e a esperança de um dia ver Ronaldinho brilhar pela seleção, ainda foi mantida e possibilitou que sua trajetória na mesma não se resumisse a uma derrota. A vilania, portanto, não lhe cabia.

Mais fácil de ser defendido da ameaça da vilania foi seu xará Ronaldinho, o Fenômeno. O contexto da partida final entre França e Brasil mostrou-se uma armadura eficiente de proteção contra a suspeita de que o jogador teria “amarelado” no momento mais importante da seleção na Copa de 1998. A famosa, e ainda mal explicada convulsão de Ronaldo, na noite que antecedeu a partida, aproximou-lhe da imagem de vítima e distanciou-lhe da vilania. Segundo Ronaldo Helal, os problemas de saúde, enfrentados pelo Fenômeno, foram aproveitados pela imprensa como mecanismo de humanização daquele que, até antes do jogo, era desenhado como um super-herói da seleção. Herói que, entretanto, foi humanizado pela derrota, já que a mesma nos permitiu perceber que, assim como todos nós, ele possuía fraquezas e era passível de falhas. Desse modo, segundo Helal, “ao invés do super-homem Ronaldinho, ‘descobrimos’ Ronaldo, o homem, o mortal. Os fãs se familiarizam com ele e muitos querem lhe dar colo” (2001, 159).

Mas a solidariedade a Ronaldinho não foi um sentimento unânime e nem nasceu imediatamente após a derrota. A hipótese de que ele havia “amarelado” diante da responsabilidade de uma final de Copa foi encampada por parte da imprensa, que deu tratamento duro ao craque. O jornal carioca *O Dia* foi um dos que mais pegou pesado com Ronaldo. Em reportagem intitulada “Saída pelos fundos” o jogador da seleção é claramente acusado de ter se acovardado:

O jogador nº 1 do mundo, o maior salário do planeta (...) não ficou satisfeito por *amarelar* antes do jogo e ter de ser levado a um hospital (...) não ficou satisfeito em não jogar absolutamente nada durante toda a decisão. Para fechar a vergonha não quis enfrentar o público e saiu pelos fundos do Stade of France para não dar explicações à imprensa (Grifos meus, 13/07/1998).

Quando a notícia de que Ronaldo não teria simplesmente passado mal, mas sim sofrido uma convulsão, o enfoque muda totalmente de direção. A gravidade do que ocorrera ao jogador inviabilizou que se continuasse insistindo na suposição do “amarelamento”. De covarde, Ronaldo passou a protagonizar um drama de caráter humano e que transcendia os

<sup>109</sup> “A bola não pára”. *Folha de São Paulo*. 04/07/2006

<sup>110</sup> Um dos reflexos desse fato pôde ser notado no decréscimo vertiginoso da quantidade de comerciais protagonizados por Ronaldinho Gaúcho. Antes da Copa, eram inúmeras as propagandas em que Ronaldinho aparecia fazendo suas firulas. Depois da Copa, entretanto, o craque do Barcelona sumiu de nossas telinhas.

limites das quatro linhas. Mesmo que se reconhecesse que de algum modo ele tivesse fraquejado, justificativas foram buscadas para explicar o ocorrido. A revista *Veja*, por exemplo, deu cores dramáticas ao fato, em extensa reportagem intitulada “A tragédia de desabar quando você mais precisa ser forte. O caso Ronaldinho” (22/07/1998). Segundo o periódico, o que ocorrera com Ronaldo era conseqüência de um intenso estresse físico e emocional, um risco que qualquer pessoa estria exposta, inclusive o Fenômeno. A opinião especializada de um médico foi convocada e, segundo a mesma, a convulsão de Ronaldo era uma clara manifestação que denunciava que o jogador havia chegado em seu limite: “crises como a de Ronaldinho são, no fundo, uma forma extrema de o corpo, exausto se preservar de novas agressões. É como se ele pedisse trégua ao inimigo externo” (*Veja*, 22/07/1998).

Esse inimigo já havia sido descoberto. Tratava-se do processo de mercantilização pelo qual passava o futebol. Nesse sentido, é interessante perceber que em 2006, essa mesma justificativa foi usada para explicar a precoce eliminação da seleção daquela Copa. Porém nesse ano, os jogadores – Cafu e Roberto Carlos – foram vistos como aqueles que deliberadamente se deixaram corromper pela tentação do dinheiro, sendo, por isso, acusados de mercenários. Ronaldo, entretanto, foi tomado como uma vítima do mercado e sua convulsão era a prova concreta de que o futebol precisava tomar novos rumos. Os excessos de compromissos com patrocinadores foram vistos como um dos fatores que levou Ronaldo ao estresse e à conseqüente crise nervosa. O mercado e a ganância por dinheiro além de forçarem os jogadores a se submeterem à superexposição na mídia, também aumentavam a pressão por vitórias. Em crônica “Perdedores morais” o jornalista Matinas Susuki lamenta que a CBF tivesse se curvado a “um patrocinador fominha, sequioso de vitórias imediatas”. Para Matinas ao invés de culpado Ronaldo devia ser considerado, na verdade, uma vítima pois todas as obrigações geradas pelo futebol mercantilizado “Seria demais para um homem, que dizer para um *pobre menino* Ronaldo (...) Por um lado, ele, um *garoto do bem* e ainda *um pouco ingênuo*, é vítima de toda essa situação — situação que nem ele sabe ainda avaliar direito” (Grifos meus, 16/07/1998).

Ronaldo tinha apenas 21 anos na época e sua juventude foi elemento importante para representá-lo como vítima. Como um garoto, o Fenômeno foi constantemente retratado, reforçando assim a imagem de alguém ainda despreparado para enfrentar uma final de Copa do Mundo. A juventude foi usada nas narrativas da derrota como elemento articulador do processo de humanização de Ronaldo, pois como afirmou o *Jornal do Brasil* “O Fenômeno é muito mais humano do que gostaria (...) Aos 21 anos o Fenômeno sentiu o peso das cobranças. A juventude do maior craque brasileiro é uma razoável explicação para seu mau

desempenho” (*apud* Helal, 2001, 158). Sua apatia em campo, então, podia ser compreendida. Algo havia acontecido e transcendia a responsabilidade do próprio jogador, sendo assim, não era possível culpá-lo pelo fracasso. Entretanto, no Brasil, narrativas da derrota sem culpabilizações não existem. Por isso, todos aqueles que deixaram Ronaldo entrar em campo, mesmo sem condições físicas, se transformaram em alvo de acusações. O jornalista Elio Gaspari da *Folha de São Paulo*, por exemplo, fez severas críticas a CBF e seus dirigentes que em sua ânsia por dinheiro “apostou o couro de um garoto de 21 anos. Expuseram-no cruelmente a um risco de saúde” (15/07/1998).

A preocupação com a vida de Ronaldo motivou as inúmeras censuras dirigidas a Ricardo Teixeira, então, presidente da CBF, ao técnico Zagalo e ao médico da seleção Lídio Toledo. O jornal *O Dia* – o mesmo que dissera que Ronaldo amarelou – deu destaque a uma forte declaração na qual o jogador desabafava “Perdi a Copa, mas ganhei a vida” (14/07/1998). O tom dramático dá o tom dessa reportagem que mais parece a narrativa de uma tragédia com vítimas fatais: “Gritos de socorro, desespero, correria. Menos de cinco horas antes da decisão contra a França na concentração do Brasil” (14/07/1998). Ao final da matéria, o repórter Mauro Leão fez a seguinte pergunta direcionada a Zagallo: “Por que, então Ronaldinho entrou?” O mesmo questionamento propôs o jornalista Luis Cavasan da *Folha de São Paulo*: “Aliás, foi Ricardo Teixeira ou a Nike quem obrigou que ele fosse escalado na última hora, sem condições físicas e/ou psicológicas?” (14/07/1998). O comentarista esportivo Washington Rodrigues foi mais taxativo ao explicitar a desconfiança dos motivos que fizeram Ronaldo atuar naquela partida: “Se eu descobrir que houve pressão de patrocinadores, vou botar a boca no trombone” (*Extra*, 13/07/1998).

A Nike era, na época, a empresa patrocinadora da seleção brasileira. Uma patrocinadora que pagaria, no intervalo de 10 anos, cerca de 160 milhões de dólares à CBF e que conseguira travar, com a mesma, um contrato vantajoso, no qual obteve o direito de organizar amistosos da seleção, em locais que mais lhe interessassem em termos mercadológicos. Dessa mesma empresa, Ronaldo era o garoto-propaganda e, por conta disso, costumava gravar inúmeros comerciais e participar de vários eventos programados pela Nike. Daí surgiu a hipótese de que a CBF teria recebido ordens expressas para colocar Ronaldo em campo, de qualquer modo, já que a Nike não podia prescindir de seu mais importante garoto-propaganda, justamente em uma final de Copa do mundo. Tal acusação foi refutada pela própria empresa, que em nota negou ter exercido alguma pressão sobre a CBF: “É absolutamente falso, privado de qualquer fundamento e ofensivo ao profissionalismo de todos: equipe, treinador, jogador e da própria Nike” (14/07/1998).

Em 2000, uma CPI foi instaurada pela Câmara dos Deputados e tinha como objetivo principal analisar o papel dessa parceira nas atividades da seleção brasileira, principalmente, durante a Copa de 1998.<sup>111</sup> Em 2001, o jogador Ronaldo depôs nessa CPI e saiu em defesa da Nike afirmando que se tratava de “uma empresa séria e honesta, que investe no Brasil mais por interesse em ajudar o esporte brasileiro que para ter lucro” (*Folha de São Paulo*, 11/01/2001). Uma resposta inacreditavelmente ingênua — ou propositalmente irônica —, afinal não foi por causa de ideais filantrópicos que a Nike se tornou uma das maiores empresas de materiais esportivos do mundo e um dos maiores símbolos da sociedade de consumo. É possível compreender aquela afirmação como resultado da impaciência de Ronaldo<sup>112</sup> que desde a final da Copa de 1998 se via obrigado a responder sobre as especulações em torno da relação entre sua escalação e o contrato de patrocínio da Nike. Ele, também, devia estar saturado de ter que responder sobre o que acontecera, horas antes do jogo contra a França.

A noite que antecedeu a final da Copa do mundo havia se transformado em uma fonte inesgotável de hipóteses, teorias e, principalmente, alimentou a busca por furos jornalísticos, todos com a pretensão de portarem a verdade dos fatos. Coleta de depoimentos, acesso a documentos sigilosos, reconstrução dos dias que antecederam a crise do jogador, revelações fortes etc., aproximaram as narrativas da derrota, dessa Copa, dos romances policiais. E no centro do mistério estava Ronaldo. A *Folha de São Paulo*, por exemplo, fez uma longa reportagem, sugestivamente intitulada “A história secreta de Ronaldo”, na qual o jornal claramente se propunha trazer a verdade ao conhecimento de todos: “O atacante Ronaldinho, 21, sofreu na tarde de domingo uma crise nervosa, e não um distúrbio neurológico como vinha sendo anunciado pela Confederação Brasileira de Futebol (...)” (16/07/1998). Até mesmo alguns jogadores se viram envolvidos nesse clima misterioso. Roberto Carlos – uma testemunha importante, pois era o companheiro de quarto de Ronaldo – declarou “Eu e Lídio sabemos o que houve realmente” (*O Globo*, 16/07/1998). Grande parte da imprensa investiu bastante na reconstituição da convulsão de Ronaldo e o apelo ao melodrama foi evidente. Cenas impactante que apelam às emoções e sensações dos leitores deram a tônica das reportagens. Segundo o *Jornal do Brasil*, por exemplo, a convulsão de

---

<sup>111</sup> Ainda em 1998, o Deputado Aldo Rebelo entrou com uma petição na Câmara dos Deputados, para que um inquérito fosse instaurado com o objetivo de averiguar as condições do contrato entre Nike e CBF. A cláusula que dava direito a empresa de organizar pelo menos 50 “amistosos Nike” serviu de base para que Aldo Rebelo argumentasse que teria havido quebra da soberania, autonomia e identidade nacional, direitos garantidos pela Constituição Federal (*apud* Bellos, 2002, 279). A CPI foi instaurada somente em 2000.

<sup>112</sup> Nesse depoimento, Ronaldo deu claras demonstrações de impaciência, chegando a se comportar em alguns momentos como um menino mimado. Chegou a pedir no meio da sessão para ir ao banheiro e questionou muito a necessidade da CPI. Sua defesa a Nike foi veemente e em certo momento afirmou que diante de tanta investigação “Eu, se fosse a Nike, não teria dúvidas em rescindir este contrato e sair do futebol brasileiro” (*Folha de São Paulo*, 11/01/2001).

Ronaldo deixara todos os jogadores muito assustados, particularmente, César Sampaio que “teve que desenrolar a língua de Ronaldinho durante sua crise” (14/07/1998).

Muitas foram as reportagens e tentativas de desvendar os mistérios da noite que antecedeu à derrota da seleção, entretanto, não se chegou a alguma conclusão definitiva. Para Jorge Caldeira, autor do livro *Ronaldo. Drama e glória do futebol globalizado*, a versão da convulsão e a ênfase na figura de Ronaldo representaram nada mais do que uma eficiente tática adotada para que se tivesse evitado dar explicações mais concretas, baseadas em argumentos de ordem técnica e tática, sobre a derrota da seleção<sup>113</sup>: “Havia uma escada de emergência fácil de escalar: bastava cada um dizer qualquer coisa sobre o assunto Ronaldo (...) Como ninguém sabia exatamente o que havia acontecido, uma fantasia delirante seria tomada naquele momento como a mais límpida das verdades” (2002, 225). Fazer de Ronaldo um bode expiatório evitaria “enfrentar a derrota de frente, assumir os erros” (id, ibid). Para Caldeira, a imprensa, a partir da possível crise convulsiva, deu início ao processo de reelaboração da biografia de Ronaldo, que “passou a ser visto como um derrotado – e derrotado porque se deixou dominar por figuras interesseiras, só pensando em dinheiro” (id, 240). Segundo o jornalista, havia uma clara disposição para se destruir o mito Ronaldo, expondo-lhe a questionamentos e acusações, forçando-o, desse modo, a se responsabilizar pela derrota.

Certamente, as dúvidas sobre o que teria acometido Ronaldo foram inúmeras e serviram para alimentar versões claramente eivadas de conteúdos imaginativos. Do mesmo modo, é inegável que, aqui no Brasil, haja uma grande dificuldade de se explicar a derrota a partir de argumentos próprios ao jogo. Além disso, é verdade que o intenso assédio da imprensa, em muitos momentos, mostrou-se exagerado e repetitivo. Entretanto, não é possível negar que Ronaldo fora poupado da responsabilidade da derrota e que a imprensa tenha feito um esforço, não para destruir o mito, como afirma Caldeira, mas sim, para mantê-lo. Um mito que certamente sofrera abalos com a derrota, mas cujo fim esteve longe de ser decretado. Ao invés de pensarmos que a versão da convulsão foi útil para salvaguardar somente alguns membros da comissão técnica, que se isentaram de responsabilidade depositando-a sobre Ronaldo, é importante lembrarmos que ocorreu o contrário. A atmosfera dramática e investigava, em torno da crise convulsiva, capitalizou a atenção de todos e tornou inviável,

---

<sup>113</sup> Para Jorge Caldeira, “vista pelo lado frio dos números e das concepções estratégicas, a final da Copa de 1998 mostrou uma merecida vitória francesa”. Em relação ao que ocorrera com Ronaldo, Caldeira sustenta no livro que o jogador teria manifestado um terror noturno, que é uma das formas de parassonia, ou seja, um distúrbio relacionado ao sono. Esse diagnóstico foi formado, tendo como base depoimentos e o histórico de Ronaldo que, segundo o jornalista, desde pequeno apresentava crises de sonambulismo.

antes de tudo, a culpabilização de Ronaldo. Ou seja, graças ao enfoque na convulsão, o próprio Ronaldo salvara-se de tornar-se um dos vilões da derrota de 1998.

A comoção nacional provocada pela possível gravidade de seu estado de saúde, sua fragilidade emocional e física reveladas pela convulsão fizeram de Ronaldo o personagem de um drama com o qual nos solidarizamos. De sujeito que amarelava diante de uma final de Copa, o jogador passou à condição de menino, vítima de um cruel sistema mercadológico. A narrativa dos fatos se fez a partir de vagas e conflitantes informações, fragmentos que selecionados poderiam dar corpo a diferentes interpretações do que teria ocorrido. Nesse sentido, Caldeira está certo ao afirmar que houve um grande investimento imaginativo nos relatos sobre o caso Ronaldo. Entretanto, é necessário convir que não é nada corriqueiro, que o mais importante jogador da seleção brasileira tenha uma crise convulsiva, em seu quarto, cinco horas antes da final de uma Copa do Mundo. Essa descrição mais parece ter saído do roteiro de um filme de suspense, portanto, o evento por si só era bastante convidativo a especulações e devaneios.

Acreditar que Ronaldo sofrera uma crise convulsiva, pois não suportava mais a pressão do futebol mercantilizado e que fora vítima do mesmo, também tem um quê de imaginação. Trata-se de uma interpretação possível, verossímil e deliberadamente escolhida. Afinal, os mesmos fragmentos que serviram de base para essa conclusão, poderiam servir de argumento para que se pintasse Ronaldo como um verdadeiro mercenário, que de tão ávido por dinheiro se expusera em demasia e colocara sua própria saúde em risco. Que de tão ávido entrara em campo, pressionado por muitas contratuais, colocando o bem da seleção em segundo plano. Seria verossímil concebê-lo como um mercenário da pior espécie, como um mero garoto-propaganda, um egoísta, covarde, ou um perdedor, como Caldeira afirmou que a imprensa teria feito. Mas a versão final fez de Ronaldo um garoto cuja inexperiência tornou-lhe passível de ser manipulado por gente inescrupulosa, interessada apenas em lucros. Essa versão foi uma opção narrativa e que pode ser compreendida como um esforço para se manter vivo o mito Ronaldo, que era forte demais para ser destruído em tão pouco tempo. Afinal, estávamos diante de um fenômeno que aos 21 anos já disputava sua segunda Copa<sup>114</sup>, que havia sido eleito o melhor jogador do mundo pela FIFA, que desde os 17 atuava em gramados europeus e cuja imagem era reconhecida por cerca de 36% da população mundial. E, além de tudo, um jogador de qualidades físicas e técnicas que impressionavam.

---

<sup>114</sup> Ronaldo fez parte da seleção, na campanha do tetra, em 1994. Entretanto ficou no banco de reservas em todas as partidas.

A Copa de 1998 seria aquela em que Ronaldo brilharia como nunca, tanto em termos de marketing, como em termos esportivos. Segundo manchete do jornal *O Globo*, o jogador era “O craque do século XXI” (31/05/1998). O caderno esportivo *Ataque* na edição de 28/05/1998 estampou uma foto de Ronaldo com a manchete “Brilho solitário”, fazendo referência ao fato de que o jogador era o que mais se destacava dentre os demais da seleção, pelos importantes gols que fazia e pela qualidade do futebol apresentado. Talento e, também, dedicação, demonstrada em fortes declarações como a publicada pelo *Jornal do Brasil*: “Estou disposto a morrer em campo. Não importa se está doendo o joelho ou o tornozelo, o que importa é o jogo” (*O Globo*, 12/07/1998). Até, então, estávamos na véspera do jogo e ninguém poderia supor que no final da história tudo seria diferente. E nem Ronaldo seria capaz de presumir que, em poucas, horas ele passaria próximo, muito próximo do reino da vilania, chegando mesmo a adentrar nele já buscando acomodação no círculo dos que amarelam em finais. Mas ele foi salvo dessa condição e quatro anos depois, lá estava Ronaldo no topo do mundo novamente, como um dos pentacampeões na Copa de 2002.

A mesma sorte não teve outro quase vilão, Zico. Três Copas disputadas e nenhum título conquistado. Uma situação por si só incômoda e que foi agravada pela perda de um pênalti contra a França, nas quartas de final da Copa de 1986. Perdas de pênaltis são um caminho quase certo para a vilania, principalmente em jogos decisivos. A responsabilidade é quase toda depositada em quem bate, já que excetuando o goleiro, não há obstáculos que impeçam a entrada da bola que espera parada pelo chute certo. Parece a condição ideal para se fazer um gol, já que é possível calcular o tipo de chute, assim como o espaço em que se deseja colocar a bola.<sup>115</sup> Mas trata-se de um momento pleno de tensão, pois a aparente facilidade pode transformar um pênalti perdido, em pecado mortal. Embora o jogador demonstre coragem em aceitar tal empreitada, seu erro pode convertê-lo em vilão rapidamente. É provável que todo torcedor carregue no coração o peso da tristeza de um pênalti perdido. Os corintianos, por exemplo, têm dificuldade em esquecer aquele penal desperdiçado por Marcelinho Carioca, no jogo contra o seu maior rival, Palmeiras, durante a

---

<sup>115</sup> O conto “Penalidade máxima” de Flávio Carneiro narra uma interessante cobrança de pênalti protagonizada pelo goleiro Carlos Magno e o jogador Lúcio: “Não dava para voltar atrás, começara com perna esquerda e depois a direita, ainda de leve, aumentou um pouco a velocidade, correndo devagar, em câmera lenta, igual ao Pelé, um ritmo calculado, insinuando que iria aumentar a velocidade até chegar na bola, de repente desacelerou, segurou o corpo, firmou o corpo num equilíbrio difícil, só o Pelé conseguia isso, pensou, e ele acabara de conseguiu (...) Com os olhos bem abertos vislumbrou todo o imenso espaço do lado esquerdo e tocou a bola com firmeza, convicto. Viu a bola rolando, rasteira, no rumo certo, não podia ver mais sentia no íntimo o desespero de Carlos Magno ao perceber que fora enganado, humilhado, que estava perdido, não podia voltar o corpo pro outro lado e abraçar ou espalmar a bola, completamente fora de alcance. Lúcio não pensava em nada, pela primeira vez nesse dia não pensava em nada, via apenas, saboreava a bola na sua trajetória certa, linear, até o momento em que ela, caprichosa, resvalou na borda de um buraco, uma pequena irregularidade do terreno. Estático sem acreditar Lúcio viu a bola desviando seu rumo até chocar-se, suave e inevitável, com a trave” (2006, 80).

semifinal da Taça Libertadores de 2000. E o que falar dos vascaínos, que deram adeus ao título do Mundial Interclubes, em 2000, depois que Edmundo não conseguiu converter um pênalti decisivo.

A torcida canarinho também possui uma lembrança traumática associada a um pênalti perdido. Tão traumática que durante a Copa de 1990, o treinador Sebastião Lazaroni, antes do jogo contra a Argentina, informou que colocaria os jogadores para treinarem cobrança de pênalti. Na matéria intitulada, “Pênaltis assustam mais que Maradona”, soubemos que “a grande preocupação entre os brasileiros é a possibilidade de o jogo terminar empatado e acabar sendo decidido na cobrança de pênalti. O trauma de 1986 está bem vivo na memória do grupo”(JS, 22/06/1990). Havia quatro anos apenas que a seleção fora eliminada pela França em jogo dramático. Até os 27 minutos do segundo tempo, a partida seguia empatada em 1 X 1, quando o lateral Branco entrou livre na área, sendo derrubado pelo goleiro francês, Bats. Pênalti marcado. A alegria dos jogadores da seleção é imensa e alguns deles se atiram sobre Branco que, ainda sentado no chão, abre os braços para recebê-los. Uma cena, sem dúvida, emocionante que contrasta diretamente com a tristeza sentida após o pênalti batido.

Foi Zico o escolhido para a difícil missão e, aparentemente, não havia ninguém melhor do que ele para cumprir tal tarefa. Um pênalti seria algo simples para um jogador de tamanha habilidade, conhecido por perfeitas cobranças de falta. Como dizia a música “Camisa 10 da Gávea” de Jorge Bem Jor: “Ô, ô, ô / Falta na entrada da área/ Adivinha quem vai bater/ É o camisa 10 da Gávea/ Ele tem uma dinâmica física rica rítmica (...)”. Além do mais, parecia justo que ele realizasse a cobrança, pois mesmo estando fora de forma<sup>116</sup>, dois minutos foram o suficiente para Zico mudar o panorama daquele jogo. Ao entrar na partida, aos 25 minutos do segundo tempo, o jogador deu um passe magistral para Branco que resultou em pênalti. Porém, às vezes o mais fácil é o mais complicado e o inesperado aconteceu. A bola chutada por seus pés foi parar nas mãos do goleiro Bats. Michel Platini, outro jogador de talento, também, não conseguiu converter um pênalti naquele jogo. A diferença é que a França, mesmo assim, seguiu em frente na Copa, enquanto o Brasil teve que retornar para casa de mãos vazias. Sermos eliminados e assistirmos a um dos maiores ídolos do futebol brasileiro, contribuir de algum modo para isso, era desilusão demais para uma só Copa.

A pergunta “Por que o Brasil perdeu?” que, inevitavelmente, pulularia em toda a imprensa no dia seguinte, parecia ter uma resposta simples e direta, bem ao estilo das narrativas da derrota: perdemos porque um pênalti a favor do Brasil fora desperdiçado durante

---

<sup>116</sup> Zico se recuperava de grave lesão no joelho, sofrida em 1985.

os noventa minutos do jogo. Sendo assim, o jogador que cometera esse deslize seria o candidato certo e seguro para vilão. Porém, não se tratava de qualquer jogador, mas sim daquele que gozava de amplo prestígio nacional e internacional. Zico era sinônimo de talento, de extrema habilidade e sinônimo de gol. Um jogador que segundo o escritor Mario Vargas Llosa possuía um genial toque de bola, sendo, por isso, um dos mais importantes representantes da escola brasileira de futebol (2006, 66). Em 1983, quando o Galinho de Quintino foi vendido para o clube italiano Udinese, o compositor baiano, Moraes Moreira, se perguntava amargurado: “E agora como é que eu fico/ nas tardes de domingo/ sem Zico no Maracanã”.

Portanto, havia motivos fortes para que aquele pênalti perdido não definisse a carreira de Zico. A trajetória do jogador de fato parecia ser maior do que aquele infeliz instante e a imagem que tínhamos dele, enquanto ídolo e craque, também. Craque que vestia a camisa 10 da seleção, por si só portadora de uma “magia” protegida e alimentada tanto pelo torcedor como pela imprensa. Zico, portanto, era mais um mito difícil de ser quebrado, mesmo após o duro golpe da derrota de 1986. A culpabilização do jogador chegou a ser insinuada em algumas interpretações dadas ao fracasso da seleção. Entretanto, mesmo que em alguns momentos, as críticas tenham sido duras, as mesmas são contrabalançadas pela evocação de qualificativos positivos. A matéria principal do *Jornal dos Sports*, por exemplo, elegeu Zico o personagem principal da participação da seleção naquela Copa, mas não somente por ter perdido o pênalti. Foram mencionadas as expectativas em torno de sua presença na Copa, o que para quase todo brasileiro seria imprescindível, pois se ele estivesse em campo “nossa seleção chegaria tranquilamente à vitória, com o *toque mágico do craque rubro-negro*” (Grifos meus, 22/06/1986). No momento da cobrança da penalidade “o *Galinho* se preparou. E veio a grande primeira decepção: um chute bisonho e a defesa, não muito difícil para o goleiro Bats” (22/06/1986).

Destaca-se na descrição o recurso ao apelido *Galinho* carinhosamente dado a Zico. Já é clássica a interpretação que Sérgio Buarque de Holanda deu ao freqüente uso da terminação “inho”. Segundo o autor, o diminutivo “serve para nos familiarizar com as pessoas e os objetos e, ao mesmo tempo, para lhes dar relevo. É a maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e, também, de aproximá-los do coração” (2006, 162). Zico estava bastante próximo do coração de muitos brasileiros e há um claro constrangimento em criticá-lo. O jornalista Marcelo Rezende notou essa dificuldade e argumentou que a facilidade com que se estava culpabilizando Telê Santana demonstrava a falta de coragem de “apontar, talvez por respeito ou comiseração, uma das causas principais da derrota: havia lá dentro de campo (...)

uma geração marcada pelas trapaças da derrota” (*Veja*, 30/06/1986).<sup>117</sup> Embora o jornalista tenha pretendido analisar a derrota da seleção sob uma perspectiva menos comiserativa, não é esse o resultado que se pode observar, principalmente em relação a Zico. O pênalti perdido compreendido como fundamental para a eliminação do Brasil foi assim descrito: “Aos 28 minutos, *lançamento genial*, Zico deixa Branco sozinho na área – só resta o goleiro Bats (...) Zico, *o grande Zico*, toca fraco, indefinido, *como se buscasse sem conseguir*, o canto esquerdo” (Grifos meus, *Placar*, 30/06/1986). Uma descrição quase poética e nada isenta de compaixão por Zico.

Parte desse sentimento se explica, pois o jogador protagonizara uma verdadeira luta contra o tempo e contra o próprio corpo para que pudesse participar daquela Copa. Em 1985, Zico sofrera uma grave lesão no joelho e nos meses que antecederam a Copa sua participação ainda era uma incógnita. Seu drama pessoal ocupava grande espaço na imprensa e seu incessante esforço para poder ser convocado, causava uma espécie de comoção nacional. A confirmação de sua participação foi festejada, pois tê-lo em campo, mesmo que sem as condições físicas ideais, parecia-nos imprescindível para vencermos aquela Copa. Sendo assim, a perda do pênalti representava não apenas uma derrota da seleção, mas uma derrota pessoal para aquele que segundo Juca Kfourri havia batido “todos os recordes de abnegação num sacrifício heróico, compulsivo. O drama de Zico não foi menor. Era a esperança de todos, o salvador” (*Placar*, 30/06/1986).

O Galinho estava mesmo muito próximo a nossos corações, despertando, já antes da Copa, sentimentos de solidariedade. E estava, indelevelmente, colado aos corações dos rubro-negros cariocas — a maior torcida do país. Na chegada do jogador ao aeroporto internacional do Rio de Janeiro, duas faixas estendidas diziam: “Zico, não medimos o seu valor por um pênalti perdido. Você é o melhor” e “Zico: Flamengo é eterno e você faz parte dele”. Em seu primeiro treino, após a Copa, no clube da Gávea outras faixas diziam “Zico! A nação rubro-negra está com você e fim de papo”. Grande parte da imprensa esportiva, certamente, levou em conta a forte ligação afetiva que os rubro-negros mantinham com Zico e esse fator pesou no abrandamento da perda do pênalti e na sua não-culpabilização da derrota. Mas, como já foi dito, toda derrota tem um culpado. E em 1986, Telê Santana foi o eleito. Ao invés de se criticar Zico por ter desperdiçado a cobrança, grande parte das acusações tiveram como alvo o técnico da seleção que teria permitido que um jogador, ainda sem condições ideais de jogo, batesse um pênalti tão importante. Para o comentarista, Washington Rodrigues, Telê havia

---

<sup>117</sup> “Toda a dramática história do 21 de junho de 1986, o dia em que erros e fatalidades mataram nossos sonhos de vitória”. *Placar*. 30/06/1986.

cometido duas graves falhas, a primeira referia-se à escalação de Sócrates e a segunda relacionava-se a Zico que “não podia ter batido aquele pênalti. É um superatleta, devemos reverenciá-lo, mas estava frio no jogo e houve erro de comando em deixá-lo bater” (22/06/1986). Para o narrador esportivo José Carlos Araújo “Telê tem que assumir. Ele é o *único* culpado pela derrota brasileira” (*O Dia*, 22/06/1986) Quanto ao lance que foi capital para a partida, José Carlos comenta: “Lamento o pênalti perdido pelo Galinho no tempo normal, quando a gente sabe que isso não é comum” (*O Dia*, 22/06/1986).

A diferença de tratamento é impressionante. Para Telê as culpabilizações são feitas de modo direto, sem titubeio e de modo bastante ríspido, quase como uma sentença. Já Zico desperta comoção e sua falha é retratada como resultado da falta de comando do técnico. Vilões são vilões, em parte, porque quase ninguém se dá ao trabalho de defendê-los. O Galinho de Quintino, ao contrário, se tinha detratores, tinha o dobro de defensores, principalmente no Rio de Janeiro. Embora, a perda do pênalti não deixasse de causar indignação é notável como a responsabilidade da derrota não recaiu totalmente em Zico. Nesse sentido, é exemplar uma série de debates promovida pelo *Jornal dos Sports* e intitulada “Por que o Brasil perdeu a Copa do mundo”, que consistia numa espécie de mesa-redonda formada por jornalistas ligados ao periódico e pelos convidados Gérson, ex-jogador, e os técnicos Jair Pereira e Carlos Alberto Parreira. O conteúdo foi publicado entre os dias 27, 28 e 29 de julho e o objetivo principal do mesmo seria analisar os motivos da derrota da seleção. Tal análise se resumiu em elencar culpados, dentre os quais foram citados: Telê que, segundo Gérson, “sempre foi um perdedor”; e os dirigentes da CBF, responsáveis pela desorganização na preparação da seleção para a Copa e pela falta de investimento nas categorias de base do país. Em nenhum momento nesse longo debate se levanta a hipótese de culpar Zico.

E tal responsabilização era plenamente viável. Embora, o goleiro francês Bats, tempo depois tenha confessado que costumava estudar a forma como Zico cobrava pênaltis (Soter, 2002, 173), é preciso reconhecer que o jogador brasileiro contribuiu bastante para a defesa do penal. O pênalti fora incrivelmente mal batido, a bola chutada à meia altura e sem força foi defendida por Bats com alguma facilidade, fazendo com que o goleiro se redimisse, naquele mesmo jogo, do pênalti que ele próprio provocara ao derrubar Branco na área. Esse detalhe não passa despercebido e na avaliação do desempenho de Zico naquela partida feita pelo *Jornal dos Sports* concluiu-se que ele “foi displicente” na cobrança (22/06/1986). Ocorre que mesmo que se tenha reconhecido a falha de Zico, a mesma é interpretada como conseqüência de uma falha maior e mais decisiva, cujo responsável seria o teimoso Telê Santana. Mas, além do técnico outra figura fora invocada para explicar o tropeço do Galinho:

a sorte. Um recurso bastante comum no território futebolístico que, no Brasil, é perpassado por crenças e superstições.<sup>118</sup> E de fato, naquele Brasil e França, o “sobrenatural de Almeida” parecia estar em ação e, por algum motivo, agindo contra nós. Por isso, a revista *Veja* se perguntava:

O que dizer de uma partida em que dois dos maiores astros do futebol mundial, Zico e Platini, erram pênaltis? Como encarar a caprichosa ironia que fez o erro de Zico decisivo e o de Platini irrelevante, que faz o acerto de Zico na série de pênaltis, inútil e o de Platini, ao marcar o gol no empate da França, vital para o desfecho da partida (...) Foi uma overdose de emoções, de imprevistos e de lances ilógicos (28/06/1986).

Não era nada lógico que Zico perdesse aquele pênalti, pois como afirmou Telê Santana “Só ele poderia bater. Tinha um índice de aproveitamento fantástico. No Flamengo e na Seleção. Nem precisei autorizar” (*apud* Heizer, 2001, 226). E se não era comum Zico deixar de converter pênaltis, restáva-nos buscar consolo no domínio mágico em que a ação humana é limitada e onde até os craques podem errar. Pois, como o próprio Zico afirmou “quando está escrito, não adianta” (*JS*, 22/06/1986). Em outro momento desabafou: “Não nasci para ganhar o Mundial” (*O Dia*, 22/06/1986), e essa impressão era reforçada por alguns fatores: aquela já era a terceira Copa disputada pelo jogador; as seleções de 1982 e 1986, que tinha ele como um dos principais nomes, apresentavam um futebol vistoso, sendo compostas por jogadores extremamente habilidosos que teoricamente juntos seriam imbatíveis. Talento de sobra que, entretanto, não conseguiu trazer um título mundial para o país. Por isso, mesmo não sendo considerado pela imprensa, como um vilão, a fama de pé-frio tornou-se inevitável.

Afinal seria falso acreditar que a perda do pênalti não tenha deixado marcas na imagem de Zico. A fama de pé-frio e perdedor revela como Zico passou bem próximo da vilania da Copa e mesmo que, grande parte da imprensa, tenha-o protegido, alguns destroços da derrota o atingiram. Até mesmo porque é muito provável que a recepção da perda do pênalti, no meio dos torcedores – excetuando-se os rubro-negros – tenha sido bem menos

<sup>118</sup> A relação entre o jogo e o sagrado foi bastante ressaltado por Huizinga em seu *Homo ludens*. Especificamente no que diz respeito ao futebol brasileiro, é interessante notar como esse esporte é freqüentemente perpassado pelo sentimento religioso. É comum jogadores se benzerem quando entram em campo ou carregarem no peito medalhas com retratos de santos, como faz Luis Felipe Scolari que beija a imagem de Nossa Senhora de Caravaggio, presa em seu pescoço. Em termos de superstição, Mário Lobo Zagallo parece ser imbatível com sua quase obsessão pelo número 13.

Alguns times brasileiros possuem santos protetores. Em São Paulo, o Corinthians tem como protetor São Jorge e no Rio, São Judas protege o Flamengo. Por sua vez, o time carioca, Vasco da Gama, protagonizou uma história cercada de mistério e misticismo. Segundo Mário Filho, em 1937, após ter goleado o time do Andaraí por 12 a 0, uma praga fora rogada ao Vasco. O jogador Arubinha, sentindo-se humilhado pela goleada desabafou “Se há um Deus no céu, o Vasco tem de passar doze anos sem ser campeão” (1994, 174). Arubinha não apenas proferiu tais palavras, mas diz que certo dia foi a São Januário e enterrou um sapo no campo. Não se sabe ao certo se a praga ficaria valendo desde a data em que fora proferida, 1937, ou do último ano em que o Vasco se sagrara campeão, 1934. De qualquer modo, somente em 1945 é o que o time cruzmaltimo voltou a levantar uma taça. Entretanto, no final da década de 1960 houve uma forte suspeita de que a praga de Arubinha fosse verdadeira, afinal o Vasco se encontrava em um jejum de títulos desde 1958. Pai Santana, o massagista do clube, organizou um grupo de médiuns e foi ao campo de São Januário para rezar e fazer oferendas aos Orixás. Em 1970 – 12 anos após 1958! –, o Vasco voltou a conquistar título e segundo pai Santana “desde aquele dia o Vasco só melhorou” (*apud* Bellos, 2002, 169) Pai Santana se transformou em uma figura ilustre, sendo sempre homenageado pela torcida.

generosa do que foi na imprensa esportiva. Muitas cartas recebidas na redação de alguns jornais deram claras demonstrações de fúria contra Zico. Pois se o forte vínculo entre Zico e Flamengo foi importante para livrá-lo da vilania, por outro lado deve, também, ter servido de motivação para detrações.<sup>119</sup> A alcunha de pé-frio se manteve com o passar do tempo. Na Copa de 1998, quando foi contratado para ser o diretor técnico da seleção brasileira, a revista *Isto é* comentou que aquela seria uma ótima oportunidade para Zico “afastar a fama de pé-frio e corrigir uma injustiça mundial” (11/03/1998). Mas a final conturbada e a perda do campeonato ajudaram a manter a imagem de azarado. Na Copa de 2006, quando foi contratado para ser técnico da seleção japonesa, Zico em entrevista foi perguntado se o fato de ser chamado de pé-frio, o assustava e o jogador respondeu dizendo: “Isso aí não me importa não. Me chamam de pé frio, de derrotado, de tudo, de perdedor. Isso aí são coisas que a gente passa por cima, com tranqüilidade”.<sup>120</sup>

Entretanto, é inegável que ausência de um título de Copa do Mundo represente uma lacuna significativa em sua trajetória. Certamente, se Zico tivesse conquistado, seja em 1982 ou 1986, a taça do mundo, seu nome, aqui no Brasil, seria colocado lado a lado ao de Pelé. Entretanto, mesmo que o estigma de perdedor na seleção lhe acompanhe é inegável que a trajetória de Zico não foi reduzida àquele pênalti perdido e nem à derrota de 1986. Essa operação de recorte, imprescindível à configuração dos vilões não lhe foi aplicada, pois, como já foi dito, não se estava falando de qualquer jogador, mas de um craque cujo talento era inegável, de um camisa 10 da seleção que para muitos brasileiros representava um ídolo.

Tanto Zico quanto os outros *quase* vilões, aqui apresentados, tinham sua imagem anexada ao talento com a bola, não um talento comum, mas aquele relacionado à escola brasileira de futebol. E, sem dúvida, havia motivos concretos para que nós os admirássemos, nutríssemos expectativas e mantivéssemos laços de afetividade com os mesmos. Por isso, não faltaram vozes que saíssem na defesa desses jogadores, exaltando suas qualidades, recordando sua trajetória profissional ou vislumbrando um futuro redentor. Ao criticá-los ficam claros o tom eufemístico e o tratamento cuidadoso e menos sentencioso dado às avaliações de seu desempenho em campo. Além disso, suas falhas são vistas como resultado de algo que ultrapassa sua responsabilidade. Zico perdeu o pênalti, mas o erro foi de Telê que lhe entregou essa tarefa; Ronaldo, o Fenômeno, foi vítima da mercantilização do futebol; e Ronaldinho Gaúcho deixou de brilhar por conta do esquema tático de Parreira. Tudo ao contrário do que

<sup>119</sup> Há algumas comunidades no Orkut, retratando Zico como um pé frio. É interessante notar que seus participantes, antes de tudo, detestam o Clube de Regatas Flamengo.

<sup>120</sup> Globo Esporte, 05/06/2006. Arquivo pessoal.

ocorre com os vilões: nunca poupados, raramente defendidos e cujas falhas são quase sempre interpretadas como fruto de sua covardia, cobiça e outros qualificativos negativos que questionam seu caráter e sua permanência na seleção.

Os *quase* vilões evidenciam que ninguém é vilão por acaso. E, como já foi visto, esse aspecto aponta para o caráter pouco neutro e objetivo da eleição dos responsáveis por uma derrota. Por outro lado, no caso específico dos quase-vilões é demonstrado que, de fato, apenas noventa minutos não são suficientes para definir a trajetória de um jogador.

### 3.3 Os vilões redimidos

Como já foi dito não se nasce vilão, mas se torna. Sabemos, por exemplo, que os jogadores da seleção de 1950 amanheceram como heróis no dia 16 de julho, mas anoiteceram taxados de perdedores e alguns deles foram transformados em vilões. Entretanto, a vilania não é uma condição permanente ou perpétua. Há sempre a possibilidade de redenção, pois nada impede que no futuro um jogador, ou algum outro profissional da bola, seja desencantado da condição de vilão. E isso ocorrerá não apenas por uma questão de sorte ou eventualidade. Será necessário que, de fato, algum jogador em campo apague a má impressão deixada no passado e, principalmente, deixada pela derrota. Entretanto, uma boa atuação por si só não basta, pois a vitória é fator imprescindível para que se dê a volta por cima. Nenhum vilão se redime com uma outra derrota. É preciso vencer e exercer um papel importante nessa vitória. Somente assim, todas as críticas lançadas no passado podem perder seu valor ou serem bastante enfraquecidas.

Foi esse fenômeno que ocorreu ao principal caso de vilão redimido da seleção: Dunga. Na edição do dia 16 de julho de 2007, do jornal *O Globo*, lá estava uma foto de Dunga sendo carregado nos braços dos jogadores da seleção brasileira. Tratava-se da comemoração do título da Copa América daquele ano, conquistado em cima da nossa arqui-rival Argentina. Uma conquista considerável para qualquer técnico, mas que ganha um significado especial se levarmos em conta que esse técnico já deu nome a uma geração extremamente questionada e condenada pela imprensa e pelos torcedores. Estou me referindo a chamada “era Dunga” ou a “era do nada” como a denominou Teixeira Heizer, pois representava “uma imagem desfigurada de tudo que havia sido feito por Zizinho, Didi, Gérson, Falcão, Sócrates, Zico e mil outros craques que ocuparam posições intermediárias nas seleções nacionais” (Heizer, 2001, 239). No início dos anos de 1990, principalmente depois

da eliminação da seleção da Copa desse ano, não devia ser fácil estar na pele de Dunga. Tudo nele nos desagradava, desde seu cabelo espetado e, principalmente, seu estilo de jogo, considerado truculento e “europeizado”. Seu nome era quase um xingamento.

Dunga era um jogador desacreditado e desdenhado, alvo de acusações e de deboche. Nessa época ninguém poderia imaginar que um dia Dunga sairia desse inferno e subiria aos céus, não de qualquer modo, mas segurando a taça de campeão do mundo. Foi isso que ocorreu em 1994, na conquista do tetracampeonato da seleção brasileira. Ao erguer a Taça, Dunga sacolejou-a, esbravejou bastante, gritou alguns palavrões, aparentando uma alegria imensa, ou melhor, uma espécie êxtase, temperado com o sabor da redenção, ou quem sabe, da vingança. Mas dias antes, era possível notar que os ecos de 1990, ainda repercutiam, pois Dunga começou a Copa de 94 questionado. No jogo contra a Suécia que terminou em empate de 1 X 1 o jornal *O Dia* considerou Dunga como um dos “peladeiros de Parreira” dono de “uma estupidez técnica” que espantava e irritava (29/06/1994). Porém, as vitórias da seleção e as boas atuações de Dunga foram aos poucos minimizando as críticas e ele transformou-se no capitão com C maiúsculo da seleção, o homem de confiança de Carlos Alberto Parreira. O jogador cobrou um dos pênaltis da seleção contra a Itália e ao convertê-lo todos podiam ouvir seu grito de comemoração. Um momento emblemático que passou a simbolizar a garra e a vontade de vencer, personificados na figura de Dunga.

Entretanto, embora ele tivesse demonstrado uma melhora no seu desempenho técnico, assim como enfatizado sua capacidade de liderança, suas características básicas haviam sido mantidas. Dunga continuava a ser um jogador de forte marcação e que não primava por jogadas bonitas e de efeito, tão valorizadas no futebol brasileiro. Dunga impôs-se com sua voz de comando, mas de um modo geral permaneceu aguerrido e duro de cintura. Entretanto, a forma pela qual ele passou a ser representado modificou-se. O capitão da seleção foi assim descrito pelo narrador Galvão Bueno, no momento da cobrança do penal: “Agora é a vez do *Rambo brasileiro*. Dunga! É com você. *A fibra, o símbolo da raça brasileira*, na seleção do Brasil, nesta Copa do Mundo” (Grifos meus).<sup>121</sup> É interessante perceber que em 1990, Dunga já mostrava talento para Rambo. Ele era o que se costuma chamar de “guerreiro”, corria de um lado para o outro, sempre pronto para roubar alguma bola e não dar espaço para o adversário. Porém, nessa época, não se costumava valorizar esse empenho todo.

Porém, da conquista de 1994 em diante, Dunga deixa a vilania pra trás e assume o posto de herói do Tetra. Em 1998, por exemplo, em uma pesquisa realizada pelo jornal *O*

---

<sup>121</sup> Brasil X Itália. Transmissão da Rede Globo de Televisão, narração Galvão Bueno, 17/07/1994. Arquivo pessoal.

*Globo*, Dunga foi escolhido como o jogador mais querido com 23% da preferência contra 16,9% de Ronaldo, o Fenômeno. Seu prestígio seguiu forte e nem mesmo o vice-campeonato foi capaz de abalá-lo. Em 2006, o ex-técnico da seleção, Carlos Alberto Silva, ao comentar a eliminação da seleção pela França, disse que na seleção “faltou alguém como Dunga, chegar no vestiário, no intervalo, e enfiar a mão na cara de todos (...). Tive saudades do Dunga, que saudades do Dunga” (*Estado de São Paulo*, 02/07/2006). O capitão se converteu em nosso Obdulio Varela, alguém cuja capacidade de liderança era invocada como solução para os maus resultados da seleção.<sup>122</sup> Seu nome se transformou em sinônimo de dedicação, disciplina e seriedade, que passou a ser invocado em caso de derrota. Principalmente derrotas consideradas resultado da “máscara”. Não é sem motivos que logo após a eliminação da Copa de 2006, Dunga tenha sido escolhido para comandar a seleção, com o objetivo de imprimir-lhe disciplina e para dar fim a possíveis privilégios de jogadores como Ronaldinho Gaúcho e Kaká.

Essa escolha surpreendeu grande parte da imprensa, afinal Dunga não tinha experiência como treinador. Mas todos sabiam que não era exatamente de sua experiência enquanto técnico que todos precisavam, mas de sua imagem forte e austera. Imagem ancorada por uma mudança de postura de Dunga, mas, principalmente, avalizada pela conquista de 1994. Uma conquista que ressignificou seus gestos. Se em 1990, suas principais características como a garra, a disciplina e empenho físico, motivavam críticas e detrações, após 1994 aquelas mesmas características passam a ser valorizadas. Transformaram-se numa espécie de antídoto contra jogadores mascarados e que não compreendem a importância de atuar pela seleção. No lugar da serenidade de Parreira, entrou Dunga que nas palavras do Presidente da CBF Ricardo Teixeira representava uma escolha que atingiria “em cheio o anseio dos torcedores brasileiros que querem na seleção um treinador vibrante” (*Folha de São Paulo*, 25/07/2006).

É inegável que o aceite de Dunga para comandar a seleção tenha sido uma demonstração de coragem. Como já vimos, técnicos são sérios candidatos a vilões. Quase todos que passaram pela seleção e não conseguiram o resultado desejado, foram culpabilizados pelo mau desempenho da canarinho. Portanto, Dunga arriscou-se – e ainda se arrisca – a ter uma outra vilania em seu currículo. No início de sua gestão, o ex-capitão teve que conviver com a desconfiança e com as críticas da imprensa, principalmente, porque,

---

<sup>122</sup> Embora no Brasil, o futebol-arte sirva como base para nossa imagem e auto-imagem futebolística, é interessante perceber que em caso de derrotas é muito comum invocar a figura da autoridade, da raça e da garra. Em 1950, Obdulio tornou-se referência e em 2006 foi a vez de Dunga.

decidiu deixar no banco jogadores como Kaká e Ronaldinho Gaúcho. Até mesmo seu estilo de vestir foi questionado e, em certos momentos, ridicularizado.<sup>123</sup> Mas ao contrário de 1990, Dunga respondeu à altura e demonstrou grande paciência com a imprensa. Muitas respostas dadas em coletivas eram malcriadas e até mesmo agressivas. Certa vez ao ser questionado sobre a escalação da seleção para a Copa América de 2007, Dunga disse que a imprensa era movida por interesses pessoais e que os jornalistas não compreendiam nada de futebol, pois se limitavam a observar o jogo de dentro de seus estúdios.

Embora criticado, os ventos sopraram a favor do ex-capitão. A conquista da Copa América de 2007 silenciou grande parte de seus críticos, afinal já vimos que o resultado final fala sempre mais alto. Após a Copa América, claramente sua postura tornou-se mais dura com a imprensa, afinal agora estava respaldado por um resultado concreto e difícil de ser questionado. E isso resultou em maior ironia e grosseria direcionada, principalmente, aos repórteres que questionassem o desempenho técnico da seleção. Nas eliminatórias da Copa de 2010, o jornalista Cícero Melo da ESPN perguntou-lhe porque a seleção costumava empatar em jogos fora de casa, mesmo jogando com equipes inferiores a ela. Dunga com rispidez respondeu: “A seleção sempre joga para vencer. Gostaria que nas próximas vezes que você fizesse uma pergunta, fosse mais curta, não fizesse um monólogo todo para me irritar” (*O Globo*, 16/10/2007). Foi necessário que o assessor de imprensa da CBF, Rodrigo Paiva, intervisse para que a discussão não ganhasse uma dimensão maior.

A imprensa passou a dizer que o apelido mais apropriado para Dunga, seria o de Zangado. Juca Kfourri, por sua vez, comentou que o treinador da seleção se comportava como um novo rico, um emergente que se vê fascinado com o poder e perde as medidas, tornando-se arrogante e mal educado (*Folha de São Paulo*, 25/11/2007). Já o jornalista Luis Mendes, também, buscou uma explicação para o excesso de mau humor de Dunga com os repórteres. Para Mendes, o ex-capitão, provavelmente de modo inconsciente, se vingava das acusações e críticas feitas pela imprensa em 1990. E é bem possível que essa hipótese de ordem psicológica tenha lá seu fundo de verdade. Seria uma vingança de certa maneira justa, afinal poucos vilões foram tão impiedosamente perseguidos quanto Dunga. Uma perseguição muitas

---

<sup>123</sup> A filha de Dunga, estudante de moda, tentou modificar o visual do pai, tornando-o mais moderno e “arrumadinho”. O técnico substituiu os uniformes esportivos, por trajes mais descolados e antenados como a moda. Camisas de gola rolê, lenços vermelhos pendurados no paletó foram algumas das tentativas de modificar o estilo de Dunga vestir-se. Mas uma dessas tentativas não deu muito certo. Em jogo contra Portugal, realizado em Londres, no início de 2007, Dunga trajou uma camisa estampada com flores em preto e branco. A imprensa nacional e até a estrangeira pegou no pé do treinador. Segundo a *Folha de São Paulo*, o diário *As* da Espanha fez o seguinte comentário sobre a vestimenta de Dunga: “uma camisa carnavalesca que seguramente não usará mais” (08/02/2007). Já o diário argentino *Olé* foi mais incisivo e debochado, estampando a manchete “Brasil passou vergonha pelo 2 a 0 de Portugal e pela incrível camisa de Dunga” (07/02/2006).

vezes injusta. No jogo contra a Argentina, por exemplo, em que o Brasil foi eliminado da Copa de 90, Dunga havia sido um dos melhores jogadores em campo.

Seja como for, a experiência da vilania parece ter influenciado o comportamento de Dunga. Se esse apelido lhe foi dado, pois assim como o anão homônimo da Branca de Neve, ele era baixinho, orelhudo, tímido e quieto, em 1994, essa última característica foi perdida de vez. Seu aspecto físico permaneceu o mesmo, mas Dunga mudou em alguns aspectos dentro de campo. Na copa de 1998, por exemplo, no jogo contra o Marrocos, o jogador fora flagrado pelas câmeras de TV, dando uma cabeçada em Bebeto após uma discussão em campo. Em 1990, ele estava longe dessa postura. Em meio a jogadores falastrões e reclamações como Romário, Renato Gaúcho e Casa Grande, Dunga passou a Copa quase em silêncio e de cabeça baixa. Quatro anos depois, ele aprimorou-se tecnicamente e, principalmente, passou a impor-se em campo, pois como ele mesmo confessou tratava-se de uma necessidade que devia ser cumprida “se for possível, até gritando com os companheiros” (*O Dia*, 01/06/1994). Enquanto técnico, Dunga parece seguir os mesmos passos, em busca de afirmação. A placidez e a apatia de Parreira foram substituídas por demonstrações de austeridade e impaciência.

Entretanto, Dunga deveria lembrar que se a imprensa ajudou a construir sua vilania em 1990, ela mesma auxiliou a erguer a figura do “capitão do tetra”. No dia seguinte, após o Brasil garantir vaga na final da Copa de 94, em jogo contra a Suécia, a edição do jornal *O Dia* estampou em sua primeira página, uma foto ampliada de Dunga, com a seguinte legenda: “O guerreiro Dunga, mais uma vez foi uma segurança para a defesa e ainda ajudou a armação do ataque brasileiro” (14/07/1994). Esse mesmo jornal como foi citado acima, no início da Copa, havia questionado de modo ríspido a presença de Dunga na seleção. Portanto é um tanto inútil esse visível embate entre Dunga e a imprensa esportiva. Não é com respostas arrogantes que o técnico da seleção conseguirá calar os repórteres ou torná-los mais justos e coerentes. A imprensa suporta muito bem sua falta de humor ou sua grosseria, e faz dela mais um espetáculo a ser mostrado nos jornais ou na TV. Caso ele permaneça no cargo de treinador da seleção até a Copa de 2010, Dunga precisa mesmo é se preocupar em vencer, pois técnicos perdedores são fortíssimos candidatos a vilões. E uma Copa do Mundo, ao contrário de uma Copa América, tem poder devastador. Dunga, por exemplo, tornou-se vilão em uma Copa e redimiou-se em outra.

Mas se a hipótese de Luis Mendes estiver certa e toda essa rispidez com a imprensa no fundo seja apenas a manifestação de um desejo de vingança, seria interessante que o técnico da seleção lembrasse de um ditado muito famoso no Brasil. Aqui, costuma-se dizer que há males que vem para o bem. E no caso de Dunga, não seria exagero dizer que a vilania

de 1990 lhe trouxe algum benefício, ao lhe obrigar a ter uma postura diferente na Copa de 1994. As inevitáveis pressões e críticas provavelmente motivaram Dunga a se esmerar na seleção. Se esse jogador tivesse saído incólume de 1990, talvez sua dedicação à Copa de 94 não fosse tão imperativa. E talvez a figura do “capitão Dunga” sequer tivesse existido. O ex-jogador, além disso, é um exemplo extremamente interessante de como o futebol é um universo dinâmico. Não foi sem motivos que em 2006, após a derrota para a França, o então técnico Carlos Alberto Parreira tenha citado o exemplo de Dunga para demonstrar que é sempre possível dar a volta por cima no futebol (*O Globo*, 02/07/2006).

E não é exagero fazer tal afirmativa, pois a vilania faz parte das “categorias pautadas pela emoção” (Toledo, 2002, 179), já que é conformada em meio ao turbilhão de sentimentos provocados pela derrota que pode, muito bem, ser minimizada ou mesmo esquecida com uma vitória futura. Dunga, o vilão da Copa de 1990, saiu consagrado em 1994 entrando para a história como o capitão do tetracampeonato. Suas características atléticas ainda eram bem próximas das apresentadas quatro anos antes, o que mudou mesmo foi a percepção que tínhamos desse jogador. Muito do que era considerado defeito, transformou-se em qualidade, bastou uma mudança radical de contexto. Em 1990 havíamos sido derrotados, já em 1994, ao contrário, saíamos de um jejum de 24 anos sem títulos mundiais. Em 2007, Dunga tornou-se técnico da seleção brasileira, algo impensável para aquele que chegou a dar nome a uma geração considerada como nociva ao futebol nacional. Embora tenha havido certa resistência à figura de Dunga — e independentemente do seu futuro no comando da seleção — sua incorporação não deixou de demonstrar que o *script* do futebol sempre pode ser reescrito.

## CONCLUSÃO

As Copas do Mundo são cenários ideais para o surgimento de heróis nacionais. Nomes como o de Pelé, Garrincha, Romário entraram para a história do futebol nacional graças às suas ótimas participações nas conquistas da seleção brasileira, no mais importante torneio de futebol do mundo. Um torneio que consegue parar o país toda vez que a seleção pisa no gramado em busca de mais um título. A seleção nacional e o futebol com o tempo se transformaram em elementos basilares para a construção identitária do Brasil. O futebol está presente nas conversas informais, na linguagem popular, em contos, filmes, romances, o que demonstra a força que esse esporte possui entre nós. E essa força é tão grande que nem mesmo a derrota consegue minguá-la. Se a vitória é amplamente aproveitada pela imprensa, o mesmo podemos dizer em relação à derrota. Talvez em nenhum outro país seja possível observar tamanho interesse pelo fracasso da seleção como o que se costuma demonstrar no Brasil. Talvez em nenhum outro lugar se faça da derrota um objeto de tamanha revolta e especulação.

A pergunta “por que o Brasil perdeu?” é típica de um contexto em que perder gera surpresa e indignação. Mas nem sempre foi assim. Houve época, como foi visto, que a derrota da seleção era uma rotina com a qual estávamos um tanto acostumados. Daí a euforia provocada pelo terceiro lugar em 1938, afinal os resultados pífios das Copas anteriores não nos permitia sonhar alto com conquistas. Leônidas e companhia conseguiram trazer esperança em glórias futuras, que se redobrou com a Copa de 1950. O Maracanã, construído em tempo recorde, aumentava a impressão de que finalmente o Brasil entraria no caminho do sucesso, tanto dentro quanto fora dos gramados. A seleção, por sua vez, embora tivesse iniciado o torneio de modo titubeante, chegou à partida final demonstrando um futebol envolvente e bonito de se ver. Mas os uruguaios estragaram a festa. E nossa tolerância com a derrota começou a tomar novos rumos. As conquistas de 1958 e 1962 consolidam nosso horror à derrota e daí por diante ela será recebida com frustração e revolta, sentimentos depositados quase que maciçamente sobre os vilões.

Vilões são os personagens centrais das narrativas da derrota. E a participação da seleção em Copas é um terreno fértil para a vilania, afinal, como vimos, toda derrota da seleção tem um culpado. Os vilões são resultado não apenas da nossa intolerância com o fracasso em campo, mas também da dificuldade que se costuma ter no Brasil em admitir que o adversário pode ter sido superior à nossa seleção. Nas análises das derrotas empreendidas por

jornalista e cronistas quase que não se faz menção ao fato de que do outro lado havia um adversário. Costuma-se olhar sempre para nós mesmos, para nossos possíveis defeitos, para nossa nossas mazelas compreendidas como a causa direta de um mau resultado. Ou melhor, para as mazelas e defeitos dos vilões, pois são eles que comportam tudo que há de errado e que é compreendido como a razão da derrota. Trata-se, sem dúvida, de uma visão simplificadora da própria dinâmica do futebol, afinal existem uma série de motivos que podem levar um time ao fracasso, e que precisam ser analisados em conjunto e não de forma isolada.

Atribuir a culpa a um pequeno conjunto de fatores, que geralmente estão relacionados a questões extracampo, é uma forma rápida de dar respostas às derrotas. É um meio de fomentar discussões e polêmicas duradouras que ocupam páginas e páginas na imprensa escrita. Brigas internas, problemas de relacionamento entre jogadores ou comissão técnica, declarações fortes, troca de acusações dão a tônica das narrativas da derrota produzidas por grande parte da imprensa nacional. Narrativas que conseguem transformar um jogo em uma história dramática, repleta de lágrimas, desespero e, muitas vezes, mistérios. O objetivo principal é atingir leitores e torcedores curiosos e também ávidos por esses excessos. Por intermédio da imprensa a derrota tem seu poder de alcance redobrado, afinal sem o auxílio de um veículo que pusesse em circulação as emoções despertadas por um jogo, provavelmente as mesmas minguariam pouco tempo depois dos 90 minutos.

Mas é importante lembrar que um dos fatores que deu – e ainda dá – suporte a esse fenômeno relaciona-se ao potencial que o imaginário futebolístico possui de fomentar relatos, fabulações, enfim histórias que em mãos hábeis como as de Mario Filho, ou seu irmão Nelson Rodrigues, podiam se transformar em narrativas dramáticas, cômicas, épicas, algumas chegando mesmo a tocar o fantástico. Um detalhe ganhando destaque aqui, outro sendo obliterado ali e assim 90 minutos de um jogo podiam ser convertidos em uma história que incorporada na memória coletiva e individual tornava-se passível de ser compartilhada e recontada ao longo do tempo. Hélio Sussekind tem razão ao afirmar que a possibilidade de converter os jogos de futebol em narrativas, orais ou escritas, foi um dos fatores importantes para a popularização desse esporte no Brasil (1996, 70). Por mais que uma partida seja emocionante devido a fatores relacionados à sua própria dinâmica, é difícil imaginar sua sobrevivência para além dos seus noventa minutos, sem a intermediação das histórias que dela derivamos. São essas histórias que tornam possíveis que muitos jogos sejam partilhados por um grande número de indivíduos e passem de geração a geração.

As narrativas futebolísticas precisam ser compreendidas enquanto mecanismos que não reproduzem, mas que reformulam os eventos esportivos, dando-lhes novas roupagens, investindo-os de uma dimensão fabulatória e dramática capaz de torná-los objeto de nossa atenção e, muitas vezes, fascínio. Os relatos de futebol não são o jogo em si, mas uma versão dele. E mesmo quando tais relatos têm a imprensa como veículo de produção e propagação, isso não impede que sofram interferência decisiva de observadores nada imparciais que não se cansam de lançar interpretações sobre aquilo que vêem e não vêem. Mesmo nos dias de hoje, em que vários recursos tecnológicos de ponta são capazes de captar todos os sons e imagens dentro de campo, causa impressão perceber como as especulações não cessam, alimentando lendas e mistérios em torno de uma determinada partida. Às vezes as informações em excesso se entrecruzam e se contradizem, restando um diz-que-me-diz-que quase infinito.

A final da Copa de 1998 é exemplar nesse aspecto. Todos os microfones, todos os ângulos captados e os inúmeros jornalistas, fazendo uma ampla cobertura do dia-a-dia da seleção, não foram capazes de nos fornecer respostas para o que realmente teria acontecido a Ronaldo, o Fenômeno. A possível convulsão daquele que na época era o mais importante jogador da seleção permanece até hoje como um caso polêmico, rodeado de boatos e especulações. O mundo de imagens, em seus diferentes ângulos, captado na final entre Brasil X França, não deixou de ser alvo de inúmeras e díspares leituras. Ronaldo, por sua vez, como foi visto, por pouco não foi considerado o grande vilão de uma Copa plena de recursos tecnológicos, mas alvo constante da nossa imaginação.

Os vilões, por sua vez, são rechaçados, mas quase nunca olvidados. É impressionante o quanto esses personagens possuem um vigoroso poder de permanência em nossa memória. E o mesmo podemos dizer em relação às derrotas. Afinal se fizermos uma pesquisa para saber que dia o Brasil ganhou sua primeira Copa, em 1958, e quem foi o autor do gol do título é muito provável que muitos não se lembrem. Mas poucos esquecem da “tragédia do Maracanã” e do tiro fatal de Ghiggia. Do mesmo modo, é difícil esquecer o “desastre de Sarriá”, de 1982, e a tristeza dos brasileiros vagando pelas ruas em busca de uma explicação para aquele fracasso. E o que falar do pênalti perdido por Zico, em 1986, contra a França, ou do passe de Maradona para o gol de Caniggia em 1990 etc, etc... O que dizer das raras imagens de 1950 que mostram os passos de Ghiggia na direção da meta brasileira e sua comemoração contrastando com a figura de Barbosa, de cabeça baixa, sentindo o peso do mundo em seus ombros? O que dizer dos vilões de futebol que por conta de um único instante, são lançados no limbo da fama, correndo o risco de dele nunca mais saírem?

É inegável que a derrota possui ingredientes de um ótimo romance. E certamente de ótimas narrativas. Talvez por isso lembremos mais dela do que das vitórias, afinal como já disse Nelson Rodrigues “o que nós procuramos no futebol é o sofrimento. As partidas que ficam, que se tornam históricas, são as que mais doem na carne, na alma” (2002).

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; DI BLASI, Felipe; SALVADOR, Marco Antonio Santoro. “Camisa 10” do futebol como um símbolo na manutenção da identidade nacional. O discurso da mídia. *Revista Esporte e Sociedade*. Ano 2, n. 6, jul. /out., 2007. Disponível em: [www.esportesociedade.com](http://www.esportesociedade.com).
- ANDRADE, Mário. Brasil X Argentina. PEDROSA, Milton. *Gol de letra: O futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967.
- ANDRADE, Mario. *Macunaíma*. Porto Alegre: Globo, 1994.
- ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro não há quem possa!:* futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- APPEL, Valdir. *Na boca do gol*. Itajaí: S & T Editores, 2006.
- AUERBACH, Eric. *Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. *Manual do jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BELLOS, Alex. *Futebol: Brasil em campo*. Trad. Jorge Viveiros de Castro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BINDI, Luiz Fernando. *Futebol é uma caixinha de surpresas*. São Paulo: Panda Books, 2007.
- BUARQUE, Chico. Um soco no ar para romper as barreiras. In: PETILLO, Alexandre (org.). *Meu jogo inesquecível: 56 partidas emocionantes*. Goiânia: Contato comunicação, 2005.
- CABO, Álvaro Vicente Graça Trupel Pereira do. O olhar da imprensa na Copa do Mundo de futebol de 1950: Brasil x Uruguai, uma análise comparada do discurso jornalístico durante o torneio. XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2007, São Leopoldo. *História e Multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos: Caderno de Resumos do 24º Simpósio Internacional de História*. São Leopoldo: OIKOS EDITORA, 2007. v. 1.
- CALDEIRA, Jorge. *Ronaldo: glória e drama no futebol globalizado*. Rio de Janeiro: Lance!; São Paulo: Ed. 34, 2002.
- CALLOIS, Roger. *Los juegos y los hombres: la máscara y el vértigo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.
- COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.
- DAMATTA, Roberto. *A bola corre mais que os homens*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

- DAMO, Arlei Sander. Futebol e estética. *São Paulo e Perspectiva*. vol. 15 no.3. São Paulo: jul./set., 2001.
- DAMO, Arlei. O ethos capitalista e o espírito das Copas. In: GUEDES, Simoni Lahud; GASTALDO, Edson (org.). *Nações em campo: Copa do mundo e identidade nacional*. Niterói: intertexto, 2006.
- ECO, Umberto. A falação esportiva. *Viagem na irrealidade cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- FILHO, João Lyra. Prefácio. ZAGALO, M. L. *As lições da copa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1971.
- FILHO, João Lyra. *Taca do Mundo 1954*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1954.
- FILHO, Mário. *Copa do mundo, 62*. Rio de Janeiro: Edições Cruzeiro, 1962.
- FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.
- FILHO, Mário. *O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. Ruy Castro (org. e sel.). São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FOER, Franklin. *Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FRANCO JR. Hilário. *A dança dos deuses. Futebol, sociedade, cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- Freud, Sigmund. O mal-estar na civilização. *Obras Psicológicas Completas*. Volume XXI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1969.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1977.
- FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. 2º Tomo. Rio de Janeiro: José Olympio, 1957.
- FRYE, Northrop. *Anatomia da crítica*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- GIRARD, René. *O bode expiatório*. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2004.
- GIULIANOTTI, Richard. Built by Two Varelas: The Rise and Fall of Football Culture and National Identity in Uruguay. In: FINN, Garry P.T.; GIULIANOTTI, Richard. *Football Culture: Local Contests, Global Visions*. London: Frank Cass, 2006.
- GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. Trad. Wanda Nogueira Caldeira Brant e Marcelo de Oliveira Nunes. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.
- GLANVILLE, Brian. *O Brasil na Copa do Mundo*. Rio de Janeiro: Gráfica Lui, 1973.

- GUEDES, Simoni Lahud. Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis. In: GOMES, Laura Graziela; BARBOSA, Livia; DRUMMOND, Jose Augusto (org.). *O Brasil não é para principiantes: Carnavais, malandros e heróis, 20 anos depois*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol*. Rio de Janeiro: EdUFF, 1998.
- GUEDES, Simoni Lahud. *O futebol brasileiro: instituição zero*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.
- GUILHERME, Paulo. *Goleiros: heróis e anti-heróis da camisa 1*. São Paulo: Alameda, 2006.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Elogio de la belleza atlética*. Trad. Aldo Mazzucchelli. Buenos Aires, Katz, 2006.
- HEIZER, Teixeira. *O jogo bruto das Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HELAL, Ronaldo. A pátria de chuteiras e identidade nacional. VOTRE, Sebastião. *Imaginários e representações sociais em Educação Física, Esporte e Lazer*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2001b.
- HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e mito do herói. SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HELAL, Ronaldo. Mídia, Ídolos e Heróis do Futebol. *Comunicação, movimento e mídia na educação física*, Santa Maria, Rio Grande do Sul, v. 2, p. 32-52, 1999.
- HOLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.
- HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Ed. comemorativa 70 anos. Ricardo Benzaquen de Araújo; Lilia Moritz Schwarcz (org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- HORNBY, Nicky. *Febre de bola*. Trad. Paulo Reis. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1980.
- HUPPES, Ivete. *Melodrama: O gênero e sua permanência*. Cotia: Ateliê Editorial, 2000.
- LEVER, Janet. *A loucura do futebol*. Trad. A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Record, 1983.
- LLOSA, Mario Vargas. *Dicionário amoroso na América Latina*. Trad. Wladir Dupont e Hortência Lencastre. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- MARANHÃO, Haroldo. *Dicionário de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

- MAZZONI, Tomás. *O Brasil na Taça do Mundo*. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1938.
- MOURA, Gisella de Araújo. *O rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- MURRAY, Bill. *Uma história do futebol*. Trad. Carlos Szlak, São Paulo: Hedra, 2000.
- MUYLAERT, Roberto. *Barbosa: um gol faz cinquenta anos*. São Paulo: RMC comunicação, 2000.
- MUYLAERT, Roberto; SOARES, Jô; NOGUEIRA, Armando. *A Copa que ninguém viu: e a que não queremos lembrar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- NAWRAT, Chris; HUTCHINGS, Steve. *Illustrate History of Football*. Londres: Read International Books, 1995.
- NEIVA, Adriano (De Vaney). *A verdade sobre Pelé*. São Paulo: Companhia Lithographica Ypiranga, 1975.
- NETO, Geneton Moraes. *Dossiê 50: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- NIETZSCHE, F. *Genealogia da moral: uma polêmica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- NOGUEIRA, Armando. *A ginga e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- PEDROSA, Milton. *Gol de letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967.
- PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L & PM, 1986.
- PEREIRA, Leonam. *Dicionário popular de futebol: O ABC das arquibancadas*. Ed. rev. e atual. por Carlos Leonam e Manuela Penna. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PIPPPO, Antonio. *Obdulio desde el alma*. Montevidéo: Fin de siglo, 1993.
- PRADO, Flavio. *O arquivo secreto das copas: 1930-1954*. São Paulo: Publicher Brasil, 1998.
- RIBEIRO, André. *O Diamante eterno: Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1998.
- RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. Organização de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. Organização de Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RODRIGUES, Nelson. *O berro impresso das manchetes*. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

- SALDANHA, João. *O trauma da bola: A Copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Casac&Naif, 2002.
- SALDANHA, João. *Vida que segue: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970*. Raul Milliet (org.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- SANDER, Roberto. *Anos 40: Viagem às Copas do Mundo*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.
- SANT'ANNA, Sérgio. No último minuto. In: MATTOS, Cyro de (org). *Contos brasileiros de futebol*. Brasília: LGE, 2005.
- SANTOS, Joel Rufino dos. *História política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- SANTOS, Nilton. *Minha bola, minha vida*. Rio de Janeiro: Griphus, 1998.
- SARMENTO, Carlos Eduardo. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- SILVA, Geraldo Romualdo da. O fim das elites do futebol. In: PEDROSA, Milton. *O olho na bola*. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1968.
- SILVA, Marcelino Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.
- SILVA, Thomaz Soares da. *Zizinho: o mestre Ziza*. Rio de Janeiro: Edições do Maracanã, 1985.
- SOARES, Edileuza. *A bola no ar: O rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus, 1994.
- SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção: as Seleções Brasileiras de futebol, 1914-2002*, Rio de Janeiro: Folha Seca, 2002.
- SOUTO, Sergio Monteiro. *Os três tempos do jogo: Anonimato, fama e ostracismo no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Graphia, 2000.
- SUSSEKIND, Hélio Carlos. *Futebol em dois tempos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- THOMASSEAU, Jean-Marie. *O melodrama*. Trad. Claudia Braga e Jacqueline Penjon. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol*. São Paulo: Huicitec, 2002.
- UNZELTE, Celso. *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002.
- VOGEL, Arno. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto et ali. *Universo do futebol*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)